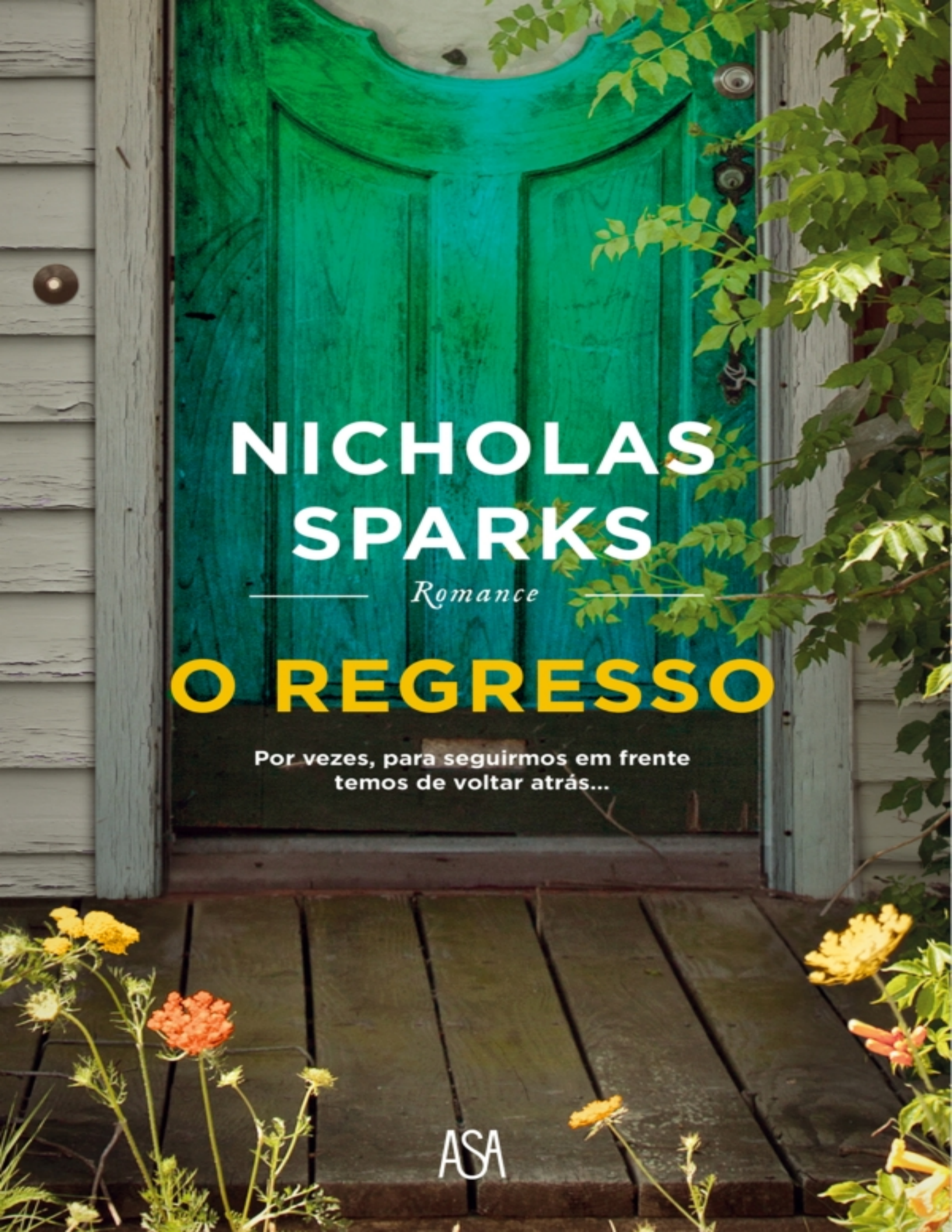

NICHOLAS
SPARKS
Romance
O REGRESSO
Por vezes, para seguirmos em frente
temos de voltar atrás...
ASA

Ficha Técnica

Título: O REGRESSO
Título original: THE RETURN
Autor: Nicholas Sparks
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Simão Sampaio
Capa: © 2020, Hachette Book Group, Inc.
Design e imagem da capa: Tom Hallman
Adaptação de capa: Maria Manuel Lacerda
Fotografia do autor: 2018, James Quantz Jr.
ISBN: 9789892349213

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2020, Willow Holdings, Inc.
© 2020, Edições ASA II, S.A.
1.ª edição: setembro de 2020
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

NICHOLAS SPARKS

O REGRESSO

Para a família Van Wie
Jeff, Torri, Anna, Audrey e Ava

Caro leitor, esta é uma edição especial.
Não queremos que se sinta sozinho, nem agora, nem nunca.
Por isso, arranjámos a solução perfeita!

Nas páginas 7, 156 e 347 vai encontrar um QR Code.
Cada QR Code é um vídeo do autor para si.

Como ler um QR Code?
Ter um equipamento com câmara e uma aplicação para leitura de QR Codes.
Depois de instalada a aplicação, basta que a abra e aproxime de um QR Code e verá esse código ser aberto automaticamente.
Deste modo, esperamos que a leitura deste livro lhe traga muita emoção e alegria, porque acreditamos que *O Regresso* pode, muitas vezes, ser um excelente recomeço.

PRÓLOGO



2019

A igreja parece-se com uma capela alpina, do tipo que poderia encontrar-se nas montanhas nos arredores de Salzburgo, e dentro o ar fresco é acolhedor. Uma vez que é agosto, no Sul, a temperatura está sufocante, agravada pelo fato e gravata que trago vestido. Na minha vida diária, geralmente não uso fatos. São desconfortáveis e, como médico, aprendi que os meus pacientes reagem melhor quando ando vestido de forma mais informal, como eles.

Estou aqui para assistir a um casamento. Conheço a noiva há mais de cinco anos, embora não tenha a certeza se ela consideraria que somos amigos. Apesar de termos falado regularmente ao longo de mais de um ano depois de ela partir de New Bern, o nosso relacionamento desde então tem-se limitado a umas mensagens de vez em quando, por vezes iniciadas por ela, outras vezes por mim. Contudo, temos de facto um laço inegável, um laço que tem as suas raízes em acontecimentos que ocorreram há anos. Por vezes, custa-me recordar o homem que era quando os nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, mas não será isso normal? A vida brinda-nos constantemente com oportunidades de definir novas direções e durante esse processo vamos crescendo e mudando; quando olhamos pelo espelho retrovisor, vislumbramos os nossos eus anteriores, que por vezes nos parecem irreconhecíveis.

Algumas coisas não mudaram – o meu nome, por exemplo – mas tenho agora trinta e sete anos e encontro-me nos estádios iniciais de uma nova carreira, uma carreira em que nunca pensei nas três primeiras décadas da minha vida. Embora em tempos adorasse o piano, já não toco esse instrumento; apesar de ter crescido no seio de uma família afetuosa, há muito tempo que não vejo nenhum dos seus elementos. Há razões para isso, mas chegarei a essa parte mais tarde.

Hoje, sinto-me simplesmente contente por estar aqui e por ter chegado a horas. O meu voo de Baltimore sofreu um atraso e a fila para o automóvel de aluguer era longa. Embora não seja o último a chegar, a igreja está bastante cheia e arranjo lugar na terceira fila a contar do fundo, fazendo os possíveis por me sentar discretamente. Os bancos à minha frente estão repletos de senhoras com o tipo de chapéu que se esperaria encontrar nas corridas de cavalos do Kentucky Derby, arranjos extravagantes de laços e flores que fariam as delícias de algumas cabras. A visão faz-me sorrir, um lembrete de que no Sul há sempre momentos em que é possível darmos connosco num mundo que parece não existir em mais lado nenhum.

Enquanto continuo a apreender o que me rodeia, a visão das flores também me leva a pensar em abelhas. As abelhas fazem parte da minha vida desde que me lembro. São criaturas notáveis e maravilhosas, sempre as achei interessantes. Atualmente, trato de mais de uma dúzia de colmeias – dá muito menos trabalho do que seria de imaginar – e acabei por acreditar que as abelhas cuidam de mim da mesma maneira que cuidam de todos nós. Sem elas, a vida humana seria quase impossível, visto que dependemos delas para uma grande parte de todos os nossos alimentos.

Existe algo impossivelmente maravilhoso nesse conceito, de que a vida conforme a conhecemos pode resumir-se a algo tão simples como uma abelha a voar de planta em planta. Leva-me a crer que o meu passatempo tem importância no que toca ao panorama geral, e, no entanto, também me faz compreender que foi o facto de tratar de colmeias que me trouxe até aqui, a esta igreja de vila, longe dos marcos da minha terra. É claro, a minha história – como qualquer boa história – é também a história de acontecimentos e circunstâncias e de outras pessoas, entre elas um par de velhotes que gostavam de se sentar em cadeiras de baloiço à porta de uma velha loja na Carolina do Norte. O mais importante de tudo é que é a história de duas mulheres diferentes, embora uma delas fosse apenas uma

rapariguinha nessa altura.

Sou o primeiro a reparar que, quando outras pessoas contam as suas histórias, tendem a enquadrá-las de maneira a tornarem-se protagonistas delas. Provavelmente irei cair na mesma armadilha, mas gostaria de deixar aqui a ressalva de que a maior parte dos acontecimentos continua a parecer-me acidental – ao longo da minha narrativa, por favor recordem que não me considero nenhuma espécie de herói.

Quanto ao final desta história, suponho que este casamento é de certo modo um epílogo. Há cinco anos, teria dificuldade em dizer se a conclusão destas histórias entrelaçadas era feliz, trágica ou agridoce. E agora? Francamente, tenho ainda menos certeza, já que vim aqui a perguntar-me se a história poderia, de alguma forma sinuosa, ser retomada exatamente onde parou.

Para compreenderem o que quero dizer, terão de viajar para trás no tempo comigo e revisitar um mundo que, apesar de tudo o que aconteceu entretanto, ainda dá a sensação de estar tão próximo que quase se pode tocar.

CAPÍTULO 1



2014

Reparei pela primeira vez na rapariga que passava pela minha casa no dia a seguir a ter-me mudado. Ao longo do mês e meio seguinte, vi-a passar algumas vezes por semana, de cabeça baixa e ombros descaídos. Durante muito tempo, nenhum de nós disse uma palavra ao outro.

Suspeitava que ela era adolescente – algo no seu porte dava a impressão de que estava a debater-se com o duplo fardo de pouca autoestima e irritação contra o mundo – mas, aos trinta e dois anos, eu tinha chegado à idade em que era quase impossível adivinhar. Para além de reparar no seu cabelo castanho comprido e nos seus olhos afastados, a única coisa que sabia com certeza sobre ela era que vivia no parque de caravanas ao cimo da estrada e que gostava de andar a pé. Ou, o mais provável, que era obrigada a andar a pé, porque não tinha carro.

O céu de abril estava límpido, a temperatura andava pelos vinte e poucos graus e havia só uma brisa suficiente para trazer o aroma perfumado das flores. Os cornizos e as azáleas no jardim tinham florescido quase da noite para o dia, ladeando o caminho ensaibrado que contornava a casa do meu avô, à saída de New Bern, na Carolina do Norte, uma casa que eu herdara recentemente.

E eu, Trevor Benson, médico convalescente e veterano incapacitado de profissão, estava com uma caixa a deitar bolas de naftalina junto à base do alpendre da frente, a lamentar-me por não ser assim que tinha planeado passar a manhã. O problema das tarefas domésticas era nunca se saber ao certo quando terminariam, porque havia sempre mais alguma coisa a necessitar de ser feita... ou perceber até se arranjar a velha casa valeria sequer a pena.

A casa – e uso o termo na sua aceção mais abrangente – não era grande coisa em termos de aspeto, e os anos haviam feito os seus estragos. O meu avô construiu-a ele próprio depois de voltar da Segunda Guerra Mundial, e, embora fosse capaz de construir coisas duradouras, não tinha grande talento no que dizia respeito à arquitetura. O edifício era um retângulo com um alpendre na parte da frente e outro na de trás – dois quartos, cozinha, sala de estar e duas casas de banho; os painéis de cedro tinham desbotado ao longo dos anos e eram agora de um cinzento prateado, à semelhança do cabelo do meu avô. O telhado fora remendado, as janelas deixavam entrar correntes de ar e o chão da cozinha tinha uma inclinação tal que, se se derramasse um líquido ele transformar-se-ia num minúsculo rio, fluindo em direção à porta que dava para o alpendre das traseiras. Agrada-me pensar que tornava a sua limpeza mais fácil para o meu avô, que viveu sozinho nos últimos trinta anos da sua vida.

O terreno, contudo, era especial. Tinha um pouco mais de dois hectares e meio, um velho celeiro ligeiramente inclinado e um barracão do mel – onde o meu avô colhia o seu mel – e, aparentemente, havia ali todas as plantas que dão flor conhecidas pela humanidade, incluindo trevos e flores silvestres. Daquele momento até ao final do verão, a propriedade assemelhar-se-ia a um espetáculo de fogo de artifício rasteiro. Situava-se também na margem de Brices Creek, um riacho onde corria uma água escura e salobra, tão lentamente que muitas vezes refletia o céu como um espelho. O pôr do sol transformava o riacho numa cacofonia de tons de *bordeaux*, vermelho, laranja e amarelo, ao mesmo tempo que os raios a desvanecerem-se lentamente trespassavam as cortinas de barba-de-velho drapeadas sobre os ramos das árvores.

As abelhas adoravam aquele sítio, e fora essa a intenção do meu avô, já que tenho a certeza de que ele gostava mais de abelhas do que de pessoas. Havia cerca de vinte colmeias na propriedade; ele dedicara uma parte do seu tempo à apicultura ao longo de toda a sua vida, e não me escapava o facto de as colmeias se encontrarem em melhor estado do que a casa ou o celeiro. Tinha ido verificar de longe as colmeias algumas vezes desde a minha chegada e, embora ainda fosse cedo naquela altura, percebi que as colónias estavam de boa saúde.

A população de abelhas estava a crescer rapidamente, como sempre na primavera – conseguia até ouvi-las zumbir se me pusesse a escutar – e

deixara-as em paz. Em vez de me ocupar delas, passara a maior parte do tempo a tornar a casa novamente habitável. Limpei os armários, pondo de lado alguns frascos de mel para guardar e deitando fora o resto – uma embalagem de bolachas de água e sal moles, frascos quase vazios de manteiga de amendoim e de geleia e um saco de maçãs ressequidas. As gavetas estavam atafulhadas com tralha – vales fora de prazo, velas meio usadas, ímans e esferográficas que já não funcionavam, foi tudo parar ao caixote do lixo. O frigorífico estava praticamente vazio e estranhamente limpo, sem nenhuma das coisas bolorentas ou dos cheiros nojentos com que estava a contar. Tirei da casa uma tonelada de tralha – a maior parte da mobília tinha meio século, e o meu avô sofria de um pequeno problema de acumulação – e depois contratei várias equipas para fazer o trabalho mais difícil. Contratei um mestre de obras para fazer uma remodelação cosmética a uma das casas de banho; um canalizador consertou a fuga na torneira da cozinha; mandei lixar e envernizar o soalho, pintar as paredes; e por último, mas não menos importante, mandei substituir a porta das traseiras. Estava estalada junto à ombreira e tinha sido entaipada. A seguir, depois de contratar uma equipa para limpar a casa de alto a baixo, instalei uma rede Wi-Fi no meu portátil e escolhi algumas peças de mobiliário para a sala de estar e o quarto, assim como um novo televisor para a salinha. O aparelho que lá estava antes tinha uma antena das antigas e era do tamanho de uma arca de tesouros. Como a loja de caridade recusou o donativo das peças de mobiliário usado do meu avô, apesar de eu argumentar que poderiam ser consideradas antiguidades, acabaram no ecoponto.

Contudo, os alpendres encontravam-se em relativo bom estado, e era lá que eu passava a maior parte das minhas manhãs e fins de tarde. E foi por esse motivo que comecei com as bolas de naftalina. A primavera no Sul não tem só a ver com flores e abelhas e belos pores do sol, especialmente quando se vive ao lado de um ribeiro num terreno que parece uma selva. Como ultimamente fazia mais calor do que o costume, as cobras tinham começado a acordar do seu sono de inverno. Eu avistara uma grande no alpendre das traseiras nessa manhã ao sair com o meu café. Depois de apanhar um susto de morte e derramar metade do café pela camisa abaixo, esgueirei-me rapidamente para dentro de casa.

Não fazia ideia se a cobra era venenosa ou de que tipo seria. Não sou especialista em cobras. Mas, ao contrário de algumas pessoas – do meu avô,

por exemplo –, também não a queria matar. Só queria que se mantivesse afastada da minha casa e fosse viver *lá longe.* Sabia que as cobras fazem coisas úteis – como matar os ratos que já ouvira passarinhar dentro das paredes à noite. Aquele som arrepiava-me; apesar de ter passado todos os verões aqui em pequeno, não estou habituado à vida no campo. Sempre me considerara mais do tipo que vive num apartamento na cidade, e fui-o até à explosão que não só fez ir pelos ares todo o meu mundo mas também a mim próprio. O motivo pelo qual estava em convalescença, mas isso fica para mais tarde.

Por agora, no entanto, voltemos à questão da cobra. Depois de mudar de camisa, lembrei-me vagamente de que o meu avô usava bolas de naftalina para manter afastadas as cobras. Estava convencido de que elas tinham poderes mágicos para repelir todo o tipo de coisas – morcegos, ratos, insetos e cobras – e comprava-as às carradas. Eu tinha visto bastantes no celeiro e, calculando que alguma coisa o meu avô devia saber, peguei numa caixa e comecei a espalhá-las generosamente à volta da casa, primeiro nas traseiras e dos lados e por fim na parte da frente.

Foi nessa altura que vi de novo a rapariga a passar na estrada ao lado da minha casa. Estava de calças de ganga e *T-shirt* e, quando ergui a cabeça, deve ter sentido o meu olhar pousado nela, porque olhou na minha direção. Não sorriu nem acenou; em vez disso, baixou a cabeça, como se esperasse assim poder evitar reconhecer a minha presença.

Encolhi os ombros e voltei ao trabalho, se é que espalhar bolas de naftalina pode considerar-se trabalho. Por alguma razão, no entanto, dei comigo a pensar no parque de caravanas onde ela vivia. Ficava ao fundo da estrada, a cerca de um quilómetro e meio. Por curiosidade, tinha ido até lá a pé pouco depois de chegar. Aparecera ali desde a minha última visita, e suponho que queria saber quem eram os novos vizinhos. O meu primeiro pensamento ao vê-lo foi que fazia com que a casa do meu avô parecesse o Taj Mahal. Havia seis ou sete caravanas velhas e decrépitas que pareciam ter sido largadas ao acaso num espaço de terra batida; no canto mais afastado viam-se os restos de uma caravana que ardera, deixando apenas uma estrutura negra e parcialmente derretida que nunca fora retirada dali. Entre as caravanas havia cordas da roupa descaídas entre postes inclinados. Umas galinhas magricelas bicavam o solo na pista de obstáculos formada por carros pousados em blocos de cimento e eletrodomésticos enferrujados,

evitando por pouco um *pit bull* feroz acorrentado a um para-choques velho. O cão tinha dentes enormes, e ladrou tão ferozmente quando me viu que até voava saliva da sua boca a espumar. *Não é um cãozinho simpático*, lembro-me de pensar. Perguntei a mim mesmo por que é que alguém escolheria viver num sítio como aquele, mas, por outro lado, já sabia a resposta. Ao voltar para casa, senti pena dos residentes e depois repreendi-me por ser um snobe, porque sabia que tivera mais sorte do que a maior parte das pessoas, pelo menos no que dizia respeito a dinheiro.

– Vive aqui? – ouvi uma voz perguntar.

Olhando para cima, vi a rapariga. Tinha voltado para trás e estava a uns metros de mim, claramente a manter as distâncias, mas suficientemente perto para me permitir reparar num salpicado de sardas claras numas faces tão pálidas que quase pareciam translúcidas. Reparei também num par de nódoas negras nos seus braços, como se tivesse esbarrado em alguma coisa. Não era particularmente bonita e havia algo de inacabado nela, o que me fez pensar de novo que ainda seria adolescente. O seu olhar desconfiado sugeria que estava disposta a fugir se eu desse o menor sinal de querer aproximar-me dela.

– Agora vivo – disse eu, sorrindo. – Mas não sei quanto tempo vou ficar.

– O velho morreu. O que vivia aqui. Chamava-se Carl.

– Eu sei. Era meu avô.

– Oh. – Enfiou a mão no bolso traseiro das calças. – Ele dava-me mel.

– Isso soa a algo que ele faria. – Não tinha a certeza se era verdade, mas pareceu-me a coisa certa a dizer.

– Ele costumava comer no Trading Post – disse ela. – Era sempre simpático.

O Trading Post do Slow Jim era uma daquelas lojas a cair aos pedaços, tão frequentes no Sul, e já existia antes de eu nascer. O meu avô costumava levar-me lá sempre que eu vinha de visita. Era do tamanho de uma garagem para três carros e tinha um alpendre coberto na parte da frente, e vendia tudo, desde gasolina a leite e ovos, mas também equipamento para a pesca, isco vivo e peças de automóveis. Havia umas bombas de gasolina antiquadas na parte da frente – que não aceitavam cartões de crédito ou de débito – e um balcão onde era servida comida quente. Lembro-me de que uma vez encontrei um saco de soldadinhos de plástico enfiado entre uma embalagem de gomas e uma caixa de anzóis. Não havia um critério racional

nos produtos das prateleiras ou expostos nas paredes, mas eu sempre a achara uma das lojas mais fixes que alguma vez vira.

– Trabalhas lá?

Ela assentiu com a cabeça e depois apontou para a caixa que eu tinha na mão. – Porque é que está a pôr bolas de naftalina à volta da casa?

Olhei para a caixa, apercebendo-me de que me esquecera de que a tinha na mão.

– Apareceu uma cobra no meu alpendre hoje de manhã. Ouvi dizer que as bolas de naftalina as mantêm afastadas.

Ela comprimiu os lábios antes de recuar um passo. – OK. Só queria saber se estava a viver aqui agora.

– Sou o Trevor Benson, a propósito.

Ao ouvir o meu nome, ela fitou-me. Estava a tentar arranjar coragem para fazer a pergunta óbvia.

– O que é que aconteceu à sua cara?

Sabia que estava a referir-se à cicatriz fina que vai da raiz do meu cabelo ao maxilar, o que apenas reforçou a minha impressão quanto à sua idade. Geralmente, os adultos não aludiam a ela. Em vez disso, fingiam que não tinham reparado. – Um ataque de morteiros no Afeganistão. Há uns anos.

– Oh. – Esfregou o nariz com as costas da mão. – Doeu?

– Sim.

– Oh – disse ela de novo. – Acho que vou indo.

– Está bem – disse eu.

Começou a dirigir-se para a estrada, mas subitamente virou-se de novo. – Não vai resultar – disse.

– O que é que não vai resultar?

– As bolas de naftalina. As cobras estão-se nas tintas para as bolas de naftalina.

– Tens a certeza?

– Toda a gente sabe.

Diz isso ao meu avô, pensei. – Então, o que é que eu devia fazer? Se não quiser ter cobras no meu alpendre?

Pareceu refletir antes de responder. – Talvez devesse viver num sítio onde não haja cobras.

Ri-me. Ela era estranha, sem dúvida, mas dei-me conta de que me estava a rir pela primeira vez desde que me tinha mudado para ali, talvez a minha

primeira gargalhada em vários meses.

– Prazer em conhecê-lo.

Fiquei a vê-la afastar-se, surpreendido quando ela fez uma pirueta lenta. – Sou a Callie – disse ela levantando a voz.

– Prazer em conhecer-te, Callie.

Quando finalmente desapareceu de vista, ocultada pelas azáleas, perguntei-me se deveria continuar a espalhar as bolas de naftalina. Não fazia ideia se ela estava certa ou errada, mas acabei por decidir dar o trabalho por terminado. Apetecia-me beber uma limonada e queria sentar-me no alpendre das traseiras para relaxar, quanto mais não fosse porque o meu psiquiatra me tinha recomendado que aproveitasse o tempo para descontrair enquanto podia.

Disse que isso me ajudaria a manter afastada *A Escuridão*.



Por vezes, o meu psiquiatra usava linguagem florida como *A Escuridão* para descrever a PSPT, também conhecida como perturbação do *stress* pós-traumático. Quando lhe perguntei porquê, ele explicou que cada paciente era diferente e que parte do seu trabalho consistia em encontrar palavras que refletissem com exatidão o estado de espírito e os sentimentos do paciente de uma forma que pudesse encaminhá-lo na via lenta da recuperação. Desde que começou a tratar-me, já se referiu à minha PSPT como *perturbação*, *problemas*, *luta*, *efeito borboleta*, *desregulação emocional*, *sensibilidade desencadeada* e, é claro, *A Escuridão*. Aquilo mantinha as nossas sessões interessantes, e eu tinha de admitir que escuridão era uma descrição tão adequada ao que eu sentia como qualquer outra. Durante muito tempo depois da explosão o meu estado de espírito *era*, de facto, escuro, tão negro como o céu noturno sem estrelas ou lua, mesmo que eu não me desse completamente conta disso. No início, negava teimosamente que tivesse PSPT, mas, por outro lado, eu sempre tinha sido teimoso.

Para ser perfeitamente franco, a minha fúria, depressão e insónia faziam todo o sentido para mim naquela altura. De cada vez que me via ao espelho recordava o que tinha acontecido no aeródromo de Kandahar a 9 de

setembro de 2011, quando um míssil dirigido ao hospital onde eu estava a trabalhar rebentou perto da entrada, apenas alguns segundos depois de eu ter saído do edifício. Há alguma ironia na minha escolha de palavras, já que olhar para o espelho não é o mesmo que era em tempos. Fiquei cego do olho direito, o que significa que perdi a perceção de profundidade. Fitar o meu reflexo dá uma sensação um pouco semelhante à de ver peixes a nadarem na proteção de ecrã de um velho computador – quase real, mas não exatamente – e, mesmo que eu conseguisse ultrapassar isso, os meus outros ferimentos são tão óbvios como uma bandeira solitária plantada no cimo do Monte Evereste. Já mencionei a cicatriz no meu rosto, mas os estilhaços deixaram-me o tronco cheio de marcas, quase como a superfície lunar. O dedo mínimo e o anelar da minha mão esquerda foram pelo ar – o que foi particularmente azarado, uma vez que sou canhoto – e também perdi a orelha esquerda. Acreditem ou não, foi o ferimento que me incomodou mais em relação ao meu aspeto. Uma cabeça humana não parece natural sem uma das orelhas. Eu parecia estranhamente torto, e foi só naquele momento que realmente dei valor à minha orelha. Nas raras ocasiões em que pensava nas minhas orelhas era sempre no contexto de ouvir coisas. Mas tentem usar óculos de sol com uma só orelha e compreenderão o motivo pelo qual senti essa perda tão intensamente.

Ainda não mencionei os danos na coluna, que implicaram que tivesse de aprender a andar outra vez, nem as dores de cabeça latejantes que persistiram durante meses; tudo isso deixou-me fisicamente destruído. Mas os bons dos médicos no Walter Reed consertaram-me. Bem, a maior parte de mim, pelo menos. Mal voltei a pôr-me de pé, os tratamentos passaram para o hospital Johns Hopkins, o da universidade que frequentei, onde foram realizadas as cirurgias plásticas. Tenho agora uma prótese de orelha – tão bem feita que mal consigo perceber que é falsa – e o meu olho parece normal, embora seja completamente inútil. Não foram capazes de fazer grande coisa quanto aos dedos – já deviam estar a servir de adubo no Afeganistão por essa altura – mas um cirurgião plástico conseguiu diminuir o tamanho da cicatriz no meu rosto e transformá-la na linha fina e branca que é agora. Ainda se nota, mas não põe as criancinhas a gritar quando me veem. Gosto de dizer a mim mesmo que me confere mais caráter, que por baixo da superfície do homem delicado e bem-disposto que as pessoas veem existe um homem com intensidade e coragem, que passou por perigos

reais e lhes sobreviveu. Ou algo do género.

Juntamente com o meu corpo, também toda a minha vida foi pelos ares, incluindo a minha carreira. Não sabia o que fazer de mim ou do meu futuro, não sabia como lidar com os *flashbacks,* com a insónia, com a minha fúria facilmente desencadeada ou com qualquer um dos outros sintomas loucos associados à PSPT. As coisas foram de mal a pior – até eu bater bem no fundo – bebedeiras de quatro dias, em que acordava coberto de vómito – e, por fim, compreendi que precisava de ajuda. Encontrei um psiquiatra chamado Eric Bowen, que era especialista em TCC e TCD, terapia cognitivo-comportamental e terapia comportamental-dialética. Essencialmente, tanto a TCC como a TCD se focam nos *comportamentos* como forma de ajudar a controlar ou a gerir o que se está a pensar ou sentir. Se uma pessoa se sentir oprimida, deve obrigar-se a endireitar as costas; se está a sentir-se assoberbada perante uma tarefa complexa, deve tentar atenuar essa sensação com tarefas simples, coisas que *é capaz* de fazer, como dar o primeiro passo fácil e depois fazer a coisa simples seguinte.

Embora seja preciso muito trabalho para modificar o comportamento – e há muitos outros aspetos na TCC e na TCD – lenta mas consistentemente comecei a recompor-me. Com isso, vieram os pensamentos sobre o futuro. O doutor Bowen e eu falámos sobre todo o tipo de opções a nível de carreira, mas, por fim, apercebi-me de que sentia falta da prática da Medicina. Contactei o hospital Johns Hopkins e concorri a outro internato. Desta vez, em Psiquiatria. Penso que Bowen se sentiu lisonjeado com a minha escolha. Resumindo, puxaram-se uns cordelinhos – talvez porque eu já lá tinha estado, ou talvez por ser um veterano incapacitado – e abriram-se umas exceções. Aceitaram-me como interno de Psiquiatria, com data de início em julho. Pouco depois de ter recebido a notificação do Johns Hopkins a dar-me os parabéns, fiquei a saber que o meu avô tinha tido um acidente vascular cerebral. Aconteceu em Easley, na Carolina do Sul, uma cidade que nunca o ouvira mencionar. Instaram-me a apressar-me a ir ao hospital, porque não lhe restava muito tempo de vida.

Não fazia ideia do motivo pelo qual ele se encontrava ali. Tanto quanto sabia, ele não saía de New Bern há anos. Quando cheguei e o encontrei no hospital, já mal falava; só conseguia dizer a custo uma palavra de cada vez. Mesmo essas eram difíceis de entender. Disse-me algumas coisas estranhas, coisas que me magoavam mesmo sem fazerem sentido, mas eu não

conseguia afastar a sensação de que ele estava a tentar comunicar algo importante antes de morrer por fim.

Como único membro da família que lhe restava, cabia-me a mim tratar do funeral. Tinha a certeza de que ele queria ser sepultado em New Bern. Combinei o transporte do corpo para a sua cidade natal, organizei um pequeno funeral, cuja assistência foi bem maior do que eu imaginara, e passei muito tempo em sua casa, a dar voltas na propriedade e a debater-me com a dor do luto e a sensação de culpa. Como os meus pais andavam muito atarefados com as suas próprias vidas, em criança eu passara a maior parte dos meus verões em New Bern, e sentia a falta do meu avô com uma dor que se assemelhava a um torno a apertar-me. Ele era divertido, era sábio e bondoso e fazia-me sempre sentir mais velho e mais inteligente do que realmente era. Quando eu tinha oito anos, deixou-me dar uma passa no seu cachimbo de maçaroca de milho; ensinou-me a arte da pesca à mosca e deixava-me ajudá-lo sempre que consertava um motor. Ensinou-me tudo sobre as abelhas e a apicultura, e, quando eu era adolescente, disse-me que um dia eu encontraria uma mulher que mudaria a minha vida para sempre. Quando lhe perguntei como saberia se tinha encontrado a mulher certa, ele piscou-me o olho e disse-me que se eu não tivesse a certeza seria melhor continuar a procurar.

De alguma forma, com tudo o que tinha acontecido desde Kandahar, eu não arranjara tempo para o visitar nos últimos anos. Sei que se preocupava com o meu estado, mas eu não quisera partilhar com ele os problemas que estava a enfrentar. Que diabo, já era suficientemente difícil falar sobre a minha vida com o doutor Bowen, e, embora eu soubesse que o meu avô não me julgaria, parecia mais fácil manter-me à distância. Custava-me imenso que ele tivesse sido levado antes de eu ter a oportunidade de reatar a minha relação com ele. Ainda por cima, um advogado local contactou-me logo a seguir ao funeral para me fazer saber que eu tinha herdado a propriedade dele, e vi-me dono da casa em que passara tantos dos verões do meu crescimento. Nas semanas que se seguiram ao funeral, passei muito tempo a refletir sobre todas as palavras que deixara por dizer ao homem que me amara de forma tão incondicional.

A minha mente também estava sempre a voltar às coisas estranhas que o meu avô me tinha dito no seu leito de morte, e perguntava-me porque ele se encontrava em Easley, na Carolina do Sul, para começar. Teria alguma coisa

a ver com as abelhas? Estaria de visita a um velho amigo? Num encontro com uma mulher? As perguntas continuavam a atormentar-me. Falei com o doutor Bowen sobre o assunto e ele sugeriu que eu tentasse descobrir as respostas. As festas passaram sem grande alarido, e com a chegada do novo ano pus o meu apartamento à venda, pensando que talvez demorasse alguns meses a ser vendido. Mas numa questão de dias tive uma proposta, e fechei o negócio em fevereiro. Como em breve me mudaria para Baltimore para o meu internato no hospital, não fazia sentido arranjar um apartamento para arrendar temporariamente. Pensei na casa do meu avô em New Berne e disse para comigo: porque não?

Poderia partir de Pensacola, talvez arranjar a velha casa para a vender. Se tivesse sorte, poderia até descobrir o motivo pelo qual o meu avô estava em Easley e o que diabo tentara dizer-me.

E foi por essa razão que dei por mim a espalhar bolas de naftalina à volta da sua casa velha e decrépita.



Não era realmente limonada o que eu bebia no alpendre das traseiras. Era assim que o meu avô se referia à cerveja e, quando eu era pequeno, uma das tarefas mais excitantes dos meus verdes anos consistia em ir-lhe buscar uma limonada ao frigorífico. Estranhamente, vinha sempre numa garrafa que tinha no rótulo a palavra *Budweiser*.

Eu cá prefiro *Yuengling*, da fábrica de cerveja mais antiga da América. Quando frequentei a Academia Naval, um aluno mais velho chamado Ray Kowalski deu-ma a conhecer. Ele era de Pottsville, na Pensilvânia – a sede da Fábrica de Cerveja *Yuengling* – e convenceu-me de que não havia cerveja melhor. Um facto interessante é que Ray era filho de um mineiro, e a última vez que soube dele estava em serviço no *USS Hawaii*, um submarino nuclear. Suponho que terá aprendido com o pai que, quando se está a trabalhar, a luz do sol e o ar fresco são sobrevalorizados.

Pergunto-me o que o meu pai e a minha mãe pensariam sobre a minha vida nos tempos que correm. Afinal, já não trabalho há mais de dois anos. Tenho quase a certeza de que o meu pai ficaria abismado; era o tipo de pai que me pregava um sermão quando eu tinha um Bom- num exame e ficou

dececionado quando preferi a Academia Naval a Georgetown, a universidade que ele tinha frequentado, ou Yale, onde tirou o curso de Direito. Acordava todos os dias da semana às cinco da manhã, lia o *Washington Post* e o *New York Times* enquanto tomava o pequeno-almoço e a seguir partia para Washington, onde trabalhava num grupo de pressão para as empresas ou os grupos industriais que o contratassem. Com uma mente arguta e uma capacidade de negociação agressiva, vivia para mediar contratos e era capaz de citar de memória grandes trechos do código fiscal. Era um de seis sócios que supervisionavam mais de duzentos advogados, e tinha as paredes decoradas com fotografias dele com três presidentes, meia dúzia de senadores e um número incontável de congressistas.

O meu pai não se limitava a trabalhar; o seu passatempo era o trabalho. Passava setenta horas por semana no escritório e jogava golfe com clientes e políticos aos fins de semana. Uma vez por mês, organizava um *cocktail* em nossa casa, com mais clientes e políticos. Aos serões, fechava-se muitas vezes no seu escritório, onde havia sempre um telefonema inadiável a fazer, um relatório a redigir, um plano a esboçar. A ideia de se refastelar no alpendre a beber uma cerveja a meio da tarde durante a semana ter-lhe-ia parecido absurda, algo que um mandrião poderia fazer, mas nunca um *Benson*. Não havia nada pior do que ser mandrião, aos olhos do meu pai.

Embora não fosse do tipo carinhoso, não era um mau pai. Na verdade, a minha mãe também não era propriamente a dona de casa esmerada que fazia bolachinhas e colaborava na associação de pais. Neurocirurgiã formada pela universidade Johns Hopkins, estava frequentemente de serviço e equiparava-se ao meu pai na sua energia e paixão pelo trabalho. O meu avô dizia sempre que ela já nascera assim, contrariando as suas origens numa pequena cidade bem como o facto de nem o pai nem a mãe terem estudos. Mas eu nunca duvidei do afeto dela e do meu pai por mim, embora jantássemos comida de *take-away* todas as noites e eu tenha frequentado mais *cocktails* na adolescência do que férias de campismo em família.

De qualquer modo, a minha família não era propriamente fora do comum para um lugar como Alexandria. Todos os alunos no meu colégio de elite tinham pais em posição de poder e prósperos, e a sua cultura de excelência e sucesso na carreira transmitia-se aos filhos. Ter notas brilhantes era a norma, mas nem isso bastava. Esperava-se dos filhos que também fossem excelentes a desporto ou a música, ou ambos, e que fossem populares ainda

por cima. Admito que me deixei levar por aquilo tudo; quando cheguei ao secundário, sentia a necessidade de ser... *tal e qual como eles*. Andava com raparigas populares, acabei em segundo lugar na minha turma, joguei na equipa de futebol a nível estadual nos últimos anos do secundário e era um pianista exímio. Na Academia Naval, joguei na equipa de futebol nos quatro anos, diplomei-me em Química e Matemática e tive resultados suficientemente bons nos exames de acesso à universidade para me aceitarem na Escola de Medicina da Johns Hopkins, o que deixou a minha mãe orgulhosa.

Infelizmente, os meus pais já não puderam ver-me receber o diploma. O acidente é algo em que não gosto de pensar, e também não me agrada contar o que aconteceu. A maior parte das pessoas não sabe o que dizer, a conversa esmorece, e geralmente fico a sentir-me ainda pior do que se não tivesse dito nada.

Por outro lado, de vez em quando perguntava-me se simplesmente não teria contado ainda a história à pessoa certa ou se essa pessoa existiria sequer. Devia haver alguém que fosse capaz de mostrar empatia, certo? O que posso dizer, no entanto, é que acabei por aceitar que a vida nunca acaba por ser como esperamos.

CAPÍTULO 2



2014

Sei o que podem estar a pensar: como pode um tipo que se considerava um desequilibrado em termos mentais e emocionais nos últimos dois anos e meio pensar sequer em tornar-se psiquiatra? Como posso ajudar alguém se mal consigo compreender a minha própria vida?

São boas perguntas. Quanto às respostas... que diabo, não as sabia. Talvez nunca viesse a ser capaz de ajudar ninguém. O que sabia era que as minhas opções eram algo limitadas. Tudo o que tivesse a ver com cirurgias estava excluído – com a minha cegueira parcial e os dedos que me faltavam, e tudo o mais – e não estava interessado em ser médico de família nem em exercer medicina interna.

Estaria a mentir se dissesse que não sentia falta de operar. Tinha saudades da sensação das mãos quase em carne viva depois de as esfregar e do som das luvas de borracha a ajustarem-se à pele; adorava reparar ossos e ligamentos e tendões e sentir que sabia sempre exatamente o que estava a fazer. Houve um rapazinho em Kandahar, com uns doze anos, que tinha estilhaçado a rótula ao cair de um telhado alguns anos antes, e os médicos da zona tinham feito tão mal a operação que ele mal conseguia andar. Tive de lhe reconstruir o joelho do nada e passados seis meses, quando regressou para um *check-up*, aproximou-se de mim a correr. Gostei de como me fez sentir – que o tinha curado, permitindo-lhe levar uma vida normal – e perguntava-me se a psiquiatria alguma vez me daria a mesma satisfação.

Na verdade, quem é que realmente fica totalmente sarado no que diz respeito à saúde mental ou emocional? A vida dá voltas radicais, e as esperanças e os sonhos vão-se alterando à medida que as pessoas entram em diferentes fases das suas vidas. Ontem, via Skype – falamos todas as

segundas-feiras – o doutor Bowen recordou-me que somos todos sempre uma obra em curso.

Estava a matutar nisto tudo junto ao grelhador ao fim do dia, com o rádio ligado em pano de fundo. O sol estava a pôr-se, iluminando um céu caleidoscópico enquanto eu virava o naco que comprara no talho do outro lado da cidade. Na cozinha, tinha uma salada e uma batata assada prontas a comer, mas se julgam que sou alguma espécie de *chef*, desenganem-se. Tenho um palato simples e sou razoável no grelhador, mas é tudo. Desde que me mudei para New Bern tenho metido carvão no velho grelhador *Weber* do meu avô umas três ou quatro vezes por semana e acendo-o. Faz-me sentir saudades daqueles verões todos da minha infância, quando o meu avô e eu jantávamos grelhados quase todas as noites.

Quando o bife ficou pronto, pu-lo no prato e sentei-me à mesa no alpendre das traseiras. Já estava escuro, as luzes da casa brilhavam lá de dentro e o luar refletia-se nas águas paradas de Brices Creek. O bife estava perfeito, mas a batata assada já estava um pouco fria. Poderia tê-la metido no microondas, mas a cozinha não tinha um. Embora eu tivesse tornado a casa habitável, ainda não decidira se haveria de restaurar a cozinha, colocar um telhado novo, selar as janelas ou até mesmo resolver o problema da inclinação no chão da cozinha. Suspeitava que, se decidisse vender a propriedade, quem a comprasse deitaria abaixo a velha casa para poder construir uma de raiz. Não era preciso ser um especialista em imobiliário para calcular que qualquer valor que a propriedade tivesse residia no terreno, não na estrutura.

Depois de acabar de jantar, levei o prato para dentro e meti-o no lava-loiça. Abri uma cerveja e voltei para o alpendre para me pôr a ler. Tinha uma pilha de livros e manuais de Psiquiatria que queria acabar de ler antes de me mudar para Baltimore, sobre assuntos que iam de medicamentos psicotrópicos ao valor e às desvantagens associados à hipnose. Quanto mais lia mais sentia que tinha muito a aprender. Via-me obrigado a admitir que a minha capacidade de estudo estava enferrujada; por vezes, sentia-me como um burro velho a querer aprender línguas novas. Quando o disse ao doutor Bowen, basicamente ele respondeu-me que deixasse de me queixar. Ou foi assim que interpretei o que disse, de qualquer maneira.

Tinha-me instalado na cadeira de baloiço, acendera a luz e estava a começar a ler quando julguei ouvir uma voz a chamar da esquina da casa.

Baixei o volume do rádio, esperei um momento e voltei a ouvir o som.

– Olá?

Levantei-me da cadeira, agarrei na cerveja e avancei para a balaustrada do alpendre. Espreitando para o escuro, perguntei: – Está aí alguém?

Daí a um momento, uma mulher fardada avançou para a zona iluminada. Mais especificamente, a farda era de delegada do xerife. A sua visão apanhou-me desprevenido. A minha experiência com as autoridades até àquele momento estava limitada aos polícias de trânsito, dois dos quais me tinham mandado parar por excesso de velocidade quando era mais novo. Embora eu me tenha mostrado arrependido e bem educado, em ambas as ocasiões passaram-me uma multa, e lidar com as autoridades desde então deixa-me nervoso, mesmo que não tenha feito nada de errado.

Não disse nada; estava demasiado ocupado a tentar adivinhar por que motivo uma delegada do xerife me estava a fazer uma visita, enquanto a outra parte do meu cérebro processava o facto de a agente fardada ser uma mulher, não um homem. Podem chamar-me sexista, mas não tinha interagido com muitas mulheres das forças policiais, especialmente cá em baixo.

– Desculpe ter vindo à volta – disse ela por fim. – Bati à porta, mas suponho que não me ouviu. – A sua atitude era amigável, mas profissional. – Sou do departamento do xerife.

– Em que posso ajudá-la?

O seu olhar pousou no grelhador e depois voltou a fixar-se em mim. – Espero não estar a interromper-lhe o jantar.

– De modo nenhum. – Abanei a cabeça. – Acabei agora mesmo.

– Oh, ainda bem. E mais uma vez, peço desculpa por vir incomodar, Mr....

– Benson – disse eu. – Trevor Benson.

– Só passei por cá para perguntar se é o residente legal desta propriedade.

Assenti com a cabeça, embora tenha ficado um pouco surpreendido com o fraseado. – Suponho que sim. Era do meu avô, mas ele faleceu e deixou-ma a mim.

– Refere-se ao Carl?

– Conhecia-o?

– Conhecia. E lamento a sua perda. Era um bom homem.

– Sim, era. Desculpe, não ouvi o seu nome.

– Masterson – disse ela. – Natalie Masterson. – Ficou em silêncio, e tive a sensação de que me estava a examinar. – Disse que o Carl era seu avô?

– Do lado da minha mãe.

– Acho que ele o mencionou. É cirurgião, certo? Era da Marinha?

– Era, mas já não sou. – Hesitei. – Desculpe... mas ainda não sei exatamente por que veio cá.

– Oh. – Apontou para a casa. – Estava a acabar o turno mas andava por esta zona e quando vi as luzes acesas achei melhor vir verificar.

– Não tenho autorização para acender as luzes?

– Não, não é isso. – Sorriu. – Obviamente, está tudo bem e eu não devia ter vindo incomodá-lo. É só que há uns meses, depois de o seu avô falecer, houve quem dissesse que viu luzes nas janelas. Eu sabia que a casa supostamente estava vazia e por isso passei por cá para verificar. E, embora não possa afirmar com certeza, tive a impressão de que alguém *tinha* cá estado. Não que houvesse algum estrago, a não ser a porta das traseiras, mas, a par com as luzes a verem-se nas janelas, achei que devia manter a casa debaixo de olho. Por isso, comecei a fazer questão de passar por cá de vez em quando, só para me assegurar de que não está cá ninguém que não deva estar. Vagabundos ou ocupas, adolescentes a usarem este sítio para festas, gente metida em drogas. Ou coisas do género.

– Há muito disso por cá?

– Não mais do que nas outras terras, acho eu. Mas o suficiente para nos manter ocupados.

– Só para que saiba, não consumo drogas.

Apontou para a garrafa que eu tinha na mão. – O álcool é uma droga.

– Até mesmo a cerveja?

Quando ela sorriu, calculei que devia ser uns anos mais nova do que eu; tinha o cabelo loiro preso num puxo despenteado e os seus olhos eram de um azul tão vivo que poderiam ser engarrafados e vendidos como elixir bucal. Escusado será dizer que era atraente e, melhor ainda, não usava aliança.

– Sem comentários – disse ela por fim.

– Quer entrar e revistar a casa?

– Não, tudo bem. Fico contente por não ter de me preocupar mais. Eu gostava do Carl. Sempre que ele vendia mel no mercado de produtores, conversávamos um bocado.

Lembro-me de ficar sentado com o meu avô numa banca à beira da estrada todos os sábados durante as minhas visitas, mas não me recordava de nenhum mercado. Por outro lado, New Bern tinha muito mais de tudo do que no passado – restaurantes, lojas, negócios – embora, na sua essência continuasse a ser uma pequena cidade. Alexandria, que era um subúrbio de Washington, um de muitos, tinha cinco ou seis vezes mais habitantes. Mesmo aí, suspeito que Natalie Masterson faria virar cabeças.

– O que pode dizer-me sobre o possível ocupa? – perguntei.

Não queria realmente saber do ocupa, mas sentia alguma relutância em vê-la partir.

– Não muito mais do que já lhe disse – respondeu ela.

– Acha que podia aproximar-se? – pedi, apontando para a orelha. – Para eu a ouvir melhor? Fui apanhado num ataque de morteiros no Afeganistão.

Na verdade, ouvia-a perfeitamente; o meu ouvido interno não tinha sido afetado no rebentamento, embora a orelha me tivesse sido arrancada. Mas não deixo de jogar a cartada da compaixão quando preciso. Recuei para a cadeira de baloiço, esperando que ela não estivesse a perguntar-se por que motivo eu parecera ouvi-la sem problemas alguns momentos antes. À luz do alpendre, vi-a olhar para a minha cicatriz antes de finalmente começar a subir os degraus. Quando chegou à outra cadeira de baloiço, inclinou-a na minha direção ao mesmo tempo que a afastava.

– Aprecio o seu gesto – disse eu.

Sorriu, não muito calorosamente, mas o suficiente para eu me aperceber de que tinha de facto algumas suspeitas em relação à minha audição e ainda hesitava em ficar. Era também um sorriso suficientemente rasgado para eu reparar nos seus dentes brancos e muito direitinhos.

– Como estava a dizer...

– Está confortavelmente instalada? – perguntei. – Posso oferecer-lhe uma bebida?

– Estou bem, obrigada. Estou de serviço, Mr. Benson.

– Chame-me Trevor. E por favor... comece pelo princípio.

Suspirou, e eu juraria que vi um ligeiro revirar de olhos.

– Houve uma série de trovoadas em novembro passado, depois de o Carl falecer. Houve muitos relâmpagos, e no parque de caravanas ao fundo da estrada uma das caravanas pegou fogo. Os bombeiros acudiram ao incidente, e eu também, e, pouco depois de o incêndio ter sido apagado, um

dos tipos mencionou que gostava de ir à caça na outra ponta do ribeiro. Era só conversa de circunstância, percebe?

Assenti com a cabeça, a lembrar-me da estrutura queimada em que reparara na minha primeira semana aqui.

– Seja como for, encontrei-o por acaso daí a umas semanas. Ele vai à caça na outra ponta do ribeiro e mencionou que tinha reparado em luzes acesas em casa do seu avô, não só uma vez, mas duas ou três. Como se estivessem a passar com uma vela junto às janelas. Ele estava um bocado afastado, e eu cheguei a pensar que talvez tivesse imaginado aquilo, mas, como continuou a acontecer e ele sabia que o Carl tinha falecido, achou que seria de mencionar.

– Quando é que isso se passou?

– Em dezembro passado, talvez a meio do mês? Houve uma semana ou duas em que fez realmente muito frio, por isso não me surpreenderia que alguém tivesse entrado na casa só para se proteger. Na vez seguinte em que vim a esta zona passei por aqui e vi que a porta das traseiras estava arrombada e o puxador quase tinha caído. Entrei e passei em revista a casa, mas estava vazia. Para além da porta arrombada, não encontrei vestígios de que alguém tivesse estado lá dentro. Não havia lixo e as camas estavam feitas; tanto quanto podia ver, não parecia faltar nada. Mas...

Fez uma pausa, franzindo a testa perante a recordação. Bebi um gole de cerveja, à espera de que ela prosseguisse.

– Havia um par de velas usadas no balcão da cozinha com os pavios enegrecidos e também uma caixa de velas meio vazia. Reparei também que algum do pó da mesa da cozinha tinha sido limpo, como se alguém tivesse comido lá. Também dava a ideia de que alguém usara um dos cadeirões na salinha, porque havia um espaço vazio na mesa de apoio e era a única peça de mobiliário na sala que não estava com pó. Não era nada que eu pudesse provar, mas, pelo sim pelo não, encontrei umas tábuas no celeiro e entaipei a porta das traseiras.

– Agradeço o seu cuidado – disse eu.

Embora ela tenha acenado com a cabeça, vi que algo naquelas recordações continuava a incomodá-la. Prosseguiu. – Reparou por acaso se faltava alguma coisa quando se mudou para cá?

Pensei na pergunta antes de abanar a cabeça. – Não que me desse conta. Para além do funeral em outubro, já não vinha cá há uns anos. E as

recordações dessa semana são um pouco vagas.

– A porta das traseiras estava intacta nessa altura?

– Entrei pela porta da frente, mas tenho a certeza de que verifiquei todas as fechaduras quando me fui embora. Penso que teria reparado se a porta das traseiras estivesse danificada. Sei que passei algum tempo no alpendre das traseiras.

– Quando é que se mudou para cá?

– Em finais de fevereiro.

Ela digeriu aquela informação, lançando um olhar à porta das traseiras.

– Acredita que alguém entrou na casa, não acredita? – perguntei por fim.

– Não sei – admitiu ela. – Normalmente, quando acontece algo do género, há coisas partidas e lixo espalhado. Garrafas, embalagens de alimentos, detritos. E os vagabundos não costumam fazer a cama antes de se irem embora. – Tamborilou na cadeira de baloiço. – Tem a certeza de que não faltava nada? Armas? Aparelhos eletrónicos? O seu avô guardava dinheiro em casa?

– O meu avô não tinha grande coisa em termos de aparelhos eletrónicos ou dinheiro, tanto quanto sei. E a arma dele estava no armário quando me mudei para cá. Ainda lá está. É uma espingarda pequena para afugentar a bicharada.

– Isso torna tudo isto ainda mais estranho, porque as armas geralmente são as primeiras coisas a serem roubadas.

– Como interpreta isso?

– Não sei – respondeu ela. – Ou não esteve aqui ninguém ou veio cá o vagabundo mais arrumado e honesto de sempre.

– Devia preocupar-me?

– Viu ou ouviu alguém a rondar a propriedade desde que se mudou para cá?

– Não. E estou frequentemente acordado durante a noite.

– Insónias?

– Um bocado. Mas está a melhorar.

– Ainda bem – disse ela, sem acrescentar mais nada. Alisou as calças da farda. – Mas já lhe ocupei bastante tempo. É tudo o que posso realmente contar-lhe.

– Agradeço que tenha passado por cá e me tenha contado tudo. E que me tenha consertado a porta.

– Não foi grande conserto.

– Resolveu o problema – disse eu. – Ainda estava entaipada quando aqui cheguei. Quanto tempo falta para acabar o turno?

Lançou um olhar ao relógio. – De facto, acredite ou não, já acabou.

– Então tem a certeza de que não posso oferecer-lhe uma bebida?

– Não me parece que seja boa ideia. Ainda tenho de conduzir até casa.

– Tudo bem – disse eu –, mas, antes de se ir embora... e como já não está a trabalhar e eu sou novo na cidade... diga-me o que preciso de saber sobre a New Bern de agora. Já não vinha cá há uns tempos.

Fez uma pausa e ergueu uma sobrancelha. – Porque é que eu haveria de fazer isso?

– Não é seu dever proteger e servir? Pense nisto como a parte de servir. Tal como quando consertou a minha porta. – Tentei fazer o meu sorriso mais cativante.

– Não penso que ser o comité de boas vindas faça parte dos meus deveres – disse ela com uma expressão impassível.

Talvez não, pensei, *mas ainda não te foste embora*.

– Tudo bem – disse eu. – Diga-me então o que a fez querer ser xerife.

Ao ouvir a minha pergunta, olhou para mim. Talvez verdadeiramente pela primeira vez, e senti-me de novo fascinado pela cor dos olhos dela. Eram como as águas das Caraíbas numa revista de viagens de luxo.

– Não sou a xerife. Esse é um posto para o qual se é eleito. Sou delegada.

– Está a evitar a minha pergunta?

– Pergunto-me porque quer saber.

– Sou uma pessoa curiosa. E, como me ajudou, sinto que devia saber pelo menos um pouco sobre a pessoa que me deu a ajuda.

– Porque é que sinto a impressão de que existe um outro motivo?

Porque tu não és só bonita, também és obviamente esperta, pensei. Encolhi os ombros, a fingir-me inocente.

Ela olhou-me com atenção antes de responder por fim. – Porque é que não me fala sobre si primeiro?

– É justo. Pergunte o que quiser.

– Suponho que o ataque de morteiros é a razão pela qual já não está na Marinha nem é médico?

– Sim – respondi. – Fui atingido por um morteiro quando ia a sair do hospital onde trabalhava. Um ataque à sorte. Ou, para mim, por azar. Sofri

ferimentos bastante graves. A Marinha acabou por me dar a aposentação por invalidez.

– Foi mesmo azar.

– Pois foi – concordei.

– E está em New Bern porque...?

– É só temporário – disse eu. – Vou mudar-me para Baltimore este verão. Vou começar um novo internato em Psiquiatria.

– A sério? – perguntou ela.

– Há algo de errado na Psiquiatria?

– De modo nenhum. Só que não era o que eu esperava que dissesse.

– Consigo ser bom ouvinte.

– Não é isso – disse ela. – Tenho a certeza que é. Mas porquê Psiquiatria?

– Quero tratar veteranos de guerra com PSPT – respondi. – Penso que há necessidade disso nos dias que correm, especialmente com soldados e fuzileiros navais a fazerem quatro e cinco comissões de serviço. Como mencionei, o problema pode manter-se depois de eles voltarem.

Parecia estar a tentar interpretar-me. – Foi o que lhe aconteceu a si?

– Foi.

Hesitou, e tive a sensação de que continuava a ver-me na totalidade. – Foi muito mau?

– Sem dúvida – respondi. – Terrível. E ainda é, de vez em quando. Mas essa, provavelmente, é uma história para outra ocasião.

– Tudo bem – respondeu. – Mas agora que sei admito que estava errada. Parece-me exatamente o tipo de coisa que devia fazer. Quanto tempo demora um internato em psiquiatria?

– Cinco anos.

– Ouvi dizer que os internatos são difíceis.

– Não é pior do que ser arrastado por um carro pela autoestrada fora.

Pela primeira vez, riu-se. – Tenho a certeza de que se vai sair muito bem. Mas espero que arranje algum tempo para desfrutar da nossa cidade enquanto aqui estiver. É uma bela terra para se viver e há muita gente boa aqui.

– Cresceu em New Bern?

– Não – respondeu ela. – Cresci numa cidade *pequena*.

– Isso tem piada.

– Mas é verdade – disse ela. – Posso perguntar-lhe o que tenciona fazer com a propriedade? Quando se for embora?

– Porquê? Está interessada em comprá-la?

– Não – respondeu ela. – E duvido que tivesse posses para isso. – Afastou uma madeixa de cabelo dos olhos. – De onde é, já agora? Faça-me um esboço rápido de quem é.

Satisfeito por ela estar interessada, fiz-lhe um breve resumo da minha vida: a minha juventude em Alexandria, os meus pais, as minhas visitas regulares a New Bern no verão quando era mais novo. O secundário, a universidade, os estudos de Medicina e o internato hospitalar. O tempo passado na Marinha. Tudo com um toque da hipérbole de modéstia que os homens usam quando estão a tentar causar boa impressão a uma mulher atraente. Enquanto escutava, ergueu as sobrancelhas mais do que uma vez, mas eu não conseguia ver se estava fascinada ou divertida.

– Então, é um rapaz de cidade.

– Peço desculpa, mas discordo – protestei. – Sou dos subúrbios.

Ergueu ligeiramente os cantos dos lábios, mas não consegui interpretar o sentido por trás desse sorriso.

– O que não compreendo é porque é que foi para a Academia Naval. Se era um aluno assim tão brilhante, quero dizer, e o tinham aceitado em Yale e Georgetown?

Brilhante? Eu teria mesmo usado essa palavra?

– Queria provar a mim mesmo que conseguia sem a ajuda dos meus pais. Financeiramente, quero dizer.

– Mas não disse que eles eram ricos?

Oh, pois. Lembro-me vagamente de também ter dito isso.

– Bem na vida, devia ter dito.

– Então, foi por uma questão de orgulho?

– E para servir o nosso país.

Assentiu ligeiramente com a cabeça, sem nunca desprender os olhos dos meus. – Ótimo. – Quase como reflexão posterior, acrescentou: – Há muitos militares em serviço ativo nesta zona, como provavelmente sabe. Cherry Point, Camp Lejeune... muitos deles passaram algum tempo no Afeganistão e no Iraque.

Acenei com a cabeça. – Quando fui colocado no estrangeiro, trabalhei com médicos e enfermeiros de todas as regiões do país, com todo o tipo de

especialidades, e aprendi imenso com eles. Enquanto durou, pelo menos. E também beneficiámos muito as populações. A maior parte do nosso trabalho era com as gentes locais... muitos deles nunca tinham sido vistos por um médico antes de o nosso hospital abrir.

Ela pareceu refletir sobre as minhas palavras. Um coro de grilos soou no silêncio antes de eu voltar a ouvir a voz dela.

– Não sei se seria capaz de fazer o que você fez.

Inclinei a cabeça. – Não sei bem o que quer dizer.

– Passar pelos horrores da guerra todos os dias. E saber que há pessoas que nos é impossível ajudar. Não acho que fosse capaz de lidar com algo desse género. Não a longo prazo, pelo menos.

Enquanto ela falava, tive a impressão de que estava a partilhar algo pessoal, embora já tivesse ouvido a mesma coisa a outras pessoas, tanto em relação à vida militar como à Medicina em geral. – Tenho a certeza de que já viu algumas coisas terríveis como delegada do xerife.

– Já.

– E mesmo assim continua.

– Sim – disse ela. – E por vezes pergunto-me quanto mais tempo conseguirei continuar. Há alturas em que me imagino a abrir uma florista ou algo do género.

– Porque é que não o faz?

– Quem sabe? Talvez um dia.

Mais uma vez, ficou em silêncio. Pressentindo o seu devaneio, interrompi-o com uma deixa num tom ligeiro.

– Já que não me quer fazer um resumo do que há de novo na cidade, pelo menos diga-me qual é o seu sítio preferido.

– Oh... Eu não saio muito – disse com relutância. – A não ser para ir ao mercado de produtores na cidade. É aos sábados de manhã. Mas se quiser arranjar um mel excelente, provavelmente não vai ter sorte.

– O meu avô ainda deve ter bastante.

– Não sabe ao certo?

– Há uns frascos no armário, mas ainda não fui verificar o barracão do mel. Tenho andado demasiado ocupado a arranjar a casa. Olhe que um palácio como este não acontece por acaso.

Desta vez, sorriu, embora um pouco relutante. Acenou com a cabeça na direção da doca. – Já saiu no barco?

Ainda não mencionei o barco, mas basta dizer que estava como a casa, só que em pior estado. Chamar-lhe barco era até bastante generoso, porque parecia menos um barco do que um barracão com dois assentos de vinil, tudo aparafusado a uma plataforma flutuante. O meu avô construiu-o com bidões de petróleo usados e tábuas de tamanhos variados – juntamente com outras coisas a que conseguiu deitar a mão – e, quando não estava a tratar das abelhas, estava sempre a dar-lhe mais um jeito.

– Ainda não. Nem tenho a certeza de que o motor funcione.

– Sei que funcionava no verão passado, porque o Carl disse-me. É difícil não reparar num barco destes, e o seu avô adorava sair nele. As pessoas tiram fotografias sempre que o veem.

– É um pouco excêntrico, não é?

– Mas condizia com ele.

– Sim – concordei. – Condizia.

Ela suspirou e pôs-se de pé. – Eu devia realmente ir indo. Tenho umas coisas para fazer em casa. Foi um prazer conhecê-lo, Mr. Benson.

Mr. Benson? Esperava que tivéssemos avançado para além dessa formalidade, mas suponho que não. Ela começou a descer os degraus, chegando ao fundo no mesmo instante em que o meu cérebro finalmente engrenou.

– Não tem de contornar a casa pelas traseiras. Pode sair pela porta da frente, se for mais fácil.

– Obrigada, mas vou pelo caminho por que vim. Tenha uma boa noite.

– Você também. E foi um prazer conhecê-la, Natalie.

Ela ergueu uma sobrancelha antes de se virar; com alguns passos rápidos, desapareceu de vista. Ao fim de um momento, ouvi uma porta bater ao fundo do acesso e o carro dela a arrancar. Tudo aquilo deixou-me a pensar na intrigante Natalie Masterson. Que era linda qualquer pessoa notaria, mas o que achei interessante nela foi o pouco que me contou sobre si própria.

Diz-se que as mulheres são o sexo misterioso, e mesmo agora a minha tendência é rir-me quando um tipo com quem estou a falar diz que compreende o que motiva as mulheres. Fiquei perplexo com a natureza unilateral da nossa conversa. Tinha-lhe contado muitas coisas sobre mim mas não fiquei a saber quase nada sobre ela.

No entanto, tinha o palpite de que voltaria a vê-la, quanto mais não fosse porque sabia onde a encontrar.

CAPÍTULO 3



De manhã fui correr, algo em que não tenho sido consistente desde que aqui cheguei. Dizia a mim mesmo que tinha coisas mais importantes a fazer – como espalhar bolas de naftalina para afastar as cobras – mas a simples verdade é que nem sempre me agrada fazer exercício físico. Estou a par de todos os benefícios – sou médico, lembram-se? – mas, a não ser que estivesse a perseguir uma bola de futebol ou a driblá-la, correr sempre me pareceu algo tonto.

Mas fi-lo. Dez quilómetros a um ritmo constante; quando terminei, fiz cem flexões e abdominais. Depois de um duche rápido e de comer qualquer coisa, estava pronto a enfrentar o dia. É claro que, já que de facto não tinha nenhumas responsabilidades reais, decidi dar uma vista de olhos rápida à casa para verificar se faltava alguma coisa. Era uma tarefa impossível, porque não sabia o que estava na casa quando o meu avô partiu de lá, e já tinha feito uma limpeza geral. No armário, vi de novo a espingarda e encontrei os cartuchos; não havia mais munições, o que me levou a pensar que não devia haver mais nenhuma arma. Numa caixa debaixo da cama no quarto das visitas, contudo, descobri um maço de notas preso com um elástico por baixo de um envelope espesso que continha documentos variados e fotografias da minha avó – o cartão da segurança social, os registos médicos relativos à epilepsia dela, coisas do género. Não era muito dinheiro – o suficiente para um ou dois jantares chiques, talvez – mas, decididamente, era o suficiente para atrair alguém que quisesse dinheiro para drogas ou álcool. Se tivesse estado aqui alguém o dinheiro teria sido roubado, certo? O que, provavelmente, queria dizer que a casa se mantivera desocupada.

E, no entanto, a porta tinha sido arrombada...

Abanei a cabeça. Seja como for, mesmo que alguém tivesse estado aqui,

já se tinha ido embora há muito tempo, pelo que afastei o assunto da mente e decidi dedicar-me aos livros no alpendre das traseiras durante algum tempo. Infelizmente, não eram de leitura cativante e, ao fim de algumas horas, já tinha a minha conta. Pelo menos, não apareceu nenhuma cobra, o que me fez pensar se Callie saberia do que estava a falar.

Admito que os meus pensamentos se desviavam por vezes para a encantadora Natalie Masterson. Ela era um enigma, e eu estava sempre a recordar o brilho divertido que vi nos seus olhos enquanto lhe relatava a minha história ligeiramente floreada. Mas pensar na minha conversa com Natalie também me recordou as abelhas e o barco, o que desviou os meus pensamentos para o meu avô e me trouxe à mente a minha última visita a este lugar. Na altura, estava a fazer o meu internato hospitalar e enquanto outros partiam para as Caraíbas ou para Cancun para umas férias bem merecidas, eu conduzi de Baltimore até New Bern, em busca do conforto e do amor incondicional que sempre procurara no meu avô em criança. Ele era uma pessoa singular – o barco era um bom exemplo da sua excentricidade – mas tinha um espaço ilimitado no seu coração para almas sem abrigo. Era o tipo de homem que dava de comer a quaisquer rafeiros que lhe entrassem por acaso na propriedade; pusera uma fila de taças perto do celeiro, e vários cães, sabe Deus de onde, começaram a aparecer. Dava nomes de marcas de carros aos que se iam deixando ficar... Em criança, brinquei com cães com nomes como *Cadillac*, *Edsel* ou *Ford*, *Chevy* e *Pinto*. Estranhamente, também deu a um deles um nome de autocaravana, *Winnebago*, embora fosse uma coisinha minúscula, uma variedade qualquer de *terrier* – e quando lhe perguntei porquê, piscou o olho e declarou: – Olha só para o tamanho dele!

Em termos de carreira, foi empregado na serração, a transformar toros em madeira para vários fins. Como eu, chegou ao fim da sua vida com menos dedos do que aqueles com que começou; ao contrário de mim, isso não fez com que a sua carreira se desmoronasse. Costumava dizer-me que, a não ser que um homem tivesse perdido um dedo no trabalho, não era um trabalho a sério, o que torna a ideia de que criou a minha mãe – uma mulher sofisticada, ambiciosa e intelectual como poucas – bastante espantosa. Quando eu era mais novo, suspeitava que a minha mãe tinha sido adotada, mas à medida que fui amadurecendo acabei por reconhecer que partilhavam um otimismo e um sentido de decência inatos que davam forma a tudo o

que faziam.

O meu avô passou um mau bocado depois de a minha avó morrer. Não me lembro dela, porque ainda era um bebé de fraldas na única vez que nos vimos. Mas recordo que a minha mãe insistia que era importante visitarmos o meu avô para ele não estar sempre sozinho. Para o meu avô, só houve uma mulher; amou uma vez e para sempre, até um ataque de epilepsia lha levar. Ainda há um retrato dela na parede do quarto e, depois de me mudar para cá, não fui capaz de o tirar, embora nunca a tenha conhecido. O facto de ter sido a Estrela Polar do meu avô era mais do que razão suficiente para manter o retrato pendurado exatamente onde estava.

Mas era estranho estar na casa. Sem o meu avô, parecia vazia, e entrar no celeiro apenas agravou a sensação de perda. Tinha o mesmo ambiente atravancado que a casa que eu herdara. Lá dentro não só havia bolas de naftalina e uma grande variedade de ferramentas, mas também um velho trator, numerosas partes de motores, sacos de areia, picaretas, pás, uma bicicleta enferrujada, um capacete do Exército, um divã com um cobertor que dava a impressão de alguém ter dormido nele e os incontáveis vestígios de uma vida inteira a acumular coisas. Por vezes, perguntava-me se o meu avô alguma vez deitara alguma coisa fora, mas uma inspeção mais atenta revelou que não havia lixo, revistas antigas, jornais ou tralha que pertencesse ao caixote do lixo; só coisas das quais ele pensava poder vir a precisar um dia para algum projeto em que estivesse a trabalhar.

Na noite em que recebi a chamada do hospital, não estava a fazer grande coisa. Não havia nenhuma razão para não o ter visitado nessa semana, ou um mês ou até um ano antes. Ou mesmo, sabia-o, quando estava na minha pior fase. Ele nunca fora homem de julgar os outros, e ainda menos no que dizia respeito aos efeitos da guerra sobre uma pessoa. Aos vinte anos, tinha sido destacado para o Norte de África; nos anos que se seguiram, combateu em Itália, França e a seguir na Alemanha. Foi ferido na Batalha das Ardenas e regressou à sua unidade pouco depois de o Exército atravessar o Reno. Não soube nada disto pelo meu avô, porque ele nunca falava sobre a guerra. Contudo, a minha mãe mencionara-o, e alguns dias depois de eu chegar aqui, descobri os registos, juntamente com a sua condecoração Coração Púrpura e várias medalhas de serviço.

Segundo a minha mãe, começou a interessar-se por abelhas pouco depois de ter construído a casa. Nessa altura, havia uma quinta ao cimo da estrada,

e o meu avô tinha trabalhado lá antes de arranjar o emprego na serração. O agricultor tinha colmeias, mas não gostava de tratar delas. O meu avô ficara encarregado da tarefa. Como não sabia nada sobre apicultura, requisitou um livro da biblioteca e acabou por aprender o resto sozinho. Para ele, as abelhas representavam uma espécie quase perfeita, e discorria sobre o assunto a quem o quisesse ouvir.

Tenho a certeza de que teria falado sobre elas aos médicos e às enfermeiras no hospital de Easley se tivesse tido oportunidade. Mas não teve. Mal recebi a chamada, comprei uma passagem aérea para Greenville, na Carolina do Sul, com escala em Charlotte. Em Greenville, aluguei um automóvel e fui a toda a velocidade pela autoestrada até Easley; apesar disso tudo, cheguei quase dezoito horas depois de ficar a saber o que tinha acontecido. Nessa altura, ele já estava na UCI há mais de três dias. Demorara esse tempo todo para saberem o meu nome; o AVC primeiro deixou-o inconsciente e depois praticamente incapaz de falar. Todo o lado direito do seu corpo ficou paralisado, o lado esquerdo só um nadinha melhor. Mal entrei na UCI, estudei os dados nos vários monitores e, depois de dar uma vista de olhos ao registo, soube que ele não tinha muito mais tempo de vida.

A cama parecia torná-lo muito pequeno. Sei que é um cliché – é algo que praticamente toda a gente diz – mas, no caso dele, era verdade. Tinha perdido muito peso desde a última vez que o vira, e a expressão frouxa e torta do seu rosto, mesmo a dormir, quase me despedaçou o coração. Sentei-me ao lado da cama e peguei na mão dele; dava a sensação de ser só pele e osso, frágil, como a garra de um pássaro, e senti um nó na garganta. De repente, odiei-me por não ter chegado mais cedo; odiei-me por me ter mantido afastado por um período tão longo. Durante muito tempo, o único movimento que vi foi o do seu peito a subir e a descer a custo.

Falei com ele, embora não tivesse a certeza se me ouvia. Falei bastante, se bem me lembro – a compensar todos os anos em que estivera demasiado envolvido nos meus próprios problemas para o visitar. Falei-lhe sobre a explosão em Kandahar e sobre o trauma que sofri na sua sequência. Falei-lhe de Sandra – a minha namorada mais recente – e do nosso rompimento. Disse-lhe que estava a planear começar outro internato hospitalar. E agradeci-lhe, mais uma vez, por simplesmente fazer parte da minha vida – como verdadeira família, mesmo que o tivesse tomado como certo por

vezes – tanto antes como depois da morte dos meus pais.

Uma das enfermeiras informou-me que desde a sua chegada ao hospital as únicas palavras que dissera foram o meu nome e Pensacola, que foi a forma como conseguiram por fim localizar-me. Disseram-me que ele tinha conseguido abrir os olhos e ocasionalmente tentava falar, mas só saíam sons roucos incompreensíveis. Noutras alturas, fitava-os, perplexo, como se não soubesse onde estava ou até mesmo quem era.

Sentia-me perturbado e preocupado, mas também confuso. Porque é que ele estava aqui, em Easley, na Carolina do Sul? Como tinha aqui chegado? Desde que o conhecia, nunca passara para lá de Raleigh, a oeste, e só fora a Alexandria uma vez. Depois da guerra e até há apenas alguns dias, eu tinha quase a certeza de que ele não saía do condado há anos. Mas Easley ficava muito longe de New Bern. Seis ou sete horas na estrada interestadual, talvez mais, dependendo do trânsito. Nessa altura, o meu avô tinha noventa e um anos; para onde estaria a ir?

Poderia ter suspeitado de Alzheimer, mas nas suas cartas parecera tão lúcido e ponderado como sempre. Sempre fora bom nisso – a escrever-me cartas – e, embora eu respondesse a algumas, geralmente acabava por lhe telefonar depois de receber uma das suas missivas. Era mais fácil para mim, para além de que sou um pouco preguiçoso relativamente a algumas coisas, como por exemplo escrever; não me orgulho disso, mas sou assim. Ao telefone, ele mostrava-se tão lúcido como sempre. Mais velho, claro, e talvez demorasse um pouco mais de tempo a encontrar a palavra que queria, mas nada que indicasse uma demência suficientemente severa para motivar uma viagem a uma terra que ele nunca havia mencionado.

Contudo, vê-lo ali deitado sem sentidos fez-me perguntar se estaria errado em relação a tudo. À luz do fim da tarde, a sua pele adquiriu uma palidez macilenta; ao fim do dia, a sua respiração começou a soar dolorosa. Embora as horas de visita tivessem terminado, o pessoal do hospital não me mandou sair. Não sei bem porquê – talvez por eu ser médico, ou porque viam o quanto eu gostava dele. Caiu a noite e eu continuei ali sentado ao seu lado, com a sua mão na minha e a falar com ele todo o tempo.

De manhã, sentia-me exausto. Uma das enfermeiras trouxe-me um café, recordando-me, apesar da minha exaustão, que há pessoas boas em toda a parte. O médico do meu avô passou por ali na sua ronda; vi pela expressão dele depois de examinar o meu avô que estava a pensar o mesmo que eu: o

senhor velho e bondoso estava a entrar nos últimos estádios da sua vida. Talvez lhe restassem horas, talvez um dia, mas não muito mais do que isso.

Foi por volta do meio-dia nesse último dia que o meu avô se mexeu ligeiramente na cama e entreabriu os olhos. Quando tentou focar o olhar, reparei na mesma confusão que as enfermeiras haviam descrito e aproximei-me da cama, apertando-lhe a mão.

– Olá, avô, estou aqui. Consegues ouvir-me?

Virou a cabeça, só um pouco, mas o máximo que conseguia.

– Sou eu, o Trevor. Estás no hospital.

Piscou os olhos lentamente. – *Tre... vor*.

– Sim, avô, sou eu. Vim mal soube. Aonde é que tu ias?

Senti-o apertar-me a mão.

– *Ajuda... caro em... e...*

– É claro – disse eu. – Estão a cuidar de ti.

– *Se... tu... puderes...*

Cada palavra saía rouca por entre a sua respiração entrecortada.

– *Desmaiou...*

– Sim, avô. Tiveste um AVC. – Quando disse aquilo, perguntei-me se ele já estaria mais doente do que eu suspeitara; nesse mesmo instante, recordei que a avó tinha sofrido de epilepsia.

– *Doente...*

– Vais ficar bem – menti. – E depois vamos tratar das abelhas e sair no barco, está bem? Só tu e eu. Vai ser como nos velhos tempos.

– *Como... Rose...*

Apertei-lhe a mão de novo, a detestar aquele seu estado de confusão, a detestar que ele não soubesse o que lhe tinha acontecido. – A tua linda noiva.

– *Encontra... família...*

Não tive coragem para lhe recordar que a sua mulher e a sua filha há muito que tinham falecido; que eu era a única família que lhe restava.

– Vais ver a Rose em breve – prometi. – Sei o quanto ela te amava. E o quanto tu a amavas a ela. Ela vai estar à tua espera.

– *Vai... para... o além*.

Fiquei paralisado, a perguntar-me se o teria escutado bem. Se estava a tentar dizer uma piada, não era nada típica dele. – Está tudo bem, eu estou aqui – repeti.

– *Em... fuga*.

– Não te vou deixar – disse eu. – Vou ficar aqui. Adoro-te – acrescentei, levando a sua mão encarquilhada ao meu rosto. A expressão dele suavizou-se.

– *Amo-te...*

Senti as lágrima começarem a formar-se e tentei contê-las. – És o melhor homem que já conheci.

– *Tu... vieste...*

– É claro que vim.

– *Agora... vai...*

– Não – respondi. – Vou ficar aqui mesmo. O tempo que for preciso, vou ficar contigo.

– *Por favor* – segredou, e depois os seus olhos fecharam-se. Foi a última coisa que me disse. Daí a menos de duas horas, soltou o seu último suspiro.



Na noite em que o meu avô morreu, deitado sem dormir num hotel nas imediações, revivi aqueles últimos momentos que passei com ele. Pensava intrigado nas coisas que ele tinha dito e por fim sentei-me na cama para as anotar no bloco de apontamentos que estava ao lado do telefone, combinando algumas das palavras em frases que achava que fariam mais sentido.

Trevor... ajuda... caro em... e... se tu puderes... desmaiou... doente... como Rose... encontra família... vai para o além.... em fuga... amo-te... tu vieste... agora vai... por favor

Falara de um modo um pouco desconexo, com alguma desassociação de ideias, mas pelo menos tinha-me reconhecido. Disse que me amava e eu sentia-me grato por isso. Tinha-lhe dito que não o deixaria, e sentia-me contente por não o ter feito. A ideia de que pudesse ter morrido sozinho bastava para me despedaçar o coração.

Depois de acabar de escrever, dobrei o papel e meti-o na carteira, continuando a refletir sobre as palavras dele. De tudo o que tinha dito,

mandar-me *para o além* era a única coisa que não conseguia compreender bem. Embora eu tivesse garantido ao meu avô que ele veria Rose de novo, ele não era particularmente religioso. Não sabia ao certo aquilo em que ele acreditava em relação à vida depois da morte, mas sentia-me contente por tê-lo dito. Quer ele acreditasse quer não, era o que julgo que queria ouvir.



Levantei-me da cadeira no alpendre e desci os degraus, encaminhando-me para a doca. Tal como o barco, a doca não era grande coisa, mas de algum modo resistira a um número incontável de furacões desde a sua construção. Quando me aproximei, apercebi-me de que a madeira estava podre e avancei cautelosamente sobre as velhas tábuas, com receio de cair à água a qualquer segundo. Mas as tábuas aguentaram e acabei por saltar para dentro do barco.

Era um barco que ninguém a não ser o meu avô poderia ter construído. A parte da cabina, a que o meu avô chamava «o *cockpit*» estava localizada perto da proa e tinha três paredes, uma janela torta e um velho volante de madeira que com certeza ele encontrara numa loja de artigos em segunda-mão. Como ele não sabia grande coisa sobre barcos, o facto de conseguir ir a algum lado nele resultava mais da arte do que da ciência. O volante e o leme estavam ligados, mas frouxamente; virar à esquerda ou à direita usualmente requeria três ou quatro rotações do volante, e não fazia ideia de como ele tinha conseguido registar o barco como uma embarcação legal. Por trás do *cockpit* havia duas cadeiras de baloiço em vinil, uma pequena mesa aparafusada ao convés e um par de bancos de metal fixos. Uma balaustrada feita de tábuas evitava que os passageiros caíssem do barco, e a popa estava decorada com um par de chifres de boi do Texas montados num pau galvanizado que ele dizia terem-lhe sido enviados por um camarada da guerra.

O motor era tão antigo como o resto do barco; para o ligar, puxava-se um cordão, como num corta-relvas. Quando eu era pequeno, o meu avô deixava-me tentar, e, depois de numerosas tentativas falhadas, eu mal conseguia mexer o braço. Com a mão intacta, puxei agora o cordão um par de vezes com força, mas o motor não pegou, o que atribuí a algo tão

simples como as velas de ignição. O meu avô era um ás em tudo o que fosse mecânico, e eu não duvidava de que ele mantivera o motor em bom estado até fazer a viagem para Easley.

O que fez com que me perguntasse de novo por que motivo se teria deslocado até lá.



Depois de vasculhar o celeiro à procura de uma chave inglesa, tirei as velas de ignição e meti-me no meu todo-o-terreno. Admito que o meu veículo não é amigo do ambiente, mas como tem muito estilo agrada-me pensar que traz beleza ao mundo, o que, de certa forma, compensa.

Percorri um quilómetro e meio pela estrada até ao Trading Post do Slow Jim e descobri que aquela loja não tinha mudado nada. Lá dentro, perguntei ao empregado onde poderia encontrar velas de ignição e é claro que havia exatamente as de que eu precisava. O meu estômago pôs-se a roncar quando estava a pagar, recordando-me que já não comia desde o pequeno-almoço. Dominado pela nostalgia, dirigi-me à zona de refeições. As seis pequenas mesas estavam ocupadas – aquele sítio sempre atraíra muita gente – mas havia alguns bancos vagos ao balcão, e sentei-me num deles. Por cima do grelhador estava um quadro negro com o menu. Havia mais pratos do que eu supusera, embora poucos fossem minimamente saudáveis. Mas, como tinha ido correr de manhã, que diabo... Pedi um *cheeseburger* com batatas fritas a Claude, um homem que eu reconhecia de visitas anteriores. Apesar de estar de avental, parecia mais um banqueiro do que um cozinheiro, com o cabelo escuro a ficar grisalho nas têmporas e os olhos azuis a condizer com o polo que trazia por baixo do avental. O pai dele tinha fundado a loja – provavelmente por volta da mesma altura em que o meu avô construiu a sua casa – mas Claude geria-a há mais de uma década.

Também mandei vir um chá gelado, que era tão doce como recordava. O Sul é famoso pelo seu chá doce, e saboreei cada gole. A seguir, Claude empurrou na minha direção uma tacinha com umas coisas pequenas, castanhas e empapadas.

– O que é isto?

– Amendoins cozidos. Servimo-los a todos os clientes – explicou Claude.

– Comecei há um par de anos. A receita é da minha mulher, e há um frasco ao lado da caixa registadora. Pode comprá-los antes de ir embora. A maior parte das pessoas compra.

Provei um a medo e o seu sabor salgado e delicioso surpreendeu-me. Claude afastou-se e deitou umas batatas congeladas no óleo a ferver antes de atirar com um hambúrguer para o grelhador. Ao lado, Callie estava a colocar produtos nas prateleiras, mas, se tinha reparado em mim, não deu sinal.

– Não o conheço? – perguntou Claude. – Parece-me que o reconheço.

– Já não venho aqui há anos, mas costumava vir muito com o meu avô, o Carl Haverson.

– Oh, é isso – disse ele, com um sorriso. – É o médico da Marinha, certo?

– Já não. Mas essa é uma história para outra altura.

– Sou o Claude – disse ele.

– Eu lembro-me – respondi. – Eu sou o Trevor.

– Uau – disse ele. – Um médico da Marinha. – Assobiou. – O seu avô tinha muito orgulho em si.

– Eu também tinha orgulho nele.

– Lamento a sua perda. Eu gostava mesmo dele.

Descasquei outro amendoim. – Eu também.

– Vive por cá agora?

– Vou ficar na casa dele até junho, mais ou menos.

– Uma ótima propriedade – disse Claude. – O seu avô plantou algumas árvores fantásticas. É realmente bonito nesta altura do ano. A minha mulher manda-me abrandar sempre que passamos de carro por lá. Imensas flores. As abelhas ainda lá estão?

– É claro. – Assenti com a cabeça. – Continuam bem.

– O seu avô costumava deixar-me comprar e vender algum do mel dele todos os anos. As pessoas adoram-no. Se sobrou algum das colheitas do ano passado, eu teria todo o gosto em livrá-lo dele.

– Quantos frascos queria?

– Todos – disse ele com uma risada.

– É assim tão bom?

– O melhor do estado, ou assim dizem.

– Há uma classificação?

– Não sei. Mas é o que digo às pessoas quando perguntam. E continuam a comprá-lo.

Sorri. – Porque é que está no grelhador? Se bem me lembro, não costuma estar na caixa registadora?

– Quase sempre. É mais fresco e muito mais fácil, e não chego ao fim do dia coberto de gordura. Mas o Frank, que é o meu funcionário do grelhador, não está cá esta semana. A filha dele vai-se casar.

– Uma boa razão para faltar ao trabalho.

– Não muito boa para mim. Já estou com falta de prática no grelhador. Farei o melhor que sei para que o seu hambúrguer não fique queimado.

– Fico-lhe grato.

Claude lançou um olhar por cima do ombro para o grelhador crepitante. – O Carl costumava vir cá duas ou três vezes por semana, sabe? Pedia sempre uma sanduíche de *bacon*, alface e tomate em pão branco, com batatas fritas e uns picles a acompanhar.

Lembrava-me de pedir a mesma coisa quando vinha com ele. Por alguma razão, as sanduíches de *bacon*, alface e tomate nunca sabiam tão bem em mais lado nenhum.

– Tenho a certeza de que também adorava os amendoins. São fantásticos.

– Não – declarou Claude. – Era alérgico.

– A amendoins? – Semicerrei os olhos, incrédulo.

– Era o que me dizia sempre. Dizia que a garganta lhe inchava como um balão.

– As coisas que não se sabem sobre uma pessoa – refleti antes de recordar que o pai de Claude, Jim, e o meu avô haviam sido sempre amigos chegados. – Como está o seu pai? – Suspeitava que Jim tinha ido pelo mesmo caminho que o meu avô, já que eram mais ou menos da mesma idade, mas Claude limitou-se a encolher os ombros.

– Como sempre, acho eu. Ainda gosta de passar aqui pela loja umas vezes por semana e de se sentar na cadeira de baloiço ali na parte da frente a almoçar.

– Ai sim?

– De facto, o seu avô costumava sentar-se com ele quando vinha cá – disse Claude. – Formavam um belo par. Acho que o Jerrold passou a ocupar o lugar do seu avô, por assim dizer, desde que ele faleceu. Conhece o Jerrold?

– Não.

– Ele costumava conduzir um camião da *Pepsi*. A mulher dele faleceu há uns anos. É bom tipo, mas um bocado esquisito. E, francamente, não sei bem o que é que quer um quer o outro ganham com a convivência. O meu pai é surdo como uma porta e está decididamente a ficar gagá. Torna difícil ter-se uma conversa com ele.

– Já deve ter quase noventa anos.

– Tem noventa e um. Acho que vai viver até aos cento e dez. Fora o ouvir mal, tem mais saúde do que eu. – Claude voltou-se para o grelhador, virou o hambúrguer e depois meteu o pão na torradeira. Quando o pão ficou pronto, adicionou os condimentos, a alface, o tomate e a cebola antes de se virar de novo para mim.

– Posso fazer-lhe uma pergunta? – disse ele.

– Força.

– O que é que o Carl estava a fazer na Carolina do Sul?

– Não faço ideia. Ainda não descobri a razão. Esperava que o Claude pudesse dizer-me.

Claude abanou a cabeça. – Falava mais com o meu pai do que comigo, mas, depois de falecer, houve bastante curiosidade em relação a isso.

– Porquê?

Claude pousou as mãos no balcão e olhou-me nos olhos. – Bem, para começar, ele não costumava ir a lado nenhum. Não saía da cidade há anos. E depois havia também a questão daquela carrinha dele... lembra-se dela?

Assenti com a cabeça. Era uma *Chevy C/K* do início dos anos 1960. Poderia chamar-se-lhe um clássico, não fosse o facto de o *chassis* ser uma ruína desbotada e enferrujada.

– O Carl mal conseguia pô-la a trabalhar. Era realmente bom com motores, mas até ele dizia que a carrinha estava a dar as últimas. Duvido que conseguisse dar mais de cinquenta à hora. Servia para dar umas voltas na cidade, mas não consigo imaginar o Carl a levá-la para a estrada interestadual.

Eu também não. Claramente, eu não era a única pessoa a querer saber o que teria acontecido.

Claude voltou a virar-se para o grelhador e pôs umas batatas fritas no prato de papel. Pousou a minha refeição à minha frente.

– *Ketchup* e mostarda, certo?

– Claro.

Aproximou os frascos de mim.

– O Carl também gostava de *ketchup*. Sinto mesmo saudades dele. Era um bom homem.

– Pois era – disse eu distraidamente, mas com a mente fixa na certeza repentina de que Natalie tivera razão ao dizer que alguém tinha estado em casa do meu avô. – Acho que vou levar isto lá para fora e comer na parte da frente. Foi bom conversar consigo, Claude.

– É para isso que as cadeiras lá estão. Prazer em vê-lo.

Com o prato e a bebida nas mãos, dirigi-me para a porta. Usando a anca para abrir a porta, encaminhei-me para as cadeiras de baloiço e sentei-me. Pousei o prato na pequena mesa de madeira ao lado, a pensar novamente no possível vagabundo na minha casa e a perguntar-me subitamente se de algum modo estaria relacionado com os outros mistérios que rodeavam o meu avô nos seus últimos dias de vida.



Quando estava a acabar de almoçar vi Callie sair da loja, trazendo o que parecia ser o seu almoço num saco de papel pardo.

– Olá, Callie – disse eu.

Ela lançou um olhar na minha direção, com um ar desconfiado. – Conheço-o?

– Conhecemo-nos no outro dia – respondi. – Quando estavas a passar pela minha casa. Disseste-me que as bolas de naftalina não afastariam as cobras.

– E não afastam.

– Ainda não vi nenhuma cobra desde então.

– Não deixam de lá estar. – Surpreendendo-me, acocorou-se e estendeu o braço, segurando um prato de papel com um pedaço de algo que parecia ser atum. – Anda lá, *Térmita*. São horas do almoço.

Pousou o prato no chão e daí a um momento um gato saiu de trás da máquina do gelo.

– Esse gato é teu? – perguntei.

– Não. É o gato da loja. O Claude deixa-me dar-lhe de comer.

– Vive na loja?

– Não sei onde está durante o dia, mas o Claude deixa-o ficar lá dentro à noite. É bom a caçar ratos.

– Porque é que se chama *Térmita*?

– Não sei.

– E não sabes aonde vai durante o dia?

Callie só respondeu depois de *Térmita* começar a comer. Então, sem olhar para mim, voltou a falar. – Não há dúvida de que faz muitas perguntas, não faz?

– Quando estou interessado em alguma coisa, faço.

– Está interessado no gato?

– Recorda-me o meu avô. Ele também gostava de animais abandonados.

Depois de o gato acabar de comer, Callie pegou no prato. *Térmita*, entretanto, avançou na minha direção, ignorou-me completamente ao passar por mim e depois dobrou a esquina da loja e desapareceu.

Callie ainda não tinha respondido. Com um suspiro, porém, atirou o prato de papel para o caixote do lixo e, de costas para mim e começando a afastar-se, disse algo que me surpreendeu. – Eu sei.

CAPÍTULO 4



Tanto a TCC como a TCD enfatizam a importância do senso comum, ou seja, *as coisas que a mãe nos ensinou*, como uma maneira de melhorar a saúde mental e emocional. Embora todas as pessoas possam beneficiar com a terapia comportamental, para as pessoas como eu, que sofrem de PSPT, o senso comum é de importância crítica para garantir uma certa qualidade de vida. Em termos reais – como me comportava, por outras palavras – significava que o exercício frequente, o sono regular, uma alimentação saudável e evitar substâncias que alterem o estado de espírito eram maneiras de melhorar as coisas. Acabei por compreender que a terapia tem menos a ver com conversas em que só se olha para o próprio umbigo e mais com aprender hábitos para viver bem, e a seguir, e mais importante, pô-los em prática.

Apesar do *cheeseburger* e das batatas fritas que tinha almoçado no princípio da semana, geralmente tentava seguir essas orientações. A experiência ensinara-me que quando estava demasiado cansado, se já não fizesse exercício físico há algum tempo ou comesse comida pouco saudável em demasia ficava mais sensível a vários fatores como ruídos altos ou pessoas irritantes. Podia não gostar de correr, mas na verdade já não acordava com um pesadelo há mais de cinco meses e já não me tremiam as mãos desde a minha chegada a New Bern. Tudo isso significava mais uma sessão de exercício físico no sábado de manhã, seguida por uma chávena de café melhor do que o costume.

A seguir, substituí as velas de ignição do barco. E o motor roncou a dar sinal de vida e depois começou a ronronar. Deixei-o a trabalhar durante um bocado, a pensar que o meu avô teria sentido orgulho em mim, especialmente porque – comparado com ele – não sou especialista em motores. Enquanto esperava, lembrei-me da anedota que o meu avô me

tinha contado na minha última visita. *Duas mulheres iam num carro e tiveram um furo. Diz a primeira: «Que azar, temos o pneu completamente furado!», ao que a segunda responde: «Olha que não, é só mesmo a parte de baixo!»*

O meu avô adorava contar anedotas, mais uma das razões pelas quais eu gostava de o visitar. Contava-as com um brilho maroto nos olhos, começando quase sempre a rir-se ainda antes de chegar ao fim. Neste e num número incontável de outras maneiras, era o oposto dos meus pais sérios e orientados para o sucesso. Perguntava-me muitas vezes no que me teria tornado sem a sua presença descontraída na minha vida.

Depois de desligar o motor, voltei para casa e tomei banho. Vesti umas calças caqui e um polo e calcei uns *mocassins* e depois fiz a viagem de dez minutos de carro até ao centro de New Bern.

Sempre gostara da baixa da cidade, especialmente da zona histórica. Havia muitas casas antigas e majestosas, algumas datadas do século XVIII, o que era espantoso, porque a cidade tendia a sofrer inundações durante os furacões, o que devia tê-las arrasado a todas. Quando comecei a vir a New Bern, muitas das casas históricas encontravam-se em péssimo estado, mas, uma a uma, foram sendo compradas por investidores ao longo dos anos e gradualmente restauradas até recuperarem o seu esplendor. Os enormes carvalhos e as magnólias formavam um dossel sobre as ruas e havia uma série de placas oficiais a assinalarem eventos históricos importantes: um duelo famoso aqui, uma pessoa importante nascida ali, as raízes de uma decisão do Supremo Tribunal no quarteirão seguinte. Antes da revolução, New Bern fora a capital colonial dos britânicos, e, depois de se tornar presidente, George Washington fez uma breve visita à cidade. Do que eu mais gostava, contudo, era que, comparadas com as pequenas cidades em outras partes do país, as lojas da baixa iam de vento em popa, apesar dos grandes centros comerciais a poucos quilómetros.

Estacionei em frente à Igreja Episcopal de Cristo e saí para o sol ofuscante. Com o céu azul e as temperaturas mais altas do que era costume para a época, não me surpreendeu o número de pessoas que ocupava os passeios. Passei pelo museu da *Pepsi* – a bebida foi inventada aqui por Caleb Bradham – e depois pelo Baker's Kitchen, um café popular para pequenos-almoços. Já estava cheio de gente, com pessoas à espera de mesa nos bancos cá fora. Uma pesquisa rápida na Internet antes de sair de casa

tornou fácil encontrar o mercado de produtores, que se localizava perto do Centro da História da Carolina do Norte. Como Natalie me recomendara aquele sítio e eu não tinha nada melhor para fazer, pensei: porque não?

Daí a uns minutos, cheguei ao meu destino. Não era a cornucópia agrícola movimentada que imaginara, com os cestos a transbordar de fruta e vegetais típicos das bancas à beira da estrada. O mercado consistia principalmente em vendedores de bijuteria, bolos e todo o tipo de peças de artesanato que poderiam encontrar-se numa feira da ladra. O que fazia sentido, quando pensei no assunto, tendo em conta que só estávamos em abril e as colheitas do verão ainda não tinham sido feitas.

Mesmo assim, havia alguns produtos frescos, e dei uma volta ao mercado, a ambientar-me e a decidir o que precisava lá para casa. Enquanto circulava, comprei um copo de cidra e continuei na minha volta. Para além de alimentos, vi bonecas feitas de palha, casinhas de madeira para pássaros, espanta-espíritos feitos de conchas e frascos de compota de maçã, coisas de que não precisava. Mas o mercado estava a ficar muito movimentado e quando voltei ao ponto de partida avistei Natalie Masterson parada junto a uma mesa com batatas-doces.

Mesmo à distância, dava nas vistas. Trazia um cesto e estava com umas calças de ganga desbotadas, uma *T-shirt* branca e sandálias, uma indumentária que a favorecia muito mais do que a farda desinteressante. Tinha uns óculos de sol empoleirados na cabeça e, para além de batom, usava pouca maquilhagem. O cabelo roçava-lhe os ombros em toda a sua glória indomada. Se imaginasse Ms. Masterson mais cedo nessa manhã, diria que se teria vestido, passado os dedos pelo cabelo e aplicado uma camada rápida de batom antes de sair de casa, tudo em menos de cinco minutos.

Parecia estar sozinha e, após um momento de hesitação, comecei a encaminhar-me na sua direção, quase esbarrando numa senhora idosa que estava a ver uma casinha para pássaros. Quando me encontrava já perto, Natalie virou-se na minha direção. Olhou para mim e desviou rapidamente o olhar, mas nessa altura eu já estava ao seu lado.

– Bom dia – disse eu num tom animado.

Sentia os seus olhos em mim, a brilharem divertidos. – Bom dia – respondeu.

– Não sei se se lembra, mas sou o Trevor Benson. Conhecemo-nos na

outra noite.

– Eu lembro-me – disse ela.

– Quais seriam as probabilidades de a encontrar aqui?

– Bastante altas, diria – observou ela –, já que mencionei que venho aqui regularmente.

– Depois da sua recomendação, achei que devia vir ver como era – disse eu. – E de qualquer maneira também precisava de umas coisas.

– Mas ainda não encontrou nada para comprar?

– Já bebi cidra. E há uma boneca de palha em que estou a pensar.

– Não parece o tipo de pessoa que coleciona bonecas.

– Quero ter alguém com quem falar enquanto estiver a tomar café de manhã.

– Esse é um pensamento perturbante – disse ela, demorando os olhos nos meus mais um instante do que seria de esperar. Perguntei-me se seria a sua maneira de namoriscar ou se examinaria todas as pessoas desta maneira.

– De facto, vim aqui buscar umas batatas.

– Esteja à vontade – disse ela, acenando para a mesa. – Há bastantes.

Voltou a sua atenção para a mesa, a mordiscar o lábio enquanto examinava as batatas. Aproximei-me e lancei disfarçadamente um olhar ao perfil dela, pensando que a sua expressão vulnerável revelava uma inocência surpreendente, como se ela ainda se sentisse perplexa com a razão pela qual aconteciam coisas más no mundo. Perguntei-me se teria algo a ver com o seu trabalho ou se estaria simplesmente a imaginar aquilo. Ou se, por mero acaso, teria algo a ver comigo.

Natalie escolheu algumas batatas de tamanho médio e meteu-as no cesto; eu optei por duas das grandes. Depois de as contar, acrescentou mais algumas.

– Isso são muitas batatas – observei.

– Vou fazer tartes. – Ao ver a minha expressão interrogativa, acrescentou: – Não para mim. Para uma vizinha.

– Faz bolos?

– Vivo no Sul. Claro que faço bolos.

– Mas a sua vizinha não?

– É uma pessoa idosa, e os filhos e os netos vêm visitá-la esta semana. Ela adora a minha receita.

– É muito simpático da sua parte – elogiei. – Que tal foi o resto da sua

semana?

Voltou a dispor as batatas no cesto. – Ótimo.

– Aconteceu algo de excitante? Tiroteios, alguma caça ao homem? Algo do género?

– Não – disse ela. – Só o costume. Um punhado de incidentes domésticos, alguns condutores embriagados. E transferências, claro.

– Transferências?

– Transferências de presos. Da prisão para o tribunal e do tribunal para a prisão.

– Faz isso?

– Todos os delegados o fazem.

– É assustador?

– Geralmente, não. Estão algemados e a maioria porta-se bem. O tribunal é muito mais agradável do que a prisão. Mas de vez em quando um deles põe-me nervosa, o psicopata esporádico, suponho. É como se faltasse algo de elementar à personalidade deles, e tem-se a sensação de que depois de nos matarem eram capazes de despachar uns *tacos* sem a mínima preocupação. – Espreitou para o cesto e contou as batatas antes de se virar para o vendedor. – Quanto é?

Depois de ouvir a resposta, tirou umas notas da mala e entregou-as. Eu mostrei as minhas batatas e tirei o dinheiro da carteira. Enquanto esperava, uma morena de olhos castanhos com uns trinta e tal anos acenou a Natalie e começou a aproximar-se, toda sorrisos. Enquanto a mulher avançava por entre as pessoas, Natalie contraiu-se. Quando ela já estava perto, inclinou-se para dar um abraço a Natalie.

– Então, Natalie – disse, num tom quase solícito, como se soubesse que Natalie estava a debater-se com algo que eu desconhecia. – Como está? Já não a via há uns tempos.

– Desculpe lá – respondeu Natalie quando a mulher se soltou do abraço. – Tenho andado muito ocupada.

A mulher assentiu com a cabeça, lançou um olhar na minha direção e depois olhou de novo para Natalie com evidente curiosidade.

– Sou o Trevor Benson – disse eu, estendendo a mão.

– Julie Richards – disse ela.

– A minha dentista – explicou Natalie. Virou-se de novo para Julie. – Sei que devia telefonar para o seu consultório a marcar uma consulta...

– Quando quiser – disse Julie, acenando com a mão. – Sabe que arranjo sempre hora para a ver.

– Obrigada – murmurou Natalie. – Como está o Steve?

Julie encolheu os ombros. – Superocupado – respondeu. – Ainda estão a tentar arranjar outro médico para a clínica, portanto ele está cheio de marcações toda a semana. Está no campo de golfe neste momento, que sei que precisa, mas, felizmente, prometeu levar os miúdos ao cinema mais tarde para a mamã também ter uma pausa.

Natalie sorriu. – Cooperação e cedências.

– É um bom tipo – disse Julie. Mais uma vez, disparou-me um olhar de fugida, e depois olhou de novo para Natalie. – Então... Como é que vocês os dois se conhecem?

– Não estamos aqui juntos – disse Natalie. – Encontrei-o por acaso. Acabou de se mudar para cá e houve uma situação em casa dele. Uma questão da lei.

Como pressentia o desconforto na voz de Natalie, ergui o saco das compras. – Estou aqui para comprar batatas.

Julie voltou a sua atenção para mim. – Acabou de se mudar para cá? De onde é?

– Mais recentemente, da Flórida. Mas cresci na Virgínia.

– Onde na Virgínia? Eu sou de Richmond.

– Em Alexandria – respondi.

– Está a gostar disto aqui?

– Estou. Mas ainda estou a instalar-me.

– Vai-se habituar. Há cá gente fantástica – disse ela, antes de se virar de novo para Natalie. Escutei distraidamente enquanto Natalie e Julie continuavam a falar disto e daquilo até por fim a conversa de circunstância se esgotar. Perto do fim, Julie inclinou-se para mais um abraço.

– Desculpem lá, mas vou ter de ir indo – disse. – Os miúdos estão com a minha vizinha e eu disse-lhe que não demorava muito.

– Gostei de a ver.

– E eu a si. E lembre-se de que pode telefonar-me sempre que quiser. Tenho pensado em si.

– Obrigada – respondeu Natalie.

Quando Julie se afastou, reparei num vestígio de cansaço na expressão de Natalie.

– Está tudo bem?

– Está – respondeu Natalie. – Tudo bem.

Esperei, mas ela não acrescentou mais nada.

– Estava com esperanças de comprar uns morangos – disse ela por fim, num tom de voz distraído.

– São bons?

– Não sei – respondeu ela, voltando novamente a prestar-me atenção. – É o primeiro fim de semana que estão à venda, mas no ano passado eram deliciosos.

Avançou na direção de uma mesa cheia de morangos, entre a mesa com as casinhas de madeira para pássaros e a que exibia bonecas de palha. Mais adiante, vi Julie, a dentista, a falar com outro casal jovem; calculei que Natalie também a tivesse avistado, embora não tivesse dado sinal disso. Aproximou-se da mesa com os morangos. Quando parei ao lado dela, Natalie endireitou-se subitamente. – Oh, esqueci-me de que também precisava de comprar uns brócolos, antes que se esgotem. – Recuou um passo. – Foi um prazer conversar consigo, Mr. Benson.

Embora tenha sorrido, era óbvio que queria livrar-se de mim, quanto mais cedo melhor. Eu sentia os olhos das outras pessoas pregados em nós enquanto ela se afastava.

– E eu consigo, senhora delegada.

Ela virou-se, seguindo pelo caminho por onde tínhamos vindo e deixando-me sozinho diante da mesa. A vendedora, uma jovem, estava a dar o troco a outro cliente, e eu não sabia bem o que fazer. Permanecer ali? Uma vez que segui-la provavelmente daria a impressão de ser ao mesmo tempo irritante e inquietante, deixei-me ficar junto à mesa dos morangos, a pensar que se pareciam com os que poderia encontrar num supermercado, mas menos maduros. Decidindo apoiar os agricultores locais, comprei uma embalagem e regressei lentamente por entre a multidão. Pelo canto do olho, vi Natalie a observar os produtos perto de uma banca que vendia compota de maçã; não havia brócolos no cesto dela.

Pensei em ir para casa, mas depois reparei na beleza daquela manhã e decidi que um café vinha mesmo a calhar.

Saí do mercado e dirigi-me ao Trent River Coffee Company. Ficava a uns quarteirões dali, mas, dado o tempo agradável, a sensação de estar ao ar livre era boa. Dentro do café, ouvi os clientes à minha frente pedirem os

seus *mochas* semidescafeinados e chás com leite ou lá o que é que as pessoas pedem nos dias que correm. Quando chegou a minha vez, pedi um café, e a jovem ao balcão – que tinha um *piercing* na sobrancelha e uma aranha tatuada nas costas da mão – olhou para mim como se eu ainda vivesse nos anos 1980, a década em que nasci.

– É isso? Só... café?

– Sim, por favor.

– O seu nome?

– Johann Sebastian Bach.

– Escreve-se com ípsilon?

– Sim – respondi.

Fiquei a vê-la escrever *Yohan* no copo de papel e entregá-lo ao rapaz de rabo de cavalo que estava por trás dela. Claramente, o nome que eu dera não lhe soava minimamente familiar.

Levei o copo lá para fora e fui até Union Point, um parque na confluência dos rios Neuse e Trent. Era também, segundo a placa histórica apropriadamente localizada, o sítio onde um grupo de colonos suíços e palatinos fundou a cidade em 1710. A meu ver, era provável que estivessem a caminho de climas mais quentes – South Beach, talvez, ou o Disney World – e se tivessem perdido, acabando por vir dar aqui a cima, porque o capitão devia ser homem e, por conseguinte, nada disposto a perguntar o caminho.

Não que fosse uma má localização. De facto, é linda, exceto quando os furacões vêm a rugir do Atlântico. O vento impede que o Neuse corra para o mar, a água acumula-se e a cidade começa a fazer de conta que está à espera da arca de Noé. O meu avô passou pelos furacões *Fran* e *Bertha* em 1996, mas, quando falava de grandes tempestades, era sempre à *Hazel* que se referia, em 1954. Durante a tempestade, duas das colmeias viraram-se, um acontecimento catastrófico na vida dele. O facto de o telhado da casa também ter ido pelos ares não foi nem de longe tão importante para ele como os danos nas colmeias, o seu motivo de orgulho. Contudo, não tenho a certeza que Rose tenha sido da mesma opinião; foi para casa dos pais até a casa deles voltar a ficar habitável.

Havia um grande caramanchão no centro do parque, assim como um encantador passeio de tijoleira ao longo da margem do rio. Dirigi-me a um banco vazio com vista para o rio e sentei-me. O sol brilhava nas águas

preguiçosas do Neuse, que neste ponto tinha quase um quilómetro e meio de largura, e pus-me a ver um barco a deslizar lentamente rio abaixo, com as velas enfunadas como fronhas. Num cais ali perto, vi um grupo de praticantes de *paddleboard* a preparem-se para se fazerem à água. Alguns estavam de calções e *T-shirt*, outros de fatos de mergulho curtos, e via-se bem que estavam a debater o seu plano de ação. Na outra ponta do parque, algumas crianças davam de comer aos patos, duas pessoas jogavam ao disco e uma outra criança lançava um papagaio de papel. Agradava-me o facto de as pessoas por estas bandas saberem como desfrutar dos seus fins de semana. Em Kandahar – e antes disso, durante o internato hospitalar – trabalhava praticamente todos os fins de semana, com os dias a sucederem-se uns aos outros numa névoa de exaustão. Mas eu estava a progredir na capacidade de descansar e relaxar ao sábado e domingo. Por outro lado, como fazia o mesmo todos os dias da semana, estava a ganhar muita prática.

Depois de acabar o café, atirei com o copo vazio para um caixote do lixo ali perto e fui até ao gradeamento. Debruçando-me, admiti que a vida numa pequena cidade tinha os seus encantos. Esse sentimento intensificar-se-ia daí a uns minutos, altura em que vi Natalie a encaminhar-se na minha direção a arrastar o cesto ao seu lado. Parecia estar a observar os praticantes de *paddleboard* enquanto se dirigiam para águas mais profundas.

Poderia ter-lhe acenado ou tê-la chamado, mas, tendo em conta o nosso encontro recente no mercado, contive-me. Em vez disso, continuei a observar a corrente lenta do rio até ouvir uma voz atrás de mim.

– Você outra vez.

Espreitei por cima do ombro. A postura e a expressão de Natalie indicaram-me que não contara encontrar-me ali.

– Está a falar comigo?

– O que está aqui a fazer?

– Estou a desfrutar da minha manhã de sábado.

– Sabia que eu vinha para aqui?

– Como é que havia de saber aonde ia?

– Não sei – disse ela, a desconfiança a insinuar-se na sua voz.

– Está uma bela manhã e a vista é maravilhosa. Porque é que eu não havia de vir aqui?

Abriu a boca para responder, mas voltou a fechá-la antes de falar. –

Suponho que não é da minha conta, de qualquer maneira. Desculpe tê-lo incomodado.

– Não está a incomodar-me – garanti-lhe. A seguir, acenando com a cabeça para o cesto dela: – Encontrou tudo aquilo de que precisava no mercado?

– Porque pergunta?

– Só estava a fazer conversa. Já que me estava a seguir, quero dizer.

– Eu não estou a segui-lo!

Ri-me. – Estava a *brincar*. Muito pelo contrário, tenho a impressão de que está a tentar evitar-me.

– Não estou a evitá-lo. Mal o conheço.

– Exatamente – concordei, e, sentindo que estava de novo em campo, decidi dar mais uma tacada. – E isso é uma pena. – Dirigi-lhe um sorriso maroto antes de me virar de novo para o rio.

Natalie pôs-se a olhar para mim, como que a decidir se havia de ficar ou partir. Embora eu pensasse que ela optaria por se ir embora, acabei por pressentir a sua presença ao meu lado. Ouvindo-a suspirar ao pousar o cesto no chão, soube que a minha terceira tacada tinha de algum modo atingido o alvo.

Por fim, ela falou. – Tenho uma pergunta.

– Força.

– É sempre assim tão atrevido?

– Nunca – respondi. – Por natureza, sou calado e reservado. Uma mosca morta, na realidade.

– Duvido.

No rio, os praticantes de *paddleboard* estavam agora a assumir as suas posições.

No silêncio que se fez, vi-a unir as mãos sobre o gradeamento. – Quanto ao que aconteceu há bocado – disse ela. – No mercado, quando me afastei. Se pareceu brusco, peço desculpa.

– Não há necessidade.

– De qualquer modo, fiquei a sentir-me mal. Mas é só que nas pequenas cidades as pessoas falam. E a Julie...

Parou de falar e eu terminei a frase por ela. – Fala mais do que a maioria?

– Não quis que ela ficasse com a ideia errada.

– Compreendo – disse eu. – Os mexericos são a grande praga das pequenas cidades. Esperemos só que ela tenha ido para casa para junto dos filhos em vez de vir ao parque, senão vai ter realmente motivo de conversa.

Embora o tenha dito em jeito de piada, Natalie pôs-se imediatamente a olhar em volta, e os meus olhos seguiram os dela. Tanto quanto pude ver, ninguém estava a prestar-nos a mínima atenção. Mesmo assim, levou-me a pensar no que haveria de tão terrível na ideia de ser vista com alguém como eu. Se ela fazia a mínima ideia daquilo em que eu estava a pensar, não deu indícios, mas julguei ver-lhe uma expressão de alívio.

– Como é que se faz tarte de batata-doce?

– Está a pedir-me a receita?

– Acho que nunca comi tarte de batata-doce. Estou a tentar imaginar ao que saberá.

– É um bocado como tarte de abóbora. Para além das batatas, leva manteiga, açúcar, ovos, baunilha, canela, noz moscada, leite evaporado e uma pitada de sal. Mas o segredo está realmente na massa.

– Faz uma boa massa?

– Faço uma ótima massa de tarte. O segredo é usar manteiga, não margarina. Há pontos de vista fortes de ambos os lados do debate, já agora. Mas fiz a experiência com a minha mãe e ambas concordamos.

– Ela vive aqui na cidade?

– Não. Ainda está em La Grange, onde cresci.

– Não sei bem onde isso fica.

– Fica entre Kinston e Goldsboro, a caminho de Raleigh. O meu pai era farmacêutico. Ainda é, de facto. Montou o negócio antes de eu nascer. Também tem a parte da loja, claro. A minha mãe é gerente dessa parte e está na caixa registadora.

– Quando nos conhecemos, a Natalie disse que era uma cidade pequena.

– Só tem cerca de 2500 habitantes.

– E a farmácia faz bom negócio?

– Surpreendentemente bom. As pessoas precisam de medicamentos, mesmo em cidades pequenas. Mas já sabe isso. Como médico, quero dizer.

– Era médico. E espero voltar a ser, um dia.

Natalie ficou em silêncio por um momento. Examinei o seu perfil, mas continuava a não fazer ideia do que estaria a passar-lhe pela mente.

Por fim, suspirou. – Estava a pensar no que disse na outra noite. Sobre

tornar-se psiquiatra para ajudar pessoas que sofram de PSPT. Acho que é uma coisa ótima.

– Ainda bem que pensa assim.

– Como é que as pessoas sabem sequer que sofrem disso? Como é que o Trevor soube?

Estranhamente, tive a impressão de que não estava a perguntar só por perguntar ou mesmo porque estivesse particularmente interessada em mim. Tive antes a sensação de que estava a fazer aquelas perguntas porque tinha motivos pessoais, fossem eles quais fossem. No passado, o mais provável era que eu tivesse tentado mudar de assunto, mas as sessões regulares com o doutor Bowen tinham tornado mais fácil falar sobre os meus problemas, independentemente de quem perguntasse.

– Como todas as pessoas são diferentes, os sintomas podem variar, mas eu era praticamente um exemplo do manual da perturbação. Alternava entre insónias e pesadelos à noite e durante o dia sentia-me quase sempre à beira de um ataque de nervos. Os ruídos altos incomodavam-me, por vezes tremiam-me as mãos, metia-me em discussões ridículas. Passei quase um ano a sentir-me zangado com o mundo, a beber mais do que devia e a jogar incessantemente ao *Grand Theft Auto*.

– E agora?

– Estou controlado – respondi. – Ou, pelo menos, gosto de pensar que sim. O meu médico pensa o mesmo. Ainda falamos todas as segundas-feiras.

– Então está curado?

– Não é algo de que uma pessoa possa realmente curar-se. Tem mais a ver com controlar o problema, o que nem sempre é fácil. O *stress* tende a piorar as coisas.

– O *stress* não faz parte da vida?

– Sem dúvida – concordei. – É o que o torna impossível de curar.

Ficou em silêncio por um momento antes de me lançar um olhar acompanhado por um sorriso irónico. – O *Grand Theft Auto*, hein? Por algum motivo, não consigo imaginá-lo sentado num sofá a jogar videojogos o dia todo.

– Tornei-me um verdadeiro especialista. O que, já agora, não é fácil, porque me faltam dedos.

– Ainda joga?

– Não. Foi uma das mudanças que fiz. Para resumir, a minha terapia tem tudo a ver com transformar comportamentos negativos em comportamentos positivos.

– O meu irmão adora esse jogo. Talvez eu devesse fazê-lo parar.

– Tem um irmão?

– E uma irmã. O Sam tem mais cinco anos do que eu e a Kristen é três anos mais velha. E, antes que pergunte, vivem ambos na zona de Raleigh. São casados e têm filhos.

– Como é que a Natalie veio parar aqui, então?

Natalie mexeu-se nervosamente, como se estivesse a tentar decidir qual a melhor resposta, e finalmente encolheu os ombros. – Oh, sabe como é. Conheci um rapaz na universidade. Ele era daqui e eu mudei-me para cá antes de acabar o curso. E aqui estou eu.

– Deduzo que não resultou?

Fechou os olhos e depois voltou a abri-los. – Não como eu queria.

As palavras saíram-lhe baixinho, mas era difícil interpretar a emoção por trás delas. Arrependimento? Ressentimento? Tristeza? Calculando que não era o momento nem o lugar para perguntar, abandonei o assunto. Perguntei antes: – Como foi crescer numa cidade pequena? Quero dizer, eu achava que New Bern era pequena, mas uma terra com 2500 habitantes é minúscula.

– Foi maravilhoso – respondeu ela. – A minha mãe e o meu pai conheciam praticamente todas as pessoas na cidade, e deixávamos as portas destrancadas. Eu conhecia toda a gente nas minhas turmas e passava o verão a andar de bicicleta, a nadar na piscina e a apanhar borboletas. Quanto mais velha fico, mais me maravilho com a simplicidade daquilo.

– Acha que os seus pais vão viver lá para sempre?

Abanou a cabeça. – Não. Há uns anos, compraram uma casa em Atlantic Beach. Já passam lá o máximo de tempo que podem, e tenho quase a certeza de que é onde vão viver quando finalmente se reformarem. Até celebrámos lá o Dia de Ação de Graças no ano passado, e agora é só uma questão de tempo. – Prendeu uma madeixa de cabelo solta por trás da orelha.

– Como é que acabou por trabalhar no departamento do xerife?

– Já me tinha perguntado isso.

– Continuo com curiosidade – disse eu. – Porque não me respondeu, na

realidade.

– Não há muito a dizer sobre isso. Aconteceu, simplesmente.

– Como assim?

– Na faculdade, estudei Sociologia, e depois de acabar o curso apercebi-me de que a não ser que quisesse fazer um mestrado ou um doutoramento, não havia muitos empregos na minha área. E quando me mudei para cá, tornou-se claro que, a não ser que se tenha um negócio, se trabalhe na base militar de Cherry Point ou para o governo ou o hospital, está-se limitado a empregos no setor dos serviços. Pensei em voltar a estudar para ser enfermeira, mas naquela altura achei que seria um esforço demasiado grande. Depois, soube que o departamento do xerife estava a recrutar pessoal e num impulso candidatei-me. Fiquei muito surpreendida quando fui aceite no programa de formação. Quero dizer, até àquele momento na minha vida, nunca tinha pegado sequer numa arma. E era assim que pensava que seria – mauzões, situações perigosas, tiroteios – tem tudo a ver com armas, certo? É o que mostram na televisão, de qualquer modo, e era tudo o que eu sabia sobre o assunto. Mas depois de entrar para o programa, descobri rapidamente que tinha mais a ver com competências sociais. Tem a ver com atenuar situações e acalmar os ânimos sempre que possível. E, claro, com papelada. Uma data de papelada.

– Gosta do que faz?

– Suponho que é como qualquer emprego. Há partes de que gosto e outras de que não gosto. Ocasionalmente passamos por situações que desejaríamos não estar a viver. Coisas de dar volta ao estômago que não se conseguem esquecer.

– Alguma vez disparou sobre alguém?

– Não. E só tive de sacar da arma uma vez. Como disse, não é como se vê na televisão. Mas sabe que mais?

– Diga-me.

– Embora eu nunca tivesse pegado numa arma, acabei por ser uma atiradora bastante boa. A melhor da minha turma, de facto. E desde então tenho praticado tiro ao alvo e tiro desportivo aos pratos e também sou bastante boa nisso.

– Tiro desportivo aos pratos?

– É como o tiro ao alvo; há vários postos e usa-se uma espingarda, mas os pratos vêm de ângulos diferentes, com velocidades e trajetórias diversas.

Supostamente, reflete com mais exatidão a maneira como as aves e a caça pequena se movimentam na natureza.

– Nunca fui à caça.

– Eu também não. Nem quero. Mas se alguma vez fosse, provavelmente seria bastante boa.

Não podia deixar de sentir alguma admiração por ela. – De facto, não é lá muito difícil imaginá-la de espingarda na mão. Já que na primeira vez que a vi estava armada, quero dizer.

– Acho-o... relaxante. Quando estou na carreira de tiro, consigo abstrair-me de tudo.

– Ouvi dizer que as massagens são boas para esse efeito. Pessoalmente, prefiro o ioga.

Ergueu as sobrancelhas. – Pratica ioga?

– Por recomendação do meu psiquiatra. Ajuda. Já consigo calçar os sapatos sem ter de me sentar. Sou muito popular nas festas.

– Aposto que sim. – Riu-se. – Onde é que faz ioga por estas bandas?

– Por enquanto, em lado nenhum. Não procurei um sítio.

– Mas vai procurar?

– Talvez. Não vou ficar aqui muito tempo.

– Alguma vez vai voltar?

– Não sei. Suponho que depende de eu vender ou não a casa. Quem sabe? Talvez regresse uma semana no fim do verão para acabar a colheita do mel.

– Sabe fazer isso?

– Claro – respondi. – De facto, não é tão difícil como isso. Fica-se todo pegajoso e dá trabalho, mas não é difícil.

Natalie estremeceu. – Tenho medo de abelhas. Quero dizer, não dos simpáticos abelhões, mas das que andam a zumbir-nos à volta da cara como se estivessem a tentar atacar-nos.

– As abelhas guardiãs – disse eu. – Algumas pessoas chamam-lhes abelhas sentinelas. Também não são as minhas favoritas, mas são importantes para a colmeia. Ajudam a protegê-la de predadores e mantêm as abelhas de outras colónias fora da colmeia.

– As abelhas guardiãs são diferentes das abelhas normais?

– Na realidade, não. Ao longo do seu ciclo de vida, a abelha desempenha variadas tarefas em diferentes alturas. É abelha funerária, limpa a colmeia, cuida da abelha-mestra, alimenta as larvas ou vai à procura de néctar e

pólen. E perto do fim da vida pode tornar-se abelha guardiã.

– Abelhas funerárias? – repetiu ela.

– Removem as abelhas mortas da colmeia.

– A sério?

Assenti com a cabeça. – O meu avô considerava as colmeias a comunidade mais perfeita do mundo. É claro que o facto de as colónias serem quase inteiramente femininas talvez tenha algo a ver com isso. Na verdade, apostaria que quase todas as abelhas que alguma vez viu eram fêmeas.

– Porquê?

– As abelhas macho chamam-se zangões e só têm duas funções: comer e fertilizar a abelha-mestra, portanto não há muitos. – Sorri. – É o trabalho perfeito, na minha opinião. Comer e sexo? Acho que teria dado um zangão bastante bom.

Ela revirou os olhos, mas vi que achou alguma piada. Um ponto para Benson.

– Então... que aspeto tem uma colmeia? – perguntou. – Quero dizer, do tipo que os apicultores tratam, não das naturais...

– Podia descrever-lha, mas provavelmente seria melhor ver uma com os seus próprios olhos. Teria todo o prazer em mostrar-lhe as do meu avô, se quiser passar por lá.

Pareceu estudar-me com atenção. – Quando é que estava a pensar? – perguntou.

– Pode ser a qualquer hora amanhã. Ao princípio da tarde? Digamos, à uma?

– Posso pensar no assunto?

– Claro – respondi.

– Está bem – disse ela com um suspiro, antes de se baixar para pegar no cesto das compras. – Obrigada pela conversa.

– Também lhe agradeço. Mas, antes de se ir embora, gostaria de vir almoçar comigo? Estou a ficar com uma certa fome.

Inclinou a cabeça e quase pensei que ia dizer que sim. Mas então: – Obrigada, mas não posso mesmo. Ainda tenho umas coisas a fazer.

– Não há problema. – Encolhi os ombros. – Só achei que devia convidá-la.

Ela limitou-se a sorrir e começou a afastar-se, e segui a sua figura

graciosa com os olhos.

– Natalie – chamei.

Ela virou-se. – Sim?

– Se eu fosse homem de apostar, que probabilidade me daria de aparecer mesmo amanhã lá em casa?

Natalie comprimiu os lábios. – Uns cinquenta por cento?

– Há alguma coisa que eu possa fazer para aumentar essa probabilidade?

– Sabe – disse ela numa voz arrastada, recuando mais um passo –, na realidade não me parece que haja. Adeusinho.

Fiquei a vê-la afastar-se, na esperança de que se virasse para olhar para mim, mas não o fez. Deixei-me ficar junto a balaustrada, a recordar a nossa conversa e a contrastá-la com a maneira como Natalie tinha reagido quando Julie apareceu no mercado. Compreendia a aversão de Natalie a ser o tema dos mexericos de uma cidade pequena, mas, quanto mais pensava no assunto, mais me perguntava se seria só isso. Apercebi-me de repente que Natalie tinha limitado de propósito a sua conversa com Julie, não só por causa do que Julie poderia contar a outras pessoas, mas também porque havia algo que ela não queria que eu soubesse sobre si.

Ora bem, todos temos segredos. Apesar do que eu lhe tinha contado sobre o meu passado, continuava a ser um estranho, portanto não havia razão para esperar que ela partilhasse os segredos dela, fossem eles quais fossem. Porém, ao continuar a refletir sobre a situação, não consegui afastar a ideia de que Natalie estava menos preocupada com aquilo que os seus segredos pudessem revelar do que com a culpa que eles pareciam provocar nela.

CAPÍTULO 5



Eis uma lição que me foi inculcada pela minha mãe desde tenra idade: se estás à espera de visitas, é bom que limpes a casa.

Confesso que quando era pequeno este conselho não fazia sentido para mim. Porque é que alguém quereria saber se todos os meus brinquedos tinham sido arrumados no meu quarto, ou se eu tinha feito a cama? Não era provável que qualquer político ou pessoa influente subisse as escadas até ao quarto quando os meus pais estavam a dar as suas festas. Estavam demasiado ocupados a beber vinho e a emborcar martinis, e a sentirem-se *muito, muito importantes*. Lembro-me de jurar a mim mesmo que quando fosse mais crescido não quereria saber dessas coisas. Mas eis que, com a visita de Natalie a pairar como algo possível, a diretiva da minha mãe voltou cheia de força.

Resumindo, depois de ir correr e de fazer outros exercícios, arrumei a casa, aspirei, passei um pano pelas superfícies da cozinha e pelo lava-loiça, limpei a casa de banho e, finalmente, fiz a cama. Também tomei banho, a cantar no chuveiro, e depois passei o resto da manhã a pôr a leitura em dia. A parte do livro que estava a ler abordava a questão da eficácia da música como adjuvante da terapia, e ao avançar na leitura recordei os anos em que tocara piano. Para ser franco, sempre tivera uma relação instável com o instrumento; toquei piano ao longo de toda a infância, ignorei-o completamente enquanto andei na Academia Naval, voltei a tocar quando frequentei a Escola de Medicina e depois nem sequer toquei numa tecla durante o meu internato hospitalar. Em Pensacola, tocava muito, porque tive a sorte de arrendar um apartamento com um maravilhoso *Bösendorfer* de 1890 no átrio do prédio; mas o Afeganistão foi outro período sem música, já que duvidava que restasse um só piano em todo o país. Agora, sem alguns dedos, tocar como em tempos era impossível, o que me fez

aperceber-me de repente de quanto lhe sentia a falta.

Quando acabei de estudar, fechei o livro, meti-me no carro e fui à mercearia. Comprei produtos básicos e quando cheguei a casa preparei uma sanduíche. Quando acabei de lavar o prato, era quase uma hora. Ainda sem saber ao certo se Natalie apareceria, mas esperando que sim, dirigi-me ao barracão do mel.

Tal como a casa e o celeiro, visto de fora não tinha grande aspeto. O telhado de chapa estava enferrujado, o revestimento de tábuas de cedro ficara cinzento ao longo das décadas e as dobradiças da grande porta dupla rangeram quando a abri. Depois disso, contudo, as semelhanças terminavam; dentro, o barracão do mel era como um museu. Possuía eletricidade, água canalizada e luzes fluorescentes brilhantes; as paredes e o teto tinham isolamento, e no chão de cimento havia um ralo no centro. À esquerda havia um lava-loiça de aço inoxidável com uma mangueira comprida acoplada à torneira, bem como caixilhos rasos e telas excluidoras da abelha-mestra para as colmeias, empilhados ordenadamente. À direita havia um caixote do lixo de plástico cheio com graveto para os fumigadores ao lado de prateleiras fundas onde se apinhavam dúzias de frascos de mel. Logo a seguir estava o resto do equipamento e materiais necessários para um apicultor: baldes de plástico de vinte litros com portinholas para o mel, um carrinho de mão de plástico, caixotes cheios com frascos e rolos de etiquetas autocolantes. Na parede do fundo, pendurados em ganchos, estavam coadores de *nylon*, peneiras de mel, facas para raspar a cera das colmeias, dois fumigadores, isqueiros, uma dúzia de fatos de apicultor, e luvas e capuzes de vários tamanhos. Havia também dois extratores, que eram usados para retirar o mel dos favos. Reconheci o extrator manual que costumava operar até quase mal conseguir mexer o braço, assim como o elétrico, mais recente, que o meu avô tinha comprado depois de ficar com artrite, e ambos pareciam encontrar-se em perfeito estado de funcionamento.

Quanto aos fatos, sabia que encontraria um que me servisse a mim e outro a Natalie. Ele tinha muitos porque estava sempre disposto a ensinar pessoas – frequentemente grupos – que estavam interessados em aprender mais sobre abelhas. A maior parte das pessoas receava visitar as colmeias sem um fato protetor; o meu avô, por outro lado, nunca se dava ao trabalho de o vestir.

– Não me picam a não ser que eu queira – dizia ele com um aceno de mão. – Sabem que olho por elas.

Quer fosse verdade quer não, não me lembro de ele alguma vez ter sido picado enquanto tratava das colmeias. Contudo, como acreditava no folclore sulista segundo o qual o veneno de abelha atenuava a dor da artrite, todos os dias sem falta pegava em duas abelhas. Segurando-as pelas asas, provocava-as para que o picassem, uma vez em cada joelho. A primeira vez que o vi fazer aquilo, pensei que estava louco; como médico, compreendo agora que ele estava avançado para o seu tempo. Em estudos clínicos controlados, demonstrou-se de facto que o veneno da abelha alivia a dor da artrite. Se não acreditam em mim, pesquisem.

Eu já tinha tratado tantas vezes de colmeias que os passos seguintes foram automáticos. Enchi o fumigador com gravetos e peguei num isqueiro e numa faca, assim como num par de fatos, capuzes e luvas. Por impulso, tirei também da prateleira dois frascos de mel, e levei tudo para o alpendre da frente. Sacudi a poeira dos fatos e dos capuzes antes de os pendurar no gradeamento e empilhei tudo o resto na pequena mesa perto das cadeiras de baloiço. Nessa altura, era já uma e um quarto. A coisa não prometia no que tocava à vinda de Natalie, mas ainda pior seria se ela viesse dar comigo à sua espera no alpendre caso acabasse por aparecer. Um homem tem de ter algum orgulho, ao fim e ao cabo.

Voltei para dentro de casa, servi-me de um copo de chá doce do jarro que tinha feito na noite anterior e depois fui até ao alpendre das traseiras. O destino quis que, mal tinha bebido dois goles, ouvisse um carro a estacionar no acesso à casa. Não consegui conter um sorriso.

Atravessei a casa e abri a porta no momento em que Natalie estava a subir os degraus do alpendre. Vinha de calças de ganga e uma camisa com botões que realçava a sua pele morena. Os óculos de sol ocultavam-lhe os olhos e trazia o cabelo apanhado num rabo de cavalo despenteado, e tudo isso a tornava especialmente atraente.

– Olá – disse eu. – Fico contente que tenha decidido vir.

Empurrou os óculos de sol para o cimo da cabeça. – Desculpe o atraso. Tive de tratar de umas coisas esta manhã.

– Não há problema – disse eu. – A minha agenda está bastante livre o dia todo. – Depois, lembrando-me dos frascos que tinha trazido do barracão do mel, apontei para a mesa. – Peguei nestes para si – disse. – Como

mencionou que gostava do mel do meu avô.

– É muito atencioso da sua parte – murmurou ela. – Mas tem a certeza de que tem que chegue?

– Mais do que o suficiente. Demasiado, na verdade.

– Podia arranjar uma banca no mercado se quiser ver-se livre dele.

– Provavelmente, não vai dar – respondi. – Ao sábado
de manhã geralmente leio aos órfãos cegos. Ou salvo gatinhos de árvores.

– Está a exagerar um bocado, não lhe parece?

– Só estou a tentar causar-lhe boa impressão.

Um sorriso aflorou-lhe aos lábios. – Não sei se devia sentir-me lisonjeada.

– Oh – disse eu. – Decididamente lisonjeada.

– É bom saber, mas não posso prometer nada.

– Não estou a pedir que o faça – contrapus. – E, relativamente ao mel, como o Claude do Trading Post disse que me ficava com todo o que eu pudesse dispensar-lhe, suponho que a maior parte vai acabar lá.

– Então vou açambarcar algum antes que o resto da cidade descubra.

Por um instante, instalou-se um silêncio e o olhar dela prendeu-se no meu. Pigarreei, subitamente embaraçado. – Sei que veio visitar as colmeias, mas vamos sentar-nos nas traseiras primeiro para eu poder dizer-lhe com o que contar. Vai tornar as coisas um pouco mais claras quando estiver lá.

– Quanto tempo vai demorar?

– Pouco. Não mais de uma hora para tudo.

Tirou um telemóvel do bolso de trás das calças e viu as horas. – Deve dar. – Prosseguiu. – Prometi visitar os meus pais esta tarde. Estão na praia.

– Julguei que tinha de fazer tartes para a sua vizinha.

– Fi-las ontem.

– Muito eficiente – comentei. – Agora, entre – disse, acenando para a porta.

Os passos dela ecoavam atrás de mim ao passarmos pela salinha até à cozinha. – Parei. – Posso oferecer-lhe uma bebida?

Olhando para o copo húmido de frio do chá gelado que eu tinha na mão, assentiu com a cabeça e disse: – Bebo um copo disso, se não se importa.

– Boa escolha. Fi-lo ontem à noite, por acaso.

Peguei num copo, acrescentei uns cubos de gelo e enchi-o com o chá forte e doce que tirei do frigorífico. Passei-lho para as mãos e depois

encostei-me ao balcão a vê-la beber um gole.

– Não é mau.

– Tão bom como as suas tartes?

– Não.

Ri-me, a vê-la beber mais um gole e observar a casa. Apesar de tudo, sentia-me grato pelo que a minha mãe me tinha inculcado. Natalie, indubitavelmente, pensava agora em mim como uma pessoa arrumada, para além de encantadora. Ou talvez não. Eu sabia que estava interessado nela, mas ela continuava a ser um mistério para mim.

– Fez algumas alterações à casa – comentou ela.

– Embora adorasse viver numa cápsula do tempo, senti necessidade de modernizar a decoração.

– Também parece mais aberta.

– O meu avô tinha uma data de tralha. Livrei-me dela.

– Os meus pais são assim. Na prateleira por cima da lareira lá de casa, deve haver umas cinquenta fotografias emolduradas. Se se tentar limpar o pó a uma, as outras caem todas como peças de dominó. Não compreendo aquilo.

– Talvez seja porque quanto mais velhas as pessoas ficam mais importante se torna o passado? Porque têm menos futuro pela frente?

– Talvez – disse ela, sem acrescentar mais nada.

Sem conseguir interpretar o seu estado de espírito, abri a porta das traseiras. – Está pronta?

Segui-a para o alpendre das traseiras e vi-a instalar-se na mesma cadeira de baloiço que ocupara na primeira noite em que a conheci. Ao contrário de mim, não se recostou; em vez disso, manteve-se sentada na beira, como que pronta a levantar-se de um salto e fugir se tivesse de o fazer. Depois da nossa conversa bem-humorada, surpreendia-me que Natalie não estivesse mais descontraída, mas estava a começar a compreender que ela era cheia de surpresas.

Bebi um gole do chá, observando-a a olhar na direção do ribeiro, o seu perfil perfeitamente delineado.

– Acho que podia ficar uma eternidade a olhar para isto.

– Eu também – respondi, olhando só para ela.

Fez um sorrisinho irónico, mas decidiu deixar passar a minha observação.

– Alguma vez nada no ribeiro?

– Nadava, em pequeno. Nesta altura, a água ainda está demasiado fria.

– Talvez não seja pior. Ao que parece, alguém avistou uns jacarés um pouco mais acima.

– A sério?

– É bastante raro encontrá-los assim tanto a norte. Contactam-nos uma ou duas vezes por ano a dizer que os avistaram, mas eu nunca tive a sorte de ver nenhum. Tendem a ficar em lugares aonde não se consegue chegar de carro.

– Se alguma vez quiser ir dar um passeio no rio, tenho um barco ali mesmo.

– Era capaz de ser divertido – concordou ela antes de unir as mãos no regaço, subitamente séria de novo. – O que me queria dizer sobre as abelhas?

– Comecemos por isto – disse eu, pousando o copo. – O que sabe sobre as abelhas? E o que quer saber?

– Tenho cerca de uma hora, talvez um pouco mais. Portanto, diga-me o que achar que é importante.

– Muito bem – disse eu. – As colónias de abelhas têm um ciclo anual. No inverno, uma colmeia pode chegar a ter entre cinco e dez mil abelhas. Na primavera, quando o tempo aquece, a abelha-mestra começa a pôr mais ovos e a população vai aumentando. Durante os meses de verão, uma colmeia pode chegar a ter até cem mil abelhas, que é a razão pela qual um apicultor pode acrescentar mais uma câmara à colmeia. Depois, quando o outono se aproxima, a abelha-mestra começa a pôr menos ovos. A população começa a diminuir de novo, porque a colónia de algum modo sabe que não armazenou mel suficiente para alimentar todas as abelhas. No inverno, as abelhas restantes comem o mel para sobreviverem. Também se agrupam e vibram para criar calor de modo a que a colónia não morra de frio. Quando o tempo começa a aquecer, o ciclo inicia-se novamente.

Digeriu aquilo e depois ergueu a mão. – Espere lá – disse. – Antes de prosseguir, quero saber como aprendeu estas coisas todas. Foi o seu avô que o ensinou?

– Tratávamos juntos das colmeias sempre que eu cá estava de visita. Mas também o ouvi fazer palestras para uma data de pessoas diferentes. Quando andava no secundário, cheguei até a fazer um trabalho sobre abelhas

durante todo um semestre para a disciplina de Ciências.

– Só estava a certificar-me de que sabe do que está a falar. Continue.

Será que detetei um tom de namorico na voz dela? Estendi a mão para o chá mais uma vez, tentando não perder o fio à meada. A beleza dela desconcentrava-me.

– Cada colmeia tem uma só abelha-mestra. Partindo do princípio de que não adoece, a abelha-mestra vive entre três e cinco anos. Na fase inicial do seu ciclo de vida, a abelha-mestra põe-se a voar e é fertilizada por o máximo possível de abelhas machos antes de regressar à colmeia, onde porá ovos para o resto da vida. Os ovos transformam-se em larvas, a seguir em pupas e quando atingem a maturidade ficam prontas a servir a colmeia. Ao contrário da abelha-mestra, estas abelhas obreiras só vivem entre seis e sete semanas e passam por uma série de diferentes tarefas ao longo das suas curtas vidas. Na sua vasta maioria são fêmeas. Os machos chamam-se zangões.

– E tudo o que os zangões fazem é acasalar com a abelha-mestra e comer.

– Lembrou-se.

– Era difícil esquecer – disse ela. – O que acontece se a abelha-mestra morrer?

– As colónias de abelhas têm uma salvaguarda – respondi. – Seja qual for a época do ano, quando uma abelha-mestra está a enfraquecer ou não está a pôr ovos suficientes, as abelhas-amas começam a alimentar várias das larvas com uma substância chamada geleia real. Este alimento transforma as larvas em abelhas-mestras, e a mais forte ocupará o posto. Se necessário, essa nova abelha-mestra substituirá então a mais velha. A certa altura, voará para fora da colmeia e acasalará com tantos zangões quantos possa antes de regressar e passar o resto da vida a pôr ovos.

– Não é grande vida para a abelha-mestra.

– Sem ela, a colónia morre. É por isso que lhe chamam mestra ou rainha.

– De qualquer modo, seria de esperar que pudesse sair para ir às compras ou a um casamento de vez em quando.

Sorri, reconhecendo no humor dela algo aparentado com o meu. – Ora bem, ontem mencionei algumas das tarefas que as abelhas realizam durante o seu ciclo de vida, como limpar a colmeia ou alimentar as larvas, entre outras coisas. Mas a maioria das abelhas de uma colmeia recolhe pólen e

néctar. Muitas pessoas talvez pensem que pólen e néctar são a mesma coisa, mas não são. O néctar é o sumo adocicado no centro das flores. O pólen, por outro lado, é constituído pelos minúsculos grãos que se juntam nas anteras. Quer adivinhar qual deles leva ao fabrico do mel?

Comprimiu os lábios. – O néctar?

– Exatamente – disse eu. – As abelhas enchem os seus sacos de néctar, voltam para a colmeia e depois o néctar transforma-se em mel. As abelhas também têm glândulas que transformam algum do açúcar do mel em cera. E, a pouco e pouco, o mel vai sendo criado e armazenado.

– Como é que o néctar se transforma em mel?

– É um bocado nojento.

– Conte-me lá.

– Quando a abelha volta para a colmeia com a sua carga de néctar, passa-o de boca a boca a outra abelha, que faz o mesmo a outra, num processo que se repete até gradualmente a percentagem de humidade baixar. Quando fica suficientemente concentrado, torna-se aquilo a que chamamos mel.

Natalie fez uma careta. Por um segundo, consegui imaginá-la enquanto adolescente. – Isso é um bocado nojento.

– A Natalie quis saber...

– O que acontece com as abelhas que trazem o pólen?

– O pólen é misturado com o néctar para fazer pão de abelha. É com isso que alimentam as larvas.

– E a geleia real?

– Não sei como se faz – admiti. – Dantes sabia, mas esqueci-me.

– Pelo menos é sincero.

– Sempre – disse eu. – Mas isso leva-nos a outro ponto importante. Como as abelhas precisam de comer o mel para sobreviver no inverno, o apicultor tem de ter o cuidado de não retirar demasiado quando o colhe.

– Quanto é demasiado?

– O meu avô só colhia cerca de sessenta por cento do mel em cada colmeia, algum em junho e o resto em agosto. Alguns dos produtores maiores tiram uma percentagem mais elevada, mas geralmente não é boa ideia.

– Foi isso o que aconteceu às abelhas?

– O que quer dizer?

– Li uns artigos em que se dizia que as abelhas estavam a extinguir-se. E

que se isso acontecesse a humanidade não sobreviveria.

– Essa última parte é verdade. Sem as abelhas a levarem o pólen de planta em planta, muitas colheitas simplesmente deixariam de existir. Quanto à primeira parte, é provável que o declínio na população de abelhas tenha menos a ver com colheitas excessivas do que com o uso excessivo de produtos químicos para afastar as abelhas da colmeia. O meu avô nunca usava produtos químicos, porque, na realidade, não são precisos. Eu mostro-lhe quando formos às colmeias, mas penso que é tudo por agora. – Pousei o copo. – A não ser que haja mais alguma coisa que queira saber?

– Sim, sobre as abelhas-guardiãs. Porque é que se põem a zumbir à volta da cara das pessoas?

– Porque resulta – disse eu com uma risada. – As pessoas não gostam e recuam. Tenha presente que na natureza os ursos dão cabo das colmeias. A única maneira de uma abelha minúscula proteger a colmeia de um urso gigante é picá-lo nos olhos, no nariz ou na boca.

Hesitou. – Tudo bem. Mas continuo a não gostar delas.

– É por isso que vamos vestir um fato protetor. Está pronta?

Natalie levantou-se e entrou à frente na casa, parando na cozinha para pousar o seu copo. Entretanto, tirei duas colheres da gaveta da cozinha, embrulhei-as em papel de cozinha e meti-as ao bolso. Voltámos para o alpendre da frente e passei-lhe o fato mais pequeno.

– Vista-o por cima da roupa – disse eu. Descalcei-me e vesti o fato; Natalie fez o mesmo e eu assegurei-me de que todos os fechos estavam devidamente corridos. Depois de voltarmos a calçar os sapatos, passei-lhe para as mãos o capuz com rede – estava ligado a um chapéu com uma aba redonda – e as luvas e depois usei o isqueiro para acender o fumigador.

– O que é isso?

– É um fumigador. Acalma as abelhas.

– Como?

– As abelhas interpretam o fumo como sendo de um incêndio na floresta e começam a alimentar-se do mel para o caso de terem de transferir a colmeia para outro lado.

Peguei no resto do equipamento e fiz-lhe sinal para me seguir. Partimos na direção das colmeias, passando por arbustos de azáleas e chegando a uma zona cheia de cornizos, cerejeiras em flor e magnólias. O ar fervilhava com zumbidos e viam-se abelhas agrupadas em praticamente todas as

flores.

Ao fundo da propriedade, a vegetação tornava-se mais densa. Diretamente à nossa frente, avistei uma das colmeias; embora tivesse sido o meu avô a construir as suas, eram similares às que podiam comprar-se e montar-se ou às usadas por apicultores comerciais, consistindo essencialmente numa plataforma em que assentava uma pilha de câmaras de madeira com tampos. Como sempre, senti-me fascinado pela ideia de que era o lar de mais de cem mil abelhas.

– Devíamos parar aqui e pôr o resto do equipamento.

Depois de enfiarmos as luvas, aproximámo-nos da colmeia, com abelhas a esbarrarem na rede dos nossos capuzes.

Deixei entrar ar no fumigador e soltei algum fumo perto da colmeia antes de o pousar no chão.

– Basta esse?

– Não é preciso muito fumo – expliquei. – As abelhas tem um sentido de olfato apurado. – Apontei na direção de uma zona por baixo da beira do tampo. – Vê isto? É como as abelha entram e saem da colmeia.

Natalie deu um passo cauteloso a aproximar-se. – Quanto tempo temos de esperar para que o fumo faça efeito?

– Já está a fazer efeito – respondi. – Vão ficar calmas uns quinze ou vinte minutos.

– O fumo faz-lhes mal?

– De modo nenhum – respondi. – Deixe-me mostrar-lhe o interior da colmeia.

Levantei o tampo de cima – a cobertura externa, em linguagem de apicultor – e pu-lo de lado. A seguir, usando a faca, soltei a cobertura interna. Era sempre um pouco pegajosa, mas estava um pouco mais difícil de soltar por já não ser retirada há meses.

Depois de a soltar, pousei-a também no chão. – Venha dar uma espreitadela – disse. – As abelhas já não fazem mal.

Visivelmente receosa, espreitou por cima do meu ombro. Apontei para a câmara de cima. – A esta parte da colmeia chama-se melgueira. É a câmara da alimentação. Tem dez caixilhos pendurados, e é onde a maior parte do mel está armazenada.

Apontando para a câmara por baixo, prossegui. – A que está mesmo por baixo chama-se ninho.

– Uau – murmurou ela. Havia centenas de abelhas a rastejarem lentamente em cima dos caixilhos e entre eles. Natalie parecia genuinamente fascinada.

– Fico contente que estivesse interessada em vir aqui – disse eu. – De outro modo, provavelmente ter-me-ia esquecido de colocar os caixilhos rasos e as telas excluidoras da abelha-mestra. Só me lembrei quando os vi no barracão do mel.

– Para que servem?

– O caixilho raso proporciona armazenamento adicional à colmeia para a população maior de abelhas no verão. É como a cobertura externa, só que mais pequena. A tela excluidora destina-se a não permitir que a abelha-mestra escape.

– Não precisa deles o ano todo?

Abanei a cabeça. – Quer-se uma colmeia mais pequena no inverno para ser mais fácil mantê-la quente.

Na parte superior, as abelhas continuavam a rastejar com uma energia inabalável e determinação. Apontei para uma grande que parecia uma vespa. – Vê esta? – perguntei. – É um zangão.

Natalie olhou de mais perto e por fim apontou para outra. – Aquela também?

Acenei com a cabeça. – Como lhe disse, são em muito menor número do que as fêmeas, como o Hugh Hefner na Mansão da Playboy.

– Bela metáfora – disse ela com sarcasmo.

Sorri. – Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Tirei as luvas, enfiei a mão na colmeia e peguei com delicadeza numa das abelhas-obreiras pelas asas. Ela continuava dócil por causa do fumo. Com a unha do polegar da outra mão, provoquei-a até ela tentar picar-me na unha.

– O que é que está a fazer? – segredou Natalie. – Está a tentar irritá-la?

– As abelhas não se irritam. – Manipulei de novo a abelha, e de novo ela tentou picar-me, três, quatro e depois cinco vezes. – Veja isto – prossegui. Pousei a abelha nas costas da mão e soltei-lhe as asas. Em vez de continuar a tentar picar-me, a abelha deu uns passos e depois voou lentamente de volta à melgueira.

– A abelha não quer saber de mim ou do que acabei de lhe fazer – disse eu. – Só estava a tentar proteger-se. Agora que a ameaça desapareceu, não guarda rancor.

Através da rede, vi em Natalie uma expressão de fascínio e de um novo respeito.

– Interessante – disse ela. – Muito mais complexo do que eu imaginava.

– As abelhas são seres extraordinários – disse eu, ouvindo o eco da voz do meu avô. – Quer ver o mel? E as larvas?

– Adorava – respondeu ela. Com a faca, soltei um dos caixilhos na beira superior e depois o outro lado para poder tirá-lo lentamente. Enquanto o fazia, vi que Natalie arregalava os olhos; o caixilho estava coberto com centenas de abelhas em ambos os lados. Depois de o verificar e de constatar que as células não tinham a variedade que eu queria, voltei a enfiá-lo na colmeia. – Devia haver um melhor – comentei. – Ainda estamos no princípio da época.

Tive de tirar três caixilhos para encontrar o que pretendia, que retirei completamente da colmeia. Tal como os outros, estava coberto de abelhas, e ergui-o em frente a Natalie. – Lembra-se de lhe ter dito que os grandes produtores usam produtos químicos para afastar as abelhas das colmeias? Para poderem colher o mel?

– Lembro.

– Aqui está a razão pela qual não são precisos produtos químicos. – Recuei um passo e com um movimento rápido sacudi o caixilho para cima e para baixo. Quase todas as abelhas saíram a voar e eu segurei o caixilho praticamente vazio em frente a ela. – É quanto basta para afastar as abelhas do caixilho para poder tirar o mel – expliquei. – Só uma sacudidela rápida.

– Então porque é que os grandes produtores usam produtos químicos?

– Não faço ideia – respondi. – Ainda não consegui compreender isso.

Posicionei o caixilho de modo a poder ver-se melhor e apontei para as várias células enquanto falava. – Estas células aqui em cima ao canto, cobertas de cera, estão cheias de mel. Estas mais claras aqui em baixo contêm larvas e ovos. E as vazias estarão cheias de mel no fim do verão.

Mais à vontade com a colmeia agora, Natalie aproximou-se ainda mais. Ainda estavam algumas abelhas no caixilho, e ela estendeu lentamente um dedo da mão enluvada na direção de uma delas, maravilhando-se quando ela a ignorou completamente. Uma outra rastejou lentamente pelo seu dedo enluvado e depois voltou para o caixilho. – Não estão zangadas por ter sacudido todas as amigas delas?

– Nada.

– E as abelhas assassinas?

– São diferentes – respondi. – Como colónia, são muito mais agressivas na proteção da sua colmeia. Estas abelhas podem enviar umas dez ou quinze abelhas guardiãs quando sentem que a colmeia está a ser ameaçada, mas as abelhas assassinas enviam centenas delas. Há algumas teorias históricas e evolucionárias da razão para tal, mas, a não ser que esteja realmente interessada, podemos guardar isso para outra ocasião. Quer provar o mel?

– Agora?

– Porque não? Estamos aqui.

– Está... pronto?

– Está perfeito – garanti-lhe. Meti a mão ao bolso, tirei as colheres e desembrulhei-as. Estendi-lhe uma. – Não se importa de segurar nisto por um segundo?

Pegou na colher e eu usei a outra para esmagar a cera de algumas células. Um mel cru e puro escorreu para a colher. – Troco consigo – disse eu.

Natalie pegou na colher com mel e eu repeti a operação com a outra. – Segure também nesta por um segundo, OK?

Ela assentiu com a cabeça. Os seus olhos iam de mim para o mel, dourado à luz do sol. Voltei a montar a colmeia, peguei no fumigador e na faca e depois ela deu-me uma das colheres. Afastámo-nos das colmeias em direção ao barracão. Quando já estávamos a uma distância segura, fiz-lhe sinal de que podia tirar o capuz e as luvas.

Quando vi o seu rosto sem a rede, estava com um brilho de excitação e interesse, a pele húmida com uma leve camada de transpiração. Ergui a colher, como se estivesse a fazer um brinde. – Pronta?

Bati com a minha colher na dela e a seguir comi o mel, achando-o suficientemente doce para me pôr os dentes a doer. Depois de Natalie provar o dela, fechou os olhos e inspirou fundo. – Sabe a...

– Flores?

– E é delicioso. Mas sim, há um paladar floral bastante forte.

– O mel tem um sabor diferente dependendo de onde a colmeia está localizada, porque o néctar que as abelhas recolhem é diferente. É por isso que há tipos de mel mais doces do que outros, alguns têm um sabor ligeiramente mais frutado, outros mais florais. É um pouco como o vinho.

– Não sei bem se tinha reparado numa grande diferença nos sabores até

agora.

– A maior parte do mel comercial é mel de trevos. As abelhas adoram trevos, aliás, é a razão pela qual há uma parte do terreno com trevos na propriedade. Mas o mel é também um dos alimentos mais manipulados e objeto de mentiras à face da Terra. Muito do mel comercial é de facto mel misturado com xarope de milho. Tem de se ter cuidado onde se compra.

Ela acenou com a cabeça, mas parecia estar numa espécie de transe, como se a combinação do sol, do zumbido calmante das abelhas e do elixir do mel a tivesse relaxado e feito baixar as defesas que geralmente erguia à sua volta. Tinha os lábios entreabertos e húmidos, os olhos de um azul intenso sonolentos e translúcidos. Quando o seu olhar se desviou da colmeia para se fixar no meu, senti uma atração quase hipnótica.

Dei um passo na direção dela, com a respiração a soar-me alto aos ouvidos. Ela parecia perceber como eu me estava a sentir e ter ficado lisonjeada. Mas num instante controlou-se e pegou no capuz e nas luvas, cortando o fio daquele momento.

Forcei-me a falar. – Gostava de ver como o mel é extraído? Só demora uns minutos.

– Sim, claro.

Sem mais uma palavra, encaminhámo-nos para o barracão do mel. Quando chegámos lá, ela entregou-me o capuz e as luvas e depois pôs-se a despir o fato protetor. Eu fiz o mesmo e voltei a arrumar tudo no lugar. Afastei o extrator manual da parede. Ela aproximou-se para inspecionar o extrator, mas teve o cuidado de se manter a uma distância segura.

– Para colher o mel, tiram-se caixilhos da colmeia, sacodem-se as abelhas e metem-se os caixilhos no carrinho de mão para os trazer para aqui – comecei a dizer, recuperando a compostura de modo lento mas seguro. – Depois, um de cada vez, metem-se os caixilhos no extrator, entre estas ranhuras. Dá-se à manivela, o que faz girar o caixilho. As forças centrífugas arrancam o mel e a cera dos favos. – Dei à manivela, demonstrando como funcionava. – Depois de o mel ser retirado do caixilho, coloca-se um destes sacos de nylon num balde de plástico, põe-se por baixo do bocal do extrator, abre-se o bocal e deixa-se o mel escorrer para o balde. O saco de *nylon* retém a cera, mas deixa passar o mel. Depois disso, o mel é metido em frascos e está pronto a ser consumido.

Em silêncio, Natalie pôs-se a olhar em volta do barracão, vagueando de

uma zona para outra e detendo-se por fim em frente ao caixote do lixo. Levantou o tampo e viu o graveto e as aparas de madeira; pela sua expressão, soube que tinha compreendido que o seu conteúdo era para ser usado no fumigador. Examinou a parede da parte de trás, a observar todo o equipamento, e acenou com a mão às filas de frascos de mel rotulados.

– Está tudo tão organizado aqui dentro.

– Sempre – concordei.

– O meu pai tem um barracão como este – comentou, virando-se novamente para mim. – Onde tudo tem um propósito, tudo tem o seu lugar.

– Ai sim?

– Compra transístores e fonógrafos velhos, dos anos 1920 e 1930, e depois conserta-os num barracão por trás da nossa casa. Eu adorava ficar lá em pequena quando ele estava a trabalhar. Ele tinha um banco alto com costas e usava uns óculos que ampliavam tudo. Ainda me lembro de como os olhos dele ficavam grandes. Mesmo agora, sempre que visito os meus pais em La Grange, o barracão é normalmente onde nós os dois falamos sobre a vida.

– É um passatempo invulgar.

– Penso que ele o acha tranquilizante. – Soava nostálgica. – E também sente orgulho. Há uma secção inteira na loja com aparelhos restaurados.

– Vende algum deles?

– Muito raramente. – Riu-se. – Nem toda a gente partilha o fascínio dele por aparelhos eletrónicos restaurados. Por vezes, fala em abrir um pequeno museu, talvez ao lado da loja, mas já fala disso há anos, portanto quem sabe?

– O que é que a sua mãe faz enquanto o seu pai se dedica aos restauros?

– Faz bolos – respondeu ela. – E é por isso que sei fazer uma ótima massa de tarte. E vende os bolos que faz na loja, a não ser que nós os comamos primeiro.

– Dá ideia de que os seus pais são boa gente.

– E são – disse ela. – Preocupam-se comigo.

Fiquei calado, à espera que ela prosseguisse, mas não o fez. Por fim, espicacei-a delicadamente. – Porque é delegada do xerife.

– Em parte – concordou. Depois, como se se apercebesse de que a conversa se tinha desviado para uma direção que não pretendia, encolheu os ombros. – Os pais preocupam-se sempre. É natural. Mas isso recorda-me

que devia ir indo. Eles estão à minha espera.

– Claro – disse eu. – Acompanho-a até ao carro.

Saímos do barracão e descemos o caminho até ao carro. Ela conduzia um *Honda* antigo, prateado, um carro prático que provavelmente tencionava manter enquanto funcionasse. Abri-lhe a porta do lado do condutor; dentro, vi a mala de mão dela no lugar do passageiro e um pequeno crucifixo pendurado no espelho retrovisor.

– Gostei imenso – disse ela. – Obrigada.

– Eu também – respondi. – E não tem de quê.

O sol batia-lhe nas costas, o que tornava difícil interpretar o seu rosto, mas quando pousou a mão ao de leve no meu antebraço, pressenti que, tal como eu, não queria que o dia acabasse naquele momento.

– Quanto tempo vai ficar com os seus pais?

– Pouco – respondeu. – Fico lá umas horas e depois volto para casa. Tenho de trabalhar amanhã de manhã.

– E se nos encontrássemos para jantar logo? Quando voltar?

Olhou-me com atenção e depois deu uma resposta evasiva. – Não sei bem a que horas chego.

– Qualquer hora está bem – disse eu. – Podia mandar-me mensagem quando estivesse a sair de casa dos seus pais e eu encontrava-me consigo algures.

– Eu... hum...

Parou de falar antes de meter a mão ao bolso e tirar as chaves.

– Não gosto de sair em New Bern – disse por fim.

Embora pudesse ter-lhe perguntado a razão, não o fiz. Em vez disso, recuei um passo, a dar-lhe espaço. – É só um jantar, não um compromisso. Toda a gente tem de comer.

Ela não disse nada, mas em parte comecei a suspeitar que queria aceitar. Quanto ao motivo pelo qual estava a retrair-se, eu ainda não sabia ao certo.

– Podia encontrar-me consigo na praia, se achar melhor – propus.

– Fica fora de mão para si.

– Ainda não fui à praia desde que voltei – disse eu. – Já estava para ir.

Bem, na realidade não. Não até este momento, de qualquer modo.

– Não conheço restaurantes bons na praia – disse ela.

– Então, e Beaufort? Deve haver algum sítio de que goste lá.

Enquanto esperava pela resposta de Natalie, ela pôs-se a fazer tilintar as

chaves. – Há um sítio... – começou a dizer, numa voz quase inaudível.

– Seja onde for – disse eu.

– O Blue Moon Bistro – disse ela apressadamente, quase como se receasse mudar de ideias. – Mas não pode ser muito tarde.

– Escolha a hora. Encontro-me consigo lá.

– Pode ser às seis e meia?

– Perfeito.

– Mais uma vez obrigada pela lição de apicultura de hoje.

– Tive todo o prazer – respondi. – Gostei de passar este tempo consigo.

Natalie suspirou levemente ao entrar para o lugar do condutor. – Eu também.

Fechei a porta do carro e ela rodou a chave na ignição. O motor começou a trabalhar, e, olhando por cima do ombro, ela fez marcha-atrás. Quando o carro parou e depois começou a avançar, refleti sobre o mistério de Natalie Masterson. Ora confiante, ora vulnerável, reveladora e reservada, parecia ser uma mulher de instintos complexos.

De qualquer modo, o que começara como um namorico divertido estava já a transformar-se em algo mais profundo, num desejo de estabelecer uma ligação com uma mulher misteriosa e tentar compreendê-la verdadeiramente. Também não conseguia afastar o desejo de estabelecer uma ligação com a verdadeira Natalie – de transpor o muro que ela parecia sentir-se obrigada a construir entre nós – e, talvez, formar algo ainda mais profundo e com sentido entre nós. Embora até mesmo a mim parecesse uma ideia romântica que roçava o ridículo – recordei a mim mesmo que não a conhecia realmente – ao mesmo tempo sei o que o meu avô teria dito.

Confia nos teus instintos, tal e qual como as abelhas.

Ao voltar para casa, avistei os frascos de mel na mesa do alpendre e dei-me conta de que ela se tinha esquecido de os levar. Meti-os no meu SUV e depois passei o resto da tarde no alpendre das traseiras com um livro de estudo no colo, a tentar não pensar em Natalie ou mesmo nos meus sentimentos, mas tendo muita dificuldade em concentrar-me. Em vez disso, pus-me a recordar os momentos que tínhamos passado juntos uma e outra vez, admitindo por fim a mim mesmo que estava simplesmente a contar os minutos até poder voltar a vê-la.

CAPÍTULO 6



O que vestir?

Normalmente, não pensaria duas vezes no assunto, mas dei comigo a pesquisar o restaurante no Google para ficar com uma ideia melhor do tipo de roupa adequada. Tanto quanto pude ver, era um restaurante de bom gosto e encantador. Localizado numa casa histórica, as fotografias mostravam um soalho de pinho, mesas pequenas com toalhas brancas e bastante luz natural a entrar pelas janelas. Supus que poderia ir de calças de ganga, mas por fim decidi-me pela indumentária básica desportiva: calças beges escuras, camisa branca, casaco desportivo azul-marinho e *mocassins*. Só precisava de um lenço ao pescoço para poder pôr-me a dizer coisas como: *Alguém interessado em ir dar uma volta de iate?*

Demoraria um pouco menos de uma hora a chegar lá, mas, como não queria chegar tarde, atravessei a ponte para Beaufort com pelo menos quarenta e cinco minutos de antecedência. A cidade ficava à beira da estrada costeira e estacionei perto da beira-mar, a pouca distância do restaurante. Do outro lado da água, avistei um par de cavalos selvagens a pastarem numa das muitas ilhas junto à costa típicas da Carolina do Norte. O meu avô tinha-me dito que estes cavalos descendiam dos *mustangs* que sobreviveram aos naufrágios de navios espanhóis ao largo da costa, mas quem sabia se era verdade?

Decidi empregar o tempo que me sobrava a dar uma vista de olhos pelas galerias de arte na marginal. A maior parte das obras era de artistas locais e apresentava temas de praia ou da arquitetura histórica de Beaufort. Numa das galerias vi uma pintura de uma casa onde se dizia que vivera o pirata Blackbeard. Recordava vagamente que os destroços do navio do Blackbeard, o *Queen Anne's Revenge*, haviam sido descobertos na enseada de Beaufort. O proprietário da galeria confirmou a minha ideia, embora

também tenha admitido que havia alguma incerteza quanto àquela coisa toda. Calculou-se que os destroços eram do tamanho correto e que os canhões que foram encontrados no fundo do mar eram desse período, mas não havia nada que indicasse especificamente o nome do navio. Não era propriamente como se tivessem conseguido abrir o porta-luvas e ver o livrete do barco, e o oceano pode causar muitos estragos em trezentos anos.

Dirigindo-me de novo para junto do mar, reparei que o sol estava a pôr-se lentamente, lançando um prisma dourado sobre a água. Luz celestial, era como o meu avô lhe chamava, e eu sorri, a recordar-me de todas as ocasiões em que ele me tinha trazido aqui para passar a tarde na praia, seguida por um gelado de cone em Beaufort. Ao recordar, fiquei espantado com o tempo todo que ele me dispensara sempre que eu vinha visitá-lo. Dei comigo a pensar de novo na sua estranha viagem a Easley, na minha última visita e nas suas intrigantes palavras finais para mim.

Vai para o além...

Não querendo matutar naquilo, afastei o pensamento. Estavam a aproximar-se as seis e meia e parti em direção ao restaurante, perguntando-me se Natalie viria. Nesse momento, contudo, vi o carro dela a estacionar num espaço livre perto do meu. Virei nessa direção e cheguei ao seu carro quando ela estava a sair.

Trazia agora um vestido florido com a gola subida e sem mangas que acentuava as suas formas, botas pretas com um tacão não muito alto e uma camisola a pender-lhe do braço. Um fio de ouro à volta do seu pescoço brilhava à luz do fim do dia. Quando se debruçou para tirar a mala do carro, reparei em como todos os seus movimentos eram graciosos. Os braços e as pernas eram elegantes e firmes, fazendo deslizar o tecido fino do vestido à volta dela num movimento tentador.

Fechou a porta do carro e quando se virou sobressaltou-se.

– Oh, olá – disse. – Não estou atrasada, pois não?

– De facto, chegaste uns minutos adiantada – respondi. – Estás fantástica.

Ajustou o fio, como se a confirmar que o berloque (ou medalhão?) estava fora de vista. – Obrigada – disse. – Acabaste de chegar?

– Vim um pouco mais cedo – disse eu. – Como correu a visita aos teus pais?

– Como de costume. – Suspirou. – Quando o meu pai está na casa da

praia, gosta de ler no alpendre das traseiras. A minha mãe tem andado a decorar a casa aos poucos desde que a compraram e estava mortinha por me mostrar a nova decoração do quarto das visitas. Eu adoro-os, mas por vezes passar algum tempo com eles dá a sensação do filme *O Feitiço do Tempo*, em que todos os dias são o mesmo.

Acenei na direção do restaurante. – Queres entrar já?

– Deixa-me vestir a camisola. Está um bocado fresco, não achas? – Estendeu-me a mala. – Podes segurar-me na mala por um segundo?

Enquanto enfiava a camisola, dei comigo a perguntar-me se se sentiria pouco à vontade no bonito vestido justo que revelava as suas formas. Eu não tinha frio nenhum.

Ajustando a camisola bem ao corpo, pegou na mala e atravessámos a rua. Havia poucas pessoas por ali; a cidade, observei, era ainda mais pacata do que New Bern.

– Quando foi a última vez que comeste no Blue Moon Bistro?

– Já foi há algum tempo – respondeu. – Talvez há um ano e meio.

– Porquê há tanto tempo?

– A vida. O trabalho. As tarefas. A não ser que venha visitar os meus pais, fica um pouco fora de mão. Em regra, tendo a passar noites mais tranquilas em casa.

– Nunca vais sair com os teus amigos?

– Nem por isso, não.

– Porque não?

– A vida. O trabalho. As tarefas – repetiu. – Como ainda estou nos degraus mais baixos no trabalho, o meu horário muda muito. Por vezes, trabalho durante o dia, outras vezes é à noite, e muda regularmente. Pode ser um problema marcar coisas com amigos.

– Isso é inconveniente – disse eu.

– Pois é – concordou. – Mas paga as contas. E eu sou muito responsável.

– Sempre?

– Tento ser.

– Isso é uma pena.

– Não, não é.

– Discordo – disse eu. – No final, as pessoas geralmente arrependem-se de não terem feito certas coisas, não das coisas que fizeram.

– Quem te disse isso? – perguntou ela, trocista.

– O senso comum?

– Tenta de novo.

– O meu psiquiatra?

– Ele disse realmente isso?

– Não, mas tenho a certeza de que era capaz de o dizer. É um tipo muito esperto.

Riu-se, e notei como estava diferente da primeira noite em que a conheci. Era quase como se a farda tivesse a capacidade de transformar a sua personalidade. Mas depois apercebi-me de que poderia dizer-se o mesmo de mim. Com bata ou equipado para uma cirurgia, era uma pessoa; vestido como um velejador, era outra diferente.

Quando chegámos ao restaurante, uma adolescente deu-nos as boas vindas. Cerca de metade das mesas estavam ocupadas. Ela tirou duas ementas de uma coluna e conduziu-nos a uma pequena mesa perto de uma das janelas. A cada passo, eu escutava os rangidos do soalho, os sons da idade e da história.

Puxei a cadeira para Natalie se sentar e depois sentei-me em frente a ela. Pela janela, a vista não oferecia grande coisa; apenas um outro edifício histórico do outro lado da rua. Nem vista de água nem potencial pôr do sol, nem cavalos selvagens. Como se me lesse a mente, Natalie inclinou-se sobre a mesa.

– É antiquado, mas a comida é muito boa – disse. – Confia em mim.

– Alguma coisa em particular que eu devesse pedir?

– É tudo ótimo – assegurou-me.

Assenti com a cabeça e depois de estender o guardanapo sobre o regaço pus-me a ler a ementa. – O meu médico desaconselhou-me a comer marisco – anunciei.

– Ai sim? Porquê?

– Porque não ganho para isso...

Natalie revirou os olhos, mas vi que sorriu ligeiramente. No silêncio, voltei a olhar para a ementa e depois lembrei-me de súbito do que tinha deixado no carro.

– É verdade, esqueceste-te de levar os frascos de mel que te dei.

– Apercebi-me mal cheguei a casa.

– Bem, de qualquer maneira trouxe-tos, por isso lembra-me quando sairmos.

A empregada chegou à nossa mesa e perguntou-nos o que queríamos beber. Ambos pedimos chá gelado e água. Quando voltámos a ficar sozinhos, tentei não a olhar fixamente, apesar do halo brilhante do seu cabelo à luz das velas que enquadrava as suas feições delicadas e os seus olhos de uma cor pouco vulgar. Em vez disso, fiz por aprender mais coisas sobre ela, ansioso por pormenores sobre o seu passado e tudo o que moldara a pessoa que ela era agora.

– Então o teu pai conserta aparelhos eletrónicos antigos, a tua mãe faz bolos e decora a casa – resumi. – E os teus irmãos? O que me podes contar sobre eles?

Encolheu os ombros. – Estão ambos num frenesim de bebés neste momento – disse. – Ou antes, num frenesim de bebés que já andam. Ambos têm dois filhos com menos de três anos. Até mesmo comparados comigo, não têm vida própria.

– E tu?

– Já te falei sobre a minha vida.

Algumas coisas, mas não verdadeiramente. – Diz-me como eras em criança.

– Não é assim tão excitante quanto isso. Era bastante tímida em pequena, embora adorasse cantar – começou a dizer. – Mas muitas raparigas adoram cantar, e eu não fiz propriamente carreira disso. Acho que comecei a ganhar mais confiança no secundário, e finalmente escapei à sombra dos meus irmãos mais velhos. Consegui o papel principal no musical da escola, fiz parte do comité do livro de curso, até joguei futebol.

– Temos isso em comum – disse eu. – Música e futebol.

– Eu lembro-me – disse ela. – Mas acho que não era tão boa como tu em nenhuma das duas coisas. Jogava futebol principalmente para poder passar mais tempo com as minhas amigas. Só comecei no último ano do secundário, e devo ter marcado apenas um golo na época toda.

Escolhi rapidamente os tomates verdes fritos como entrada e atum como prato principal, pondo de lado a ementa ao mesmo tempo que ela.

– Andaste no secundário em La Grange?

– La Grange é uma terra demasiado pequena para ter uma escola secundária, por isso acabei por ir para a Academia de Salem. Já ouviste falar dela? – Como eu abanei a cabeça, ela prosseguiu. – É um colégio interno feminino em Winston-Salem – disse. – A minha mãe andou lá, e a

minha irmã mais velha, a Kirsten, também. O meu irmão andou em Woodberry Forest, na Virgínia, mas começou lá no terceiro ciclo. Os meus pais davam muita importância à educação, mesmo que significasse despachar-nos para colégios internos.

– Gostaste?

– A princípio não. Embora a minha irmã andasse lá, eu sentia saudades de casa e tive péssimas notas. Acho que adormeci a chorar todas as noites durante meses. Mas acabei por me habituar. Quando terminei o secundário, já adorava aquilo, e ainda me mantenho em contacto com algumas das raparigas que conheci lá. Acho que sair de casa para ir para um colégio interno me ajudou quando fui para a universidade. Quando me mudei para a residência universitária no primeiro ano, como já estava acostumada a viver sem os meus pais a transição foi muito fácil. Mas ainda não tenho a certeza se seguiria essa via com os meus filhos. Se alguma vez tiver filhos, quero dizer. Acho que ia sentir demasiadas saudades deles.

– Gostavas de ter filhos?

Demorou uns momentos a responder. – Talvez – respondeu por fim. – Não neste momento. E, tanto quanto sei, pode nunca acontecer. O futuro continua por escrever, certo?

– Suponho que sim.

Natalie pousou a ementa em cima da minha na beira da mesa. Vi o seu olhar recair sobre a minha mão afetada. Em vez de a esconder, estendi os dedos que me restavam. – Parece estranho, não parece? – comentei.

– Não. – Abanou a cabeça. – Peço desculpa. Foi indelicado da minha parte pôr-me a olhar...

– É compreensível. Embora eu esteja acostumado, ainda me parece estranho. Mas ficar sem dedos é melhor do que ficar sem uma orelha.

Ao ver a sua expressão perplexa, apontei para a parte lateral da minha cabeça. – Esta orelha não é verdadeira – disse. – É uma prótese.

– Não adivinharia se não me dissesses.

– Não sei bem porque o fiz.

Mas sabia a razão. Por muito que a quisesse conhecer, também queria que ela conhecesse o meu verdadeiro eu; sentir que eu poderia ser completamente aberto com ela. Ficou em silêncio por um momento e pensei que iria mudar de assunto ou até pedir licença e ir à casa de banho. Em vez disso, surpreendeu-me ao estender a mão e traçar delicadamente os cotos

com cicatrizes onde outrora se encontravam os meus dedos. O seu toque foi como um choque elétrico.

– A explosão deve ter sido... horrível – disse ela, com a ponta do dedo ainda na minha pele. – Tenho pensado nisso desde que me contaste. Mas não entraste em pormenores. Gostava de os ouvir, se te sentires à vontade para me contar.

Apresentei-lhe uma versão condensada da história: a explosão fortuita do morteiro depois de eu ter saído do edifício, um clarão súbito de calor escaldante e a seguir um vazio até acordar depois das minhas primeiras cirurgias. Os voos para a Alemanha e a seguir para os Estados Unidos, e a série de cirurgias adicionais e fisioterapia nos hospitais Walter Reed e Johns Hopkins. A certa altura, enquanto eu estava a falar, ela tirou a mão da minha, mas, mesmo depois de eu ter acabado de falar, ainda conseguia sentir os vestígios fantasmagóricos do toque dela.

– Lamento que tenhas tido de suportar tudo isso – disse ela.

– Se pudesse voltar atrás no tempo, teria saído do hospital uns minutos mais cedo ou mais tarde. Mas não posso. Quanto ao momento presente, estou a tentar avançar de forma positiva.

– Aposto que os teus pais continuam a sentir orgulho em ti.

Mal ela disse aquilo, lembrei-me das experiências anteriores em que contara o que lhes tinha acontecido. Sabia que devia dizer simplesmente algo ambíguo como *Espero que sim*, sem entrar em pormenores, mas da maneira como Natalie estava a olhar para mim compreendi que não queria guardar as palavras cá dentro.

– Os meus pais morreram um mês antes de eu acabar o curso. Iam de viagem para Martha's Vineyard, um qualquer serão político que, a longo prazo, provavelmente não tinha importância. Um cliente tinha fretado um avião, mas não chegaram ao destino. O avião despenhou-se na Virgínia menos de cinco minutos depois de descolar.

– Oh, meu Deus! Isso é horrível!

– Foi – disse eu. – Um dia estavam vivos, no seguinte já cá não estavam e eu fiquei destroçado. A coisa toda parecia surreal... ainda parece, por vezes. Eu só tinha vinte e dois anos, mas ainda me dava a sensação de ser mais um adolescente do que um adulto. Ainda me lembro de o meu comandante vir à aula chamar-me ao gabinete dele para me dar a notícia.

Hesitei, as recordações ainda bem vívidas na minha mente.

– Como já estava praticamente no fim do ano, a Academia deu-me licença para ir tratar de tudo, o que, de certa maneira, foi ainda mais surreal. O meu avô veio ajudar-me, mas mesmo assim... Tive de arranjar uma agência funerária e escolher caixões e um vestido para a minha mãe e um fato para o meu pai, calcular o que teriam querido no serviço fúnebre. Tinha falado ao telefone com eles apenas uns dias antes.

– Ainda bem que o teu avô esteve lá para te dar apoio.

– Precisávamos um do outro, disso não há dúvida. Ele já tinha perdido a mulher e acabava de perder a sua única filha. Acabámos por voltar de carro para New Bern depois dos serviços fúnebres, e acho que nem um nem o outro dissemos uma só palavra durante toda a viagem. Só quando chegámos a casa dele é que conseguimos falar daquilo, e ambos vertemos muitas lágrimas nessa semana. Era tão triste para mim pensar em todas as coisas que eles nunca teriam a oportunidade de fazer ou em como seria o meu futuro sem eles.

– Não consigo imaginar perder os meus pais assim.

– Há momentos em que continuo a não conseguir. Já foi há mais de dez anos, mas por vezes ainda dá a sensação de que devia poder pegar no telefone e falar com eles.

– Não sei o que dizer.

– Ninguém sabe. É difícil para as pessoas compreenderem. Quero dizer, quem se torna órfão aos vinte e dois anos? Não há muitas pessoas que tenham alguma vez de lidar com algo semelhante.

Ela desviou o olhar, como se ainda estivesse a tentar processar o que eu tinha dito, no momento em que a empregada veio perguntar o que queríamos comer. Quase de forma mecânica, Natalie pediu uma salada de beterraba e peixe e eu pedi o que escolhera antes. Quando a empregada se afastou, Natalie olhou para mim.

– Quando eu era mais nova, a minha melhor amiga morreu. Sei que não é nem de longe a mesma coisa, mas lembro-me de como foi horrível.

– O que é que aconteceu?

– Tínhamos as duas doze anos. Ela vivia duas portas abaixo, e o aniversário dela era só uma semana antes do meu. Os nossos pais eram amigos, por isso praticamente crescemos juntas. Andávamos na mesma escola, fomos da mesma turma todos os anos, até frequentámos as duas as mesmas aulas de dança. Na altura, acho que me sentia mais próxima da

Georgianna do que da minha irmã ou do meu irmão. Mesmo quando não estávamos juntas, estávamos sempre a falar ao telefone. Bom, viemos a pé da escola para casa as duas. Lembro-me de que estávamos a falar sobre um rapaz chamado Jeff, que ela achava giro, e estava a perguntar-se se ele também gostaria dela. Dissemos adeus à porta da minha casa e lembro-me de lhe dar um abraço de despedida. Dávamos sempre um abraço. Seja como for, cerca de uma hora depois, apeteceu-lhe um gelado e por isso decidiu ir a pé a uma loja a uns três quarteirões de distância. No caminho, foi atropelada por um condutor bêbedo e morreu.

Vi pela expressão dela que estava a reviver o momento e mantive-me em silêncio. Quando ela finalmente se deu conta de que eu não tinha reagido, abanou a cabeça.

– Como disse, não é o mesmo que perder ambos os pais.

– Eu também não perdi o meu melhor amigo quando era novo. Lamento muito a tua perda.

– Obrigada – disse ela. – Depois, mostrando uma animação forçada, acrescentou: – Olha só para nós. A nossa conversa podia ser mais deprimente do que isto?

– Prefiro pensar que resulta de estarmos os dois a ser francos um com o outro.

– Mesmo assim, não é o melhor tópico para um jantar.

– Do que preferias falar?

– De qualquer coisa.

– Está bem – disse eu. – O que mais me podes contar sobre a tua vida em pequena? Coisas boas, quero dizer.

– Como o quê?

– Tiveste animais de estimação? – Como parecia cética, acrescentei: – Só estou a tentar fazer uma ideia de quem eras.

– Tivemos um cão e um gato durante a maior parte da minha infância. Chamavam-se *Fred* e *Barney*.

– Dos *Flintstones*?

– Exatamente.

– E as férias de família?

– Fazíamos muitas – respondeu. – Íamos ao Disney World de dois em dois anos, íamos esquiar em West Virginia ou no Colorado e alugávamos uma casa nos Outer Banks duas semanas todos os verões. Uns avós viviam

em Charlotte e outros perto de Boone, e também os visitávamos. Fazíamos muitas viagens longas de carro, que eu costumava detestar... mas agora acho que nos ajudou a estreitar os laços como família.

– Parece-me idílico.

– E era – disse ela, aparentemente a ficar mais à vontade para falar da sua vida. – Não tenho queixas da nossa vida em família.

– Não conheço muitas pessoas que possam dizer isso. Julguei que toda a gente tinha problemas com os pais.

– Não estou a dizer que eram perfeitos, mas foi mais fácil para mim e para os meus irmãos porque eles se dão muito bem. Se tivermos em conta o facto de trabalharem juntos todo o dia e depois irem para casa juntos, seria de esperar que se sentissem fartos um do outro. Mas o meu pai continua a ser louco pela minha mãe e ela adora-o. Ríamo-nos muito, e jantávamos juntos todas as noites em família.

Sorri, maravilhado com a diferença entre as nossas infâncias. – O que te levou a escolher a Universidade Estatal da Carolina do Norte? Depois de acabares o secundário?

– Foi onde o meu pai estudou – respondeu ela. – A minha mãe andou na Meredith, que é uma faculdade feminina em Raleigh. Mas, depois da Academia de Salem, eu queria uma universidade grande, pública e mista. Também sabia que faria o meu pai feliz. De facto, acabámos por frequentar os três essa universidade. Somos todos fãs ferrenhos dos Wolfpack, para o caso de te estares a perguntar. Até a minha mãe se converteu. O meu pai tem bilhetes para a temporada e costumamos ir sempre a um jogo em família uma ou duas vezes por ano. Os meus pais vão a todos os jogos em casa.

– E foi aí que conheceste o tipo que seguiste até New Bern, certo?

– O Mark – disse ela, sem acrescentar mais nada.

– Amava-lo?

– Sim – respondeu, baixando os olhos. – Mas ele não é alguém sobre quem eu queira falar.

– Tudo bem – disse eu. – Penso que faço uma boa ideia de quem és, mesmo sem essa parte da tua vida.

– Ai sim?

– Bem, até certo ponto, pelo menos.

– O que é que te está a fazer confusão?

– Ainda não sei bem porque é que decidiste tornar-te delegada do xerife. Pareces-me mais do tipo professora ou enfermeira. Ou talvez contabilista.

– Devia sentir-me ofendida com isso?

– Não estou a dizer que não és suficientemente dura. Acho que é só porque me pareces inteligente, compassiva e atenciosa. É uma coisa boa.

Natalie observou-me por um momento. – Já te disse – respondeu. – Foi por acaso. Mas quanto à tua observação sobre enfermagem, ouço muito isso, de facto, embora não saiba bem por que razão. Para mim, os hospitais.. são... – Hesitou. – São deprimentes. Detesto hospitais. E, além disso, faz-me impressão ver sangue.

– Mais uma razão para não teres enveredado pela tua profissão.

– Pensei que já tínhamos esclarecido que não me envolvo em tiroteios em todos os turnos.

– Mas se te envolvesses ficarias bem. Já que és uma excelente atiradora.

– A minha alcunha é Certeirinha – disse ela piscando o olho. – Na minha mente, pelo menos.

A empregada veio trazer pão à nossa mesa e pediu desculpa por não o ter trazido já. Peguei num pãozinho e barrei-o com manteiga, e Natalie fez o mesmo.

Enquanto comíamos, a conversa continuou a divagar para aqui e para ali, com o à-vontade típico de pessoas que se conheciam há muito mais tempo. Falámos sobre abelhas e colmeias, de recordações dos tempos da faculdade, da vida numa pequena cidade em comparação com a vida numa cidade grande, da Marinha, das diversões preferidas no Disney World, um pouco sobre os meus pais e o meu avô. Até abordei a questão da curiosa viagem do meu avô a Easley e das últimas palavras que me disse.

Quando a empregada trouxe a nossa comida, pude confirmar que era tão deliciosa quanto Natalie prometera. Mesmo que o restaurante fosse fora da cidade, era um sítio onde comeria de novo de bom grado. Especialmente com Natalie.

Embora aquela dinâmica fácil continuasse ao longo de todo o jantar, nunca passou para o campo do namorico – era difícil perceber se ela sentia algum interesse romântico por mim. Não tinha dúvida de que estava a gostar do jantar e da minha companhia. Quanto ao facto de ela alguma vez querer voltar a jantar comigo, sinceramente não fazia ideia.

No entanto, não conseguia recordar a última vez em que passara uma

noite assim tão agradável. Não era só por ela ter dito as coisas certas quando lhe falei sobre os meus pais ou por me ter revelado a sua perda na infância. Compreendi que admirava o valor que ela atribuía a certas coisas – à família, à educação, à amizade e à bondade, entre outras – e era claro que ela tinha dificuldade em aceitar algumas das coisas que via regularmente no trabalho – toxicodependência, violência doméstica, brigas em bares. Confessou que isso a deixava por vezes a sentir-se agitada e incapaz de dormir depois de acabar o turno.

– Porque é que não te despedes? – perguntei por fim. – Tens um curso superior e experiência profissional. Tenho a certeza de que poderias arranjar outra coisa.

– Talvez – concordou. – Mas por agora penso que é melhor manter-me neste trabalho.

– Porque queres fazer uma diferença no mundo?

Natalie tocou no fio de ouro do pescoço. – Claro – disse por fim –, digamos que é isso.

Nem a um nem ao outro apetecia sobremesa, mas concordámos em tomar um café. Um pouco de cafeína ajudaria a conduzir de volta a New Bern. Enquanto ela mexia o açúcar, dei-me conta de que, para além do trabalho e da família, me contara pouco sobre si mesma desde que chegara a New Bern uns anos antes. De facto, mal dissera fosse o que fosse sobre a sua vida em New Bern.

Talvez para ela não fosse assim tão interessante. Enquanto eu pensava nestes factos, Natalie pôs-se a olhar lá para fora pela janela. Por causa das luzes do restaurante, eu via o seu perfil refletido no vidro. E nesse momento compreendi que em vez de se concentrar no serão que acabáramos de passar juntos, havia algo mais na sua mente.

Algo que a fazia sentir-se triste.



À moda antiga, e porque tinha sido eu a convidá-la, paguei a conta. Ela, por sua vez, deixou que o fizesse com um agradecimento delicado.

A noite tinha arrefecido quando começámos a regressar aos nossos carros. Estava límpida, com o céu salpicado de estrelas e a Via Láctea a iluminar o

caminho na direção do horizonte. As ruas estavam desertas, mas dos restaurantes na marginal ouvia-se o murmúrio ténue de conversas e de copos a tilintarem. As ondas batiam suavemente contra o paredão.

Ainda não era tarde, e pensei em sugerir-lhe que nos sentássemos na esplanada do restaurante, com a sua vista esplêndida, mas tinha quase a certeza de que recusaria. Até àquele momento, ainda não tínhamos bebido sequer um copo de vinho juntos – não que isso importasse. Era simplesmente outra caraterística interessante do tempo que tínhamos passado juntos.

– Estava a pensar no que me contaste antes – disse ela por fim. – Sobre o teu avô.

– Que parte?

– A última viagem dele e o seu fim no hospital – disse ela. – Tens a certeza de que ele nunca tinha mencionado Easley?

– Não a mim – respondi. – O Claude também não sabia de nada, mas ainda não falei com o pai dele.

– Então, tanto quanto sabes, o teu avô podia estar a caminho de outro sítio qualquer – observou ela. Nessa altura, tínhamos chegado à beira-mar. Ela deteve-se, com os seus olhos da cor do oceano a fitarem os meus. Uma madeixa de fios de ouro tombou-lhe sobre o rosto e senti-me tentado a prender-lha atrás da orelha. A sua voz interrompeu o meu devaneio. – Já pensaste em tentar encontrar a carrinha dele?

– A carrinha dele?

– Pode haver alguma coisa lá dentro – explicou. – Talvez um itinerário ou o nome de uma pessoa que ele fosse visitar ou até mesmo o sítio aonde ia. Apontamentos, mapas, qualquer coisa.

Ainda antes de ela acabar de falar, perguntei-me porque não pensara nisso antes. Por outro lado, eu não era das forças que implementavam o cumprimento da lei nem fã de policiais, portanto talvez isso tivesse alguma coisa a ver.

– Tens razão – refleti em voz alta. – Mas como é que eu iria encontrar a carrinha dele?

– Eu começaria pelo hospital. Descobria a quem recorrem para os serviços de ambulância. Provavelmente, há algures um registo de onde o foram buscar. Dependendo de onde foi encontrado, a carrinha pode ainda lá estar. Ou talvez tenha sido rebocada, mas pelo menos terás um ponto de

partida.

– É uma ótima ideia – disse eu. – Obrigado.

– Não tens de quê. – Acenou com a cabeça. – E conta-me o que descobrires. Também estou interessada.

– Eu conto – prometi. – A propósito... acho que não tenho o teu número de telemóvel. Para o caso de precisar de te telefonar.

Ou *querer* telefonar, o que era muito mais provável.

– Oh – disse ela, e fiquei com a impressão de que não sabia ao certo o que sentia quanto a isso. Não querendo dar-lhe demasiado tempo para pensar, peguei no meu telemóvel e abri a lista de contactos. Ao fim de um momento, ela pegou nele – a sua relutância era clara –, escreveu o número dela e voltou a entregar-mo.

– Se calhar devia pôr-me a caminho – anunciou. – Começo cedo amanhã e ainda tenho roupa para lavar.

– Claro – disse eu. – Eu também tenho um dia atarefado amanhã.

– Obrigada mais uma vez pelo jantar.

– Não tens de quê. Foi um prazer ficar a conhecer-te melhor.

– A ti também. Foi agradável.

Agradável? Não era exatamente a descrição que eu tinha a esperança de ouvir.

– Oh, antes de ires embora, deixa-me ir buscar o teu mel.

Fui buscar os frascos ao meu carro e entreguei-lhos, experimentando um momento eletrizante quando os nossos dedos roçaram. Recordei a maneira como tocara delicadamente na minha cicatriz. Sabia que queria beijá-la, mas ela deve ter-me lido a mente e automaticamente recuou um passo. No súbito espaço entre nós, detetei uma energia a pairar, como se também ela quisesse beijar-me. Talvez estivesse a imaginar aquilo, mas pareceu-me detetar um vestígio de pena no seu sorriso de despedida.

– Obrigada também pelo mel – disse ela. – Já quase não tenho.

Virou-se e encaminhou-se lentamente para o seu carro. Enquanto a via afastar-se, pensei em algo e voltei a tirar o telemóvel do bolso. O ecrã ainda estava na lista de contactos, e liguei para o número dela. Daí a uns segundos, ouvi o som ténue de um telemóvel a tocar. Ela meteu a mão na carteira antes de avistar o número e me lançar um olhar por cima do ombro.

– Só estava a confirmar – disse eu.

Revirou os olhos antes de se meter no carro. Acenei quando passou por mim e ela retribuiu o gesto antes de chegar à estrada que a levaria de volta a New Bern.

Sozinho, aproximei-me do gradeamento, a ver o oceano cintilar ao luar. Tinha-se levantado uma brisa, arrefecendo o ar, e virei o rosto na sua direção, a pensar na relutância de Natalie em me beijar. Faria parte da sua hesitação geral de aparecer em público comigo? Estaria realmente preocupada com os mexericos de uma pequena cidade, até mesmo assim tão longe de New Bern?

Ou será que andava com outro homem?

CAPÍTULO 7



Não estava a mentir a Natalie quando disse que tinha coisas a fazer na segunda-feira. Ao contrário da maior parte dos dias, em que tinha tempo para relaxar antes de fazer uma pausa e depois relaxar mais um pouco, as responsabilidades da vida por vezes intrometiam-se, mesmo que eu não tivesse de marcar o ponto ou aparecer no hospital ou no consultório. Para começar, estávamos quase em meados de abril, e o prazo para entregar a declaração de rendimentos aproximava-se do fim.

Os documentos estavam à espera há semanas numa caixa de cartão que me chegara através da UPS. Usava a mesma firma de contabilidade a que os meus pais haviam recorrido, inicialmente por não perceber nada sobre finanças ou contabilidade e depois porque pensei que mudar para outra firma acrescentaria complicações desnecessárias à minha vida, quando as coisas já eram suficientemente complicadas. Francamente, pensar em dinheiro parece-me um tédio, talvez por nunca ter tido de me preocupar realmente com ele.

Os meus impostos eram complicados devido aos vários fundos e carteiras de investimentos que herdei dos meus pais, alguns dos quais tinham sido aumentados com mais seguros de vida do que quer o meu pai quer a minha mãe precisavam. Mesmo assim, sempre que via o meu valor líquido – os meus contabilistas preparavam-me meticulosamente um balanço em fevereiro de cada ano – perguntava-me por vezes porque fora tão insistente em tornar-me médico. Não precisava propriamente de dinheiro. Os juros que recebia anualmente eram muito mais do que alguma vez ganharia como médico, mas penso que algo dentro de mim ansiava pela aprovação dos meus pais, embora eles já não estivessem por cá. Na cerimónia de fim de curso, imaginei-os a aplaudir na assistência; mentalmente, vi os olhos da minha mãe a encherem-se de lágrimas e o meu pai a sorrir cheio de orgulho

perante um trabalho bem feito. Nesse momento, compreendi claramente que preferia que os meus pais estivessem vivos em vez de ter recebido a herança generosa que me tinham deixado. Quando os extratos chegam pelo correio todos os anos, recordam-me sempre a minha perda, e há alturas em que me sinto demasiado dominado pela emoção para olhar sequer para eles.

Embora tivesse tentado explicar a Natalie durante o jantar a sensação de perda e de dor que me assolava, sabia que não conseguira de facto encontrar as palavras para a exprimir adequadamente. Como era filho único, não tinha perdido apenas os meus pais; perdera também toda a minha família mais próxima. Ao longo dos anos, acabara gradualmente por acreditar que a família é como a nossa sombra num dia de sol, sempre lá, vista por cima do ombro, a seguir-nos em espírito onde quer que estejamos ou façamos o que fizermos. Estão sempre connosco. Graças a Deus, o meu avô esteve presente para assumir parte desse papel, como assumira tantos outros quando eu era mais novo. Com a sua morte, contudo, os dias são agora sempre nublados, e quando lanço um olhar por cima do ombro não há lá nada. Sei que há outras pessoas na mesma situação, mas isso não me faz sentir melhor. Só me faz pensar que, tal como eu, não têm sombras a acompanhá-las; que elas, como eu, se sentem muitas vezes completamente sós.

Refletir sobre tudo isto fez-me perguntar se venderia de facto a propriedade do meu avô. Embora tivesse dito a mim mesmo que viera até New Bern para preparar a casa para a agência imobiliária, ela era na realidade o único laço que me ligava à minha mãe e ao meu avô. Ao mesmo tempo, se não vendesse, não sabia bem o que faria com ela. Não podia simplesmente fechá-la à chave – o vagabundo poderia voltar a entrar, certo? – mas também não tinha a certeza se a queria arrendar, porque não queria que estranhos estragassem o encanto peculiar da casa. No quarto onde dormira em pequeno, havia marcas a lápis na porta do armário onde o meu avô assinalara a minha altura ao lado das que fizera para a minha mãe; a ideia de que alguém pudesse pintar por cima daquela história não era algo que eu quisesse contemplar. O meu apartamento em Pensacola fora simplesmente um lugar onde eu vivia; esta casa, a casa do meu avô, encerrava os fantasmas de uma memória plena de significado; era um lugar onde o passado continuava a segredar, enquanto eu estivesse disposto a ouvi-lo.

Sabendo que tinha muito que fazer, fui correr um bom bocado, tomei um duche e servi-me de uma chávena de café. À mesa, passei em revista os documentos enviados pelos meus contabilistas. Como sempre, havia uma carta a explicar tudo o que eu necessitava de saber e pequenos papelinhos colados em vários impressos a indicar onde tinha de assinar. A minha visão começou a turvar-se ao fim de algum tempo, o que era normal, e bebi mais duas chávenas de café antes de por fim enfiar os vários documentos nos devidos envelopes, já endereçados. A meio da manhã, estava na fila nos correios para me assegurar de que tudo era carimbado, e depois voltei para casa para escrever um *e-mail* aos meus contabilistas a informá-los de que cumprira o meu dever.

A seguir na lista dos afazeres estavam as colmeias. Depois de vestir o mesmo fato que usara no dia anterior, meti no carrinho de mão o equipamento de que necessitava e fui buscar alguns caixilhos rasos e umas telas excluidoras da abelha-mestra. Esperava que não fosse já demasiado tarde. Sem a tela excluidora da abelha-mestra, ela podia subitamente voar para fora da colmeia à procura de uma colmeia nova, levando o enxame consigo. Era o que tinha acontecido no Brasil em 1957 depois de uns cientistas reproduzirem abelhas africanizadas, também conhecidas como abelhas assassinas, pensando que se dariam bem naquelas condições tropicais. Um apicultor que estava de visita, julgando que as telas excluidoras da abelha-mestra estavam a dificultar o movimento das abelhas dentro das colmeias, removeu-as, e vinte e seis abelhas-mestras, bem como os seus enxames escaparam, viajando para norte e chegando por fim aos Estados Unidos.

Empurrei o carrinho de mão pelo mesmo caminho que seguira no dia anterior, tencionando trabalhar da esquerda para a direita. Quando me instalei, lancei um olhar na direção da estrada e avistei Callie, provavelmente a caminho do Trading Post. Como das outras vezes em que a vira a passar por ali, ia de cabeça baixa e a arrastar os pés com o que parecia uma determinação sombria.

Aproximei-me do limite da propriedade e ergui a mão numa saudação.

– Vais trabalhar?

O meu súbito aparecimento deve tê-la sobressaltado, e estacou.

– Você outra vez.

Eram as mesmas palavras que Natalie me dissera no parque junto ao rio, e

ocorreu-me a ideia de que Callie era igualmente misteriosa e reservada.

– Sou eu – disse. Depois, dando-me conta de que estava com o fato protetor, fiz um gesto na direção das colmeias. – Tenho de fazer uns trabalhos nas colmeias para as abelhas se manterem contentes.

Ela continuava a fitar-me quase com desconfiança. Quando cruzou os braços, reparei numa nódoa negra perto do cotovelo. – São abelhas. Não sabem tomar conta delas próprias?

– Tens razão – admiti. – Não são como o *Térmita*, a quem tens de dar de comer, mas não deixam de precisar de uns pequenos cuidados de vez em quando.

– Elas gostam de si?

– Quem? As abelhas?

– Sim, as abelhas.

– Não sei. Parecem não se importar.

– Está de fato protetor. Nunca vi o seu avô de fato protetor. Quando eu passava por aqui, quero dizer.

– Ele era mais corajoso do que eu.

Pela primeira vez desde que a conhecia, esboçou um ligeiríssimo sorriso. – O que é que queria?

– Nada. Vi-te passar e pensei dizer-te olá.

– Porquê?

Porquê? Não contava com aquela pergunta e, por um momento, não me ocorreu uma resposta. – Só estava a ser bom vizinho, suponho.

Ela pareceu trespassar-me com o olhar. – Nós não somos vizinhos. Vivo ao fundo da estrada, lá longe.

– Tens razão – disse eu.

– Tenho de ir embora – disse ela. – Não quero chegar atrasada ao trabalho.

– Fazes bem. Eu também não quero que chegues atrasada.

– Então porque é que me fez parar para falar consigo?

Pensei que já tinha respondido a isso com aquela coisa toda de *ser bom vizinho*, mas suponho que, do ponto de vista dela, não era resposta. Sentindo que ela queria pôr termo à conversa o mais depressa possível – mais uma vez, como Natalie no mercado, o que me fez constatar que até tinham um temperamento semelhante – recuei um passo na direção do carrinho de mão.

– Por nenhuma razão – respondi. – Desejo-te um ótimo dia.

Ela esperou até eu me afastar uns passos e depois recomeçou a andar. E, embora eu não me tivesse virado para verificar, tinha a certeza de que não lançara um único olhar na minha direção. Não que fosse da minha conta.

Enfiei o capuz e as luvas e depois aproximei o carrinho de mão da primeira colmeia. Acendi o fumigador, soltei fumo suficiente para acalmar a colmeia e esperei mais um minuto antes de remover ambos os tampos. Coloquei a tela excluidora no topo, pus o caixilho superior por cima e voltei a posicionar os tampos. Fiz o mesmo na segunda colmeia e na terceira e na quarta. Voltei a encher o carrinho de mão múltiplas vezes, embrenhado na rotina e a recordar o meu avô, até ter tratado de todas as colmeias.

Por sorte, todas as abelhas-mestras estavam ainda no seu lugar – a comer e a pôr ovos, a fazer o que lhes competia – e pude terminar em menos de três horas. Nessa altura, era hora do almoço e, pensando que a minha manhã fora já excecionalmente produtiva, achei que merecia uma cerveja com a sanduíche.

Por vezes, é mesmo do que se está a precisar. Sabem o que quero dizer?



Depois do almoço, havia mais duas coisas na minha lista cuja resolução considerava importante para a minha paz de espírito.

Natalie tivera razão quanto à possibilidade de encontrar respostas na carrinha do meu avô. Foi também esperta ao sugerir que telefonasse primeiro para o hospital. Tanto quanto sabia, o meu avô poderia até ter sido transportado de outro condado. Encontrei o número de telefone na Internet e falei com uma senhora de mais idade com um sotaque tão cerrado que era quase impenetrável e que me disse que não fazia ideia absolutamente nenhuma de como me ajudar. Depois de pigarrear e hesitar durante alguns minutos – para além do sotaque, falava de um modo incrivelmente lento – finalmente deu com o nome de um dos elementos da administração do hospital e ofereceu-se para transferir a chamada. Nessa operação, infelizmente, a chamada foi abaixo.

Voltei a ligar, pedi para falar com a pessoa apropriada e depois a chamada foi parar ao correio de voz. Deixei o meu nome, número de telefone e uma

mensagem breve a pedir para me devolverem a chamada.

Talvez por causa da experiência que tivera com a primeira senhora, não tinha grande certeza de que me contactassem. Mesmo assim, senti que acabara de dar o primeiro passo num percurso para encontrar as respostas de que necessitava.



Nas várias fases da minha vida – na escola secundária, em Annapolis, no curso, no internato hospitalar e na Marinha – tornei-me amigo de algumas pessoas extraordinárias. Em cada uma dessas fases, tornei-me particularmente íntimo de um pequeno círculo de indivíduos, e parti simplesmente do princípio de que me manteria próximo deles para sempre. Como convivíamos nessa altura, pensava eu que conviveríamos para sempre.

Porém, como vim a aprender, as amizades não são assim. As coisas mudam; as pessoas mudam. Os amigos tornam-se mais adultos e mudam de terra e casam-se e têm filhos; outros tornam-se médicos e são destacados para o Afeganistão e a sua carreira vai pelos ares. Ao longo dos anos, com sorte, mantêm-se alguns – ou talvez só uns dois – de cada uma das várias fases da nossa vida. Eu tenho tido sorte: tenho amigos dos tempos do secundário, e, no entanto, dou comigo por vezes a perguntar-me por que motivo certas pessoas se mantêm na nossa vida enquanto que outras se afastam. Não tenho resposta para isso, a não ser a observação de que a amizade tem de fluir para os dois lados. Ambas as partes têm de estar dispostas a investir na amizade para a manter.

Menciono isto porque por vezes pergunto-me se poderei considerar o doutor Bowen um amigo. De certa forma, é. Falamos todas as semanas e ele conhece-me melhor do que ninguém. É a única pessoa que sabe o quanto eu costumava pensar de facto em suicidar-me depois dos meus ferimentos – diariamente, se querem saber – e é o único que sabe que me sinto muito em baixo todos os anos no dia em que o avião dos meus pais se despenhou. Sabe quanto tempo durmo, quantas cervejas bebo por semana e como me é difícil controlar a fúria em situações em que simplesmente deveria revirar os olhos e seguir com a minha vida. Uma vez, há cerca de nove meses, eu

estava na fila da caixa no Home Depot quando a caixa ao lado abriu. O funcionário disse que podia atender «por ordem de chegada», que era eu, mas o homem que estava atrás de mim foi a correr, ocupando aquele que era o meu lugar por direito. Nada de mais, certo? Talvez uma irritação, mas o que estava realmente em jogo? Uns minutos? Num dia em que eu não estava realmente a fazer nada? A questão é que não devia ter-me incomodado, mas incomodou. Senti-me incomodado, depois zangado e a seguir, com as emoções a continuarem a acumular-se, enraivecido. Fitei a nuca do homem com um olhar assassino e acabei por sair porta fora menos de meio minuto atrás dele. Ao vê-lo no parque de estacionamento, tive de combater o impulso visceral de ir atrás dele e derrubá-lo. Imaginei-me a pregar-lhe uns murros, embora só fosse capaz de fazer um punho com uma das mãos; imaginei-me a espetar-lhe um joelho nos rins ou no estômago; visualizei-me a arrancar-lhe a orelha, tal como eu tinha perdido a minha. Ia com os maxilares cerrados e o corpo tenso, a preparar-se para um confronto, começando a caminhar mais depressa, quando de repente compreendi que estava a sentir um sintoma da PSPT, sobre o qual o doutor Bowen me avisara repetidamente. Já andava na psicoterapia há algum tempo nessa altura e, como uma voz firme da razão por entre uma orquestra de ruído emocional, o doutor Bowen estava a dizer-me o que fazer, a dizer-me que mudasse o meu comportamento. *Pare e dê meia-volta. Obrigue-se a sorrir e descontraia os músculos. Respire fundo cinco vezes. Sinta a emoção e depois liberte-a, observando-a a dissipar-se. Pese os prós e os contras relativamente à atitude que quer tomar. Verifique os factos e compreenda que no cômputo geral o que realmente aconteceu não importa nada.*

Depois de a minha fúria se dissipar finalmente até um nível controlável, pude voltar para casa. Daí a dias, despejei a história toda ao meu psiquiatra, mas, nos meses seguintes, não a contei a nenhum dos meus amigos. Também não falava aos meus amigos dos pesadelos e da insónia ou de qualquer uma das coisas que estavam a tornar a minha vida uma provação. E perguntei a mim mesmo: *Porque é que sou capaz de contar ao doutor Bowen, mas não às pessoas que considero amigas?*

Suponho que terá a ver com o receio: o receio da rejeição, o receio de dececionar os outros, o receio da sua fúria ou crítica. Isto diz mais sobre mim do que sobre eles, mas não me sinto assim quando falo com o doutor Bowen. Não sei bem porquê. Talvez tenha algo a ver com o simples facto

de que lhe pago. Ou talvez tenha a ver com a ideia de que, apesar de todas as nossas conversas, sei pouco sobre ele.

Nesse sentido, não somos amigos, de modo nenhum. Como ele usa aliança, deduzo que é casado, mas não faço ideia de quem será a mulher dele nem há quanto tempo estão casados, nem sei nada sobre ela. Não sei se tem filhos. Pelos diplomas na parede do consultório dele, sei que tirou a licenciatura em Princeton e frequentou o curso da Northwestern. Mas não sei quais são os seus passatempos ou em que tipo de casa vive, que comidas aprecia ou de que livros ou filmes tenha gostado. Por outras palavras, somos amigos, mas na realidade não somos.

Ele é apenas o meu psicoterapeuta.

Olhando para o relógio, vi que estava quase na hora da nossa chamada semanal e por isso, depois de lavar os pratos, abri a porta das traseiras para deixar entrar ar fresco e pousei o computador em cima da mesa da cozinha. O doutor Bowen gostava de ver os meus olhos quando falávamos, para poder verificar se eu estava a mentir ou a esconder alguma coisa importante. Pela minha parte, era muito mais fácil do que encontrar-me com ele em pessoa, e tinha acesso fácil à casa de banho se tivesse de ir. Escusava de interromper a sessão. Podia simplesmente levar o computador comigo enquanto fazia o meu serviço.

Estou a brincar.

À hora em ponto, abri o Skype e ele ligou automaticamente para o número. Depois de se estabelecer a ligação, o doutor Bowen apareceu no ecrã. Como de costume, estava à sua secretária no consultório, um lugar que eu visitara mais vezes do que poderia contar. Ligeiramente calvo e com óculos redondos de aros de metal que faziam com que se parecesse mais com um professor de Matemática do que com um psiquiatra, era, imaginei, uns quinze anos mais velho do que eu.

– Que tal vai isso, doutor?

– Olá, Trevor.

– Como está?

– Estou bem, obrigado. Como é que o Trevor está?

Quando eu perguntava, era simplesmente parte de uma saudação. Quando ele perguntava, era mesmo com intenção de saber.

– Acho que estou bem – respondi. – Não tenho tido pesadelos nem insónias, ando a dormir bem. Bebi uma ou duas cervejas em quatro dias

diferentes na semana passada. Fiz exercício cinco vezes. Nenhuns episódios de fúria, ansiedade ou depressão na última semana. Ainda estou a trabalhar nas competências da TCC e da TCD sempre que sinto que preciso delas.

– Ótimo. – Acenou com a cabeça. – Soa tudo muito saudável.

O doutor Bowen fez uma pausa. Fazia muito isso. Pausas, quero dizer.

– Devíamos continuar a falar? – perguntei por fim.

– Gostaria de continuar a falar?

– Vai-me cobrar?

– Sim.

– Oh, sei uma piada nova – disse eu. – Quantos psiquiatras são precisos para mudar uma lâmpada?

– Não sei.

– Só um. Mas a lâmpada tem de realmente *querer* mudar.

Riu-se, como eu sabia que aconteceria. O doutor Bowen ri-se de todas as minhas piadas, mas depois cala-se. Já me disse que as piadas talvez sejam a minha maneira de manter as pessoas à distância.

– Seja como for – comecei, e prossegui, pondo-o a par dos acontecimentos básicos na minha vida na última semana. Quando comecei a fazer psicoterapia, perguntava-me como é que tudo isso poderia alguma vez ser útil; fui aprendendo ao longo do tempo que permitia ao doutor Bowen fazer uma ideia melhor do *stress* sob o qual eu me encontrava a dada altura, o que era importante para controlar a minha PSPT. Acrescente-se demasiado *stress*, removam-se as competências e os comportamentos saudáveis e o resultado é uma explosão interior, como a que senti em relação ao tipo do Home Depot, ou então beber em excesso e jogar ao *Grand Theft Auto*.

Por isso, pus-me a falar. Disse-lhe que andava a sentir a falta do meu avô e dos meus pais mais do que o costume desde a última vez que tínhamos conversado. Ele respondeu dizendo que os meus sentimentos eram inteiramente compreensíveis – que verificar as colmeias e consertar o motor do barco poderiam desencadear um misto de nostalgia e sensações de perda em qualquer pessoa. Mencionei que tinha quase a certeza de que alguém entrara cá em casa e vivera aqui. Quando perguntou se me sentia violado ou incomodado com isso, disse que era mais curiosidade do que incómodo, visto que, para além da porta das traseiras, não houvera danos e não tinha sido roubado nada. Mencionei também as coisas que Claude tinha dito

sobre o meu avô e – como acontecia tantas vezes ultimamente – falámos sobre as últimas palavras dele e a minha perplexidade persistente em relação a elas.

– Ainda o perturba – observou ele.

– Sim – admiti. – Não faz sentido.

– Porque ele lhe disse que fosse para o além?

O doutor Bowen, tal como Natalie, parecia lembrar-se de tudo.

– Não era nada típico dele dizer algo como isso – insisti.

– Talvez o tenha compreendido mal.

O doutor Bowen já antes tinha sugerido esta explicação. Eu, como antes, rejeitei-a.

– Tenho a certeza que ele disse aquilo.

– Mas também disse que o amava, correto?

– Sim.

– E o Trevor deu-me a entender que ele tinha tido um AVC grave? Que estava sob o efeito de muita medicação e possivelmente estaria confuso?

– Sim.

– E que quase levou um dia a conseguir dizer algumas palavras sequer?

– Sim.

Como eu não disse mais nada, ele rematou com a mesma pergunta que continuava a atormentar-me.

– No entanto, continua a sentir que ele estava a tentar comunicar algo importante.

No ecrã, o doutor Bowen observava-me. Assenti com a cabeça, mas não disse nada.

– Apercebe-se – sugeriu ele – que talvez nunca venha a compreender o que isso poderia ser?

– Ele era tudo para mim.

– Dá a ideia de ter sido um homem às direitas.

Desviei o olhar. Pela porta aberta, o ribeiro estava negro, com um aspeto antigo àquela luz suave do Sul.

– Eu devia ter estado lá – murmurei. – Devia ter ido com ele. Se tivesse estado lá, talvez ele não tivesse tido o AVC. Talvez conduzir aquela distância tenha sido demasiado para ele.

– Talvez – disse o doutor Bowen. – Ou talvez não. Não há maneira de saber ao certo. E, embora possa ser normal sentir-se culpado, também é

importante que recorde que o sentimento de culpa é simplesmente uma emoção e que, como todas as emoções, acabará por passar. A não ser que opte por se agarrar a ele.

– Eu sei – respondi. Ele já me tinha dito aquilo. Embora eu aceitasse que era verdade, por vezes dava-me a ideia que as minhas emoções não queriam saber. – Seja como for... A Natalie disse que eu talvez conseguisse encontrar respostas na carrinha dele. Quanto à razão pela qual ele se encontrava na Carolina do Sul, quero dizer. Por isso, dei início ao processo de tentar descobrir o paradeiro da carrinha.

– A Natalie? – perguntou ele.

– É delegada do xerife aqui na cidade – comecei, e depois prossegui, contando-lhe como nos tínhamos conhecido e um pouco sobre as nossas conversas no parque, na casa e depois finalmente no jantar.

– Passaram bastante tempo juntos desde a última vez que falámos – observou.

– Ela queria ver as colmeias.

– Ah – disse ele, e, como já tínhamos conversado muitas vezes, eu sabia exatamente o que ele estava a pensar.

– Sim – disse eu, – ela é atraente. E inteligente. E sim, gostei do tempo que passámos juntos. Mas não tenho a certeza do que ela sente por mim, o que quer dizer que não há muito mais a acrescentar.

– Está bem – disse ele.

– Falo a sério – insisti. – E, além disso, suspeito que a Natalie talvez ande com alguém. Não tenho a certeza, mas há sinais.

– Eu compreendo – disse ele.

– Então, porque é que dá a impressão de que não acredita em mim?

– Acredito em si – respondeu. – Simplesmente acho interessante.

– O que é que é interessante?

– A Natalie é a primeira mulher de quem me fala depois de ter rompido com a Sandra.

– Isso não é verdade – disse eu. – Falei-lhe sobre a Rapariga do Ioga.

Era uma mulher com quem eu tinha saído duas vezes no outono anterior, por volta da altura em que me aceitaram no programa do internato hospitalar. Tínhamos passado uns serões agradáveis, mas ambos sabíamos ao chegar ao fim do segundo encontro que as coisas entre nós não iam resultar.

Vi-o empurrar os óculos para cima no nariz. – Eu lembro-me – disse por fim, com a voz a sair-lhe com um suspiro. – E sabe o que lhe chamou? Quando a mencionou pela primeira vez?

– Não posso dizer que saiba – admiti. Também tentei lembrar-me do nome dela. Lisa? Elisa? Elise? Algo do género.

– Chamou-lhe a *Rapariga do Ioga* – disse ele. – Não usou o nome dela.

– Tenho a certeza de que lhe disse o nome dela – protestei.

– Na verdade, não disse – respondeu ele. – Na altura, também achei isso interessante.

– O que é que está a tentar dizer? Que pensa que talvez eu esteja a apaixonar-me por alguém que trabalha nos serviços policiais locais?

Os cantos da boca dele ergueram-se ligeiramente, ao mesmo tempo que ambos reparámos no facto de que, subitamente, eu evitara o nome dela. – Não faço ideia – prosseguiu ele. – E não me cabe realmente a mim dizer se sim ou se não.

– Nem sequer sei se a vou voltar a ver.

O relógio no meu computador indicava, espantosamente, que já tinha passado quase uma hora e que a nossa sessão estava prestes a terminar.

– Por falar em voltar a ver alguém – acrescentou ele –, queria dizer-lhe que é possível que nos encontremos pessoalmente na próxima semana. A não ser que prefira continuar a comunicar eletronicamente.

– Acha que preciso de ir a Pensacola?

– Não, de maneira nenhuma. Talvez eu devesse ter sido mais claro. Há uma conferência no campo militar de Lejeune em Jacksonville sobre a PSPT. Um dos oradores, infelizmente, teve de cancelar, e pediram-me que o substituísse. É na terça-feira, mas tenho de ir de avião na segunda. Se quiser, podemos encontrar-nos em Jacksonville, ou eu podia ir até New Bern, se for mais fácil.

– Seria ótimo – disse eu. – A que horas?

– À mesma hora? – perguntou ele. – Posso apanhar o voo da manhã e alugar um automóvel.

– Tem a certeza que não fica muito fora do seu caminho?

– De modo nenhum. Tenho curiosidade em ver a propriedade do seu avô. Fez-me uma descrição muito intrigante.

Sorri, pensando que, mesmo que fosse verdade, não lhe tinha feito justiça.

– Vejo-o para a semana, doutor. Precisa de indicações do caminho?

– Tenho a certeza que o consigo encontrar. Cuide-se.



Daí a duas horas, o meu telemóvel tocou. Embora eu não reconhecesse o número, o indicativo era da zona norte da Carolina do Sul. Seria da administração do hospital?

– Trevor Benson – disse eu.

– Olá. Fala Thomas King, do hospital de Easley. Recebi a sua mensagem, mas não sabia exatamente que informação pretendia.

Ao contrário da rececionista, o sotaque dele não era tão cerrado nem tão difícil de compreender.

– Obrigado por me devolver a chamada – comecei por dizer, antes de expor a situação. Quando acabei de falar, ele pediu-me que aguardasse um momento.

Foi muito mais que um momento. Escutei música enlatada durante pelo menos uns cinco minutos antes de ouvir o clique do telefone a restabelecer a chamada.

– Peço desculpa por ter demorado tanto tempo, mas tive de descobrir a quem perguntar e depois obter a informação de que necessita. Geralmente, recorremos a dois serviços de ambulâncias – explicou antes de me dizer o nome deles. Enquanto eu os anotava, ele continuou a falar.

– Infelizmente, não temos os dados específicos relativamente ao seu avô. Suponho que o melhor seria ligar aos dois serviços. Talvez eles tenham a informação de que necessita. Tenho a certeza de que são obrigados a manter registos.

Era tal e qual como Natalie sugerira.

– Agradeço a sua ajuda – disse eu. – Isto é extremamente útil.

– Não tem de quê. E as minhas condolências pelo falecimento do seu avô.

– Obrigado – disse eu.

Desliguei, pensando em telefonar às empresas de ambulâncias na manhã seguinte. Gostaria de ter pensado nisto quando o meu avô estava no hospital; quase meio ano depois, sabia-se lá quanto tempo levariam a

encontrar as respostas de que eu necessitava.

Os meus pensamentos viraram-se para Natalie. Desde a minha sessão com o doutor Bowen, vinham-me à mente imagens dela; via a sua expressão maravilhada enquanto observava a abelha a rastejar pelo seu dedo, o voltejar sensual do seu vestido quando saiu do carro em Beaufort, a delinear as suas pernas compridas e as linhas graciosas do seu corpo. Recordei tanto a nossa conversa emotiva como o tom de brincadeira entre nós, e tentei decifrar o lampejo de tristeza que me parecera pressentir perto do fim do nosso jantar. Pensei na energia entre nós e soube exatamente porque a chamara pelo nome na conversa com o doutor Bowen.

Por mais que tentasse minimizar a importância do caso perante o doutor Bowen, sabia com toda a certeza que queria vê-la outra vez, e quanto mais cedo melhor.



Depois de jantar, resolvi dedicar-me finalmente a umas leituras no alpendre das traseiras. Porém, calculando que Natalie deveria ter acabado o seu turno há algum tempo, dei comigo a pegar no telemóvel. Pensei em telefonar, mas decidi não o fazer. Em vez disso, escrevi uma mensagem breve.

> Estava a pensar em ti e espero que tenhas tido um bom dia.
>
> Estás livre para jantar este fim de semana?

Embora devesse ter posto o telemóvel de lado, esperei para ver se ela estava suficientemente perto do telemóvel dela para ler logo a mensagem. Vi a indicação de que tinha lido a mensagem e parti do princípio de que escreveria alguma coisa. Mas não houve resposta nenhuma.

Durante o resto do serão, continuei a verificar o meu telemóvel. Infantil. Compulsivo. Talvez imaturo. Por vezes, consigo ser essas coisas todas. Como o doutor Bowen diz, somos todos sempre uma obra em curso.

Finalmente, quando estava a preparar-me para ir para a cama, ouvi o toque revelador do meu telemóvel.

Obrigada. Dia típico. Nada de especial.

Fiquei a fitar o ecrã, a pensar que não proclamava propriamente uma paixão e uma atração inegáveis por mim, especialmente porque não abordara a questão do meu convite.

Pousei o telemóvel na mesa de cabeceira, a sentir-me... confuso? magoado?... antes de estender a mão para desligar o candeeiro. Afastei esses sentimentos, sabendo que era demasiado cedo para sentir quer um quer o outro. Além disso, se ela não quisesse voltar a falar comigo, não teria respondido. Certo?

Apaguei a luz e estava a ajeitar a roupa de cama quando ouvi o som do telemóvel outra vez. Estendi a mão para ele.

Vou pensar nisso.

Não era um sim, mas também não era um não. Continuei a fitar o ecrã até ele vibrar de novo com outra mensagem dela.

:-)

Sorri. Unindo as mãos atrás da cabeça, pus-me a fitar o teto, mais curioso sobre ela do que nunca.

CAPÍTULO 8



Não tive notícias de Natalie na terça-feira, o que me dececionou, mas o meu convite estava feito. Sabia que ela estava a trabalhar e ocupada, e eu também tinha coisas a fazer. Bem, mais ou menos. Mas não lhe enviei mais nenhuma mensagem. Não estava propriamente a pensar nela o tempo todo. Apenas... demasiado tempo para o meu próprio bem.

Telefonei às duas empresas de ambulâncias. Tal como com o hospital, tive de fazer várias chamadas para conseguir contactar alguém que pudesse ajudar-me. Foi-me dito que sim, que havia registos dos locais onde iam buscar os pacientes que eram transportados para o hospital, mas que não tinham essa informação disponível de imediato. Demoraria alguns dias a encontrá-la, talvez até ao fim da semana, e se eu não tivesse notícias deles devia telefonar de novo.

Apressar-me e depois esperar.

Tal como tantas outras coisas na vida.



Na esperança de ter uma oportunidade de falar com o pai de Claude, decidi ir almoçar ao Trading Post. Ao estacionar, avistei um caixote com sacos para gelo, lenha à venda, recargas de gás propano, um compressor de ar para encher pneus e uma antiquada máquina de venda automática, o que parecia ser redundante, já que as pessoas podiam comprar refrigerantes lá dentro. Infelizmente, não estava ninguém nas cadeiras de baloiço na frente da loja.

Lá dentro, Claude estava de volta ao seu posto habitual por trás da caixa registadora e ergueu a mão a cumprimentar-me quando me dirigia para a

zona do restaurante. Como habitualmente, todas as mesas estavam ocupadas, por isso dirigi-me ao balcão. Um homem gigantesco – pelo menos um palmo mais alto do que eu e com o dobro da minha largura – acenou-me antes de pousar uma taça pequena de amendoins cozidos à minha frente. Deduzi que fosse Frank, o cozinheiro. Ao contrário de Claude, não disse nada. Não era grande tagarela, o que me convinha perfeitamente.

Em honra do meu avô, pedi uma sanduíche de *bacon*, alface e tomate com batatas fritas e um picle. Atrás de mim, ouvia dois tipos a uma das mesas a falarem sobre a sua ida à pesca no fim de semana anterior, a lamentarem a sua falta de sorte e a debaterem lugares melhores para o fim de semana seguinte. Espreitei por cima do ombro. Ambos usavam bonés de basebol; um deles tinha os braços musculosos que se associam a trabalhadores de obras, enquanto o outro estava com o uniforme de uma das empresas de distribuição de gás propano. Quando um deles mencionou que tinha avistado um jacaré recentemente, fiquei alerta.

– Quatro, na verdade – prosseguiu ele. – A apanharem banhos de sol mesmo ali na margem entre as árvores.

– Dos grandes? – perguntou-lhe o amigo.

– Não. Eram crias, provavelmente.

– Onde?

– Sabes onde fica a rampa dos barcos? Duas curvas do rio depois disso, à direita. Lembras-te do ninho de águia-de-cabeça-branca no cipreste? Estavam por ali.

– Que ninho de águia?

– O mesmo do ano passado.

– Não o vi no ano passado.

– Isso é porque nunca te dás ao trabalho de olhar à tua volta.

– Vou lá para pescar – respondeu ele –, não para ver as vistas.

– Já experimentaste a pedreira? Tenho tido alguma sorte com robalos lá ultimamente...

A conversa voltou de novo para a pesca e eu dei comigo a desligar. Contudo, interessavam-me os jacarés e as águias, e perguntei-me se Natalie quereria acompanhar-me.

Nessa altura, a minha refeição ficou pronta e Frank pousou o prato à minha frente. Dei uma dentada, confirmando que nunca me sabia tão bem

em mais lado nenhum. Acabei de comer a sanduíche e o picle, mas só comi algumas das batatas fritas. Sentia as artérias a endurecerem ao prová-las, mas as minhas papilas gustativas ficaram todas contentes.

Quando estava a acabar, espreitei pela montra para a parte da frente da loja e vi dois senhores idosos sentados nas cadeiras de baloiço no alpendre. Exatamente aquilo por que esperava. Levantei-me do banco e aproximei-me da caixa registadora. Claude, já sem o avental, o rosto brilhante de suor, parecia muito mais contente do que da última vez que eu lá estivera.

– Olá, Claude – cumprimentei. – É o seu pai que está lá fora?

Ele inclinou-se para espreitar por cima do meu ombro. – Sim, é ele. O que está de fato-macaco. O outro tipo é o Jerrold.

– Acha que o seu pai se importava se eu falasse com ele sobre o meu avô?

– Esteja à sua vontade. Não posso garantir que ele saiba alguma coisa. Isso supondo que consegue ouvir o que você lhe perguntar.

– Claro.

– Quer um conselho? Tenha cuidado com o Jerrold. Metade das vezes não faço ideia do que ele está a falar ou o que acha assim tão engraçado.

Não sabia bem o que ele queria dizer ao certo, mas assenti com a cabeça. – Quanto tempo é que acha que o seu pai vai ficar aqui?

– Eles ainda não comeram, portanto calculo que fique pelo menos mais uma hora.

– O que é que ele costuma almoçar?

– Uma sanduíche de carne de churrasco com salada de couve. E bolinhos fritos de farinha de milho.

– E se eu lhe pagasse o almoço?

– Porquê? Eu não posso propriamente cobrar o almoço ao meu pai. Ainda é dono de uma parte da loja.

– Acho que se vou tentar sacar-lhe algumas informações, é o mínimo que posso fazer.

– O dinheiro é seu. – Encolheu os ombros.

Tirei algum dinheiro da carteira e entreguei-lho, vendo-o metê-lo na caixa registadora. Pôs uma mão em concha ao canto da boca e gritou para o outro lado da loja: – Ei, Frank. Prepara o prato do costume para o meu pai, OK? E dá-o aqui ao Trevor. Ele leva-o lá fora.

A refeição não demorou muito tempo a preparar e quando ficou pronta

levei o prato lá para fora. Quando passei pela caixa registadora, Claude tirou a cápsula a uma garrafa de leite com chocolate e depois apertou-a ligeiramente antes de me estender a garrafa. – Também vai precisar disto.

– De leite com chocolate?

– É a bebida preferida dele. Bebe-a desde que me lembro.

Peguei na garrafa e, tendo as mãos ocupadas, usei a anca para abrir a porta. Quando estava a aproximar-me, Jim olhou para cima, com o rosto tão curtido e enrugado como as mãos, só pele e osso e sardas da idade. Usava óculos e faltavam-lhe alguns dentes, mas pareceu-me ver uma centelha de curiosidade na sua expressão que me fez crer que tinha mais presença de espírito e estava mais consciente do que a descrição que Claude fizera dele poderia indicar. Por outro lado, talvez eu estivesse só a ser otimista.

– Olá, Jim. Trouxe-lhe o seu almoço – comecei por dizer. – Tinha a esperança de poder conversar consigo por uns minutos.

Jim fitou-me com os olhos semicerrados. – Como?

Jerrold inclinou-se para Jim. – Aqui o rapaz quer falar contigo – berrou.

– Falar sobre o quê? – perguntou Jim.

– Como diabo é que eu havia de saber? Ele acabou de vir cá para fora.

– Quem é ele? – perguntou Jim.

Jerrold desviou o olhar para mim. Era mais novo do que Jim, mas já muito para além da idade da reforma. Reparei que usava um aparelho auditivo, o que poderia – ou não – tornar as coisas mais fáceis.

Inclinou-se de novo para Jim. – Calculo que seja algum vendedor – berrou Jim. – Talvez venda cuequinhas de senhora.

Pestanejei, sem saber se devia sentir-me ofendido, e subitamente recordei o que Claude me tinha dito.

– Diz-lhe para falar com o Claude – disse Jim, acenando com a mão. – Eu estou reformado. Não preciso de nada de nenhum vendedor.

– Precisas, com os diabos – disse-lhe Jerrold. – Precisas de uma mulher e de um bilhete de lotaria premiado, se queres saber a minha opinião.

– O quê?

Jerrold recostou-se no assento com uma expressão divertida nos olhos. – Cuequinhas de senhora. – Soltou uma gargalhada, claramente satisfeito consigo mesmo. – Anda a vender cuequinhas de senhora?

– Não – respondi. – Não sou vendedor. Só queria falar com o Jim.

– Sobre o quê?

– Sobre o meu avô – disse. – E trouxe o almoço ao Jim.

– Então não fique aí parado. – Acenou-me com uma mão ossuda. – Dê-lho. Despache-se, vá lá.

Debrucei-me e entreguei o almoço a Jim. Ao mesmo tempo, Jerrold franziu a testa, ficando com rugas tão fundas que quase dariam para segurar um lápis.

– Onde é que está o meu almoço? – perguntou.

Não contava com aquela pergunta, mas compreendi que, provavelmente, devia ter previsto que quereriam comer os dois juntos. – Desculpe lá. Não me ocorreu. O que deseja? Faço todo o gosto em ir buscar-lhe alguma coisa.

– Hum – disse Jerrold, levando a mão ao queixo. – E que tal um *filet mignon* com lagosta e muita manteiga, com arroz *pilaf*.

Pronunciou *pelafe*.

– Servem isso aqui? – perguntei.

– É claro que não. Tem de se encomendar de um daqueles sítios chiques.

Supus que se referia a um restaurante diferente – um restaurante a sério – e fui apanhado de surpresa.

– Onde é que eu podia encomendar isso? – perguntei.

– O que é que ele está a dizer? – perguntou Jim.

Jerrold voltou a inclinar-se para Jim. – Está a dizer que não me paga o almoço – berrou. – E diz que te compra um *Cadillac* se falares com ele.

Pisquei os olhos, a perguntar-me como tinha perdido o controlo da conversa. *Um* Cadillac*? De onde tinha vindo essa?* – Eu não disse nada disso – protestei. – E faria todo o gosto em trazer-lhe qualquer coisa que o restaurante lá dentro sirva...

Jerrold deu uma palmada na coxa, não me deixando acabar de falar e fixando subitamente os meus olhos de novo. – Ó rapaz, você é tão burro como uma porta. Um *Cadillac*! Que raio é que ele faria com um *Cadillac*? Se mal consegue conduzir. – Abanou a cabeça, a rir-se. – Um *Cadillac*! – berrou a Jim.

Ali parado, fiquei sem palavras. Jerrold não parecia precisar que eu dissesse nada; estava demasiado contente consigo mesmo para se importar com o que eu pudesse pensar. Jim, entretanto, dava-me a impressão de estar alheado. Decidi tomar a iniciativa.

– Tinha a esperança de poder fazer perguntas ao Jim sobre o meu avô, o

Carl Haverson.

Jerrold meteu a mão ao bolso e tirou um saco de rapé. Depois de abrir a embalagem, tirou algumas folhas e meteu-as entre os lábios e as gengivas. A sua boca fez umas contorções e ele recostou-se na cadeira, a dar a impressão de que tinha um tumor no maxilar. – Está a dizer-me que é parente do Carl?

– Era o meu avô – disse eu de novo. – Ando a tentar descobrir o que ele estava a fazer na Carolina do Sul. O Claude disse que o Jim e o meu avô eram amigos, e eu tinha a esperança de que ele pudesse responder a algumas perguntas.

– Isso é capaz de ser difícil – disse Jerrold. – Aqui o Jim não ouve lá muito bem. E divaga quando fala. Metade do tempo, não se sabe do que é que ele está a falar.

Eu podia dizer o mesmo sobre si, pensei. – É importante – disse antes. – Talvez o senhor possa ajudar?

– Não sei como.

– Conhecia o meu avô? Falou com ele antes de ele partir?

– Claro – respondeu ele num tom arrastado. – Eu vinha até cá de vez em quando e nessas alturas falávamos. Mas não tanto como aqui o Jim. Mas depois, houve uma semana em que ele não apareceu, por isso éramos só eu e o Jim. Fiquei muito surpreendido quando soube o que lhe tinha acontecido. O Carl estava de boa saúde, tanto quanto eu sabia.

– E quanto à viagem à Carolina do Sul? Sabia alguma coisa sobre isso?

– Ele nunca me mencionou nada sobre o assunto.

– Andava a comportar-se de modo diferente? Algo do género?

Jerrold abanou a cabeça. – Não que eu reparasse.

Balancei-me nos calcanhares, perguntando a mim mesmo se estaria a perder o meu tempo. Surpreendendo-me, Jerrold levantou-se lentamente. Teve de se agarrar a ambos os braços da cadeira, e erguer-se para uma posição vertical parecia ao mesmo tempo um processo difícil e doloroso.

– Conversem lá vocês os dois – disse ele. – Talvez o Jim saiba alguma coisa que eu não sei. Ele conhecia melhor o Carl do que eu. Mas fale alto, ao ouvido direito dele. Quase não resulta, mas nem se dê ao trabalho de tentar falar-lhe ao esquerdo.

– O senhor não tem de se ir embora – disse eu.

– Vai precisar da minha cadeira. Ele não o admite, mas precisa de ver os

lábios das pessoas a mexerem-se para decifrar o que estão a dizer. Vai entender cerca de metade do que lhe disser, portanto continue a tentar.

– Aonde vais? – perguntou Jim.

– Estou com fome – berrou Jerrold. – Quero comida.

– O quê?

Jerrold acenou com a mão a afastar a pergunta e olhou para mim. – Não fique aí especado como uma árvore. Sente-se. Eu volto já.

Fiquei a ver Jerrold arrastar-se na direção da porta e quando ele já estava dentro da loja sentei-me na cadeira de baloiço e inclinei-me para a frente como ele fizera.

– Olá – berrei. – Sou o Trevor Benson.

– Trevo de benção?

– Trevor Benson – repeti. – Sou o neto do Carl.

– Quem?

– Do Carl! – disse ainda mais alto, a perguntar-me se deveria ter mantido Jerrold por ali para me servir de intérprete.

– Oh, o Carl – disse Jim. – Ele faleceu.

– Eu sei. Era meu parente – disse eu, na esperança de que o termo que Jerrold usara ajudasse.

Jim fitou-me de olhos semicerrados e vi que estava a rebuscar na memória. Demorou uns instantes.

– O médico da Marinha? Era casado com a Claire, certo?

– Sim – respondi, embora Claire fosse a minha mãe. Não havia razão para tornar aquilo mais complicado do que já era.

– Ele gostava mesmo daquelas abelhas, o velho Carl – acrescentou Jim. – Teve-as muito tempo. Colmeias. Para o mel.

– Sim. – Acenei com a cabeça. – Queria falar com o senhor sobre o Carl.

– Não gosto lá muito de abelhas – disse ele. – Nunca consegui perceber o que ele via nelas.

Tentando manter as coisas simples, optei pela abordagem direta. – Há algumas perguntas a que tinha a esperança de que o senhor pudesse responder.

Jim não pareceu ouvir-me. – O Carl teve dificuldades com o mel no verão passado – disse. – A artrite.

Pronunciou a palavra como *arturite*.

– Provavelmente teve...

– Mas teve a ajuda da rapariga – acrescentou Jim, sem me ouvir.

– Rapariga?

– Sim – respondeu Jim. – Da rapariga. Lá dentro.

– OK – disse eu, a perguntar-me do que estaria a falar. Eu ainda não tinha visto nenhuma rapariga na loja hoje, mas Claude avisara-me de que ele tinha tendência para divagar. Deixando esse assunto para trás, inclinei-me mais perto dele e falei mais lentamente, replicando o volume da voz de Jerrold.

– Sabe porque é que o Carl foi à Carolina do Sul?

– O Carl morreu na Carolina do Sul.

– Eu sei. Sabe porque é que o Carl foi à Carolina do Sul? – perguntei de novo.

Jim deu uma dentada no sua sanduíche e mastigou lentamente antes de responder. – Imagino que fosse visitar a Helen.

Por um segundo, duvidei que ele tivesse compreendido a minha pergunta.

– A Helen? Ia visitar a Helen? – berrei.

– Sim. A Helen. Foi o que ele me disse.

Ou seria apenas o que Jim ouvira? Até que ponto poderia confiar na sua audição? Ou na competência da sua memória? Não tinha a certeza.

– Quando é que ele lhe falou sobre a Helen?

– O quê?

Repeti a pergunta, ainda mais alto desta vez, e Jim estendeu a mão para um bolinho frito. Deu-lhe uma dentada e demorou muito tempo até finalmente engolir. – Calculo que terá sido mais ou menos uma semana antes de ele partir. Estava a consertar a carrinha.

Para se assegurar de que chegaria lá, sem dúvida, mas... quem era Helen? Como é que o meu avô teria conhecido uma mulher da Carolina do Sul? Não tinha nem computador nem telemóvel, e raramente saía de New Bern. Não fazia sentido...

– Como é que o Carl conheceu a Helen?

– O quê?

– A Helen.

– Acho que foi o que ele disse.

– A Helen vivia em Easley?

– O que é Easley?

– É uma cidade na Carolina do Sul.

Pegou noutro bolinho frito. – Não sei muito sobre a Carolina do Sul. Estive lá colocado durante a Guerra da Coreia, mas jurei que nunca mais lá voltava assim que me vim embora. Era demasiado quente e longe de casa. O sargento lá... oh, como é que ele se chamava... Erre qualquer coisa... como uma piada...

Enquanto Jim rebuscava no passado, tentei compreender o que me tinha dito, partindo do princípio de que ele não estava completamente avariado do juízo. Havia uma mulher chamada Helen em Easley e o meu avô tinha ido visitá-la?

– Riddle![1] – berrou Jim de repente. – Era o nome dele. Sargento Riddle. O homem mais cruel e mal-encarado que alguma vez conheci. Numa ocasião, obrigou-nos a dormir num pântano. Um sítio húmido e sujo e cheio de mosquitos. Morderam-me a noite toda até eu ficar inchado como uma carraça. Tive de ir para a enfermaria.

– Alguma vez conheceu a Helen?

– Não.

Estendeu a mão para a garrafa de leite com chocolate, mas, embora Claude tivesse soltado a cápsula, Jim teve dificuldade em abri-la. Vi-o beber um gole, ainda a tentar compreender, mas já a suspeitar que ele não tinha mais nada a revelar.

– OK – disse eu. – Obrigado.

Baixou a garrafa. – A rapariga talvez saiba mais sobre isso.

Demorei um segundo a recordar o que ele tinha dito. – A rapariga lá dentro?

Apontou com a garrafa na direção da montra. – Não me lembro do nome dela. Ele gostava dela.

– Da Helen?

– Não. Da que está *lá dentro*.

Admito que estava completamente perdido nessa fase e, como se a seguir uma deixa, Jerrold empurrou a porta, trazendo um prato semelhante ao que eu trouxera a Jim. O churrasco do Leste da Carolina do Norte, que é temperado com vinagre e flocos de malagueta, é diferente do churrasco de qualquer outra parte do mundo. Quando Jerrold já estava perto, levantei-me da cadeira, a dar-lhe o lugar.

– Vocês os dois já acabaram? – perguntou ele.

Pensei na resposta, a perguntar-me se ficara a saber alguma coisa ou até que ponto a informação correspondia à realidade.

– Sim – respondi –, penso que acabámos.

– Eu avisei-o, ele divaga um bocado quando fala – admitiu Jerrold. – Conseguiu as respostas que queria?

– Não sei bem – disse eu. – Ele disse que o meu avô ia visitar a Helen. E mencionou qualquer coisa sobre uma rapariga lá dentro, mas não faço ideia do que é que estava a falar.

– Acho que talvez tenha parte da resposta para isso.

– Que parte?

– A da rapariga lá dentro – disse Jerrold. – Estava a referir-se à Callie. Ela e o seu avô eram muito chegados.



Claude ainda estava junto à caixa registadora quando voltei a entrar na loja. Havia um punhado de clientes na fila e esperei até ele acabar para me aproximar.

– Como é que correu? – perguntou ele.

– Ainda estou a tentar compreender o que ele disse – respondi. – Sabe quando é que a Callie volta ao trabalho?

– Está aqui agora – disse Claude. – Mas está no intervalo dela. Deve voltar daqui a uns minutos.

O que explicava porque é que eu não a tinha visto antes.

– Sabe onde é que ela está?

– Se não está a dar de comer ao gato, geralmente come à mesa de piqueniques junto à doca – disse Claude.

– Obrigado – disse eu, e voltei a sair. Calculando que seria mais fácil falar com ela quando não estivesse a trabalhar, contornei a parte lateral da loja e meti pelo caminho que ia dar diretamente ao ribeiro. Sabia que não havia só uma mesa de piqueniques lá, mas também umas bombas de combustível perto da margem onde os barcos podiam encher o depósito. Estivera lá numerosas vezes com o meu avô.

O caminho serpenteava por entre algumas árvores e arbustos, mas quando por fim a vista ficou desimpedida, vi Callie sentada à mesa. Ao atravessar o

relvado, reparei no almoço frugal dela, que era evidente que tinha trazido de casa. Pão com manteiga de amendoim e geleia, um pacote de leite e uma maçã – já quase toda comida – num saco de papel pardo. Quando ela me ouviu aproximar, lançou um olhar na minha direção e depois voltou a fitar o ribeiro.

– Callie? – chamei quando já estava perto. – O Claude disse-me que talvez te encontrasse aqui.

Ela voltou a sua atenção para mim, com uma expressão desconfiada. Perguntei-me porque não estava na escola e reparei em mais uma nódoa negra no seu braço, perto da que vira quando passou pela minha casa. Em vez de falar, deu mais uma dentada no pão, quase a acabar. Recordando-me da desconfiança geral dela, parei a pouca distância da mesa, sem querer invadir o seu espaço. – Esperava poder falar contigo sobre o meu avô – disse. – Ouvi dizer que o ajudaste a colher o mel no verão passado.

– Quem lhe disse isso?

– Importa quem foi?

– Eu não fiz nada de mal – disse ela.

O seu comentário apanhou-me de surpresa. – Não estava a querer dizer que fizeste. Só estou a tentar descobrir porque é que ele foi à Carolina do Sul.

– Porque é que julga que eu sei alguma coisa sobre isso?

– Disseram-me que vocês os dois eram chegados.

Levantando-se da mesa, enfiou as últimas batatas fritas na boca e empurrou-as com um gole final de leite antes de meter os restos do seu almoço no saco. – Não posso estar a falar agora. Tenho de voltar para o trabalho e não posso chegar tarde.

– Compreendo – disse eu. – E não é minha intenção arranjar-te problemas. Como disse, só estou a tentar descobrir o que aconteceu ao meu avô.

– Não sei nada – repetiu ela.

– Ajudaste-o a colher o mel?

– Ele pagou-me – respondeu, com um rubor a alastrar-lhe como uma mancha nas faces pálidas. – Não roubei nenhum, se é isso que está a perguntar. Não roubei nada.

– Tenho a certeza que não. Porque é que não me disseste que o conhecias assim tão bem?

– Não o conheço a si nem sei nada sobre si.

– Sabias que eu era da família dele.

– E então?

– Callie...

– Eu não fiz nada de mal! – gritou ela de novo, interrompendo-me. – Ia a passar e ele viu-me e perguntou-me se o queria ajudar com o mel, por isso eu ajudei-o. Foram só dois dias, e depois disso colei os rótulos e arrumei os frascos nas prateleiras. Depois ele pagou-me. Foi tudo.

Tentei imaginar o meu avô a pedir-lhe ajuda para a colheita do mel por impulso, mas, por algum motivo, não consegui. E, com base nas conversas que tínhamos tido até este ponto, também não conseguia imaginá-la a aceitar tal coisa. Ao mesmo tempo, *havia* alguma verdade naquilo; ela admitira que o tinha ajudado a colher o mel. O que é que não estaria a contar-me?, pensei.

– Ele alguma vez mencionou que ia visitar a Helen?

Subitamente, Callie arregalou os olhos e, pela primeira vez, pensei ver neles um clarão de verdadeiro medo. Contudo, tão depressa quanto apareceu, desapareceu com uma sacudidela furiosa da sua cabeça. – Lamento a morte do seu avô, OK? Era um velhote simpático. E eu não me importei de o ajudar no mel. Mas não sei nada sobre porque é que foi à Carolina do Sul, e agradecia que me deixasse em paz.

Mantive-me em silêncio. Ela ergueu o queixo numa atitude de desafio e por fim deu meia-volta e dirigiu-se para a loja. No caminho, atirou com os restos do seu almoço para um caixote do lixo sem parar de andar.

Fiquei a vê-la afastar-se, a perguntar-me o que seria que eu tinha dito que tanto a incomodara.



Já em casa, pensei no que tinha ficado a saber, se é que tinha ficado a saber alguma coisa. Poderia confiar no que Jim me contara? Ou Jerrold? O meu avô teria ido a Easley por causa de uma mulher chamada Helen? E como interpretar a minha conversa com Callie? O que dissera eu para a fazer crer que estava metida em trabalhos?

Não sabia. No entanto, ao continuar a refletir sobre o meu encontro com

Callie, atormentava-me a sensação de que ela dissera alguma coisa – ou que eu vira alguma coisa – importante. Era a resposta para uma das minhas muitas perguntas, mas quanto mais tentava focar-me nela, mais vagos se tornavam os meus pensamentos. Era como se estivesse a tentar agarrar uma mão-cheia de fumo.

---

1 Riddle significa adivinha. *(N. da T.)*

CAPÍTULO 9



Na quarta-feira, enquanto pensava no meu encontro possível mas não garantido com Natalie, decidi ir dar uma volta no barco do meu avô para tentar encontrar os jacarés e as águias de que ouvira falar no dia anterior.

Fiz uma inspeção rápida antes de desamarrar as cordas e ligar o motor. Não havia mais nenhum barco nas imediações, o que era uma sorte, porque eu precisava de voltar a acostumar-me a manobrá-lo. Como não tinha nenhum desejo de participar numa corrida de demolição aquática ou de encalhar acidentalmente, acelerei aos poucos, virando o volante enquanto me afastava da doca. Para minha surpresa, o barco era muito mais fácil de manobrar do que eu recordava, o que queria dizer que o meu avô devia ter-lhe feito reparações, e consegui rapidamente encaminhá-lo na direção certa, como o diplomado pela Academia Naval altamente qualificado que supostamente era.

Em criança, adorava sair no barco com o meu avô, mas, ao contrário da maior parte das pessoas, que preferem os rios Trent e Neuse, mais largos, sempre gostei mais de Brices Creek. Como ele serpenteava pela Floresta Nacional de Croatan, provavelmente não mudara desde que os primeiros colonos haviam chegado à zona no início do século XVIII. De certo modo, dava a sensação de uma viagem no tempo, e, quando o meu avô desligava o motor, não ouvíamos mais nada a não ser o canto das aves empoleiradas nas árvores e de vez em quando um peixe a saltar, fazendo ondas na água negra e silenciosa.

Instalei-me, mantendo-me no meio do ribeiro. Embora o barco fosse feio, era surpreendentemente estável. O meu avô construíra o barco assim porque Rose tinha medo da água. Como epilética, cujos ataques foram aumentando de frequência e intensidade à medida que foi envelhecendo, nunca

aprendera a nadar, e por isso ele concebeu algo que não pudesse virar-se ou afundar-se, com gradeamentos para a impedir de cair borda fora. Mesmo assim, como normalmente Rose tinha de ser convencida a acompanhá-lo, o meu avô ia sozinho muitas vezes, pelo menos até a minha mãe ter idade para ir com ele. Quando comecei a passar os meus verões com ele, passávamos quase todas as tardes na água.

Andar de barco parecia sempre deixar o meu avô num estado contemplativo. Por vezes, contava histórias sobre a sua infância, que tinha sido bem mais interessante do que a minha, ou falava sobre as abelhas ou o seu trabalho na serração, ou como era a minha mãe em criança. Contudo, os seus pensamentos voltavam-se quase sempre para Rose e abatia-se sobre ele uma melancolia, como uma velha manta. Quanto mais velho ficava mais se repetia, e por volta da minha última visita já tinha ouvido todas as histórias dele o suficiente para poder recitá-las de cor. Mas escutava-o sem o interromper, vendo-o perdido nas suas recordações porque sabia o quanto a minha avó significara para ele.

Tinha de admitir que a história deles era encantadora; remontava a um lugar e um tempo que eu só conhecia dos filmes a preto e branco, um mundo repleto de estradas de terra batida e canas de pesca artesanais de bambu e vizinhos que se sentavam à porta de casa para apanharem a fresca, acenando a quem passasse. Depois da guerra, o meu avô tinha visto Rose pela primeira vez a beber um refrigerante com as amigas à porta da loja e ficara tão encantado com ela que jurou aos amigos que tinha visto a mulher com quem ia casar um dia. Depois disso, via Rose por toda a parte, junto à Igreja Episcopal de Cristo com a mãe ou a passar pelo Piggly Wiggly, e ela também começou a reparar nele. Mais tarde nesse verão, nas festas do condado, houve um baile. Rose estava lá com as amigas e, embora ele tivesse demorado a maior parte da noite a arranjar coragem para atravessar o salão e convidá-la para dançar, ela disse-lhe que tinha estado à espera toda a noite que ele fizesse isso mesmo.

Casaram daí a menos de seis meses. Passaram a lua de mel em Charleston e depois regressaram a New Bern para se instalarem na sua vida juntos. Ele construiu a casa, e ambos queriam um rancho de filhos. Contudo, talvez por causa do seu problema de saúde, Rose sofreu uma série de abortos uns a seguir aos outros, cinco no total ao longo de um período de oito anos. Quando já tinham perdido a esperança, a minha mãe foi concebida e a

gravidez chegou a bom termo. Consideravam a minha mãe uma dádiva de Deus, e o meu avô jurava que Rose nunca lhe parecera mais linda do que quando ele via mãe e filha juntas, a brincarem ao jogo da macaca ou a lerem ou até mesmo de pé no alpendre a sacudirem a poeira dos tapetes.

Anos mais tarde, quando a minha mãe foi para a faculdade com uma bolsa de estudos, o meu avô contou-me que ele e Rose viveram uma segunda lua de mel, que durou até ao último dia que passaram juntos. Todas as manhãs, ele saía cedo para ir colher um ramo de flores para Rose; ela preparava o pequeno-almoço, que comiam os dois juntos no alpendre das traseiras enquanto viam a neblina elevar-se lentamente da água. Ele beijava-a e ia para o trabalho, e beijava-a de novo quando regressava ao fim do dia; iam passear ao fim da tarde de mãos dadas, como se o toque pudesse de alguma maneira compensar as horas que tinham passado longe um do outro.

O meu avô deu com ela no chão da cozinha num sábado, depois de ter passado a tarde a construir mais colmeias. Pegou no seu corpo sem vida e abraçou-a. Chorou durante mais de uma hora antes de telefonar para as autoridades. Ficou tão destroçado que, pela primeira vez, a minha mãe tirou uma licença de um mês do consultório e veio fazer-lhe companhia. Ele passou uma parte do ano seguinte a esculpir a lápide do túmulo dela, e eu sabia que, até à nossa última conversa ao telefone, ele continuou a visitar a sepultura dela todas as semanas.

Era Rose e só Rose; ele sempre jurara que ninguém poderia alguma vez substituí-la. Não havia nenhuma razão para duvidar dele, e nunca o fiz. Perto do fim, o meu avô já estava com mais de noventa anos e tinha artrite e uma carrinha nas últimas; levava uma vida simples que incluía tratar das suas abelhas e dar um jeito ao barco, ao mesmo tempo que mantinha vivas as recordações de uma mulher que jamais poderia esquecer.

Dei voltas mentalmente a todas estas coisas enquanto os meus pensamentos regressavam à conversa que tivera com Jim. Tentava conciliar os comentários dele com o avô que conhecera, mas simplesmente não era capaz. Apesar do que me tinha sido dito, soube com uma certeza súbita que o meu avô não fora nem nunca teria ido à Carolina do Sul para visitar uma mulher chamada Helen.



Continuei a subir o ribeiro, a ir de curva em curva até chegar por fim à rampa pública dos barcos na Floresta Nacional de Croatan. Um pequeno dado interessante sobre a floresta: é um dos poucos lugares do mundo onde se podem encontrar dioneias e outras plantas carnívoras silvestres. O meu avô costumava trazer-me aqui para as procurarmos. De algum modo, apesar de serem constantemente levadas pelas pessoas, ainda são relativamente comuns.

A rampa dos barcos era um dos pontos de referência de que ouvira falar no Trading Post. Supostamente, as águias e os jacarés estavam a algumas curvas do ribeiro mais à frente, mas eu não sabia se seria uma curva ou dez. Como a descrição do tipo fora um pouco vaga, abrandei a velocidade do barco e pus-me a perscrutar as árvores em ambas as margens. O problema, como não demorei a aperceber-me, era que não fazia ideia do que devia procurar.

A tecnologia, contudo, é uma coisa maravilhosa. Pegando no telemóvel, fiz uma pesquisa rápida na Internet e consegui encontrar imagens de ninhos de águias. Aos meus olhos, pareciam ninhos de aves como outros quaisquer, só que muito maiores, o que me fez sentir tolo por não ter partido logo desse princípio. Por fim, avistei um nos ramos altos de um cipreste, um feito tornado ainda mais simples pelo facto de a mamã ou o papá águia estar sentado no ninho, com o parceiro ou a parceira empoleirado nos ramos de uma árvore ali perto.

A propósito, não ficava a duas curvas da rampa dos barcos, mas a quatro.

Parei o barco e perscrutei as margens à procura dos jacarés, mas tive menos sorte nesse aspeto. Contudo, reparei numa zona sem vegetação, enlameada e com alguns buracos reveladores. Como tinha vivido na Flórida, já os vira antes. Infelizmente, não estavam por ali nenhuns jacarés, mas eles são um animal territorial, o que queria dizer que era provável que regressassem.

Entretanto, o meu olhar foi atraído pelas águias e tirei-lhes algumas fotografias com o telemóvel. Com o seu corpo castanho e cabeça branca, eram tal e qual como a que aparece no Grande Selo dos Estados Unidos, e a primeira vez que as via em estado selvagem. Mas não tardou a tornar-se

aborrecido. Para além de virarem ocasionalmente a cabeça, não se mexiam muito, e, ao fim de algum tempo, era tão empolgante observá-las a elas como às árvores. Perguntei-me se haveria ovos no ninho, mas pouco depois avistei algumas águias jovens. De vez em quando, uma ou ambas erguiam a cabecinha e senti vontade de contar a alguém. Pegando de novo no telemóvel, escrevi uma mensagem breve a Natalie.

Tens tempo para conversar logo?

Mais uma vez dei comigo a fitar o telemóvel para ver se ela a tinha lido; para minha surpresa, a resposta dela chegou rapidamente:

Provavelmente vou ter algum tempo por volta das 8.

Sorri, a pensar que as coisas com Natalie estavam a tornar-se interessantes. Não era exatamente como com o meu avô e Rose, mas decididamente interessante.



Continuava sem ter notícias das empresas de ambulâncias, mas achei que devia dar-lhes até segunda-feira antes de voltar a contactá-las. Apesar disso, o resto da minha tarde foi produtivo, se considerarmos que fazer uma longa sesta depois de um belo passeio de barco é produtivo.

Decidi jantar no Morgan's Tavern. Localizado no centro, era o tipo de sítio que me agradava: soalhos de madeira, muito tijolo rústico, tetos altos com traves e uma ementa extensa. Como estava com muito movimento, acabei sentado a uma das mesas na zona do bar, mas o serviço foi rápido e a comida era saborosa. Um bom sítio para fazer horas até telefonar a Natalie.

Não querendo ser demasiado pontual, liguei-lhe sete minutos depois da hora. Talvez não querendo parecer muito interessada, Natalie atendeu ao quarto toque. *Oh, os jogos tontos que as pessoas jogam...*

– Olá – disse eu. – Que tal correu o trabalho?

– Bem, mas sinto-me contente por estar no turno diurno nas próximas semanas. Custa-me dormir quando o sol está a brilhar. O meu corpo simplesmente não gosta disso.

– Devias fazer um internato hospitalar. Assim, nunca terias de dormir.

Riu-se. – O que se passa?

– Nem adivinhas aonde eu fui hoje – respondi.

– Telefonaste porque queres que eu adivinhe?

– Não – disse eu. – Fui andar de barco no ribeiro.

– No barco do teu avô?

– Prefiro pensar nele como um iate.

– Ah – disse ela, com um tom de diversão na voz. – Porque é que me estás a contar isso?

– Porque andei à caça de jacarés.

– Não me digas que encontraste um.

– Não, mas tenho quase a certeza que sei onde os encontrar. Estava a pensar que talvez pudéssemos ir procurá-los no domingo. Podíamos sair de barco, talvez seguido por um jantar em minha casa. Que dizes?

Um segundo de silêncio do outro lado da linha. A seguir: – Não vai andar muita gente no ribeiro este fim de semana?

O barco do teu avô atrai demasiada atenção das outras pessoas, não teve de acrescentar, *e eu preferia que mais ninguém soubesse que ando a conviver contigo.*

– Não no sítio onde iríamos. Subíamos o ribeiro, provavelmente ao fim da tarde. Costuma ser bastante sossegado. E depois comíamos em minha casa. Sei grelhar um bom bife.

– Não como carne vermelha.

Começava a compreender que Natalie raramente respondia com um simples sim ou não, mas começava a acostumar-me a isso. – Posso grelhar peixe, se preferires – sugeri. – Comes peixe, não comes?

– Como.

– Então, que me dizes a aparecer lá por casa por volta das quatro e meia? Passamos umas horas no barco, voltamos para casa, acendemos o grelhador. Talvez possamos abrir uma garrafa de vinho. E prometo-te que, mesmo que não encontremos os jacarés, vais ver uma coisa bastante espantosa.

– O que é?

– É surpresa. O que te parece?

– Às quatro e meia?

– Podíamos ir mais cedo, mas mais tarde não, senão ficamos sem a luz do dia enquanto estivermos no ribeiro.

No silêncio que se seguiu, tentei em vão imaginá-la enquanto falava comigo ao telefone. Onde estaria? Na cozinha? Na sala? No quarto? Por fim, ouvi de novo a voz dela. – Está bem – disse, ainda a soar hesitante. – Então é para ir ter a tua casa?

– Se preferires, posso ir buscar-te.

– Isso não é necessário – disse ela.

Porque não queres que eu saiba onde vives? – Ótimo – disse eu, ignorando aquela dúvida interior. – Só mais umas perguntas... comes atum?

– Sem problemas.

– E a probabilidade de vires é superior a 50 por cento desta vez?

– Ah, ah – riu-se. – Estou aí às quatro e meia.

Talvez eu estivesse a imaginar, mas pareceu-me que em parte se sentia lisonjeada com a minha persistência. – Boa noite, Trevor.

– Boa noite, Natalie.



Na quinta-feira, fui contactado pela primeira das empresas de ambulâncias, que me disse que não haviam assistido o meu avô nem o tinham transportado.

Na sexta, fui contactado pela segunda empresa e tive mais sorte. Após uma breve conversa, enviaram-me por *e-mail* uma cópia digitalizada do relatório.

Li que o meu avô, Carl Haverson, tinha sido recolhido perto do quilómetro 11 na estrada 123 e transportado para o hospital de Easley. Embora com poucos pormenores, o relatório indicava que ele estava sem sentidos e com a pulsação fraca. Foi-lhe administrado oxigénio a caminho do hospital, onde chegou às 8h17.

Não era muita informação, e revelou-me pouco que eu não soubesse já, para além da localização da recolha. Uma pesquisa rápida na Internet, incluindo o Google Earth, mostrou-me uma parte da estrada perto de um centro comercial degradado, o que não acrescentou nenhuma informação útil, principalmente porque não fazia ideia do que de facto ocorrera para chamarem a ambulância. Talvez o meu avô estivesse a dirigir-se para a carrinha ou para um restaurante. Eu não sabia quem tinha chamado a

ambulância ou até o que *perto do quilómetro 11* queria dizer de facto. Talvez a única maneira de descobrir a resposta para qualquer uma destas perguntas fosse ir até lá verificar.

Contudo o tempo da chegada ao hospital desencadeou um pensamento adicional, algo que devia ter compreendido antes. Easley ficava a pelo menos seis horas de carro; na carrinha do meu avô, com a idade dele, poderia ter demorado até nove horas a chegar lá. Ele teria conduzido durante toda a noite? Por mais que tentasse, não conseguia imaginar isso. Ele era e sempre fora de se levantar cedo. Mentalmente, via-o a meter-se na carrinha logo de manhã cedo, depois de ter dormido num hotel ou num motel...

Onde é que teria passado a noite, então? Perto de Easley? Mais para leste?

Além disso, se tinha sido encontrado perto da carrinha, eu sabia que de maneira nenhuma ela estaria ainda parada na berma da estrada, não ao fim de seis meses. Então, como é que a ia encontrar?

Debati-me com estas questões ao longo do resto do dia, sem chegar a nenhuma resposta. O que acabei por aceitar, contudo, era que se desenhava no meu futuro muito próximo uma ida a Easley.Para compreender o que tinha acontecido ao meu avô, sabia que não tinha outra opção a não ser ir lá.

CAPÍTULO 10



No sábado o verão parecia ter chegado, pelo menos quando fui correr. Ao acabar, fui capaz de torcer o suor da *T-shirt* antes de tomar um duche, o que era um bocado nojento, mas recordou-me os anos em que fui de facto um atleta, não um tipo que estava simplesmente a tentar impedir que as calças lhe ficassem apertadas na cintura.

Depois do pequeno-almoço, limpei a casa outra vez, prestando uma atenção especial à cozinha e às casas de banho, e depois levei a pequena mesa de jantar e as cadeiras para o alpendre das traseiras. Mudei as cadeiras de baloiço de posição, pus o grelhador num novo lugar e procurei nos armários uma toalha de mesa e velas, dando o meu melhor para criar um ambiente subtilmente romântico.

Preparar o barco foi um pouco mais duro. Embora eu não quisesse saber se as cadeiras estavam velhas ou cheias de bolor, pensei que talvez ela se importasse, e tive de ir a correr a uma loja comprar o produto de limpeza de que necessitava. Depois de fazer uma paragem na mercearia, levei o barco às bombas de combustível do Trading Post para encher o depósito, mas até mesmo isso demorou mais tempo do que eu esperava, devido à longa fila. Três pessoas diferentes sacaram do telemóvel para me tirarem fotografias enquanto eu estava na fila, por eu ser atraente como tudo, claro. Ou, talvez estivessem mais interessadas no barco. Quem sabe?

Pus a mesa, dispus umas flores do jardim numa jarra, meti as garrafas de vinho no frigorífico, preparei vegetais e uma salada. Meti gelo, cerveja,

refrigerantes e água na mala térmica e levei-a para o barco, juntamente com uma travessa de petiscos. Nessa altura, já a tarde ia a meio; tentei em vão, recordar a última vez que demorara tanto tempo a preparar-me para um encontro.

Tomei o segundo duche desse dia e, pensando no calor abafado que fazia, o meu instinto disse-me que uns calções e uma *T-shirt* seriam o mais apropriado para o barco. Em vez disso, optei por umas calças de ganga, uma camisa azul e uns *mocassins*. Arregacei as mangas da camisa e esperei que a brisa a impedisse de ficar encharcada em suor.

Devia ter dado ouvidos aos meus instintos. Natalie apareceu daí a uns minutos, saindo do seu carro de calções de ganga, óculos de sol, sandálias e uma *T-shirt* dos Rolling Stones, um aspeto descontraidamente *sexy* em que reparei de imediato. Engoli em seco com força.

Depois de tirar um saco de lona de tamanho médio do assento ao lado do do condutor, virou-se, estacando quando me viu.

– Pensei que tinhas dito que íamos andar de barco.

– E vamos – disse eu. – Este é o meu uniforme de capitão.

– Vais ter muito calor...

Pois vou, pensei, já a sentir o sol em brasa. – Eu fico bem...

Aproximando-me do carro dela, não sabia se me devia inclinar para um abraço ou ficar ali parado como um idiota. Escolhi a segunda opção. Ela agiu com a mesma indecisão, o que me fez perguntar se estaria tão nervosa quanto eu. Duvidava, mas não deixou de me fazer sentir melhor.

– Não tinha a certeza se devia trazer alguma coisa – disse ela, apontando para o carro. – Mas tenho uma mala térmica pequena com bebidas no assento traseiro.

– Já pus algumas no barco, mas não me importo de levar o que trouxeste, para o caso de ser preciso.

Abri a porta de trás e peguei na mala térmica.

– Que tal foi o teu dia? – perguntou quando nos dirigíamos para a casa.

– Relaxante – menti. – E o teu?

– O típico sábado.

– Foste ao mercado?

– Entre outras coisas. – Encolheu os ombros. – Achas mesmo que vamos ver um jacaré?

– Espero que sim – respondi. – Mas não há garantias.

– Se virmos, vai ser uma primeira vez. Isso é sempre empolgante.

– O que trazes no saco?

– Roupas para mais tarde – disse ela. – Não queria ter frio.

Francamente, eu teria ficado contente se ela continuasse vestida como estava, mas não disse nada.

Empurrei a porta da rua. – Entra. Deixa o saco onde quiseres.

– Quanto tempo achas que vamos estar no barco?

– É difícil dizer. Decididamente, voltamos antes do anoitecer.

Natalie tirou o protetor solar do saco e seguiu-me pela casa até ao alpendre das traseiras. Quando viu tudo o que eu tinha feito, arqueou uma sobrancelha.

– Uau! – exclamou. – Estiveste atarefado.

– Os meus pais ensinaram-me a causar boa impressão.

– Já o tinhas conseguido – disse ela –, ou não teria aceitado o teu convite.

Pela primeira vez na presença dela, fiquei sem palavras. Penso que ela sabia que me tinha surpreendido, porque se riu.

– Ora bem – prosseguiu. – Vamos lá meter-nos no barco e encontrar uns jacarés.

Fui à frente até à doca e pousei a mala térmica dela ao lado da minha quando embarcámos. O barco baloiçou ligeiramente com o nosso peso.

– Nunca tinha estado num iate – disse ela, retomando o fio à minha piada anterior. – Espero que seja seguro.

– Não te preocupes. Está preparado para navegar. – Saltei para a doca por um breve momento para desamarrar as cordas e depois voltei para junto dela, perguntando: – Queres uma cerveja ou um copo de vinho antes de partirmos?

– Uma cerveja parece-me bem.

Enfiei a mão na mala térmica e tirei uma *Yuengling*. Desandei a cápsula e passei-lhe a garrafa para as mãos. Abri outra para mim, celebrando interiormente a nossa primeira bebida juntos.

Ergui a garrafa na direção dela. – Obrigado por teres vindo – disse. – Saúde.

Ela bateu com a sua garrafa na minha antes de beber um pequeno gole. – É boa – comentou, examinando o rótulo.

Sem perder tempo, avancei para a popa e liguei o motor puxando o cordel. De volta à cabina, acelerei e afastei-me da doca. Avancei para o

meio do ribeiro, grato pela brisa. Já sentia uma leve camada de transpiração a formar-se, mas Natalie parecia muito confortável. Estava de pé junto à balaustrada, a contemplar o cenário, com o cabelo a esvoaçar para trás, deslumbrante à luz do sol. Dei comigo a admirar-lhe as pernas antes de voltar de novo a minha atenção para o barco. Um acidente poderia destruir a boa impressão que eu causara antes, com aquela coisa toda da toalha de mesa e das velas no alpendre.

Avançámos ao longo das curvas largas. Às casas em ambas as margens sucederam-se zonas de pesca só numa das margens; depois disso, nada a não ser a natureza. Entretanto, apesar do meu problema de profundidade de visão, evitei com perícia vários escolhos, e teria chamado a atenção de Natalie para a minha mestria se não se desse o caso de haver inúmeras boias em tons néon a alertar os marinheiros para a necessidade de manterem uma distância segura.

Depois de aplicar protetor solar nos braços e nas pernas, Natalie veio para junto de mim.

– É a primeira vez que subo o Brices Creek – disse. – É lindo.

– Como é que podes viver aqui e nunca ter vindo cá?

– Não tenho barco – disse ela. – Quero dizer, já estive no rio Trent e no Neuse com amigos, mas nunca viemos por aqui acima.

– Julguei que não saías muito.

– E não saio – disse ela. – Não ultimamente, de qualquer maneira.

Embora pudesse perguntar-lhe porquê, percebi que ela não queria que o fizesse. – Se tiveres fome, há uns petiscos em cima da mesa.

– Obrigada, mas estou bem para já. Não me lembro da última vez que bebi uma cerveja, portanto estou a apreciá-la.

Fitou a água negra que se movia lentamente, com a garrafa fria da cerveja na mão, a aproveitar o sol.

– Como é que soubeste onde encontrar os jacarés? – perguntou.

– Ouvi umas pessoas a falarem sobre isso quando estava a almoçar no Trading Post e por isso decidi vir ver.

– Nunca comi lá.

– Podes não acreditar, mas a comida é de facto bastante boa.

– Já ouvi dizer. Mas é um bocado longe de onde vivo.

– Nada é longe em New Bern.

– Eu sei, mas passo tanto tempo ao volante quando estou de serviço que

fico farta de conduzir.

– Vieste de carro até aqui, e a minha casa não fica longe do Trading Post.

– Mas o Trading Post não tem toalhas nas mesas, e velas.

Soltei uma risada. Continuámos a subir o ribeiro, com as árvores das margens a penderem sobre a água, que era tão lisa como uma mesa de bilhar. Aqui e ali, víamos a ocasional doca, cheia de ervas daninhas e com a madeira a apodrecer. Acima de nós, uma águia-pescadora andava às voltas.

Natalie continuava de pé ao meu lado, e eu tive a sensação de que algo mudara entre nós. De vez em quando, ela bebia um gole de cerveja, e eu perguntava-me se ela se teria sentido nervosa com a perspetiva do nosso encontro.

Andaria com alguém? Continuava a parecer-me provável, mas, se assim fosse, porque é que viera hoje ou tinha ido sequer jantar comigo? Estaria farta ou infeliz? Ou simplesmente a sentir-se só? E como é que ele seria? Há quanto tempo estariam juntos? Também era possível que ela tivesse sentido curiosidade por ver os jacarés e me encarasse como um amigo, mas nesse caso porque estaria assim tão perto de mim? Sabia que eu me sentia atraído por ela. O senso comum ditava que convidá-la para um segundo jantar em igual número de semanas significava algo mais do que um desejo de simples amizade, e no entanto ela aceitara encontrar-se comigo outra vez. Se realmente andava com alguém, como explicaria a sua ausência hoje? Será que ele não vivia na cidade? Estaria nas forças armadas ou destacado para outro lugar? Como de costume, eu não tinha respostas.

O ribeiro continuou a estreitar-se até chegarmos à rampa dos barcos e entrarmos na floresta nacional. Na doca, vi um homem com o filho a pescarem; acenaram-nos quando passámos. Embora eu ainda só tivesse bebido metade da cerveja, ela já estava morna. Inclinando-me na balaustrada, despejei o resto e meti a garrafa vazia no caixote do lixo da cabina.

– Quanto tempo falta? – A voz dela soou atrás de mim.

– Estamos quase lá – respondi. – Mais uns minutos.

Ao contornar a última curva, comecei a reduzir a velocidade. No cimo de uma árvore, avistei uma das águias pousada no ninho, embora o seu par não estivesse por ali. Mais acima, na outra margem do ribeiro, na pequena clareira enlameada, estavam dois jacarés a apanhar banhos de sol. Eram ainda jovens, não tinham mais do que um metro e meio desde o nariz até à

ponta da cauda, mas não deixou de dar a sensação de ser um golpe de sorte.

– Ali estão eles – disse eu, acenando a Natalie para que se aproximasse.

Ela correu para a proa, a vibrar de excitação.

– Não posso crer – exclamou. – Estão mesmo ali!

Virei o volante, a tentar pôr o barco num ângulo que nos permitisse ficar sentados nas cadeiras a apreciar a vida selvagem. Satisfeito, desliguei o motor e depois fui à popa para lançar a âncora, sentindo a corda a retesar-se quando ela se prendeu no fundo.

Nessa altura já Natalie tinha pegado no telemóvel e estava a tirar fotografias.

– Há ainda mais uma coisa – recordei-lhe. – A surpresa de que te falei.

– O que é?

Apontei para o cimo da árvore. – Há um ninho de águias ali mesmo, e há crias também. São um bocado difíceis de avistar, mas fica atenta.

Natalie pôs-se a olhar das águias para os jacarés e de novo para as águias enquanto eu retirava a película transparente da travessa de comida e pegava noutra cerveja. Meti um morango à boca e instalei-me numa das cadeiras. Recostando-me, puxei a alavanca para fazer subir o descanso das pernas.

– Estás confortável? – disse Natalie em tom de troça.

– O meu avô era um homem sábio no que dizia respeito a luxos.

Natalie tirou umas uvas da travessa e sentou-se, embora não reclinasse completamente a cadeira.

– Não posso crer que vi finalmente um jacaré – disse, maravilhada.

– Tu mencionas um desejo, eu faço com que aconteça. Sou um pouco como o génio da lâmpada de Aladino.

Ela fez uma careta, mas vi que já apreciava mais o meu humor. Equilibrei um pedaço de queijo numa bolacha de água e sal ao mesmo tempo que Natalie pousou a cerveja em cima da mesa.

– Então... é este o teu truque? – perguntou.

– Não sei o que queres dizer.

– Tudo isto – disse ela, abrindo muito os braços. – O cenário lá em tua casa, passeios de barco, surpresas. É assim que geralmente tentas seduzir as mulheres?

– Nem sempre. – Bebi um gole modesto da cerveja.

– Então, porquê o grande espetáculo hoje?

– Porque pensei que ias gostar. – Inclinei a minha garrafa para a dela. –

Aos jacarés.

– E à águia – concordou ela com relutância, estendendo a mão para a garrafa e fazendo-a tilintar na minha. – Mas não tentes mudar de assunto.

– Não sei bem qual é o assunto.

– Tenho a sensação de que és um conquistador. No que diz respeito a mulheres, quero dizer.

– Porque sou tão esperto e carismático?

– Porque eu não sou ingénua.

– Tudo bem. – Ri-me. – Mas não sou só eu. Tu podias ter recusado o meu convite.

Natalie estendeu a mão para mais uma uva. – Eu sei – concordou por fim, baixando a voz uma oitava.

– Arrependes-te?

– Na verdade, não.

– Pareces surpreendida.

– E estou – disse ela, e nos minutos seguintes, nem um nem o outro falámos. Em vez disso, pusemo-nos a admirar as vistas e Natalie finalmente avistou as crias de águia no ninho. Ergueu o telemóvel para tirar umas fotografias, mas nessa altura já eles se tinham recolhido de novo abaixo do rebordo do ninho. Ouvi-a suspirar, a fitar-me de olhos semicerrados.

– Já alguma vez estiveste apaixonado? – perguntou.

Embora não estivesse a contar com a pergunta, surgiu uma recordação involuntária de Sandra. – Acho que sim – respondi.

– Achas?

– Enquanto estivemos juntos, pensava que sim – admiti. – Mas agora já não tenho a certeza.

– Porque é que não tens a certeza?

– Se estivesse realmente apaixonado, acho que sentiria mais a falta dela do que sinto. Pensaria mais nela.

– Quem era?

Hesitei. – Era enfermeira nos serviços de traumatismos. Chamava-se Sandra. Era esperta. Linda. Apaixonada pelo trabalho. Conhecemo-nos em Pensacola e fomos felizes a princípio, mas as coisas complicaram-se quando fui destacado para o Afeganistão. – Encolhi os ombros. – Quando voltei, eu...

Olhei para ela.

– Já te contei que não estava bem tanto mental como emocionalmente, e descarreguei nela. Espanta-me que me tenha aturado aquele tempo todo.

– Quanto tempo estiveram juntos?

– Pouco mais de dois anos. Mas tens de te lembrar que estive ausente uma grande parte desse tempo. No fim, perguntei-me até se nos conheceríamos bem. Depois de rompermos, demorei algum tempo a compreender que sentia falta da ideia de ter alguém, não propriamente dela. Sabia que nunca a amara como o meu avô amou a minha avó ou até como os meus pais se amavam. O meu avô era um verdadeiro romântico; os meus pais eram parceiros e amigos e complementavam-se um ao outro perfeitamente. Eu não sentia nenhuma dessas coisas com a Sandra. Não sei. Talvez simplesmente não estivesse preparado.

– Ou talvez ela não fosse a tal.

– Talvez.

– Houve mais alguém? Quando eras novo, talvez?

Fosse por que razão fosse, veio-me à mente a Rapariga do Ioga, mas abanei a cabeça. – Andei com raparigas no secundário e na faculdade, mas nada de muito importante. Depois de os meus pais morrerem, durante o curso e depois no internato, dizia a mim mesmo que estava demasiado ocupado para algo sério.

– Provavelmente estavas.

Sorri com agrado perante a reação dela, mesmo que ambos soubéssemos que era uma desculpa. – E tu? Disseste que estiveste apaixonada? És mais do tipo romântico ou do tipo parceira e amiga?

– Ambos – respondeu. – Queria tudo.

– E conseguiste o que querias?

– Consegui – disse ela. Ergueu a garrafa, ainda meio cheia. – O que é que faço com isto?

– Eu trato disso – disse eu, e estendi a mão para a garrafa dela. Levantei-me da cadeira, esvaziei o conteúdo no ribeiro e pus a garrafa vazia ao lado da minha no caixote do lixo. Quando voltei para junto dela, apontei para a mala térmica. – Queres outra?

– Tens garrafas de água?

– É claro. Vim preparado. – Passei-lhe uma para a mão antes de voltar a instalar-me na cadeira. Continuámos a conversar enquanto debicávamos os petiscos, evitando tudo o que fosse demasiado íntimo. A nossa conversa

anterior sobre o amor parecia ter esbarrado contra alguma espécie de limite pessoal interno dela, portanto falámos sobre a cidade, a carreira de tiro onde Natalie gostava de ir praticar e algumas das operações mais complicadas que eu tinha realizado. Por fim, ela conseguiu tirar umas fotografias às crias de águia e enviou-as para o meu telemóvel, algo de que só me apercebi quando o senti vibrar no bolso e olhei para o ecrã.

Enquanto estávamos ali a flutuar, começara a formar-se uma camada fina de nuvens, fazendo com que o sol passasse de amarelo a cor de laranja, e quando o céu começou a tingir-se de violeta, eu soube que chegara o momento de voltarmos para trás.

Icei a âncora e liguei o motor, e Natalie cobriu a travessa dos petiscos antes de vir ter comigo à cabina. Conduzi mais depressa no regresso, o que tornou a viagem mais rápida, mas, mesmo assim, espantou-me a velocidade com que o tempo tinha passado. Quando amarrámos o barco, já estava a instalar-se o anoitecer. O céu era uma paleta brilhante, e os grilos tinham começado a cantar. Ajudei Natalie a saltar para a doca e depois passei-lhe a mala térmica mais pequena. Equilibrando a travessa na mala térmica maior, encaminhei-me ao lado dela para o alpendre das traseiras.

Uma vez lá chegados, abri a mala térmica. – Queres outra garrafa de água? – perguntei.

– Tens vinho?

– Preferes tinto ou branco?

– Branco.

Entrei em casa, tirei o vinho do frigorífico e procurei um saca-rolhas. Servi dois copos e voltei para o alpendre. Ela estava perto da balaustrada, a ver o pôr do sol.

– Aqui tens – disse eu, passando-lhe um copo para as mãos. – *Sauvignon blanc*.

– Obrigada.

Bebemos um gole ao mesmo tempo, a admirar a vista.

– Telefonei ao hospital, como sugeriste – disse eu. – Por causa do meu avô.

– E?

– Tinhas razão, foi um primeiro passo de importância crítica. – Prossegui, pondo-a a par do que se passara. Escutou-me atentamente, sem nunca despregar os olhos do meu rosto.

– Onde é que achas que ele ia? Se não era a Easley?

– Não sei.

– Mas não achas que foi ver a Helen?

– A não ser que tivesse sofrido uma mudança radical, simplesmente não consigo imaginá-lo a interessar-se por outra mulher. Não na idade dele, não tão longe e decididamente não depois da maneira como ele falava sobre a minha avó.

– Falou-me sobre ela uma vez – disse Natalie num tom pensativo. – Disse que ela costumava trautear umas músicas na cozinha quando estava a cozinhar, e que por vezes, mesmo agora, ele imaginava que ainda a ouvia.

– Quando é que te contou isso?

– No ano passado, talvez? Foi no mercado, e não me lembro de como o assunto veio à baila, mas lembro-me de ter ficado a pensar naquela história quando cheguei a casa. Via-se que ele ainda a amava.

– É o que eu quero dizer – concordei. – Ele era um homem de uma só mulher.

Ela bebeu mais um gole. – Acreditas nisso? Que há só uma mulher para um homem, para sempre? A coisa toda das almas gémeas?

– Suponho que é possível para alguns casais, como eles ou até mesmo como os meus pais, mas provavelmente será mais a exceção do que a regra. Penso que a maior parte das pessoas se apaixona mais do que uma vez na vida.

– E no entanto não tens a certeza se alguma vez estiveste apaixonado.

– Não é justo parafraseares as minhas declarações anteriores.

Riu-se. – Então, o que vais fazer quanto ao teu avô?

– Estou a pensar em ir até Easley na terça-feira. Quero descobrir onde o foram buscar e tentar localizar a carrinha dele. Talvez me ajude a deslindar as coisas.

– É uma grande viagem sem muito que a justifique – observou ela.

– Só deve levar um ou dois dias.

Enquanto estava a falar, vi-a tremer. Pousou o copo de vinho na balaustrada e esfregou os braços. – Desculpa. Acho que estou a ficar com um bocado de frio. Posso mudar de roupa na casa de banho?

– Como as casa de banho são minúsculas, estás à vontade para usar um dos quartos, se preferires. Já tens fome? Queres que ligue o grelhador?

Natalie assentiu com a cabeça. – Estou a ficar com alguma fome, por isso

seria ótimo. Achas que posso beber mais um bocadinho de vinho antes de ir mudar de roupa?

– É claro.

Na cozinha, servi-lhe mais vinho – ela mandou-me parar quando o copo ficou meio cheio – e vi-a pegar no saco da salinha e desaparecer para o quarto. Como não sabia o que ela quereria jantar – para além do atum – tinha atirado com uma série de opções para o carrinho das compras no supermercado. Não só havia uma salada com feijão-verde e amêndoas, mas também arroz *pilaf* e salada de couve com maionese. Para o caso de alguém ficar demasiado bem impressionado, devo dizer que o *pilaf* de arroz vinha numa embalagem com instruções de preparação fácil e a salada de couve viera da secção de charcutaria do supermercado. Sandra tinha-me ensinado a preparar feijão-verde com azeite, alho e amêndoas laminadas. Pus a água a ferver no fogão para o arroz, transferi a salada para uma taça de vidro e, juntamente com a salada verde e um frasco de molho, levei tudo para a mesa lá fora. Liguei o grelhador, temperei os bifes com sal e pimenta e deitei o arroz e os condimentos para dentro do tacho. Depois de misturar molho de soja e wasabi para o molho do atum dela, pus o bife no grelhador e voltei para a cozinha para tratar do feijão-verde.

O bife, o arroz e o feijão-verde ficaram cozinhados em pouco tempo; cobri-os com papel de alumínio e pu-los dentro do forno para os manter quentes, mas continuava a não haver sinal de Natalie. Como o atum dela só demoraria um minuto ou dois nas brasas, não me dei ao trabalho de começar a cozinhá-lo. Em vez disso, levei uma coluna de som para o alpendre e depois usei o meu *iPhone* para pôr a tocar algumas das minhas músicas favoritas dos anos 1980. Sentei-me na cadeira de baloiço, bebi um gole do vinho que servira antes e pus-me a ver a lua a subir no céu, a brilhar logo acima das árvores. Era uma daquelas luas em forma de crescente – quarto crescente ou minguante – não tinha a certeza qual. A certa altura no ano passado descarreguei uma aplicação que explicava tudo sobre as constelações e onde encontrá-las no céu noturno; pensei que podia abri-la e depois tentar impressionar Natalie com os meus conhecimentos de astronomia.

Mas rejeitei a ideia. Para começar, ela veria logo o que eu estava a fazer. Estranhamente, quanto mais revirava os olhos mais eu sentia que podia simplesmente ser eu próprio. Agradava-me isso – que diabo, Natalie era a

mulher ideal, tanto quanto eu podia ver – mas o que é que importava? Eu ia-me embora de New Bern, portanto não tínhamos propriamente uma hipótese de alguma espécie de relação duradoura. Eu seguiria viagem, ela continuaria na sua vida, o que significava que não havia razão para me deixar levar pelo entusiasmo, certo?

Aquele exercício mental era-me familiar. No secundário, mantive uma distância emocional em relação às raparigas com quem andei e aconteceu a mesma coisa na faculdade e depois na especialidade. Com a Sandra, talvez fosse diferente a princípio, mas perto do fim eu mal conseguia lidar comigo mesmo, quanto mais com uma relação. Embora todas essas mulheres tivessem os seus encantos, ocorreu-me que estava sempre a pensar na fase seguinte da minha vida, uma fase que não as incluiria. Pode parecer superficial, e talvez o fosse, mas acreditava firmemente que todas as pessoas deviam esforçar-se por serem a melhor versão de si mesmas que pudessem, uma crença que, por vezes, requeria escolhas difíceis. Mas Natalie enganava-se ao pensar que isso fazia de mim um conquistador. Era mais de namoros uns atrás dos outros do que de andar no engate. A Rapariga do Ioga (*Lisa? Elisa? Elise?*) foi a exceção, não a regra.

No alpendre, sentia a força do meu comportamento passado a avisar-me para não me apaixonar por um mulher que em breve deixaria para trás. Nada de bom poderia advir disso. Ela ficaria magoada e eu também, e, mesmo que de algum modo pudéssemos tentar fazer com que resultasse, eu aprendera por experiência própria que a distância pode exercer pressão sobre qualquer relacionamento. E no entanto...

Algo tinha de facto mudado entre nós, e não havia maneira de eu o negar. Também não tinha a certeza de quando acontecera ao certo. Talvez fosse algo tão simples como um nível mais profundo de à-vontade, mas dei-me conta de que ansiava por mais do que uma relação física com ela. Queria o que tivéramos quando lhe mostrei as colmeias ou andámos no barco ou bebemos vinho no alpendre das traseiras. Queria a troca fácil de piadas, uma comunicação profunda e longos períodos em que nenhum dos dois sentia a necessidade de dizer fosse o que fosse. Queria perguntar-me no que ela estaria a pensar, para muitas vezes ser surpreendido; queria que ela traçasse suavemente com o dedo a cicatriz da minha mão e mostrar-lhe as outras que marcavam a minha pele. Tudo aquilo me dava uma sensação estranha, até mesmo um pouco assustadora.

Lá fora, a lua continuava a sua ascensão lenta, conferindo ao relvado uma tonalidade de prata azulada. Uma brisa morna agitava suavemente as folhas, como o som de alguém a segredar. As estrelas no céu refletiam-se nas águas do ribeiro, e subitamente compreendi porque o meu avô nunca quisera sair daqui.

Atrás de mim, pressenti que a luz diminuíra subitamente, a anunciar a aproximação de Natalie de dentro de casa. Virei-me para lhe dizer olá e sorri automaticamente antes de apreender completamente a mulher que estava ali de pé à porta. Por um momento, só consegui fitá-la, com a certeza de que nunca vira nenhuma outra mais linda.

Natalie estava com um vestido decotado e sem mangas vermelho-escuro que se colava às suas curvas esbeltas. Já não trazia o fio à volta do pescoço sem o qual nunca a vira, e estava com umas argolas grandes nas orelhas e uns sapatos finos e elegantes. Mas era o seu rosto que me fascinava. Tinha aplicado rímel, que acentuava as suas pestanas fartas, e a maquilhagem aplicada com perícia dava luminosidade à sua pele. Senti um vestígio de perfume, algo que lembrava flores silvestres. Na mão, trazia o seu copo de vinho vazio.

O facto de eu estar pasmado deve tê-la feito pensar, porque enrugou ligeiramente o nariz. – Demasiado?

A sua voz foi o suficiente para me despertar do meu transe.

– Não – disse eu. – Estás... estonteante.

– Obrigada. – Sorriu, parecendo quase tímida. – Sei que não é verdade, mas agradeço-te.

– Falo a sério – disse eu, e, de repente, soube: era isto o que eu queria; queria Natalie, não só para esta noite, mas para uma vida inteira de dias e noites como a que estávamos a ter neste momento. O sentimento era inegável, e subitamente compreendi o que o meu avô deve ter sentido quando viu Rose pela primeira vez em frente à loja há tanto tempo.

Estou apaixonado por ela, ecoou claramente uma voz na minha mente. Parecia ligeiramente surreal, mas mais verdadeiro do que qualquer outra coisa que eu alguma vez conhecera. No entanto, ouvia de novo aquela voz de aviso, a dizer-me que pusesse fim às coisas já, antes que se tornassem ainda mais sérias. Que tornasse as coisas mais fáceis para os dois. Mas a voz de aviso era um murmúrio apenas e dissipou-se perante a vaga de sentimentos que me dominava. *É assim que é*, pensei. *Era disto que o meu*

avô falava.

Durante todo este tempo, Natalie manteve-se em silêncio, mas, pela primeira vez, eu sabia no que ela estava a pensar. Via no seu sorriso radiante que estava a sentir exatamente a mesma coisa em relação a mim.



Forcei-me a desviar o olhar quando Natalie deslizou para o alpendre. Pigarreei e perguntei-lhe: – Queres outro copo de vinho? Eu acho que me apetece outro.

– Só meio copo – murmurou ela.

– Volto já.

Na cozinha, tive a sensação de que podia finalmente expirar. Tentei controlar-me, concentrando-me no simples ato de servir o vinho como uma maneira de abrandar as coisas. Não sei como, consegui voltar para o alpendre das traseiras com dois copos nas mãos, a tentar desesperadamente ocultar a minha perturbação interior.

Passei-lhe o copo para as mãos. – Podemos comer quando quiseres. Ainda tenho de grelhar o teu atum, mas não demora muito.

– Precisas de ajuda?

– Há algumas coisas no frigorífico e no forno, mas deixa-me começar a grelhar o atum primeiro, está bem?

Junto ao grelhador, desembrulhei o bife de atum, atento à aproximação de Natalie. Ela parou perto de mim, envolvendo-me no aroma do seu perfume.

– Como gostas do atum? – perguntei mecanicamente. – Mal passado, ou médio?

– Mal passado – disse ela.

– Misturei molho de soja e wasabi para ti.

– És um espanto – disse ela numa voz rouca e arrastada, dando-me um ligeiro encontrão que me fez sentir estonteado.

Eu realmente tinha mesmo de me controlar.

Depois de verificar a temperatura, pus o atum no grelhador. Natalie foi à cozinha para trazer para a mesa os outros pratos.

Olhei por cima do ombro. – Podes trazer-me o teu prato? Para o atum?

– É claro – respondeu, aproximando-se lentamente de mim.

Empratei o atum e voltámos para a mesa. Quando ela se sentou, acenou com a cabeça na direção da comida.

– Fizeste que chegue para quatro pessoas – observou. Depois, inclinando-se para a frente, acrescentou: – Passei uns momentos realmente agradáveis no barco hoje. Ainda bem que me convidaste a vir.

– Foi um dia perfeito – concordei.

Servimo-nos, passando os vários acompanhamentos um ao outro com uma familiaridade fácil. A conversa passou dos jacarés, das águias e da vida na Flórida para os sítios que gostaríamos de visitar um dia. Os olhos dela cintilavam com um fogo oculto, fazendo-me sentir intensamente vivo. Como é que me tinha apaixonado tão rapidamente por ela, sem sequer me dar conta?

Depois de jantarmos, ajudou-me a levar a loiça para a cozinha e a guardar os restos. Quando acabámos, voltámos para a balaustrada do alpendre e pusemo-nos a contemplar o ribeiro, o meu ombro quase a tocar no dela. A música ainda estava a tocar, uma balada melancólica dos Fleetwood Mac. Embora me apetecesse passar o braço à volta dela, não o fiz. Ela pigarreou e por fim ergueu os olhos para me fitar.

– Há algo que talvez devesse contar-te – disse ela. O seu tom de voz era suave mas sério, e senti um aperto no estômago. Já sabia o que ela ia dizer.

– Andas com outro – disse eu.

Ficou completamente imóvel. – Como soubeste?

– Não sabia. Mas suspeitava. – Fitei-a. – Isso faz alguma diferença?

– Suponho que não.

– É sério? – perguntei, detestando o facto de querer tanto saber.

– Sim – disse ela. Virou-se, sem conseguir continuar a olhar-me. – Mas provavelmente não é o que pensas.

– Há quanto tempo estão juntos?

– Há uns anos – respondeu ela.

– Ama-lo?

Pareceu debater-se com a resposta. – Sei que o amei. E, até há algumas semanas, pensava que ainda o amava, mas depois... – Passou as mãos pelo cabelo antes de virar o rosto para mim. – Conheci-te a ti. Mesmo naquela primeira noite, quando conversámos aqui mesmo, soube que me sentia atraída por ti. Honestamente, aterrorizou-me. Mas, por mais assustada que estivesse e por muito que soubesse que era errado, uma parte de mim queria

passar tempo contigo. Tentei fingir que o sentimento não existia; disse a mim mesma para o ignorar e te esquecer. Apesar de New Bern ser uma cidade pequena, como quase não saio era improvável que voltasse a ver-te. Mas depois... apareceste no mercado. E soube exatamente porque estavas lá. E todos aqueles sentimentos regressaram.

Fechou os olhos, e havia cansaço nos seus ombros descaídos.

– Vi-te a andar – disse. – Depois de teres ido tomar café. Eu ia a sair do mercado e lá estavas tu. Disse a mim mesma para me deixar disso. Deixar-te ir. Mas, sem me dar conta, pus-me a andar na mesma direção e vi-te entrar no parque.

– Seguiste-me?

– Deu a sensação de que não tinha escolha. Era como se outra coisa ou outra pessoa qualquer estivesse a impelir-me. Eu... eu queria conhecer-te ainda melhor.

Apesar das suas palavras sérias, sorri. – Porque é que me acusaste de te seguir?

– Foi o pânico – admitiu. – Confusão. Vergonha. Escolhe tu.

– És uma boa atriz.

– Talvez – disse ela. – Não sei porque não fui capaz de dizer o que esperava dizer. Começámos a falar sobre outras coisas tão facilmente... e quando te ofereceste para me mostrar as colmeias, soube que tinha de aceitar. Tentei convencer-me de que não significava nada, mas lá no fundo sabia que não era verdade. E simplesmente continuou a acontecer... com o jantar em Beaufort, o barco, e agora isto. De cada vez que estou contigo, digo a mim mesma que não devia, que devíamos deixar de nos ver. E de cada vez as palavras não me saem da boca.

– Até agora.

Natalie assentiu com a cabeça, com os lábios comprimidos, e senti um aperto na garganta no silêncio que se seguiu. Instintivamente, dei comigo a estender a mão para a de Natalie, senti os seus dedos contraírem-se e depois, por fim, relaxarem. Virei delicadamente o rosto dela para mim. Com a outra mão, acariciei-lhe a face.

– Olha para mim – segredei. Quando ergueu lentamente os olhos, prossegui. – Queres mesmo ir-te embora neste momento?

Com as minhas palavras, os seus olhos humedeceram-se. O queixo tremeu-lhe ligeiramente, mas não se afastou. – Sim – segredou. E depois,

engolindo em seco, fechou os olhos com força. – Não.

Em pano de fundo, os acordes de uma canção cujo título eu esquecera soaram no ar. A luz do alpendre lançava um clarão dourado sobre a pele dourada de Natalie. Aproximei-me devagar e pus a outra mão na anca dela, reparando na confusão, no medo e no amor na sua expressão, e depois pus os braços à volta da cintura dela. Tinha os olhos fixos nos meus quando o nossos corpos se juntaram, e senti-a estremecer quando comecei a acariciar-lhe as costas. Por baixo do tecido fino do vestido, a sua pele dava a sensação de estar quente, e eu sentia-me intensamente consciente das curvas do seu corpo comprimidas contra o meu.

Ela provocava-me uma sensação tão boa – inegavelmente real, primitiva até, como se tivéssemos sido forjados a partir da mesma matéria. Inalei o seu perfume, sem conseguir manter-me em silêncio.

– Eu amo-te, Natalie – segredei. – E não quero que te vás embora nunca.

As palavras de algum modo tornaram o sentimento ainda mais real, e subitamente senti a possibilidade de uma vida inteira juntos. Sabia que faria tudo para que as coisas resultassem entre nós, mesmo que isso significasse ficar em New Bern. Podia transferir o meu internato para a Universidade do Leste da Carolina, que ficava a menos de uma hora da casa do meu avô; podia até desistir completamente da Medicina. A alternativa era um futuro sem ela, e, nesse instante, não havia nada mais importante do que ficar com esta mulher, agora e para sempre.

Pela sua expressão, vi que reconhecia a intensidade daquilo que eu estava a sentir. Embora talvez a assustasse, não se afastou. Em vez disso, encostou-se a mim e enlaçou-me o pescoço ao mesmo tempo que pousava a cabeça no meu ombro. Sentia os seus seios, macios e cheios, comprimidos contra mim. Inspirou e soltou lentamente o ar, numa espécie de libertação.

– Eu também te amo, Trevor – segredou. – Não devia, e sei que não posso, mas amo-te.

Levantou a cabeça do meu ombro quando os meus lábios se colaram ao seu pescoço. A pele dela parecia delicada como seda sob a ponta da minha língua. Com um gemido, puxou-me ainda mais para si e finalmente dirigi os meus lábios para os dela.

Beijei-a, a deleitar-me no estremecimento hesitante dos seus lábios a retribuírem o meu beijo; quando abri a boca, senti a dela abrir-se em resposta e as nossas línguas tocaram-se, trazendo uma sensação mais

maravilhosa do que qualquer outra coisa que eu já tivesse sentido. Comecei a explorar o seu corpo com as mãos, traçando ternamente as linhas do seu ventre, depois o lado do seio e descendo para a anca, já a memorizar a sensação do seu corpo. Durante tudo aquilo, estava ciente do meu amor por ela, a par de uma vaga de desejo mais forte do que alguma vez sentira. Queria-a por completo. Quando por fim me afastei ligeiramente, com os nossos corpos ainda apertados um contra o outro, ela tinha ainda os olhos semicerrados e a boca entreaberta numa expetativa sensual. Depois, num movimento que deu uma sensação totalmente natural, pus a minha mão à volta da dela e recuei um pequeno passo. Os seus olhos mantiveram-se fixos nos meus enquanto, com um puxão delicado, a conduzi para dentro de casa, na direção do quarto.

CAPÍTULO 11



— Interessante – disse-me o doutor Bowen durante a nossa sessão na segunda-feira.

Estávamos sentados à mesa da sala de jantar, que eu tinha voltado a trazer para dentro de casa, e havia dois copos de água gelada entre nós. Ele chegara quase uma hora antes e eu tinha-o levado a ver a propriedade e a casa. Mostrara-lhe as colmeias à distância (não recebeu o tratamento completo que eu tinha oferecido a Natalie), assim como o barco. Quando a nossa sessão se iniciou, comecei a conversa como habitualmente – pondo-o a par de várias questões associadas com a PSPT – antes de avançar por fim para o meu encontro com Natalie. Contara-lhe praticamente tudo, embora sem nenhum dos pormenores *íntimos*.

– É tudo o que tem a dizer sobre isto? – perguntei. – Que é interessante?

– O que gostaria que eu dissesse?

– Não sei. Alguma coisa. Qualquer coisa.

O doutor Bowen levou a mão ao queixo. – Acredita realmente que está apaixonado por ela?

– Sim – respondi. – Sem dúvida.

– Conhece-a há menos de duas semanas.

– O meu avô apaixonou-se pela minha avó da primeira vez que falaram – contrapus. Para ser franco, no entanto, eu tinha estado a refletir sobre essa mesma questão toda a manhã. – Ela não é... como ninguém que eu tenha alguma vez conhecido – prossegui. – E sei que não é lógico. Mas sim, amo-a.

– E desistia da especialização por ela?

– Sim – respondi.

– Interessante – repetiu. O discurso evasivo e neutro que o doutor Bowen usava era frustrante por vezes, para não dizer pior.

– Não acredita em mim?

– É claro que acredito em si.

– Mas está preocupado com alguma coisa, não está?

– O Trevor não?

Sabia exatamente ao que se estava a referir, claro. – Está a falar do outro tipo – disse eu.

– Acrescenta implicações potencialmente problemáticas.

– Eu compreendo isso. Mas os sentimentos dela por mim são reais. E disse-me que me amava.

Bower ajustou os óculos. – Com base no que descreveu, parece provável que o ame.

– Acha que sim?

– Não me surpreenderia minimamente. Por vezes, o Trevor subestima a perceção que as outras pessoas podem ter de si. É jovem, inteligente, bem-sucedido, rico e algumas pessoas considerá-lo-iam um herói pelo seu serviço militar.

– Ena. Obrigado, doutor.

– Não tem de quê. Contudo, a questão é que, embora eu consiga imaginar facilmente uma mulher a apaixonar-se por si, isso não significa necessariamente que não seja complicado para ela. Também não significa que a sua relação vá progredir da maneira como espera que progrida. As pessoas são complexas, a vida raramente se desenrola da maneira como imaginamos que se desenrolará, e as emoções podem ser contraditórias. Pelo que me contou, parecia que ela estava a tentar dizer-lhe que se sentia em conflito quanto à relação entre vocês os dois. Até ela resolver esse conflito, poderia ser um problema.

Bebi um gole de água, a processar o que o doutor Bowen acabara de dizer. – O que é que eu devia fazer? – perguntei por fim.

– Em relação a quê?

– Em relação à Natalie – respondi, ouvindo a frustração no meu tom de voz. – O que é que eu faço quanto à relação dela com o outro tipo?

O doutor Bowen ergueu uma sobrancelha. Não disse nada, esperando que eu respondesse à minha própria pergunta. Conhecia-me suficientemente bem para compreender que eu acabaria por encontrar a resposta, o que, de facto, aconteceu.

– Preciso de aceitar que não posso controlar as outras pessoas – recitei. –

Só posso controlar os meus próprios comportamentos.

– Correto. – O doutor Bowen sorriu. – Mas suspeito que não o faz sentir-se melhor.

Não, pensei, *realmente não faz*. Inspirei fundo algumas vezes, a desejar que não fosse a verdade, e depois repeti automaticamente muito do que aprendera nas nossas sessões anteriores. – Vai dizer-me que, por agora, eu deveria esforçar-me por ser a melhor versão de mim mesmo que consiga ser. Preciso de dormir, fazer exercício, alimentar-me de forma saudável e reduzir ao mínimo o consumo de substâncias que me alterem o estado de espírito. Praticar as competências da TCC e TCD quando estiver a sentir-me nervoso. Compreendo todas essas coisas. E estou a fazê-las. O que quero saber é o que devia fazer em relação à Natalie para não enlouquecer de preocupação.

Se o doutor Bowen detetou a emoção na minha voz, não a comentou. Em vez disso, com os modos calmos que adotava sempre comigo, encolheu os ombros.

– O que pode fazer a não ser continuar a fazer o que está a fazer?

– Mas eu amo-a.

– Eu sei que sim.

– Nem sequer sei se ela vive com ele ou se só namoram.

O doutor Bowen pareceu ficar quase triste. – Quer realmente saber?



Na autoestrada no dia seguinte, refleti sobre a minha conversa com o doutor Bowen. Sabia o que queria – queria que Natalie deixasse o outro tipo – mas eu era só metade dessa equação. Ou talvez um terço, o que era ainda pior. Por vezes, acreditava que o mundo funcionaria melhor se eu estivesse encarregado de tudo e pudesse de facto controlar as pessoas, mas, conhecendo-me, provavelmente cansar-me-ia da responsabilidade.

Tinha o GPS ligado no carro, embora fosse provável que não precisasse dele até chegar à fronteira da Carolina do Sul. Era simples até aí – a autoestrada 70 até à interestadual 40 perto de Raleigh, a seguir a interestadual 85 perto de Greensboro, atravessar Charlotte e entrar na Carolina do Sul, até Greenville. O computador calculava que eu chegaria ao

meu destino entre a uma e as três da tarde, o que, esperava, me daria tempo suficiente para obter algumas respostas.

A viagem estava a ser fácil, em estradas relativamente planas entre terras de cultivo ou florestas. Perto das cidades, o congestionamento do trânsito era pior, embora nada que se comparasse à zona de Washington, onde eu crescera. Enquanto prosseguia viagem, ia tentando imaginar o meu avô a seguir o mesmo percurso, mas não conseguia. A carrinha dele abanava e tremia acima dos 60 quilómetros por hora, e conduzir devagar nas interestaduais era perigoso. Na idade dele, saberia que a sua visão e os seus reflexos também não estariam à altura. Quanto mais pensava nisso, mais acreditava que ele teria optado por estradas rurais com uma faixa em cada direção. Tornaria a viagem ainda mais longa e, tanto quanto eu sabia, ele poderia ter até demorado dois dias a chegar a Easley.

Parei para almoçar a sul de Charlotte e depois fiz-me outra vez à estrada. Segundo o GPS, a interestadual 85 intersetaria a estrada 123 em Greenville, e daí seria um tiro até ao meu destino. Antes de partir, tinha ficado a saber que a estrada 123 também levava à Universidade de Clemson, que ficava um pouco mais longe a oeste, o que me fez perguntar se Helen seria aluna lá. O meu avô, o grande malandro, podia ter andado atrás de uma miúda.

Era um pensamento absurdo, mas, depois de mais de seis horas ao volante, fez-me rir alto.

Dei com a estrada 123 sem problemas, instalei-me para a parte final e, quando faltavam cinco minutos, comecei a procurar os marcos dos quilómetros. Na minha opinião, se o AVC tivesse ocorrido mais para leste, ele teria sido levado para um hospital em Greenville, que era uma cidade muito maior e tinha mais hospitais. Chegar aos arredores de Easley trouxe-me recordações, mas nenhuma da cidade propriamente dita. Nada me parecia familiar, nem conseguia lembrar-me do caminho exato que percorrera até ao hospital, com essas recordações completamente dominadas pelas preocupações que sentia na altura.

Acabei por avistar o marco do quilómetro 13 e comecei a abrandar a velocidade, a olhar com atenção para ambos os lados da estrada. Ao contrário da maior parte da viagem, havia mais do que terras de cultivo ou florestas aqui; havia casas e lojas de penhores, *stands* de carros usados e sucateiros, estações de serviço e até um armazém de antiguidades. Aquela visão era desencorajadora; encontrar alguém em qualquer um desses

negócios ou casas que se lembrasse de ver o meu avô há mais de seis meses – quanto mais alguém que pudesse dar-me alguma informação útil – poderia levar dias, até mesmo semanas, e, embora eu me sentisse interessado pelo mistério, já sabia que não me empenharia em algo assim. Fez-me perguntar se a viagem teria valido a pena.

No entanto, quando passei finalmente pelo marco do quilómetro 12, senti o coração disparar. À direita estava uma Waffle House – o meu avô era fã dos restaurantes dessa cadeia – e, cerca de um minuto depois, outro sinal mais pequeno do outro lado da estrada a anunciar o motel Evergreen. Recordava do curso de Medicina que os AVC ocorriam mais provavelmente durante dois períodos de duas horas, um de manhã e outro à noite. Tendo em consideração a hora normal a que ele acordava, um possível pequeno-almoço na Waffle House e a hora da sua chegada ao hospital, talvez eu tivesse dado por acaso com o motel em que ele passara a noite.

O meu palpite foi ganhando consistência à medida que me aproximei. Vi a mesma imagem da rua que avistara no Google Earth, mas, no mundo real, compreendia-se mais facilmente. O que eu julgara ser um centro comercial junto à estrada era de facto um velho motel localizado diretamente por trás do marco do quilómetro 11, o tipo de estabelecimento que talvez preferisse pagamentos a pronto, o que era uma boa coisa já que o meu avô não tinha cartão de crédito. Mais ainda, eu conseguia facilmente imaginá-lo a ficar ali hospedado. Era de um só andar, em forma de U, com cerca de doze quartos no total. O exterior de um tom verde azeitona tinha desbotado e era agora de um verde baço, e havia algumas cadeiras de baloiço decrépitas colocadas em frente aos quartos, certamente uma tentativa de criar um ambiente mais acolhedor. Fez-me pensar num cruzamento da casa do meu avô com o Trading Post, e imaginei-o a soltar um suspiro de alívio ao dar com aquele motel.

Uma pequena tabuleta numa janela mais perto da estrada indicava a receção, e estacionei em frente. Só havia mais três carros no parque de estacionamento, mas mesmo isso me pareceu como sendo muitos. Já não era a hora normal do *checkout*, o que significava que as pessoas que estivessem no quarto tinham decidido ficar mais uma noite, algo que custava a acreditar. Ou isso ou estavam a pagar à hora por uma aventura de uma tarde, o que me parecia muito mais provável. Não que estivesse a criticar ninguém...

Abri uma porta-mosquiteiro que rangeu, ouvi uma sineta e entrei num espaço pequeno e obscuro onde havia um balcão à altura do peito. Na parede por trás do balcão viam-se ganchos com chaves presas a porta-chaves de plástico. A porta por trás do balcão estava parcialmente tapada por uma cortina de contas, e ouvia-se um televisor aos berros. Alguém baixou o volume e uma mulher de cabelo curto ruivo que poderia ter qualquer idade entre os trinta e os cinquenta apareceu de trás das cortinas. Pareceu ficar dececionada, como se a minha chegada a tivesse arrancado à sua única fonte de prazer no trabalho, ou seja, a televisão.

– Precisa de um quarto?

– Não – respondi –, mas esperava que pudesse ajudar-me.

Resumi-lhe em poucas palavras o que esperava ficar a saber. Enquanto falava, os olhos dela foram da minha mão defeituosa para a cicatriz no meu rosto, com uma expressão abertamente curiosa. Em vez de responder, perguntou: – É do Exército?

– Da Marinha – disse eu.

– O meu irmão esteve no Exército – disse ela. – Esteve no Iraque três vezes.

– Um sítio duro – disse eu. – Estive no Afeganistão.

– Também não é lá muito fácil.

– Não, não foi – concordei. – Mas pelo menos não estive lá três vezes.

Pela primeira vez, ela sorriu. – O que é que estava a dizer? Sobre o seu avô?

Falei-lhe de novo sobre o meu avô antes de acrescentar que a empresa da ambulância me indicara que ele tinha entrado em colapso perto do marco do quilómetro ali na estrada, de manhã cedo – o que tornava possível, se não mesmo provável, que tivesse pernoitado no Evergreen. – Tinha a esperança de que pudesse verificar o vosso registo.

– Quando foi isso?

Disse-lhe a data e ela abanou a cabeça.

– Lamento muito. Por muito que queira ajudá-lo, vai ter de perguntar ao Beau. Não devo deixar ninguém ver os registos a não ser que tenha um mandado. Podia perder o emprego.

– O Beau é o proprietário?

– É o gerente – respondeu ela. – Gere este sítio em nome do tio, que está na Virgínia Ocidental.

– Tem um número para onde eu possa ligar-lhe?

– Tenho, mas não devo incomodá-lo. Está a dormir neste momento. Não gosta de ser incomodado. Faz o turno da noite. Das oito da noite às oito da manhã.

Com um horário daqueles, eu também não gostaria de ser incomodado. – Não sabe por acaso nada sobre o meu avô? Trabalhava cá nessa altura? Talvez tenha ouvido dizer alguma coisa?

A mão dela tamborilou no balcão. – Recordo-me de ouvir dizer que um velhote tinha precisado de uma ambulância lá fora no parque de estacionamento. Talvez fosse ele. Ou talvez não. Houve algumas pessoas que morreram aqui nos últimos anos, por isso, tipo, os casos confundem-se uns com os outros. Ataques de coração, na maior parte das vezes. Uma vez, foi um suicídio.

Perguntei-me se seria típico deste estabelecimento ou dos motéis e hotéis em geral. – O Beau vai estar a trabalhar esta noite?

– Vai. – Assentiu com a cabeça – Mas não fique com má impressão quando o conhecer. Parece um bocado duvidoso, mas é bom tipo. Tem bom coração.

– Agradeço a sua ajuda.

– Não fiz nada de mais – disse ela. – O que posso fazer é deixar uma mensagem ao Beau a dizer-lhe que espere a sua visita e que o ajude se puder.

– Agradeço-lhe isso.

– Como é que se chama?

– Trevor Benson.

– Eu sou a Maggie – disse ela. – Obrigada por ter servido o país. E lamento não ter podido ajudá-lo mais.



Com algumas horas livres pela frente, voltei para Greenville e passei algum tempo a ver livros na livraria Barnes & Noble antes de jantar um bife no restaurante Ruth's Chris. Calculando que teria de pernoitar ali, reservei um quarto no hotel Marriott. Embora o motel Evergreen talvez fosse aceitável para o meu avô, eu preferia um estabelecimento com um pouco

mais de condições.

Voltei ao motel Evergreen às oito e um quarto. Nessa altura já era de noite e os meus faróis iluminaram quatro carros no parque de estacionamento. Não eram os que tinha visto antes, os prazeres da tarde há muito terminados. Estacionei no mesmo lugar e entrei na receção. Mais uma vez, ouvi a televisão nas alturas antes de Beau aparecer vindo do espaço lá atrás.

O meu primeiro pensamento foi que compreendia o que Maggie quisera dizer: o homem que se aproximou do balcão parecia exatamente o tipo de sujeito que fazia o turno da noite num lugar chamado Motel Evergreen numa estrada pouco movimentada no meio do nada. Suspeitava que era da mesma idade ou mais novo que eu; era magro como um espeto e tinha uma barba rala e cabelo que provavelmente já não era lavado há uma semana. A sua *T-shirt* branca estava manchada e ele trazia uma pequena corrente presa de uma anilha do cinto à carteira. A sua expressão vacilava entre a indiferença e a irritação e senti o cheiro a cerveja no seu hálito.

– É o Beau?

Limpou o queixo com as costas da mão e suspirou. – Quem quer saber?

– Trevor Benson – respondi. – Passei por cá antes e falei com a Maggie.

– Oh, pois – disse ele. – Ela deixou-me um recado a dizer que devia ajudá-lo porque o senhor é veterano das Forças Armadas. Algo sobre o seu avô.

Repeti a história. Ainda antes de eu terminar, ele já estava a assentir com a cabeça. – Sim, lembro-me dele. Um sujeito de idade... tipo, mesmo velho, certo? Conduzia uma carrinha nas últimas?

– Provavelmente – disse eu. – Não há dúvida de que parece ser ele.

Estendeu a mão para debaixo do balcão e tirou um bloco de apontamentos, do tipo que poderia encontrar-se numa loja de artigos de escritório. – Qual foi a data?

Disse-lha e fiquei a vê-lo folhear as páginas. – A questão é que só pedimos um documento de identificação se pagarem com cartão de crédito. Se pagarem em dinheiro e com o sinal da chave, não nos damos ao trabalho de verificar. Há uma data de pseudónimos aqui, portanto não posso garantir nada.

Não é surpresa nenhuma. – Tenho a certeza de que ele teria usado o seu nome verdadeiro.

Continuou a folhear para trás, chegando finalmente à data certa. – Como é que ele se chamava?

– Carl Haverson.

– Sim – disse ele. – Pagou em dinheiro por uma noite. Devolveu a chave e recuperou o sinal.

– Lembra-se de alguma coisa que ele possa ter dito? Para onde estaria a ir?

– Nisso não o posso ajudar. Lamento. Os hóspedes acabam por não se distinguirem uns dos outros, sabe?

– Pode dizer-me do que se lembra?

– Lembro-me de o ter encontrado – disse ele. – Estava na carrinha dele, com o motor ainda ligado. Não sei há quanto tempo estava ali, mas lembro-me de olhar pela janela e de ver a carrinha prestes a sair para a estrada. Daí a uns minutos, a carrinha ainda continuava ali. Lembro-me, porque estava a soltar baforadas de fumo. De qualquer maneira, como estava a bloquear parte da saída, eu acabei por ir lá fora e ia bater no vidro quando o vi tombado sobre o volante. Abri a porta e vi que não estava bem. Não tinha a certeza se estava vivo ou morto, portanto voltei para dentro e telefonei para os serviços de emergência. A polícia apareceu e veio uma ambulância e o pessoal fez lá o que tinha a fazer antes de o meterem na parte de trás. Ainda estava vivo nessa altura, mas foi a última vez que o vi.

Depois de ele acabar de falar, lancei um olhar pela janela na direção da entrada, a visualizar a cena. Duvidoso ou não, Beau tinha sido prestável.

– Sabe o que aconteceu à carrinha?

– Em parte.

– Só em parte?

– Perguntei ao xerife se podia mudá-la de sítio para não bloquear a saída. Como expliquei, o motor ainda estava ligado. Ele disse-me que sim, mas que metesse as chaves num envelope para o caso de o sujeito voltar. Por isso, mudei a carrinha para a ponta do parque de estacionamento e fiz o que o xerife me tinha dito para fazer.

– Ainda tem as chaves?

– Não – disse ele, abanando a cabeça.

– Porque não?

– Não quero problemas. Esperei umas semanas que o sujeito voltasse. O seu avô, quero dizer. Mas ele não voltou e eu nunca mais ouvi dizer nada.

– Eu não estou zangado – disse eu – e você não está metido em trabalhos. Só estou a tentar encontrar a carrinha dele para ver se haveria alguma coisa lá dentro que me indicasse para onde ele estava a ir.

Observou-me com atenção.

– O meu tio disse-me para a mandar rebocar – disse ele por fim. – Dei as chaves ao condutor do reboque.

– Por acaso lembra-se de quem chamou?

– A AJ's– disse ele. – A AJ's Towing.



Como talvez fosse demasiado tarde para fazer uma visita à AJ's, voltei para o Marriott de Greenville. Tomei um duche e vi um filme de ação no canal de filmes pagos antes de me meter na cama. Peguei no telemóvel e escrevi uma mensagem a Natalie.

> Olá. Foi uma longa viagem, mas estou contente por ter vindo. Fiquei a saber algumas coisas, descobri que a carrinha foi rebocada. Vou investigar isso amanhã. Amo-te.

Demasiado cansado para escrever uma segunda mensagem caso ela respondesse, pus o telemóvel em silêncio e apaguei a luz. Adormeci em poucos minutos e o meu último pensamento consciente foi perguntar-me de novo para onde o meu avô estaria a dirigir-se.

De manhã, vi que não havia resposta de Natalie.



A seguir ao pequeno-almoço, hesitei entre telefonar à empresa do reboque ou passar por lá, decidindo-me finalmente pela segunda opção. O GPS conduziu-me a uma zona industrial de Easley e, embora tenha encontrado o endereço, não vi nenhum sinal que indicasse o nome da empresa nem uma entrada para um escritório. Em vez disso, vi um edifício pré-fabricado grande e retangular com três grandes portas de correr no meio de um pátio de asfalto a esboroar-se, tudo aquilo por trás de uma vedação de arame. Embora houvesse um portão que dava acesso à propriedade, estava fechado

com cadeado. Do outro lado do pátio vi três carros cobertos de pó estacionados em fila. Não parecia andar ninguém por ali.

Eram horas de expediente, mas, depois de ter pensado no assunto, pareceu-me lógico que as instalações estivessem fechadas. A não ser que alguém tivesse o seu carro ou a sua carrinha apreendido nas instalações, provavelmente não havia nenhuma razão para ter pessoal de escritório ou mesmo alguém por ali para atender o telefone. O mais provável era que o número de telefone da empresa fosse reencaminhado para um telemóvel.

Liguei para o número, tocou e, depois de ouvir a ríspida voz gravada de AJ, deixei uma breve mensagem sobre a informação de que necessitava e pedi-lhe que me telefonasse.

Com pouco que fazer a não ser esperar, dei uma volta por Easley, achando a cidade mais bonita do que esperara. Também encontrei de novo o hospital e, embora não tenha saído do carro, enviei um agradecimento silencioso à boa gente que trabalhava ali. O meu avô tinha sido bem cuidado nos seus últimos dias por médicos e enfermeiros conscienciosos, pessoas que foram suficientemente atenciosas para me tentarem encontrar.

Ao meio-dia, voltei para Greenville e almocei no centro da cidade, num restaurante que servia uma tosta de santola excecional e parecia ser frequentado por senhoras que trabalhavam nos escritórios nas imediações. Como eu tinha feito o *checkout* no hotel, deixei-me ficar no restaurante até acabar por me sentir um pouco embaraçado e depois fui dar um passeio.

Passaram três horas sem eu ter notícias de AJ. A seguir quatro, cinco. Pensei em partir para New Bern, mas sentia-me compelido a falar com AJ frente a frente. De qualquer modo, mesmo que partisse nesse momento, só chegaria a casa perto da meia-noite.

Voltei ao Marriott e reservei um quarto para mais uma noite. Enquanto carregava o telemóvel, mantive o toque alto. Enviei nova mensagem a Natalie.

Estou a pensar em ti. Provavelmente volto para casa amanhã, chego à tarde.

Optei por comida mexicana para o jantar, num restaurante a curta distância do hotel. Quando voltei para o hotel, liguei uma segunda vez para o telemóvel de AJ. Desta vez atenderam. Identifiquei-me, mencionei que tinha telefonado antes para saber da carrinha do meu avô e a chamada foi

interrompida abruptamente. Ou AJ tinha desligado ou eu tinha ficado sem rede. Voltei a ligar e – como antes nessa manhã – a chamada foi diretamente para o correio de voz, e desliguei.

No hotel, deitei-me na cama e pus-me a pensar naquilo. Dava a ideia de que AJ não queria falar comigo, embora eu não soubesse bem porquê. Também não sabia bem o que fazer. Como não conseguia encontrá-lo na empresa e não sabia o seu apelido, não fazia ideia de como o contactar. Supunha que poderia encontrar a identificação da empresa ou talvez telefonar aos serviços do condado na esperança de que me fornecessem o endereço da sua casa, mas ele falaria comigo nesse caso? Se eu lhe aparecesse à porta de casa? Ou será que simplesmente me fecharia a porta na cara? Com base na maneira como tinha desligado, suspeitava que aconteceria isso mesmo. Pensei por um momento em chamar um reboque, mas calculei que mal ele soubesse o verdadeiro motivo do meu telefonema, ficaria furioso e ainda menos disposto a ajudar-me.

Restavam-me três opções. Podia continuar a deixar mensagens. Podia envolver um advogado ou contratar um detetive particular. Qualquer uma dessas coisas podia ser feita a partir de casa, contudo, e queria avaliar as opções na manhã seguinte.

Também queria pensar em Natalie, porque, estranhamente, continuava sem ter notícias dela.

CAPÍTULO 12



Parti de Greenville cedo e consegui chegar a casa ao princípio da tarde. Como ainda não tinha decidido o que fazer relativamente a AJ, fui dar uma corrida mais longa do que o usual, seguida de cerca de uma hora de alongamentos. O facto de ter passado tanto tempo ao volante nos últimos dias não ajudara em nada as minhas costas.

No duche, perguntei-me se deveria enviar nova mensagem a Natalie. Já lhe enviara duas e não tivera resposta, mas não sabia bem como interpretar o seu silêncio. Era possível que ela fosse do tipo de não gostar de enviar mensagens, ou talvez não tivesse querido incomodar-me, pensando que eu estava ocupado. Também era possível que o seu trabalho a tivesse mantido muito atarefada – e depois demasiado cansada – para lançar sequer um olhar ao telemóvel. Eu fora culpado desse tipo de comportamento no passado; lembrava-me que Sandra e eu tínhamos discutido por causa disso. Ela explicara-me o quanto a incomodava ser ignorada, quando até mesmo uma resposta curta serviria. Na altura, achei que ela estava a fazer um bicho de sete cabeças daquilo; agora, era mais fácil compreender a sua frustração.

Preparei uma sanduíche em casa e comi em frente à televisão, a ver episódios repetidos de uma série policial cuja ação decorria em Nova Iorque. Estava cansado da viagem e contava ir para a cama cedo. Já tinha anoitecido e o luar entrava pelas janelas. Deixara o telemóvel a carregar na cozinha, e só depois de ter lavado e secado o meu prato é que me dei ao trabalho de olhar para o ecrã.

Chegaste bem a casa?

Era atencioso da parte de Natalie querer saber de mim, suponho. Contudo, confesso que estava ainda um pouco amuado com o atraso e a

natureza impessoal da mensagem. Sentindo-me ligeiramente passivo-agressivo, não respondi de imediato. Tinha a certeza de que o doutor Bowen e eu falaríamos sobre a minha decisão na nossa sessão seguinte, e se isso poderia de facto considerar-se uma tentativa de ser a melhor versão de mim mesmo.

No alpendre das traseiras, li durante mais meia hora, mas estava sempre a perder a concentração e finalmente pus o livro de lado. Estendi a mão para o telemóvel e decidi dar uma resposta breve e direta.

Sim

Perguntei-me se ela conseguiria interpretar a irritação residual na minha resposta seca. As relações nas suas fases iniciais não deviam estar cheias de entusiasmo e desejo? Se sim, onde estavam os dela?

Talvez, ouvi uma voz segredar dentro de mim, o desejo esteja lá, mas, como tu estiveste ausente, tem-se concentrado no *Outro Tipo*.

Nem sequer queria ir por aí, e daí a um momento Natalie enviou-me outra mensagem.

Estou em Green Springs. Podes vir ter comigo?

Uma vaga de recordações de infância surgiu na minha mente. Green Springs era conhecido por todo o Leste da Carolina do Norte como uma espécie de parque aquático, um daqueles locais antiquados para nadar comuns no Sul há muito tempo. Construído por um empresário local, situava-se à beira do rio Neuse – ou, para ser mais exato, no próprio rio – e estava construído com pranchas tratadas, equilibradas em postes enterrados no fundo do rio. Os seus três lados compridos, cada um com cerca de vinte e cinco metros de comprimento, ostentavam dois níveis, menos a torre, que tinha uma altura de cinco andares e permitia a quem quisesse testar a coragem saltar do cimo para a água. Havia cordas em que as pessoas podiam balançar-se, um *slide*, baloiços e postes sobre os quais as crianças saltavam como se fossem pedras para atravessar o rio. Eu passara lá muitos dias de verão a nadar, a trepar, a baloiçar-me e a saltar até ficar demasiado exausto para dar mais um passo. O meu avô, que já tinha mais de setenta anos nessa altura, acompanhou-me uma vez num salto do segundo nível,

desencadeando um aplauso espontâneo das pessoas que ali estavam.

Não cobravam entrada, mas era proibido beber e consumir drogas; também não era permitido nenhum comportamento sexual, nem mesmo beijos. A regra era *Nada de Jogos Sexuais*, mas, estranhamente, era permitido fumar e lembro-me de ver miúdos nos primeiros anos da adolescência a acenderem cigarros, empoleirados nos níveis mais altos em dias quentes de verão.

Contudo, nunca lá tinha estado à noite. Nem sequer pensava que aquele sítio estivesse aberto à noite, mas talvez Natalie beneficiasse de privilégios especiais enquanto delegada do xerife. Ou talvez o dono de Green Springs não fizesse ideia que ela estava lá, apesar de o parque se situar nas águas diretamente por trás da sua propriedade. Para chegar lá tinha de se atravessar o relvado das traseiras da sua casa até um pontão comprido que se prolongava até à parte mais funda do Neuse.

Não demorei muito tempo a tomar uma decisão; apesar do meu orgulho ferido, continuava a querer vê-la. De facto, apercebi-me de que tinha sentido saudades dela.

Com certeza, respondi. Chego dentro de 15 minutos.

Enfiando um corta-vento – a temperatura estava a descer de novo, sendo aquele efeito de ióió da temperatura bastante comum na primavera – peguei nas chaves e na carteira e dirigi-me para o carro.



Embora recordasse de um modo geral a zona onde se localizava Green Springs, encontrá-la demorou mais tempo do que previra. O Google não pôde ajudar-me – o local não aparecia na lista – e por isso acabei por percorrer várias estradas em James City perto do rio Neuse até por fim encontrar o sítio. Estacionei no cascalho do estacionamento e avistei imediatamente o carro de Natalie. Perguntei-me se o dono do parque aquático apareceria para ver quem estava a chegar ali tão tarde, mas, para além de uma luz acesa numa janela do andar de cima, não vi indícios de que estivesse alguém acordado.

A luz do luar era suficiente para iluminar o meu caminho quando desci o relvado com uma inclinação ligeira em direção à água. Da casa do vizinho,

ouvi um cão ladrar, e fui mais uma vez acompanhado por uma serenata de grilos enquanto atravessava a relva, inspirando o aroma a pinheiros e erva recentemente cortada, o que me recordava sempre o verão.

Cheguei ao pontão de baixo reparando como, ao contrário de Brices Creek, a corrente do rio Neuse nunca parava. A luz das estrelas salpicava a sua ondulação, fazendo com que parecesse que a água estava iluminada de baixo. O meu avô tinha-me dito uma vez que o Neuse era o rio mais largo dos Estados Unidos quando desaguava no Pamlico Sound – mais largo ainda do que o Mississippi – mas aqui em James City tinha só um quilómetro e meio de largura. Reprimindo uma pontada de apreensão, perguntei-me por que Natalie viera aqui à noite.

A meio do pontão, a estrutura começou a tornar-se mais visível, trazendo um sorriso ao meu rosto. Green Springs estava como me lembrava, o tipo de lugar onde as crianças brincavam de facto por sua conta e risco. Não havia gradeamentos de segurança ou mesmo degraus ou escadas de um nível para o outro; em vez disso, tinha de se escalar uma série de pranchas, evitando ao mesmo tempo os pregos saídos. O proprietário substituía as tábuas podres e fazia outras reparações durante os meses de inverno, um projeto de construção sempre em curso que fazia com que Green Springs parecesse perpetuamente inacabado.

Cheguei finalmente à estrutura principal e procurei Natalie, sem sorte. Por fim, chamei o seu nome baixinho no escuro.

– Estou aqui em cima – respondeu ela, com a sua voz a vir lá do alto.

Dava a impressão de que estava no segundo nível. Quando trepei para a parte superior, vi-a sentada na beira da plataforma, com as pernas suspensas. Como eu, estava de calças de ganga e com um corta-vento; também reparei na garrafa de vinho ao seu lado.

Virou-se e sorriu-me. – Vieste – disse numa voz arrastada, com os olhos a brilharem ao luar. – Começava a perguntar a mim mesma se terias mudado de ideias.

– Tive dificuldade em encontrar o sítio. Há algum tempo que não vinha aqui.

Quando me sentei ao lado de Natalie, ela estendeu a mão para o copo e bebeu um gole; sentia o cheiro a vinho no seu hálito e reparei que a garrafa estava quase vazia.

– Que tal foi a tua viagem? – perguntou numa voz cantarolada.

– Foi boa – respondi. – O que estás a fazer aqui?

Ignorou a minha pergunta. – Encontraste a carrinha do teu avô?

– Estou a tratar disso – respondi. – Sei quem a rebocou, mas ainda não falei com ele. Há quanto tempo estás aqui?

– Não sei. Há duas horas, talvez? Na realidade não sei. Que horas são?

– Quase dez.

– Está a fazer-se tarde – declarou. Vi-a beber mais um gole de vinho. Embora não parecesse estar toldada, era óbvio que a garrafa de vinho estava cheia quando ela chegou, e senti o primeiro estremecimento de nervosismo. Passava-se alguma coisa, algo que não tinha a certeza que me agradasse.

– Não devias ir para casa? Para descansar para amanhã?

– Não vou trabalhar amanhã – respondeu ela. – Os meus turnos mudaram, porque outro delegado teve de ir prestar testemunho em tribunal. Por isso, tenho de trabalhar este fim de semana. Esta noite é como se fosse a minha noite de sábado.

– Ah – disse eu.

Ofereceu-me o copo. – Queres vinho?

– Obrigado, mas estou bem.

Ela acenou com a cabeça. – OK, então – disse. – Suponho que devia ter trazido uma *Yuengling* para ti.

Não respondi. Em vez disso, observei o perfil dela, esperando em vão encontrar pistas da razão para estarmos ali.

Ela acabou de beber e depois verteu o resto da garrafa no copo.

– Estás bem? – perguntei. – Aconteceu alguma coisa hoje?

– Não – respondeu. – Não aconteceu nada hoje. E não, não estou bem.

– Há alguma coisa que eu possa fazer?

Natalie soltou uma gargalhada amarga, mas não respondeu. Em vez disso, concentrou-se no seu copo. – Sabias que até ao último fim de semana contigo eu já não bebia uma gota de álcool há mais de seis meses? Agora, é a segunda vez numa semana. Deves pensar que tenho um problema.

– Não tens um problema, mas penso que há alguma coisa a incomodar-te.

– Bem podes dizê-lo – respondeu ela. – Eu costumava pensar que tinha as coisas sob controlo, mas agora sei que andava apenas a enganar-me a mim própria. – Riu-se de novo, mas o som era dilacerante. – Provavelmente, não estou a fazer sentido nenhum.

Não, pensei, *não estás*. Mas compreendia a perturbação emocional e sabia

por experiência própria que falar sobre isso só ajudaria se fosse ela a fazer as despesas da conversa. O meu papel seria simplesmente escutar e mostrar empatia, mesmo que não compreendesse completamente o que estava a passar-se.

– Acreditas em Deus? – perguntou-me por fim.

– Na maior parte do tempo – respondi. – Mas nem sempre.

Vi o vislumbre de tristeza na sua expressão.

– Eu acredito – disse ela. – Sempre acreditei. Cresci a ir à igreja todos os domingos e quartas-feiras à noite. Era uma boa batista. Costumava gostar, e pensava que compreendia como as coisas supostamente funcionavam. Mas ao ficar mais velha apercebi-me de que não compreendia. Sei que Deus nos criou com livre-arbítrio, mas nunca compreendi porque há tanto sofrimento no mundo. Porque é que Deus, que supostamente é só bondade e amor, permite que as pessoas inocentes sofram? Lembro-me de procurar a explicação na Bíblia, mas não está lá. É a maior questão que existe, mas não há resposta. E estou constantemente a vê-lo no trabalho. Vejo-o em toda a parte. Mas... porquê?

– Não sei. E também não posso dizer que saiba muito sobre a Bíblia. A minha parte favorita de ir à igreja era pôr-me a olhar para as raparigas.

– Ah – disse ela, irónica, segurando no copo com ambas as mãos. A seguir, numa voz sombria: – Sabes porque é que vim aqui?

– Não faço ideia.

– Porque este é um dos últimos lugares onde me lembro de ter sido verdadeiramente feliz. Nunca tinha ouvido falar deste sítio até me mudar para cá, mas lembro-me de vir até cá no fim do verão. A água estava perfeita e estendi uma toalha para apanhar sol. E ali deitada, pensei em como tudo era maravilhoso. A minha vida era tudo o que eu queria que fosse e eu sentia-me... absolutamente contente. Queria sentir-me assim de novo, nem que fosse por um instante.

– E?

– E o quê?

– Sentiste-te contente?

– Não – respondeu. – Foi por isso que trouxe o vinho. Porque, se não conseguia sentir-me feliz, então não queria sentir nada de nada.

Não me agradava o que ela estava a dizer e a minha preocupação intensificava-se. Talvez ela tenha pressentido a minha preocupação, porque

pôs a garrafa atrás de nós e aproximou-se de mim. Instintivamente, pus o braço à volta do ombro dela e nem um nem o outro dissemos nada. Em vez de falarmos, fitámos o rio, vendo a luz do céu fazer a água tremeluzir hipnoticamente.

– É agradável, não é? – disse ela, suspirando. – Estar aqui à noite?

– É – concordei. – Pensei que não era permitido.

– Não é. Mas eu não quis saber.

– Obviamente.

– Sabes em que mais estava a pensar enquanto aqui estava? Antes de tu chegares?

– Não faço ideia.

– Estava a pensar nas abelhas. E nos jacarés e nas águias e no jantar no alpendre. Senti-me feliz nessa altura. Talvez não perfeitamente realizada, mas... feliz. Pela primeira vez em muito tempo, sentia que era de novo eu, e, aqui sentada, compreendi a falta que isso me faz. Mas...

Parou de falar. Quando ela não acabou de formular o seu pensamento, perguntei o óbvio.

– Mas o quê?

– Compreendi que não é suposto que eu seja feliz.

O comentário dela sobressaltou-me. – Porque dizes isso? É claro que é suposto. Porque pensas isso?

Em vez de responder, bebeu mais um gole de vinho. – Se calhar devíamos ir indo. Ou, pelo menos, eu devia ir indo. Está a fazer-se tarde.

– Por favor não mudes de assunto. Por que é que achas que não é suposto seres feliz?

– Tu não ias compreender.

– Talvez compreendesse, se soubesse do que estás a falar.

No silêncio, ouvi o som suave da respiração dela, senti o movimento subtil sob o meu braço. – Por vezes, na vida, somos confrontados com uma decisão impossível, sem um final feliz, seja qual for a escolha que façamos. Como por exemplo... imagina que és casado e tens três filhos e estás a fazer alpinismo com a tua mulher e algo corre mal. Estás pendurado do penhasco, sem corda; uma mão na rocha e a outra a segurar a tua mulher, e estás a ficar cada vez mais fraco e sabes que não há maneira de te salvares a ti e salvares a tua mulher. Portanto, ou largas a mão da tua mulher – e passas a viver com a morte dela – ou morrem ambos e deixam os filhos órfãos.

Nessa situação, nem uma decisão nem a outra te deixará feliz. Esse tipo de coisa.

Pensei no que ela estava a tentar a todo o custo não dizer.

– Estás a falar de escolher entre mim e o outro tipo.

Ela assentiu com a cabeça, a boca comprimida numa linha fina. – Mas não quero falar sobre isso neste momento, OK? É só no que tenho andado a pensar desde a última vez que te vi, e sinto-me muito cansada e estive a beber. Não é o momento certo. Não estou pronta.

– OK – disse eu com dificuldade. Amava-a. Ansiava por falar sobre nós, sobre o nosso futuro. Queria convencê-la de que poderia ser feliz comigo, que eu faria os possíveis por lhe mostrar que ela tomara a decisão certa ao escolher-me a mim. – Do que é que gostavas de falar?

– De nada – respondeu. – Mas podes só ficar aqui sentado e abraçar-me por uns momentos?

Puxei-a para mim e ficámos sentados em silêncio naquela noite fresca e escura de primavera. À distância, vi carros a passar na ponte; havia luzes a brilhar nas casas na outra margem. O ar estava a ficar húmido, mais espesso, e previ que haveria uma camada pesada de nevoeiro de manhã, a esfumar a paisagem verde, transformando-a num mundo de sombras.

Natalie despejou o resto do vinho na água, mal fazendo barulho; concentrei-me no calor da pele dela e na maneira como o seu corpo encaixava no meu. Recordei o nosso encontro e a suavidade dos seus lábios da primeira vez que nos beijámos. Fechando os olhos, soube que a amava, acontecesse o que acontecesse.

Ultrapassaríamos isto, disse para comigo. Seria difícil para ela – talvez até intensamente doloroso – mas eu estava disposto a dar-lhe o tempo e o espaço de que ela necessitava. Sabia que me amava como eu a amava a ela. Talvez demorasse algum tempo, mas sentia que ela chegaria à mesma conclusão e que encontraríamos uma maneira de ficar juntos.

No entanto, por mais que tentasse convencer-me dessas coisas, receava estar errado em relação a tudo.

Mas não disse nada. Ela também não, e ficámos ali sentados, numa noite que devia ter-nos pertencido, mas que, de algum modo, não dava essa sensação. Por fim, ouvi-a respirar fundo.

– Talvez devêssemos ir indo – disse outra vez. – Tenho uns afazeres logo de manhã cedo, já que não vou ter tempo este fim de semana.

Assenti com a cabeça, relutante. Levantei-me, estendi-lhe a mão para a ajudar a levantar-se e depois peguei na garrafa de vinho e no copo. Dirigi-me ao lugar por onde subira e, embora me preocupasse que o vinho pudesse fazê-la perder o equilíbrio, ela desceu com facilidade. Segui-a, deitando a garrafa e o copo no caixote do lixo no primeiro nível, e descemos o pontão. Enquanto caminhávamos, Natalie pegou-me na mão e senti-me inundado por uma vaga de alívio. Sabia que ela tinha tomado a sua decisão e senti-me subitamente mais leve.

Atravessámos o relvado em direção aos nossos carros. Quando chegámos junto ao dela, pigarreei.

– Não me parece que seja boa ideia que conduzas.

– Não – concordou –, não é. Preciso de tirar a minha mala, mas podes levar-me a casa?

– Com todo o gosto – disse eu.

Tirou a mala do lugar do passageiro enquanto eu destravava as portas do meu carro. Abri-lhe a porta, esperei que se instalasse e depois contornei o carro e sentei-me ao volante. Ao sair para a estrada, virei-me para ela.

– Para que lado?

– Volta para a estrada nacional em direção a New Bern. Eu vivo na zona de Ghent. Sabes onde é?

– Não faço a mínima ideia.

– Sai na primeira saída a seguir à ponte e vira à direita.

Ao fim de poucos minutos, Natalie disse-me que virasse para a Spencer Avenue. Era uma rua bonita, com árvores grandes e casas datando da primeira metade do século passado. Por fim, Natalie mandou-me virar para o acesso à garagem de uma casa encantadora de dois andares.

Desliguei o motor e saí do carro. Natalie também saiu e juntos dirigimo-nos para a porta da rua.

– Então é aqui que vives, hein?

– Por agora – disse ela. Começou a remexer no interior da mala.

– Estás a pensar mudar-te?

– Talvez – respondeu, tirando as chaves. – Ainda não decidi. É um bocadinho grande, e pensei que talvez prefira uma casa térrea.

– Andas à procura?

– Ainda não – disse ela.

– Tens demasiados afazeres?

– Pois – disse ela. – Digamos que é isso.

Nessa altura, estávamos na soleira da porta dela. Hesitei, tentando interpretar a expressão dela no escuro. – Fico contente que me tenhas enviado uma mensagem.

– Porquê? Eu estou uma desgraça esta noite.

– Não reparei.

– Mentiroso.

Sorri antes de me inclinar para a beijar. Ela parecia relutante, mas finalmente retribuiu o beijo e afastámo-nos. – Sinto-me contente por estares na minha vida, Natalie. Espero que saibas isso.

– Eu sei.

Sem querer parecer desesperado, fingi não ter reparado que ela não tinha retribuído o meu sentimento. – Queres que venha ter contigo de manhã para podermos ir buscar o teu carro?

– Não – respondeu. – Eu arranjo maneira.

– Tens a certeza?

– Arranjo alguém lá do trabalho que se encarregue disso. Fica fora do teu caminho, e há outro delegado que vive mesmo ao fundo da rua. Não é nada de mais.

Meteu a chave na fechadura e destrancou a porta, abrindo-a só um pouco.

– Sei que vais trabalhar este fim de semana, mas talvez pudéssemos jantar amanhã?

Pareceu perscrutar a rua tranquila e com árvores antes de me responder. – Não me parece que consiga. Depois desta noite, provavelmente vou ficar por casa.

– Está bem – disse eu, a querer saber a razão, mas tendo a noção de que não devia perguntar. – Não há problema. Tentamos no próximo fim de semana, está bem?

Natalie aproximou a mão do fio à volta do seu pescoço, algo que eu sabia ser uma reação nervosa. Quando falou, a sua voz era baixa, quase um sussurro.

– Eu sei que tu me amas, Trevor, mas preocupas-te comigo, também? Quero dizer, preocupas-te mesmo a sério comigo?

– É claro que me preocupo contigo.

– Então, se eu te pedisse para fazeres uma coisa, mesmo que fosse algo que não quisesses fazer, fá-la-ias? Se fosse a coisa mais importante do

mundo para mim?

Via a súplica bem patente na sua expressão. – Sim.

– Então, porque me amas, e porque te preocupas comigo, quero que faças uma coisa por mim. Quero que prometas que a farás.

– Claro, está bem – respondi, com a tensão a avolumar-se dentro de mim. – Seja o que for – disse. – Prometo.

Ela sorriu com um ar triste e depois encostou-se a mim. Beijámo-nos uma segunda vez, com o seu corpo tenso contra o meu. Senti os ombros tremerem-lhe e ouvi-a esforçar-se por regularizar a respiração antes de finalmente se afastar. Tinha os olhos humedecidos quando ergueu a mão e tocou na cicatriz no meu rosto.

– Precisamos de parar – disse. – Eu preciso de parar.

– Parar o quê?

– Isto. Tu e eu. Tudo isto. Precisamos de parar.

Foi como um murro no estômago. – O que é que estás a dizer?

Natalie limpou uma lágrima, sem nunca despregar os olhos dos meus. Demorou muito tempo a conseguir pronunciar as palavras.

– Por favor, nunca mais voltes a tentar contactar-me.

O choque deixou-me incapaz de falar, mas ela parecia ter contado com isso. Com um sorriso triste, entrou em casa e fechou a porta atrás de si, deixando-me a perguntar-me como é que o meu mundo acabara de desabar à minha volta.

CAPÍTULO 13



A sexta-feira foi passada numa névoa, o fim de semana mais ou menos igual. Embora me forçasse a fazer exercício físico, não consegui fazer muito mais. Sentia um nó no estômago, a ideia de comer provocava-me náuseas e, embora parte de mim ansiasse por beber até esquecer tudo, tive o cuidado de não tocar em uma só cerveja. Não estudei nem arrumei a casa ou pus roupa a lavar; em vez disso, dei longos passeios à tarde, a reviver todos os momentos que Natalie e eu tínhamos passado juntos, a tentar descobrir onde fora que as coisas tinham corrido mal. Em que eu teria errado.

Todos os sinais apontavam para o *Outro Tipo*, mas eu ainda não conseguia aceitar isso completamente. Há menos de uma semana que tínhamos passado juntos aquele dia e aquela noite inesquecíveis; mesmo que ela tivesse decidido reatar aquela outra relação em vez de tentar comigo, porque é que não dissera nada? Porquê o simples pedido de que não voltasse a contactá-la nunca mais? Seria alguma espécie de jogo para ela? Embora reconhecesse que ela era reservada, não me parecia ser inerentemente manipuladora. Parte de mim tinha a certeza de que Natalie acabaria por mudar de ideias. Telefonar-me-ia deitaria as culpas das suas palavras para o facto de ter estado a beber; admitiria que não estava a pensar claramente na altura. Pediria desculpa e conversaríamos sobre o que estava realmente a passar-se. Resolveríamos as coisas e, dentro de pouco tempo, tudo voltaria ao normal.

Levava o telemóvel comigo para onde quer que fosse, mas ele mantinha-se em silêncio. Também não tentei contactá-la. Ela tinha-me pedido que não o fizesse e eu cumpria a minha promessa, embora ela me enfurecesse e confundisse ao mesmo tempo, e eu me sentisse destroçado.

Aos poucos, o meu apetite regressou, mas continuei a não dormir bem. Nas horas em que estava acordado, sentia-me mais nervoso do que me tinha

sentido desde há muito tempo, e estava grato por ter uma sessão com o doutor Bowen na segunda-feira. Pela primeira vez desde há muito tempo, tinha a sensação de que necessitava realmente da sua ajuda.



– É evidente que está perturbado – disse o doutor Bowen. – Qualquer pessoa na sua situação sentiria o mesmo.

Eu estava na cozinha, a fitar o doutor Bowen no ecrã do computador. Contara-lhe resumidamente a minha viagem a Easley antes de mergulhar nos acontecimentos que me envolviam a mim e a Natalie. Falava atabalhoadamente, repeti-me mais do que uma vez, sempre a colocar as mesmas questões sem esperar realmente uma resposta. Pelo seu lado, o doutor Bowen esperou que eu esgotasse as palavras para me sugerir qualquer resposta.

– Sinto-me mais magoado e confuso do que outra coisa qualquer – disse eu, passando a mão pelo cabelo. – Simplesmente não compreendo o que aconteceu, doutor. Ela disse-me que me ama. O que é que acha que aconteceu?

– Não sei se sou capaz de responder a essa pergunta – disse ele. – Tudo o que sei ao certo é que, segundo o que me diz, ela tornou claro o que desejava.

– Acha que é por causa do outro homem?

– O Trevor não?

É claro que acho. Por que outro motivo se põe fim a uma relação com alguém que se ama?

Como eu não respondi, o doutor Bowen pigarreou. – Que tal tem dormido?

– Nada bem, nos últimos dias. Talvez umas três ou quatro horas por noite, a dar voltas na cama.

– Tem pesadelos?

– Duvido que ande a dormir o suficiente para sonhar.

– E durante o dia?

– Ando nervoso. Tenso. Mas não tenho bebido e faço exercício físico. Embora não sinta fome, continuo a assegurar-me de que como.

– E as mãos? Tem tido tremuras?

– Porquê? Esperava que eu ficasse um farrapo humano? – resmunguei.

– Só lhe fiz a pergunta – disse ele. – Depreendo que a resposta seja não.

Belisquei a cana do nariz. – É claro que é não. Acredite, eu sei qual é a minha situação e compreendo as coisas que tenho de fazer para me manter saudável. Estou sob *stress* neste momento, mas estou a dar o meu melhor, OK? Só quero saber o que fazer quanto à Natalie.

Senti que ele me fitou do outro lado do ecrã antes de dizer por fim num tom neutro de voz: – Se é assim tão importante para si compreender, suponho que podia ir a casa dela tentar falar com ela.

– Está a sugerir que faça isso?

– Não – respondeu ele. – Se estivesse a pedir-me a opinião, eu não o recomendaria. Não neste preciso momento, de qualquer modo. Com base na maneira como descreveu a situação, ela pareceu inequívoca na decisão que tomou. Tentar voltar à carga contra a vontade dela provavelmente faria sair o tiro pela culatra e tornaria as coisas ainda piores.

– Não creio que possam ficar piores do que já estão.

– Estranhamente, as coisas são quase sempre capazes de ficar piores.

Rodei os ombros algumas vezes antes de me forçar a respirar fundo. – Eu só quero...

Quando parei de falar, os olhos do doutor Bowen mostraram empatia. – Sei o que quer – disse. – Quer que a Natalie sinta por si o que o Trevor sente por ela. Quer que o seu amor seja retribuído e quer um futuro com ela.

– Exatamente.

– E, no entanto, também já suspeitava que ela andava com outro e que talvez estivesse até num relacionamento sério, antes de ela o admitir de facto. Por outras palavras, nunca teve a certeza do que esperar. Ora bem, a terapia matrimonial não é propriamente a minha especialidade, a não ser no contexto da PSPT, mas uma coisa que aprendi ao longo da vida é que não é possível forçar uma relação romântica com alguém que não a quer.

– Mas a questão é essa. Eu tenho a sensação de que de facto ela *quer* tê-la comigo.

– Apesar de ter deixado bem claro que queria pôr-lhe fim?

O doutor Bowen deixou-me sem argumentos. Prosseguiu. – Então, o melhor que pode fazer é esperar até ela mudar de ideias. Entretanto, é de

importância crítica que cuide de si e continue a seguir para diante com a sua própria vida. É importante não matutar no assunto, porque é provável que isso só o faça sentir-se pior.

– Mas como é que eu hei de não pensar no assunto?

– Uma coisa que pode fazer é manter-se ocupado. Mantenha-se concentrado nas coisas que necessita de fazer. Lembre-se das lições da TCC e da TCD – que os comportamentos positivos podem contribuir para atenuar a perturbação emocional que está a sentir. Por exemplo, já encontrou casa em Baltimore? Amanhã é o primeiro de maio.

– Ainda não – respondi. – Ainda tenho de resolver isso.

– Talvez o ajudasse a sentir-se melhor se saísse daí por uns tempos. Os novos ambientes, especialmente quando combinados com um objetivo específico e importante para a visita, podem ajudar a desviar a atenção das emoções que está a sentir.

Sabia que era verdade, mas não deixava de me perguntar se a minha viagem à Carolina do Sul teria tornado muito mais fácil a decisão de Natalie de pôr fim à nossa relação. Se eu tivesse passado tempo com ela no início da semana, talvez nada disto tivesse acontecido. Mas quem poderia saber ao certo?

– Tem razão, doutor. Vou tratar disso.

– Ainda tem amigos lá, certo?

– Um ou dois colegas do meu internato hospitalar ainda vivem na zona.

– Pode ir a um jogo de futebol ou combinar um almoço. Restabelecer o contacto com velhos amigos é sempre bom para a alma.

Eu sabia que o doutor Bowen acreditava piamente em qualquer forma de distração saudável.

– Vou pensar nisso.

– Também disse que queria falar com o dono da empresa de reboque?

Falar com AJ tornara-se uma prioridade secundária, embora ainda existente, ao longo dos últimos dias. Concentrara-me em manter o controlo sobre mim mesmo.

– Também vou fazer isso – murmurei.

– Ótimo – disse ele. – Tenha presente que, por muito duras que estejam as coisas, podemos sempre encontrar outras de que gostamos e sentir-nos gratos pelas oportunidades que a vida nos proporciona.

O doutor Bowen usava aquela expressão frequentemente e, embora eu

reconhecesse a importância de desfrutar das coisas e da gratidão no que dizia respeito à saúde mental, havia ocasiões em que me irritava. Como neste momento.

– Mais algum conselho que possa dar-me?

– Em relação a quê?

– O que devia fazer quanto à Natalie.

– Penso – disse ele lentamente – que está a lidar com tudo tão bem quanto poderia esperar-se no momento presente. Mas pergunto-me se seria uma boa ideia receitar-lhe alguma coisa que o ajude a dormir melhor. Os períodos prolongados sem um sono de qualidade podem afetar bastante a forma como a PSPT se manifesta. Tem alguma opinião sobre isso?

Eu já tomara soníferos antes, juntamente com antidepressivos. Compreendia bem os benefícios que podiam proporcionar, mas preferia evitá-los.

– Acho que estou bem assim, doutor. Vamos ver como correm as coisas.

– Diga-me se mudar de ideias. Lembre-se de que estou por aqui se sentir que precisa de falar antes da nossa próxima sessão.

– Assim farei.



Apesar da minha conversa com o doutor Bowen, não me sentia inclinado a encontrar coisas das quais desfrutar ou a procurar maneiras de me sentir grato.

Em vez disso, continuei a matutar na situação enquanto percorria a propriedade de uma ponta à outra. Tentava refletir no que o doutor Bowen me recomendara; esforçava-me ao máximo por aceitar a ideia de que Natalie tivera de tomar a decisão que era a certa para ela. Ao longo de todo o processo, as minhas emoções mantiveram-se pesadas como chumbo e sentia a contração dos maxilares a transformar-se em dor.

Com pena minha, o doutor Bowen voltava a ter razão. Era como os nossos pais quando nos diziam para comermos os legumes em pequenos: talvez não nos agradasse, mas era indiscutivelmente bom para nós.

Sabia bem que não devia arriscar-me a andar em público, para o caso de alguém se pôr à minha frente numa fila ou ameaçar de alguma outra forma

o meu equilíbrio precário. Conhecia-me suficientemente bem para compreender que, por vezes, era preferível manter-me na minha toca e evitar completamente todo e qualquer contacto humano.

E foi exatamente o que fiz.



De manhã, acordei a sentir-me mais irritado comigo próprio do que com Natalie. Embora não tivesse dormido bem, sabia que chegara o momento de pôr fim àquele festim de quatro dias de autocomiseração. Isso não significava que me sentisse grato; longe disso. Mas aprendera ao longo do tempo que a TCC e a TCD resultam. Por outras palavras, tinha de me manter ocupado e ir riscando itens da minha lista de afazeres.

Depois da sessão de exercício físico e do pequeno-almoço, mergulhei na Internet, a passar em revista descrições e fotografias de apartamentos mobilados para arrendar nas imediações do hospital Johns Hopkins. Como já tinha vivido nessa zona, conhecia-a bem e consegui encontrar oito apartamentos que me despertaram o interesse.

Pensando que o doutor Bowen também tinha razão quanto a sair da cidade, telefonei a várias agências imobiliárias para marcar as visitas aos apartamentos até ao fim da semana. A seguir, reservei um quarto de hotel e por fim troquei *e-mails* com um cirurgião ortopedista que ainda vivia em Baltimore, e combinámos encontrar-nos para jantar no sábado à noite. Também investiguei a possibilidade de ir assistir a um jogo dos Orioles, mas eles iam jogar fora. Em vez disso, reservei um bilhete para o Aquário Nacional. Quase sentia o doutor Bowen a dar-me uma palmadinha nas costas pelo meu belo trabalho.

Perto do fim do dia, telefonei de novo à AJ's Towing e deixei uma mensagem ligeiramente diferente. Disse que após o falecimento do meu avô eu tinha herdado a carrinha e pedi diretamente a sua devolução. Se ele não o fizesse, eu teria de presumir que tinha sido roubada e alertar as autoridades competentes. Deixei o meu número de telefone e a minha morada e dei-lhe até segunda-feira para me contactar, sugerindo que o fizesse quanto antes.

Deixar uma mensagem assim tão agressiva talvez não fosse o mais avisado. Geralmente, as pessoas não reagem bem a ameaças, embora no

meu estado de espírito atual me tenha dado uma sensação boa descarregar daquela forma.



Na quarta-feira, fiz a mala, atirei-a para a parte de trás do carro e estava de partida às sete da manhã. A viagem, algo que tende a deixar uma pessoa num estado de espírito reflexivo, naturalmente trouxe-me Natalie à mente, fazendo do inevitável trânsito em Washington um verdadeiro desafio no meu estado irritadiço. Convenci-me de que certos condutores estavam a tentar irritar-me de propósito.

Felizmente, e apesar disso, cheguei a Baltimore sem qualquer incidente e fui até à primeira casa que ia visitar, onde o agente imobiliário estava à minha espera. Tratava-se de um apartamento funcional num prédio razoável, e, embora fosse suficiente, não me deixou empolgado. A decoração era antiquada e o mobiliário velho, para não mencionar que a vista do minúsculo alpendre era um beco cheio de lixo. A situação era basicamente a mesma na segunda casa, embora a vista fosse melhor, para quem gostasse de olhar para a casa do vizinho e quisesse debruçar-se da janela para pedir uma chávena de açúcar emprestada. Risquei os dois apartamentos da minha lista.

A sentir-me tenso e de mau humor, andei de um lado para o outro nos corredores do hotel durante uma hora e por fim pedi uma refeição no quarto. Embora tenha adormecido cedo, acordei a meio da noite e completei uma sessão de exercício físico extralonga no ginásio antes de chegar mais alguém. Banqueteei-me ao pequeno-almoço, vi mais três apartamentos para arrendar na quinta-feira, o segundo dos quais me agradou. Depois de indicar que me sentia bastante interessado, prometi contactar o agente imobiliário até ao final do dia seguinte.

Na sexta-feira, dois dos três apartamentos eram também promissores, mas ainda me sentia mais convencido pelo que vira no dia anterior. Telefonei de novo ao agente imobiliário, marquei um encontro ao fim da tarde e assinei o contrato de arrendamento. Contente por ter tomado uma decisão e a ter implementado, decidi celebrar, jantando no bar em vez de no quarto. Meti conversa com uma mulher que vendia produtos veterinários. Atraente, boa

conversadora e decididamente namoradeira, deixou claro que estaria interessada no que eu decidisse propor para mais tarde nessa noite. Mas eu não estava para aí virado, e, depois de acabar a minha segunda bebida, despedi-me. No quarto, fiquei deitado na cama com as mãos unidas atrás da cabeça, a perguntar-me se Natalie estaria a sentir-se arrependida.

O aquário valeu bem a pena, apesar da multidão; o jantar com o meu amigo e a sua mulher foi ainda mais divertido. Joe e Laurie eram casados há três anos e tinham uma filha pequena. Laurie passou parte da noite a tentar convencer-me de que tinha uma amiga que eu devia conhecer. – Vocês os dois iam dar-se bem – disse ela. – Ela é mesmo o teu tipo. – Recusei; ia-me embora na manhã seguinte, recordei-lhes. Mas para Laurie isso não fazia diferença. – Vais estar a viver aqui em breve – disse ela. – Juntamo-nos todos nessa altura.

Quem sabia? Talvez nessa altura eu já me encontrasse num estado de espírito que me dispusesse a aceitar a sugestão.

Naquele momento, não conseguia sequer conceber tal ideia.

Voltei para casa no domingo. Depois de atirar com as roupas sujas para o cesto, peguei no correio que se tinha acumulado na minha ausência. Geralmente, não havia grande coisa – só contas e correio não-solicitado – mas fiquei surpreendido ao encontrar uma carta de um advogado chamado Marvin Kerman, da Carolina do Sul, dirigida a mim.

Depois de rasgar o envelope, li a carta enquanto andava e acabei de a ler no alpendre da frente. O advogado, que representava a AJ's Towing, escrevia a informar-me que a carrinha do meu avô tinha sido leiloada por falta de pagamento do reboque e do armazenamento, de acordo com a lei da Carolina do Sul. Era ainda informado de que tinha sido enviada uma carta para a morada do meu avô em dezembro passado a explicar que, a não ser que a conta fosse paga, a carrinha seria considerada abandonada e a empresa de reboques tomaria as medidas apropriadas. Perto do fim, o advogado declarava que, a não ser que eu deixasse de incomodar o dono da empresa, seria acionado contra mim um processo crime ou cível.

Era mais do que provável que o aviso original se encontrasse entre o correio que eu deitara fora descuidadamente quando me mudei para aqui, e, como o meu instinto me avisara, fora uma ideia estúpida ameaçar o tal AJ. O que me deixava em grande medida num beco sem saída.

Mas não completamente.

Com a carta, apresentava-se mais uma via a seguir, mesmo que eu não tivesse a certeza se levaria a algum lado. Tinha o nome e o número de telefone do advogado, afinal.



Com o apartamento arrendado, a mudança para Baltimore parecia iminente, embora ainda faltasse um mês ou mais para ter de partir. Sentindo-me nostálgico, decidi passar algum tempo com as abelhas antes da minha sessão com o doutor Bowen.

Vesti o fato protetor, peguei em tudo aquilo de que precisava e escolhi quatro das colmeias à sorte. Ao tirar os caixilhos, reparei que a produção de mel estava em pleno decurso; as abelhas tinham andado atarefadas nas últimas semanas. Embora já estivesse em pleno internato no início de agosto, tomei a decisão de regressar a New Bern para colher o mel. Podia fazê-lo ao longo de um fim de semana, e pensei que era algo que o meu avô teria querido que eu fizesse. Claude, presumi, ficaria encantado.

Ao tomar aquela decisão, apercebi-me de que não tinha qualquer intenção de vender ou arrendar a propriedade. Havia demasiadas recordações e, embora eu não tivesse a certeza do que isso significaria para mim no futuro, simplesmente não conseguia imaginar outra pessoa a viver ali. Perguntei-me se a minha decisão seria uma espécie de desejo subconsciente de estar perto de Natalie, mas rejeitei a ideia.

Ia ficar com a casa por causa do meu avô, não de Natalie. O que também significava que necessitaria de contratar um construtor civil, porque a casa estava a precisar seriamente de obras. Uma coisa era viver nela durante uns meses; outra completamente diferente era torná-la permanentemente habitável. Precisava de um telhado e do chão da cozinha novos, suspeitava que havia térmitas e humidade a afetar os alicerces, e, se alguma vez quisesse passar algum tempo aqui no futuro, a casa necessitava de uma casa de banho maior e de uma remodelação da cozinha. Tanto quanto sabia, poderia haver também problemas de canalizações e de eletricidade, o que, tudo junto, manteria o construtor ocupado durante vários meses. Precisaria de um administrador da propriedade, de alguém que olhasse por ela, vigiasse o trabalho do construtor e me enviasse fotografias das obras em

curso.

Ocorreu-me então que Callie poderia ajudar a olhar pelas colmeias, colocando as telas excluidoras da abelha-mestra e os caixilhos rasos no início da primavera. Como passava pela propriedade a caminho do trabalho, não lhe ficaria fora de mão, e eu oferecer-me-ia para lhe pagar mais do que o trabalho provavelmente valia. Tinha a certeza de que o dinheiro extra lhe daria jeito, mas queria primeiro falar com Claude sobre os hábitos de trabalho dela. Mesmo que tivesse ajudado o meu avô uma vez, eu queria alguém fiável.

A minha lista de afazeres – que eu pensava ter completado – estava de novo cheia. Construtor, administrador da propriedade, Callie e Claude... pessoas com quem falar, responsabilidades a delegar. Hoje era um dia tão bom como outro qualquer para pôr as coisas em marcha; para além da minha sessão com o doutor Bowen, só tinha mais um item na minha agenda.

Telefonei a Marvin Kerman, o advogado da AJ's Towing, imediatamente depois de acabar de tratar das colmeias. A rececionista disse que ele estava no tribunal, mas provavelmente retribuiria a minha chamada ainda essa tarde.



Marquei um encontro com o mesmo construtor a que recorrera meses antes, que me disse que poderia passar lá por casa na semana seguinte. Recomendou-me também que organizasse uma inspeção prévia à casa e sugeriu-me o nome de alguém em quem confiava. O inspetor, felizmente, estava pouco ocupado e disse que poderia inspecionar a casa na quinta-feira. Consegui igualmente encontrar três potenciais administradores da propriedade e marquei horas para os entrevistar. A sessão com o doutor Bowen correu bem. Ele sentia-se um pouco preocupado por eu continuar a não dormir bem, mas ficou contente ao saber que arranjara uma nova casa onde viver em Baltimore. Falámos sobre a minha agitação persistente em relação a Natalie e instou-me a dar tempo ao tempo, recordando-me que não era possível apressar o que descreveu como um período de desgosto. Tentei negar a minha ansiedade, mas falar sobre Natalie fez com que as minhas

emoções voltassem à tona de uma maneira que já não acontecia há dias. Estava a tremer quando desliguei.

E, pela primeira vez desde que ela rompera comigo, fui-me abaixo e chorei.



O advogado, Marvin Kerman, devolveu-me a chamada nessa tarde. Já passava das cinco e meia, e suspeitei que era o último telefonema do seu dia de trabalho. Quando se identificou, quase ladrou o nome ao telefone.

– Obrigado por me devolver a chamada, doutor Kerman – respondi. – Tinha a esperança de que pudesse ajudar-me.

– Infelizmente, a carrinha já foi leiloada – disse ele. – Como indiquei na minha carta, o processo foi uma forma inteiramente legal de recompensa por serviços prestados.

– Compreendo – disse eu num tom conciliador. – Não estou preocupado com a carrinha nem ponho em causa o facto de ter sido vendida. Telefonei para lhe perguntar se poderia contactar o seu cliente em relação a outra coisa.

– Não sei bem o que quer dizer.

Mais uma vez, contei a história do que tinha acontecido ao meu avô e falei das minhas dúvidas persistentes sobre isso. – Pergunto-me se o AJ ou outra pessoa terão limpado a carrinha e posto os itens pessoais numa caixa ou guardados algures – acrescentei. – Tinha a esperança de poder reaver essas coisas.

– Está interessado nos bens pessoais dele, mas não na carrinha ou no dinheiro?

– Só estou a tentar descobrir o que lhe aconteceu.

– Não sei se foram guardados alguns bens pessoais.

– Estaria disposto a perguntar ao seu cliente?

– Suponho que sim. E se não houver nada?

– Então será o fim da conversa. Não posso ir atrás de pistas se não as houver.

O advogado suspirou. – Suponho que posso perguntar-lhe, mas, mais uma vez, não posso garantir nada.

– Ficar-lhe-ia muito grato. Obrigado.



Esgotado pelas minhas lágrimas de segunda-feira e querendo evitar um novo acesso, passei o resto da semana em piloto automático ao mesmo tempo que tentava manter-me tão ocupado quanto possível. Com os princípios da TCC e da TCD a soarem-me na cabeça, fiz exercício físico durante mais tempo e com mais intensidade do que o habitual, evitei o álcool e comi de forma tão saudável quanto possível. Dei seguimento às coisas que necessitava de fazer. O inspetor veio e prometeu que teria o relatório pronto na segunda-feira, para que o construtor pudesse usar a informação para me dar um orçamento. Entrevistei administradores de propriedades e decidi-me por uma senhora que também era agente imobiliária e cujo marido era construtor civil. Ela assegurou-me que era capaz de supervisionar uma equipa de construção e prometeu dar a volta à propriedade pelo menos uma vez por semana enquanto eu estivesse em Baltimore. Ainda não tinha falado com Claude nem com Callie, mas pensei que poderia fazê-lo a qualquer altura.

Na sexta-feira à noite, sentado no alpendre, dei-me conta de que já não falava com Natalie há quinze dias. Mais uma vez, tive dificuldade em adormecer e quando acordei a meio da noite decidi que estava farto de fitar o teto escuro horas a fio. Levantei-me, vesti-me e reparei que passava pouco das duas da madrugada. Depois de uma ida rápida ao barracão do mel, meti-me no carro e fui até à Spencer Avenue. Estacionei a um quarteirão de distância e fui a pé até à casa de Natalie. Quando me aproximava, perguntei-me se ela estaria com o *Outro Tipo* naquele momento; se estariam na cama ou teriam saído à noite. Perguntei-me se estaria a fitá-lo como me fitara a mim. Tudo aquilo fez com que sentisse dificuldade em engolir quando pousei dois frascos de mel na soleira da porta dela.

Não havia dúvida de que ela saberia quem os deixara, e perguntei-me o que aconteceria se o *Outro Tipo* desse com eles. Que história lhe contaria ela? Ter-me-ia sequer mencionado? Teria pensado sequer em mim nas duas últimas semanas ou seria eu já uma recordação vaga, tingida de

arrependimento?

Ao voltar para o carro, só ouvia o eco das minhas perguntas sem resposta.

CAPÍTULO 14



Passou mais um fim de semana, mais uma sessão com o doutor Bowen. Recebi o relatório da inspeção, encontrei-me com o construtor na terça-feira e ele prometeu enviar-me um orçamento logo que possível.

Como já não prestava atenção ao mundo exterior há dias, não fazia ideia de que estava iminente uma tempestade até surgirem umas nuvens carregadas e um vento forte, pouco depois de o construtor se ter ido embora. O meu primeiro pensamento foi que seria uma chuvada típica do final da primavera, mas, depois de sintonizar o rádio para as notícias locais, perguntei-me se deveria estar preocupado. Esperava-se chuva forte e rajadas de vento, e as escolas da zona tinham cancelado as aulas nos dois dias seguintes. As reportagens em direto de Raleigh mostravam estradas inundadas, com numerosas operações de salvamento já em curso.

As primeiras gotas de chuva tombaram daí a menos de uma hora; quando fui para a cama, já chovia com tanta força que soava como se eu estivesse a dormir numa estação de caminhos de ferro. Quando acordei na manhã seguinte, a tempestade tinha-se intensificado até atingir quase o nível de furacão. O céu fervilhava com nuvens escuras e o vento abanava as janelas, e a outra margem do ribeiro estava reduzida a uma mera sombra, obscurecida pela chuva torrencial.

Durante algum tempo, fiquei a observar a cena do alpendre das traseiras, com a chuva a chapinar-me o rosto. Quando por fim voltei para a cozinha, usei uma toalha de mãos para me secar. Estava a começar a fazer café quando ouvi uns sons rítmicos e repenicados por toda a casa. O certo é que fui dar com uma infiltração na sala de estar, outras duas no quarto de hóspedes e mais uma na casa de banho. Havia grandes manchas circulares nos tetos e pedaços de estuque a cair, o que indicava que provavelmente as infiltrações tinham começado durante a noite. Não compreendia como não

dera por elas mais cedo, mas regressei à despensa e à cozinha para pegar no balde com a esfregona e em três panelas. Sequei o chão com a esfregona depois de colocar as panelas para apanhar a chuva, mas as gotas pareciam estar a cair mais rapidamente.

Suspirei. O telhado precisava de ser tapado com um oleado, o que significava que eu ia acabar por ter de estar lá fora debaixo daquele dilúvio, provavelmente *horas a fio*. Também precisava de tijolos para segurar o oleado.

O dia estava a ficar cada vez melhor.

Só que não...

Decidi não fazer nada até ter tomado o café. Vesti uma *T-shirt* e uma *sweatshirt* velhas, voltei para a cozinha e servi-me de uma chávena de café. Ao beber um gole, reparei que tinha as mãos a tremer. Pousei a chávena e fitei as mãos fascinado. Seria a ideia de ter de trabalhar lá fora debaixo de chuva? A viagem em que estava prestes a embarcar no Johns Hopkins? Ou seria Natalie?

A resposta parecia óbvia, mas, ao continuar a fitar as mãos, senti-me grato por o tremor não ser tão severo como em tempos. Mesmo assim, surpreendeu-me. Sim, andava a dormir mal e recentemente tinha chorado pela primeira vez em anos. Admitia que também andava a sentir-me nervoso, mas era difícil recordar a última vez que as minhas mãos se tinham descontrolado. Não tremeram depois de o meu avô morrer nem quando me mudei para New Bern. Então, porquê agora? Natalie tinha posto fim à nossa relação há quase três semanas. Como é que a passagem do tempo podia tornar as coisas ainda piores?

Refletindo, encontrei a resposta. As mãos também não me tremeram logo a seguir a ser ferido – foi só depois de todas as operações que comecei a reparar em vários sintomas e essa perceção fez-se acompanhar por um raio de claridade. A explosão no Afeganistão fez ir pelos ares o meu futuro, e, a algum nível subconsciente, a rejeição de Natalie – que fez ir pelos ares um tipo diferente de futuro – estava a manifestar-se com o mesmo tipo de reação tardia. Não tinha dúvida de que o doutor Bowen me diria que tinha acertado em cheio. Não me perguntara por isso mesmo? Quase como se esperasse que as mãos me começassem a tremer? É claro que perguntara. Conhecia-me muito bem. Por muito magoado que me sentisse, ainda amava Natalie e tinha saudades dela.

Respirei fundo, fechei as mãos em punho e abri-as uma série de vezes e, pouco a pouco, o tremor passou. Provavelmente a cafeína não era boa ideia, mas e depois? Eu gostava de café, e bebi duas chávenas, de qualquer maneira. A seguir peguei no impermeável à saída. Se possível, a tempestade estava ainda mais forte. O vento soprava com mais intensidade e as bátegas de chuva a formar quase umas cortinas opacas, tombavam na diagonal. No carro, enxuguei o rosto e reparei na poça no assento que se formara ao entrar.

A água já tinha quase um palmo de altura em partes do caminho da casa e a estrada estava só ligeiramente melhor. Mesmo com o limpa-para-brisas no máximo, tinha de me debruçar sobre o volante e manter a velocidade muito abaixo do limite máximo. Um camião a passar no sentido oposto arremessou uma onda de água sobre o meu para-brisas e tive de travar a fundo para não sair da estrada. Era como conduzir numa lavagem automática de carros e, com as rajadas de vento a sacudirem o carro, compreendi que nem mesmo os tijolos seriam suficientes para impedir o oleado de ir pelos ares. Ia precisar de blocos de cimento, o que tornaria cada subida pelo escadote muito mais empolgante.

Estava cheio de sorte!

Só a avistei no último segundo, uma figura solitária a caminhar na berma da estrada. Virei ligeiramente o volante enquanto o meu cérebro processava o que tinha visto; simplesmente não conseguia imaginar alguém a aventurar-se voluntariamente para fora de casa num tempo como este. Para meu espanto, reconheci-a. Parei o carro e baixei o vidro do lado do passageiro.

– Olá, Callie. Sou eu, o Trevor! – berrei, a sobrepor a voz ao ruído da tempestade. – Precisas de boleia para o trabalho?

Embora estivesse com o capuz posto, o seu casaco não parecia impermeável. Trazia ao ombro um saco do lixo, sem dúvida com roupas secas.

– Estou bem – disse, abanando a cabeça. – Não preciso de boleia.

– Tens a certeza? – perguntei. – Eu vou nessa direção, de qualquer maneira, e é perigoso andar na estrada. Os condutores mal conseguem ver-te. Anda lá. Entra.

Pareceu hesitar por um momento, mas depois estendeu a mão para o puxador com relutância e abriu a porta. Sentou-se, ensopada e toda

despenteada, com a pele de um tom azulado de porcelana. Agarrava o saco de plástico no regaço quando eu voltei lentamente a entrar na estrada.

– Fora este temporal, estás bem?

– Estou ótima. – Depois, num tom quase contrafeito, acrescentou: – Obrigada por ter parado.

– Não tens de quê. Podes pôr o saco no assento de trás, se quiseres.

– Já estou molhada. Não importa.

– Ainda bem que te vi. Está terrível lá fora.

– É só água.

– Deduzo que trazes roupas secas no saco.

Ela olhou-me, desconfiada. – Como é que sabe isso?

– Senso comum.

– Oh.

Pensei em perguntar-lhe se estaria interessada em tratar das colmeias, mas queria falar primeiro com Claude. Decidi manter um tom ligeiro.

– Que tal vão as coisas no Trading Post?

– Ótimas.

– Folgo em saber. Gostas de lá estar?

– Porque é que quer saber?

– Só estava a fazer conversa.

– Porquê?

– Porque não?

A rapariga não pareceu ter resposta para isso. Lançando-lhe um olhar, voltei a pensar que parecia demasiado nova para trabalhar a tempo inteiro em vez de frequentar a escola, mas tinha a sensação de que ela se fecharia em copas se lhe fizesse perguntas sobre esse assunto. Naquele momento, uma rajada de vento atingiu o carro, fazendo-o tremer. Abrandei a velocidade ao máximo, a avançar pela estrada inundada.

– Já alguma vez tinhas visto uma tempestade com chuva e vento como esta? É como um mini-furacão.

– Nunca passei por um furacão.

– Pensei que tinhas crescido aqui.

– Não – disse ela.

– Os teus pais não vivem aqui?

– Não.

– Então, o que é que te trouxe a New Bern?

– Não quero falar sobre isso.

Como não andava na escola e um emprego no Trading Post não era propriamente uma carreira, perguntei-me se – tal como Natalie – viera para cá por estar numa relação com alguém da terra. Mas parecia demasiado nova para isso, ou mesmo para qualquer uma das outras hipóteses. Seriam, então, problemas familiares.

– Obviamente, não é da minha conta – disse eu. – Peço desculpa por ter perguntado. Mas espero que as coisas entre ti e os teus pais melhorem.

Callie virou a cabeça na minha direção. – Porque é que disse isso? – perguntou. – Não sabe nada sobre mim ou os meus pais – vociferou. – Pare o carro. Quero sair. Posso ir a pé o resto do caminho.

– Tens a certeza? Estamos quase lá – protestei. O Trading Post ficava a menos de cem metros.

– Pare o carro!

Claramente, tocara-lhe num ponto sensível. Não querendo piorar as coisas, aproximei-me da berma da estrada e parei. Sem olhar para trás, ela abriu a porta do carro e saiu, fechando-a depois com força.

Fiquei a olhar para ela por um momento, a vê-la avançar a custo por entre as poças de água. Quando já havia espaço suficiente entre ela e o meu carro, voltei a entrar na estrada, a sentir-me mal por a ter perturbado. Não era da minha conta, mas pensei de novo na sua reação excessiva. Recordou-me a tentativa de conversa quando ela estava a almoçar. Parecia-me reservada e desconfiada, e perguntei-me como o meu avô conseguira ultrapassar as defesas dela. Pelo que vira dela, não conseguia imaginá-la a oferecer-se para o ajudar com as colmeias; tinha a certeza de que o pedido do meu avô teria sido rejeitado imediatamente a não ser que de algum modo eles se conhecessem. Ela já devia confiar nele antes de ele lhe ter proposto que o ajudasse.

Mas como é que isso teria acontecido?

Não sabia como, mas tencionava voltar a falar com ela, nem que fosse só para lhe pedir desculpa. Dependendo de como corresse – e do que Claude tivesse a dizer sobre ela – ainda tinha esperanças de lhe oferecer o trabalho.

Quem sabia? Talvez ela acabasse por decidir que também podia confiar em mim.



O oleado na loja de ferragens já estava quase esgotado, mas, como a casa era pequena e retangular, tive sorte e encontrei um que seria suficiente. Em seguida, encontrei um carrinho de metal e carreguei-o com blocos de cimento. Havia fila na caixa, mas ninguém se meteu à minha frente, o que eram boas notícias para todos os presentes.

Meti as coisas no carro, voltei para casa e aproximei o carro o mais possível da casa. Já lá dentro, esvaziei os baldes e as panelas e depois fui buscar um escadote ao barracão das ferramentas. Depois disso, iniciei o longo processo de subir e descer o escadote, levando o oleado e os blocos de cimento para o telhado e depois pondo tudo no seu lugar, ao mesmo tempo que era fustigado pela chuva e pelo vento. Havia melhores maneiras de passar uma manhã.

Quando acabei, estava cheio de fome e enregelado e, depois de um duche quente prolongado, decidi ir almoçar ao Trading Post. O parque de estacionamento estava mais cheio do que contava, mas pensei que se eu não estava com disposição para fazer uma sanduíche, era natural que outras pessoas também não estivessem.

Lá dentro, Claude acenou-me da caixa registadora e avistei Callie em cima de um escadote na parte de trás da loja, a pendurar galochas para a pesca lá no alto da parede. Frank estava no seu lugar habitual ao grelhador, e havia vários homens a comer sentados às mesas. Como os lugares ao balcão estavam ocupados, enfiei-me entre os clientes enquanto esperava para pedir um *cheeseburger* com batatas fritas. A chuva continuava a cair em torrentes contra as montras e ouvi algumas pessoas a falarem da tempestade. Ao que parecia, o centro e outras zonas da cidade estavam já com inundações.

Depois de fazer o meu pedido a Frank, tirei um refrigerante do frigorífico e fui até à caixa registadora. Claude acenou na direção das montras.

– Dá para acreditar? Está a chover a potes lá fora.

– Está um tempo maluco – concordei.

– O que é que pediu?

Disse-lhe e ele fez-me a conta; depois de receber o troco, prossegui: – Tem um minuto? Gostava de lhe fazer umas perguntas sobre a Callie.

– Ela está ali mesmo, se quiser falar com ela.

– O que eu queria era uma recomendação – comecei por dizer, e depois de lhe explicar no que estava a pensar, ele assentiu com a cabeça.

– É uma ótima trabalhadora – disse. – Não se queixa, não se importa de ficar até mais tarde e nunca faltou a um turno, mesmo quando estava a passar por momentos difíceis. Também é realmente boa nas limpezas, quase obsessiva-compulsiva. Acho que faria um ótimo trabalho para si, mas tenha em mente que é esquisita.

– Em que sentido?

– Trabalha aqui há... não sei há quanto tempo. Uns dez ou onze meses? Começou no fim do verão passado, mas, para além do facto de que ainda vive no parque de caravanas ao cimo da estrada, juro que não sei nada de nada sobre ela. Ninguém sabe grande coisa sobre a rapariga.

Não é surpresa nenhuma, pensei. – Ela disse-me que não era de New Bern.

– Não duvido. Até o Carl a recomendar, nunca a tinha visto. É como se tivesse caído do céu.

Inclinei a cabeça, perguntando-me se o teria ouvido bem. – O meu avô recomendou-a?

– Recomendou – respondeu Claude. – Trouxe-a cá de carro, de facto, e acompanhou-a até cá dentro. Pediu-me que lhe desse uma hipótese e disse que se responsabilizava pessoalmente por ela. Estávamos no fim do verão, e alguns estudantes que tinham trabalhado para mim durante as férias iam voltar para as aulas, por isso eu tinha uma vaga. Arrisquei, e ainda bem. Mas é uma pena que você se vá embora.

– De certeza que volto – disse eu. – Obrigado pela informação.

– Ela deve estar a fazer um intervalo daqui a pouco, se quiser falar com ela sobre as colmeias. Por causa do tempo, provavelmente vai comer nas traseiras em vez de à beira rio.

– Suponho que sim. Está horrível lá fora.

– Estava ensopada quando chegou. Senti pena dela. Se o almoço dela se estragou com a chuva, provavelmente vou tentar arranjar-lhe qualquer coisa. Se ela aceitar, o que não é certo. Não é lá muito boa a aceitar favores. Mas não consigo imaginar como será comer pão com manteiga de amendoim e geleia todo molhado.

Veio-me à cabeça uma vaga recordação, como uma bolha a vir lentamente

à tona, quando Claude mencionou a sanduíche. Estranhamente, tive a certeza de que tinha alguma coisa a ver com o meu avô, mas não conseguia ainda identificar o quê.

– Era o que estava a comer quando falei com ela no outro dia.

– É o que come todos os dias.

Ergui o olhar. Tendo acabado de arrumar as galochas, Callie estava ainda no cimo do escadote, agora a pendurar coletes fluorescentes para a caça. Perguntava-me de novo como ela travara conhecimento com o meu avô quando ouvi Frank a anunciar o meu pedido.

– Devia ir buscar o seu almoço antes que arrefeça – disse Claude. – Mas antes, uma pergunta rápida. Ouvi boatos de que ia vender a propriedade, portanto porquê preocupar-se com as colmeias?

– Decidi que vou ficar com ela.

– Sim?

– É o que o meu avô teria querido.

Claude sorriu. – Disso não há dúvida.



O *cheeseburger* estava cozinhado e temperado na perfeição e devorei o meu almoço numa questão de minutos. Quando estava a atirar os restos para o caixote do lixo, ouvi um súbito estrondo vindo da parte de trás da loja e vi Claude correr da caixa registadora. Outros clientes levantaram-se também de um salto, com todas as pessoas a moverem-se na mesma direção, e segui-as. Quando avistei o escadote tombado e Callie por terra, o meu instinto entrou em ação e comecei a abrir caminho por entre as pessoas.

– Deixem-me passar! – berrei. – Sou médico.

Claude já estava acocorado ao lado dela, com o rosto contraído de preocupação, e quando eu cheguei junto a ela já estava a apreender a cena, com a informação a chegar-me rapidamente.

Doente de lado... sem se mover... palidez quase de um branco macilento... possível hemorragia interna?... sangue no cabelo e a começar a formar uma poça no chão por baixo da cabeça dela... braço dobrado num ângulo pouco normal por baixo do corpo, indicando prováveis fraturas do rádio e do cúbito...

Pousei delicadamente dois dedos na sua carótida enquanto as outras pessoas se apinhavam à volta; ouvi vagamente Claude dizer às pessoas que a tinha visto cair do escadote. A pulsação dela era irregular e fraca.

– Recuem todos! – berrei. – Claude... preciso que telefone para o serviço de emergência!

Demorou um segundo a compreender que eu estava a falar com ele aos berros.

Meteu a mão ao bolso de trás das calças e tirou o telemóvel, e eu desviei de novo a minha atenção para Callie. Embora não fizesse serviço nas urgências há anos, já vira numerosos ferimentos na cabeça, e o sangue que escorria do ouvido dela era um sinal perigoso. Embora suspeitasse de um possível hematoma subdural, ela precisaria de fazer uma TAC antes de poder saber-se algo definitivo. Reposicionei delicadamente o corpo de Callie de costas, mantendo o seu pescoço tão estável quanto possível. A sua respiração era fraca, as fraturas visíveis. O braço já estava a inchar e a começar a ficar cheio de nódoas negras. Continuava sem sentidos. Tirei o telemóvel do bolso, liguei a lanterna e verifiquei as pupilas dela. Felizmente, dilataram-se com a luz, mas os ferimentos na cabeça tinham sempre de ser considerados com cautela...

Ouvi Claude ao telefone, o pânico na sua voz enquanto explicava a situação antes de ficar em silêncio.

– Estão a dizer que a ambulância pode demorar algum tempo. Houve uma inundação num dos lares de terceira idade e os serviços de emergência estão sem mãos a medir. Também não têm a certeza se a ambulância conseguiria chegar aqui, porque as estradas estão em péssimo estado.

Perante os meus olhos, a palidez de Callie pareceu intensificar-se ainda mais, outra complicação séria. Vi numerosas equimoses no braço não afetado; a maior parte parecia ser de há dias ou mesmo semanas. Levantando delicadamente a camisa dela, procurei indícios de uma hemorragia interna, mas, estranhamente, não encontrei nada que pudesse explicar a sua palidez crescente. Ela precisava de chegar ao hospital quanto antes. Pesei os prós e os contras, sabendo que, embora houvesse riscos em transportá-la, havia mais risco em esperar por uma ambulância que talvez não conseguisse chegar aqui.

– Podemos levá-la no meu carro, mas o Claude vai ter de conduzir para eu poder ficar na parte de trás com ela. Tem alguma coisa em que a

possamos levar? Uma maca? Uma esteira? Qualquer coisa?

– Temos uma cama de campanha nas traseiras. São para tendas, e acabaram de chegar. Isso dá?

– Dá – respondi. – Vá buscá-la!

Claude foi a correr. À minha volta, havia homens a fitarem a cena de olhos arregalados. Tirei do bolso as chaves do carro e estendi-as.

– Preciso que um dos senhores vá lá fora ao meu carro. Está estacionado à esquerda da entrada, é o grande e preto. Rebatam os assentos e arranjem espaço para a cama. Deixem a porta da mala aberta. Quanto ao resto das pessoas, vou precisar de ajuda para a passar para a cama e depois para a levar até ao carro. Alguém tem um guarda-chuva? Quero protegê-la da chuva o máximo possível.

Continuavam a fitar-me, sem se mexerem, até Frank subitamente se precipitar para a frente, pegar nas minhas chaves e desatar a correr para a porta. Ao mesmo tempo, Claude veio das traseiras com um caixote de papelão grande.

– Saiam-me da frente! Preciso de espaço! – berrou, antes de praticamente deixar cair o caixote. Começou a rasgá-lo para o abrir.

– Ela vai ficar bem? – perguntou.

– Espero que sim – respondi. – Escute. Preciso que telefone para as urgências do hospital. Eles têm de saber que a paciente tem um ferimento grave na cabeça, possível hemorragia interna e fraturas múltiplas do rádio e do cúbito. Consegue fazer isso?

Nessa altura ele já tinha desempacotado a cama de campanha, revelando umas fitas de um plástico forte que a mantinham numa posição fechada.

– Alguém tem uma tesoura ou uma faca? – berrou Claude.

– Ouviu-me, Claude? Precisa de telefonar para as urgências. Eles têm de estar prontos para a receber.

– Entendi. Tenho de telefonar para o hospital. Ela vai ficar bem, certo?

Repeti-lhe o que precisava que ele dissesse.

– Sim, OK. – Acenou com a cabeça. – Não sei o que aconteceu.

– Por agora, limitemo-nos a olhar por ela, OK?

Claude falou aos berros às outras pessoas ao mesmo tempo que apontava para a cama de campanha. Mais um vez, vi-o pegar no telemóvel. – Preciso de uma tesoura ou uma faca para cortar estas fitas.

Alguém que eu não reconheci deu um passo em frente, sacando de um

canivete. Premindo um botão, a lâmina disparou; não era um canivete qualquer, era uma arma, mas o que importava? Cortou as fitas de plástico com a lâmina e abriu a cama. Começou a desdobrar as pernas, mas eu indiquei com um gesto que não devia fazê-lo.

– Fica demasiado alta se abrir as pernas. Traga só a cama aqui para o lado dela, OK? Vou precisar de ajuda para a transferir com cuidado para a cama e depois de mais ajuda para a levar para o carro. Preciso do máximo possível de mãos por isso aproximem-se.

As pessoas reagem de maneiras diversas durante momentos de vida ou de morte. Eu já vira pessoas a revelarem-se à altura da situação ou a ficarem paralisadas, mas os homens no Trading Post pareciam ter-se recomposto o suficiente para saber o que precisava de ser feito. O dono do canivete posicionou cuidadosamente a cama; vários outros colocaram-se à volta do corpo de Callie.

– Vou manter-lhe o pescoço tão estável quanto possível, para o caso de haver algum dano na coluna. Os restantes passem as mãos por baixo dela. Duvido que pese sequer cinquenta quilos, portanto não vai ser pesada. Vou contar até três e, quando eu disser «levantar», façam um movimento suave e delicado enquanto a transferimos para a cama. No total só deve demorar uns segundos, OK? Toda a gente compreendeu?

Estabeleci contacto visual com cada um deles e vi-os assentir com a cabeça. – Depois de ela estar na cama, levamo-la para o carro. A cama não tem alças, portanto talvez seja um bocado incómodo, mas ela não pesa grande coisa e somos muitos. Está bem?

Mais uma vez, vi-os assentir com a cabeça.

Contei até três e dei-lhes ordem para a levantarem. Mantive-lhe o pescoço estável e foi transferida para a cama sem incidentes. Daí a um momento, começámos a levá-la pela loja. À porta, estava outro homem à espera com um guarda-chuva aberto, que usou para proteger Callie da chuva torrencial. A porta da mala estava aberta.

Com a chuva ainda a cair, tive de berrar para ser ouvido. – Preciso que alguém vá para dentro do carro e esteja pronto a agarrar a cama quando a metermos para não a abanarmos mais!

Um rapaz com cerca de vinte anos saltou lá para dentro, enfiando-se entre o lugar do condutor e o do passageiro, de frente para as traseiras do carro. Todos ao mesmo tempo, metemos delicadamente a cama na parte de trás,

mais suavemente do que eu julgara possível. Saltei para dentro, ajoelhei-me e curvei-me ao lado do corpo dela. – Claude? Pode conduzir?

Claude pôs-se ao volante ao mesmo tempo que alguém fechava a porta da mala. A cama ficou a poucos centímetros da porta da mala e dos assentos da frente. Callie continuava sem sentidos; a respiração ainda fraca. Continuava a gotejar-lhe sangue do ouvido. Voltei a verificar-lhe as pupilas, que ainda reagiam à luz. Rezei para que chegássemos ao hospital a tempo.

– Faça os possíveis por conduzir sem solavancos – disse a Claude quando ele ligou o motor.

Daí a um momento, estávamos nas estradas inundadas, mas eu mal reparava na viagem. Mantinha a atenção em Callie, a querer que ela recobrasse os sentidos, a querer que se mexesse. O seu braço continuava a inchar. Queria que Claude fosse mais depressa, mas nestas condições era impossível. O carro abanava com as rajadas de vento; por vezes, abrandávamos até quase pararmos quando passávamos por zonas inundadas, com a água a cobrir as rodas e a chapinhar as janelas. Rezava para que estivesse um neurologista à espera nas Urgências, e esperava que o hospital local tivesse um serviço de traumatismos. O mais próximo – Vidant, em Greenville – ficava a pelo menos mais uma hora de viagem com bom tempo; hoje, duvido que uma ambulância conseguisse chegar lá. Um helicóptero estava fora de questão.

Claude berrava-me cá para trás, a avisar-me quando tínhamos de fazer um desvio ou quando ia virar, continuando a perguntar-me como estava Callie. Ao fim de algum tempo – pareceu uma eternidade – virámos para o parque de estacionamento do hospital e dirigimo-nos às Urgências. O estado de Callie parecia ter-se deteriorado ainda mais. Berrei uma ordem a Claude.

– Diga-lhes que vamos precisar de uma maca e de muitas mãos para a transferir.

Claude saltou do carro e desatou a correr lá para dentro; quase instantaneamente, apareceu uma maca rodeada por meia dúzia de enfermeiras e um médico. Saltei para fora do carro pela porta da mala e disse o que sabia sobre o estado de Callie. Ela foi transferida para a maca, empurrada para dentro do hospital, com as enfermeiras e o médico à sua volta, e depois desapareceu lá para trás. Claude e eu seguimo-la, parando por fim na sala de espera. Eu ainda sentia o acesso de adrenalina a percorrer-me o corpo. Sentia-me estranhamente dissociado, quase como se

fosse um observador da minha própria vida.

Na sala de espera, metade das cadeiras estava vazia. Havia uma mãe e duas crianças com pouca idade, outro grupo pequeno, de idosos, uma senhora que estava claramente grávida e um homem com o braço ao peito. Estava com movimento, mas não caótico, o que, esperava eu, permitiria a Callie receber a atenção de que necessitava.

Bastou um olhar na direção de Claude para perceber como continuava abalado com o que acontecera.

– Bom trabalho a trazer-nos até cá. Saiu-se bem.

– Obrigado. Mais uma hora, e talvez não conseguíssemos passar. Há inundações por toda a parte. Acha que ela vai ficar bem?

– Espero que sim.

– Não acha que ela vai morrer, pois não?

– Não sei – respondi, sem querer mentir-lhe. – Preocupa-me que não tenha recobrado os sentidos. Isso nunca é bom sinal.

– Meu Deus – disse ele. – Pobrezinha. Seria de esperar que tivesse finalmente mais sorte. Primeiro o incêndio e agora isto.

– Que incêndio?

– A caravana dela ardeu em novembro passado, pouco depois do Dia de Ação de Graças. Ela mal conseguiu sair ilesa e perdeu praticamente tudo menos a roupa que trazia vestida. Demorou algum tempo a arranjar outra caravana. Quando conseguiu por fim, dei-lhe alguma mobília velha que tinha na garagem. Apesar disso tudo, nunca faltou a um único turno. Faz-me desejar que a loja pudesse dar seguro de saúde aos funcionários. Acha que o hospital trata dela, mesmo assim? Acho que ela não tem seguro.

– Por lei, são obrigados a tratá-la. E muitos hospitais têm programas para ajudar as pessoas que não podem pagar. Não sei o que fazem aqui, mas tenho a certeza de que vão arranjar alguma solução.

– Espero que sim – disse ele. – Com os diabos. Ainda não consigo acreditar. Estou sempre a rever a coisa toda na minha cabeça.

– Ela desequilibrou-se e escorregou?

– Não – disse ele. – Isso é o que tornou a coisa tão esquisita.

– O que é que quer dizer?

– Ela estava no degrau de cima, a pendurar outro colete. Estava a usar um extensor e a esticar-se para chegar ao gancho, e depois... de repente, os olhos dela fecharam-se e ela, tipo... *dobrou-se*. Como se tivesse desmaiado.

Soou subitamente um pequeno alarme no meu cérebro enquanto processava as palavras de Claude.

– Está a dizer que ela estava inconsciente *antes* de cair e bater com a cabeça?

– Foi o que me pareceu. Lembro-me que, mesmo antes de acontecer, olhei para ela e pensei que a coordenação dela estava um bocado estranha, como se estivesse a desequilibrar-se ou algo do género. Um cliente desmaiou uma vez na loja, e ela parecia tal e qual como ele.

O que ele disse soava credível, e perguntei-me o que significaria. Um desmaio podia dever-se a algo tão simples como desidratação ou tensão baixa, mas ocasionalmente era sinal de algo mais sério. Era considerado uma emergência médica por si só até se descobrir a causa. Pensei na palidez dela e perguntei-me se de algum modo as duas coisas estariam ligadas.

– Espere lá – disse. – Preciso de informar o médico disso.

Fui ao balcão da receção. A funcionária entregou-me uma série de papéis. – Precisamos de registar a entrada – disse ela. – É da família?

– Não – respondi. – Não tenho a certeza se ela tem família cá e não sei grande coisa sobre ela. Mas trabalha para o Claude, que talvez seja capaz de começar a preencher a papelada. – Fiz sinal a Claude para vir ter comigo e depois expliquei que talvez tivesse informações adicionais para o médico e pedi à funcionária que me desse um papel. Escrevi uma mensagem, repetindo o que Claude me tinha contado e fiquei a ver a funcionária entregá-la a uma enfermeira antes de regressar ao balcão da receção. Entretanto, Claude tinha-se sentado e estava a ler os formulários.

– Não sei se consigo responder a tudo – murmurou.

– Escreva o que souber por agora – disse a funcionária. – Podemos obter o resto dela mais tarde.

Espero que sim, foi tudo o que pude pensar.

Claude telefonou a Frank para a loja para que ele fosse buscar a ficha pessoal de Callie e lhe desse algumas informações; enquanto ele estava a fazer isso, deixei-me ficar sentado na sala de espera. A pouco e pouco, a adrenalina estava a desaparecer do meu sistema, deixando-me esgotado. Em silêncio, continuei a pensar em Callie, esperando pelo melhor, mas a sentir-me perturbado com a estranha e súbita ideia de que o pior ainda estava para vir.



Fui deixar Claude na loja, ainda a debater-me com a tempestade e com as estradas inundadas antes de chegar a casa por fim. Uma vistoria rápida deixou-me agradavelmente surpreendido por o oleado parecer estar a resultar e todas as infiltrações terem parado. De novo completamente ensopado, atirei as roupas para a máquina de secar, vesti um fato de treino e preparei mais uma cafeteira de café.

Enquanto o café estava a fazer, liguei o portátil e pus-me a explorar em *sites* médicos as possíveis causas de um desmaio e depois outros problemas de saúde que pudessem explicar a palidez e as várias nódoas negras de Callie. Havia demasiadas possibilidades a considerar, algumas até potencialmente fatais, mas nada de definitivo até serem feitos exames. Mesmo assim, a principal preocupação neste momento era o traumatismo craniano. Esperava que já lhe tivessem feito a TAC e que já estivessem a decidir quais seriam os passos seguintes.

Não que fosse da minha conta. Não nos conhecíamos bem e se o facto de Callie ter saído do meu carro antes nessa manhã era indicação de alguma coisa, talvez ela preferisse que a situação entre nós se mantivesse assim. Pensei mais uma vez no motivo pelo qual a menção aos pais dela provocara uma reação tão violenta. Até àquele momento, mantivera-se distante; foi só então que entrou em pânico.

Só que...

Subitamente, recordei que também parecera entrar em pânico quando falei com ela à hora do almoço. Tentei lembrar-me do que dissera especificamente para a perturbar, mas só me vinham à ideia comentários genéricos, e sentia-me demasiado cansado para pensar mais no assunto.

Depois de me servir de uma chávena de café, fui ver alguns *sites* de notícias e li os *e-mails*. A maior parte era correio não solicitado que apaguei rapidamente, mas perto do fundo abri um *e-mail* de Marvin Kerman. Embora estivesse à espera de uma resposta negativa, fiquei a saber que AJ guardara de facto os pertences do meu avô e mos enviaria. O advogado pedia a minha morada e solicitava uma declaração de que não faria nenhuma reclamação contra o seu cliente. Anexado à mensagem havia um impresso que me era pedido que assinasse, que imprimi, digitalizei e enviei

por fax para Kerman. Se os pertences do meu avô fossem enviados rapidamente, seria possível que os recebesse na semana seguinte.

De novo com fome e decidindo-me por uma sanduíche, tirei umas fatias de peru do frigorífico e fui ao armário buscar pão. Tal como o meu avô, geralmente não tinha muita comida em casa, mas, ao tirar o pão, lembrei-me subitamente de ter deitado fora toda a comida fora de prazo ao mudar-me para ali. E, como uma chave a desandar na fechadura, tive um forte palpite quanto à identidade da pessoa que ocupara a casa do meu avô depois de ele ter falecido.

Não tinha a certeza absoluta, mas sentia que devia ter sido Callie. Eu deitara fora um frasco quase vazio de manteiga de amendoim, algo que o meu avô não teria tido em casa, porque era alérgico a amendoins, mas algo que Callie comia todos os dias. Claude mencionara também que ela era quase obsessiva-compulsiva em relação à limpeza e, à exceção da porta das traseiras arrombada, a casa encontrava-se num estado quase perfeito quando Natalie a revistou. Essas coisas podiam ser descartadas como coincidências, mas, dada a amizade de Callie com o meu avô e o facto de ela não ter família na zona, para onde teria ido quando a sua caravana ardeu? Também explicava o motivo pelo qual insistira tanto que não fizera nada de mal quando tentei falar com ela ao almoço; aquelas negações terminantes e receosas faziam um pouco mais de sentido se ela tivesse de facto entrado indevidamente na casa, porque sabia que era culpada.

Tudo junto, era convincente, embora não uma prova absoluta, mas ao longo dos dias seguintes fiquei cada vez com mais certeza de que tinha razão, ao mesmo tempo que continuava a pensar no estado dela. Mas então, na segunda-feira seguinte, logo depois da minha sessão com o doutor Bowen, recebi a inesperada confirmação de que Callie tinha efetivamente estado dentro da casa do meu avô.

Uma senhora que se identificou como sendo Susan Hudson, funcionária administrativa no departamento de contabilidade do hospital, telefonou-me para casa a perguntar pelo meu avô. Informei-a de que ele falecera recentemente, mas que eu era o seu parente mais próximo, e, após alguma hesitação, ela revelou finalmente a razão real do seu telefonema.

– A Callie – disse-me – está a usar o número de segurança social da sua falecida avó.

CAPÍTULO 15



Encontrei-me com Susan Hudson na manhã seguinte. Era uma senhora de cabelo e olhos escuros com cinquenta e tal anos e parecia lidar com um trabalho incrivelmente difícil com relativa boa disposição. Passar a maior parte do dia ao telefone a discutir com companhias de seguros, a falar a pacientes sobre várias contas por pagar ou a informar alguém de que um determinado ato médico ou outro não estava coberto pelo seu plano de saúde ter-me-ia deixado absolutamente deprimido. No entanto, ela era simpática e pareceu-me aliviada por eu ter vindo, o que não previra. Fez-me sinal para que me sentasse numa das cadeiras em frente à sua secretária e fez um breve telefonema a informar alguém de que eu chegara. Daí a menos de um minuto, um médico entrou no gabinete.

– Sou o doutor Adrian Manville – disse-me ele, estendendo-me a mão. – Sou o médico-chefe.

– Sou o doutor Trevor Benson – respondi, a perguntar-me porque ele decidira vir até ali.

– É médico? – perguntou ele.

– Cirurgião ortopedista – respondi. – Reformado. Espero não ter procedido erradamente ao transportar eu próprio a Callie para o hospital.

– De modo nenhum – respondeu o doutor Manville, sentando-se. – Agradecemos que tenha vindo hoje.

– Ainda estou um pouco confuso quanto ao motivo por que precisam de mim. – Fitei o médico nos olhos. – Ou pelo qual o senhor doutor está aqui. Pensei que isto só tinha a ver com o número de segurança social da minha falecida avó.

Susan pegou num dossiê que estava ao lado do seu computador. – Nós não sabíamos bem o que fazer. Compreendo que não é da família dela, mas tínhamos a esperança de que pudesse lançar alguma luz sobre a situação.

– Nós?

– O departamento de contabilidade – disse ela. – O hospital. Ninguém aqui sabe bem como deveríamos prosseguir.

– Duvido que possa ser-lhes útil. Não sei nada. Só vi a Callie poucas vezes, e nem sei o apelido dela.

– Bem, nós também não.

– Como?

– Ela não tem documentos de identificação e estamos a ter problemas a confirmar seja o que for sobre ela.

Lancei um olhar ao doutor Manville e depois voltei a fitar Susan. – Talvez devesse começar pelo princípio? Diga-me o que sabe.

– É claro que sim – disse Susan. – Como mencionei ao telefone, a Callie está a usar o número de segurança social da sua avó. Francamente, tivemos sorte em descobrir. A sua avó esteve cá internada há muito tempo, antes de todos os registos serem informatizados. Temos andado a atualizar os registos, mas demora algum tempo, e tivemos sorte. Faz alguma ideia de como a Callie poderia ter tido acesso ao número da sua avó?

– Se me pusesse a adivinhar, diria que ou ela o encontrou ou o meu avô lho forneceu.

A esferográfica de Susan ficou a pairar sobre o dossiê. – Porque é que o seu avô lho daria?

– Porque sempre gostou de desamparados. Penso que ela também gosta, já agora.

– Como?

– Ele dava de comer a animais vadios se entrassem por acaso na propriedade dele – expliquei. – Talvez a Callie tenha aparecido e ele tenha pensado que ela também precisava da ajuda dele.

– É ilegal permitir que alguém use o número de segurança social de outra pessoa.

– Será difícil processá-lo – disse eu. – Como mencionei ao telefone, o meu avô faleceu no outono passado.

Ela examinou o dossiê e tomou alguns apontamentos antes de pousar a esferográfica. – É complicado, mas, como o tratamento da Callie se integra num programa de solidariedade social que temos no hospital, vamos precisar que ela diga a verdade nos impressos. Há requisitos e papelada, e os documentos têm de conter informações exatas.

– Já tentou perguntar-lhe?

– Sim – disse ela. – E o doutor Manville e outros funcionários também. Isso para além dos médicos assistentes dela. A princípio, pensámos que o traumatismo craniano poderia tê-la deixado confusa, mas quando falámos com o patrão dela, ele confirmou que era o mesmo número de segurança social que ela lhe tinha dado quando foi contratada. Além disso, a morada anterior que ela indicou no impresso não existe. Depois de lhe chamarmos a atenção para essas coisas, deixou de responder às nossas perguntas sobre o assunto.

O doutor Manville pigarreou. – Também começou a perguntar quando pode ter alta, o que é igualmente preocupante, mas por razões completamente diferentes. Tem a certeza de que não há nada que possa dizer-nos sobre ela?

Abanei a cabeça, apercebendo-me de que tudo o que ouvira parecia consistente com o que sabia sobre Callie. – Chama-se Callie. Disse-me que não era de New Bern, mas não faço ideia onde vivia antes. Atualmente, vive num parque de caravanas perto de minha casa e trabalha no Trading Post do Slow Jim. – Fiz uma pausa, olhando para o doutor Manville. – Mas isto tem menos a ver com a questão da conta do que com outra coisa, certo? Suponho que pensa que existe uma possibilidade de haver algo de seriamente errado com ela para além do traumatismo craniano. Talvez por ela ter desmaiado antes de cair do escadote, por causa da palidez ou talvez por alguma coisa que os exames tenham revelado. Talvez até pelas três razões. É por isso que está preocupado por ela insistir que quer ter alta.

Pronunciei aquilo como uma afirmação, não uma pergunta, e o doutor Manville endireitou-se ligeiramente no assento.

– Como sabe, há questões relativas à privacidade médica – disse ele, a empatar. – Não podemos divulgar informações sobre o estado de saúde de um paciente sem o seu consentimento.

Era verdade, mas vi pela expressão do médico ao falar que a minha suposição estava correta.

Susan pigarreou. – Tínhamos a esperança de que o senhor falasse com ela para que, pelo menos, ela ficasse no hospital o tempo suficiente para receber o tratamento de que necessita. E para podermos ter informações exatas no registo e não restarem nenhumas obrigações financeiras pelas quais ela pudesse ser responsável.

– Um dos dois não seria mais apropriado para isso?

– Temos dado o nosso melhor, mas ela continua a insistir que quer ter alta – disse Susan. – Diz que se sente bem.

– Deviam falar com o Claude – sugeri. – A Callie trabalha para ele e ele conhece-a muito melhor do que eu.

– Veio cá ontem – disse Susan. – Foi ele quem inicialmente preencheu os impressos, e deixou-nos o contacto, por isso telefonámos-lhe. Não teve sorte com a Callie, ela também se recusou a responder às perguntas dele, por isso ele sugeriu que pedíssemos ao senhor. Diz que, como ela conhecia o seu avô e gostava dele, o senhor talvez seja capaz de comunicar melhor com ela.

Era óbvio que Claude não sabia que ela praticamente gritara comigo no dia em que desmaiou. – Duvido muito que ela esteja disposta a abrir-se comigo.

– Podia tentar, pelo menos? – pediu o doutor Manville. – É importante, do ponto de vista médico. Para bem da Callie. Compreendemos que não tem obrigação de ajudar, mas...

Depois de ele parar de falar, passaram uns segundos antes de eu finalmente assentir com a cabeça. O meu avô teria querido que eu a ajudasse, fosse o que fosse que isso implicasse. Como ela fora importante para ele, teria querido que também eu a tratasse dessa maneira.

– Não posso prometer que a Callie coopere, mas não me importo de falar com ela.

– Obrigado.

– Mas tenho uma condição.

– Sim?

– Pode dar-me um impresso para ela consentir que eu seja informado sobre o seu estado de saúde? Para poder passar o caso dela em revista e falar com os médicos que a estão a assistir?

– Sim, mas teria de a convencer a assiná-lo.

– Deixe que seja eu a preocupar-me com isso.



Susan pegou num impresso e depois de lhe pedir emprestada uma

esferográfica pus-me a caminho do quarto de Callie no terceiro andar.

O hospital, como todos os hospitais, inundou-me com uma sensação de *déjà-vu*. Mal saí do elevador, vi as mesmas luzes fluorescentes, o mesmo chão pintalgado, a mesma tinta de um branco sujo nas paredes que eu recordava do meu internato, de Pensacola e até mesmo Kandahar. Segui uma tabuleta que indicava os números dos quartos, percorrendo um corredor enquanto pensava na abordagem a tomar quando estivesse frente a frente com Callie. Não duvidava de que tanto Susan como Claude tinham tentado a abordagem amigável de *estamos aqui para a ajudar*; enquanto que, provavelmente, o doutor Manville e os outros médicos dela tinham optado pelo estilo de comunicação *nós é que somos os profissionais e devia dar-nos ouvidos*. E, no entanto, Callie continuava a insistir em ter alta, apesar da sua doença. Mas porquê?

Porque se sentia furiosa por a estarem a privar da sua independência?

Era possível, pensei. Mais provável era que Callie estivesse com medo e andasse fugida. Talvez da família, de um namorado ou da lei, mas era decididamente alguma coisa. Supunha que mal saísse do hospital desapareceria numa questão de horas. Far-se-ia à estrada e começaria de novo noutro lugar qualquer. Era também possível que voltasse a usar o número de segurança social da minha avó. Pessoalmente, não queria saber se o faria ou não, embora não tivesse dúvidas de que isso acabaria por a meter de novo em trabalhos. Preocupava-me mais que fosse parar de novo a outro hospital, talvez quando já fosse demasiado tarde para a ajudar, se o estado de saúde dela era tão grave quanto a presença do doutor Manville sugeria. Ao mesmo tempo, já tinha idade para tomar as suas próprias decisões...

Ou será que não?

Teria já verdadeiramente idade para viver sozinha? Ou seria uma menor que tinha fugido de casa?

Passei pelo balcão da enfermagem a caminho do quarto de Callie. À porta, hesitei por breves momentos antes de entrar com passos decididos. A televisão estava ligada e transmitia um *talk-show*, com o volume baixo. Callie estava deitada na cama, com o braço engessado e a cabeça envolta em gaze; depreendi que lhe tinham feito uma craniotomia para drenar um hematoma subdural. Estava ligada a monitores e os seus dados vitais pareciam bem. Quando me viu, desviou o olhar de propósito, focando-o

novamente na televisão. Esperei que falasse, mas ela não disse nada.

Fui até à janela e pus-me a ver as vistas, reparando nos carros no parque de estacionamento e no céu carregado de nuvens. Embora a chuva tivesse finalmente parado no dia anterior, o tempo continuava cinzento, com previsão de mais chuva. Ao fim de um momento, afastei-me da janela e sentei-me na cadeira mais perto da cama. Como Callie continuava a ignorar-me, decidi que a trataria como a qualquer outro paciente e iria direto ao assunto.

– Olá, Callie – disse. – Disseram-me que te recusas a responder a perguntas importantes e que queres sair do hospital. É verdade?

Ela comprimiu os lábios, mas não deu nenhum outro sinal de me ter ouvido.

– As pessoas aqui estão do teu lado e não é boa ideia ignorar o que te estão a dizer. Suponho que para além do braço partido se acumulou fluido à volta do teu cérebro, o que quer dizer que tiveram de to drenar. Como é que te estás a sentir agora?

A rapariga pestanejou, mas não disse nada.

– Foi uma queda muito grave. Não sei se tens noção disso, mas fui eu quem te trouxe para o hospital. Consegues lembrar-te de alguma coisa? Disseram-me que talvez tenhas desmaiado ou perdido os sentidos antes.

Finalmente Callie virou-se para me olhar, mas ignorou a minha pergunta. – Quando é que eu posso sair daqui?

– Demora tempo a sarar – respondi. – E os ferimentos na cabeça devem ser sempre levados a sério.

– O médico disse que eu só tinha de ficar mais uns dois dias. Já estou aqui há mais tempo do que isso.

Isso foi antes de ele saber como estavas doente.

– Já consideraste a hipótese de responderes às perguntas deles?

– Eu respondi. – A sua voz era truculenta.

– Não a todas. E não estás a dizer a verdade.

Callie semicerrou os olhos. – Vá-se embora. Não quero falar consigo.

Continuei a fitá-la nos olhos. Seguindo um palpite, perguntei: – Já fizeram uma biópsia da medula óssea?

Uma das suas mãos moveu-se por reflexo na direção da anca. Era o sítio mais comum para uma biópsia da medula óssea, pelo que interpretei o seu gesto como um sim, embora ela não tenha respondido. Se já recebera os

resultados era outra questão, mas eu não precisava da resposta naquele momento. Na mesa de cabeceira estava uma revista, e peguei nela. Pus o impresso em cima da revista, juntamente com a esferográfica, e inclinei-me para a frente, pousando-a ao lado de Callie na cama.

– Vou precisar que assines este impresso – disse. – É uma autorização que me dá o direito de falar com os teus médicos, ver os teus registos e discutir o teu caso com eles. Podes considerar-me o teu representante, por assim dizer. Acredites ou não, estou aqui para te ajudar.

– Eu não preciso da sua ajuda.

– Não sabes. Eu posso responder a perguntas, explicar o teu diagnóstico, discutir opções de tratamento com os teus médicos. Tens de falar a verdade e responder às perguntas deles. E, por agora, precisas de ficar aqui.

– Você não tem o direito de me dizer o que fazer.

– Penso que tenho. – Recostei-me na cadeira, mantendo o tom de conversa. Se saíres do hospital, vai acontecer uma de duas coisas. Ou acabas noutro hospital ou na cadeia.

– Eu caí! – resmungou ela. – E não pedi para vir para cá, você é que me arrastou para aqui. Eu ter-lhes-ia dito que não posso pagar.

– Não tem a ver com a tua conta – disse eu. – Estás a usar o número de segurança social da minha falecida avó. É um crime federal. Também arrombaste a minha porta das traseiras para poderes ficar em minha casa depois de a tua caravana ter ardido. Isso é considerado assalto, para além de invasão de propriedade privada. Eu até talvez fosse capaz de dizer à polícia que tu és menor e andas fugida. – Fiz uma pausa. – A não ser, claro, que possamos chegar a um acordo.

Francamente, não fazia ideia se a polícia estaria sequer interessada em alguma daquelas coisas, exceto talvez o facto de ela ter fugido de casa, e nem disso tinha a certeza. Mas se a *simpatia* ou a *preocupação profissional* não tinham resultado para a tornar mais cooperante, talvez as ameaças surtissem efeito. Tirei o telemóvel do bolso, assegurando-me de que ela o via. – Telefono à polícia daqui – disse. – Podes ouvir a conversa, se quiseres.

Ela voltou a olhar para a televisão e eu continuei a falar. – Não foi assim tão difícil descobrir o que se tinha passado. A única coisa de que não tenho a certeza é como conheceste o meu avô. Ias a passar pela casa numa noite já tarde? Talvez estivesse a chover ou simplesmente te sentisses esgotada e

avistasses o celeiro? Meteste-te lá à socapa, viste a cama – a mesma que eu vi – e passaste lá a noite. Talvez tenhas ficado algumas noites, mas imagino que o meu avô acabou por dar contigo. E, em vez de te escorraçar quando te encontrou, provavelmente deu-te alguma coisa para comer. Talvez até te tenha deixado passar uma noite ou duas no quarto de hóspedes. Era o tipo de homem que ele era. Depois disso, começaste a confiar nele. Mas encontraste o cartão de segurança social numa caixa debaixo da cama. Depois de o teres ajudado com o mel, ele sugeriu ao Claude que te contratasse, e tu usaste o número de segurança social da minha avó. Depois disso, ele faleceu. Quando a tua caravana ardeu, arrombaste a porta das traseiras e ficaste na casa até conseguires arranjar outra caravana. Comeste pão com manteiga de amendoim e geleia e maçãs enquanto lá estiveste, mantiveste a casa limpa e usaste velas porque a eletricidade estava cortada. Resumi mais ou menos o que se passou?

Embora não respondesse, o seu olhar arregalado confirmou que eu tinha acertado mais do que errado em tudo.

– Também sei no que estás a pensar neste preciso momento: que foges do hospital mal eu saia daqui. No teu estado, calculo que não chegues longe. Especialmente porque vou dizer às enfermeiras o que estás a pensar fazer e vou esperar lá em baixo que chegue a polícia. – Fiz uma pausa, a deixar que ela se capacitasse de tudo, e depois debrucei-me e bati com um dedo no impresso. – A tua outra opção é assinares este impresso, cooperares mais com as pessoas daqui e concordares em ficar no hospital até te sentires melhor. Se fizeres isso, eu não contacto a polícia. – Como ela não aproximou a mão do impresso, empunhei o telemóvel. – Estou a perder a paciência – disse, fitando-a com um olhar que lhe fez saber que falava a sério.

Por fim, com relutância, Callie estendeu a mão para o impresso e escreveu o nome no fundo da página.

– Eu não roubei o número de segurança social da sua avó – disse, pousando a esferográfica. – Ele deu-mo.

Talvez, pensei. *Talvez não*. – De onde é que tu és, Callie?

– Da Flórida – respondeu, quase demasiado depressa. De onde quer que fosse, da Florida é que não era.

– Que idade tens?

– Dezanove anos.

Nem por sombras, pensei. Recordei a maneira como ela tinha reagido quando lhe perguntei pelos pais. – Tens alguma família que queiras que eu contacte?

Ela desviou o olhar.

– Não – disse –, não há ninguém.

Mais uma vez, não acreditei nela.



Levei o impresso assinado ao balcão de enfermagem, onde me disseram que o incluiriam no registo médico de Callie. Fiquei a saber os nomes dos outros médicos dela – uma era uma oncologista, o que acentuou ainda mais a minha preocupação – e quando fariam a ronda. Disse às enfermeiras que voltaria ao hospital mais tarde para falar com a oncologista, se ela estivesse disponível. Depois disso, voltei para o quarto de Callie e sentei-me a fazer-lhe companhia durante algum tempo. Perguntei-lhe quais eram os seus livros e filmes preferidos, a tentar fazer conversa, mas percebi que ela não queria ter nada a ver comigo e acabei por sair do quarto.

Nessa altura, o céu voltara a abrir-se e fui por entre charcos de chuva até ao meu carro. Em casa, preparei um almoço tardio, li sobre biópsias da medula óssea e transplantes e, depois – para fazer horas – telefonei ao construtor que tinha contratado. Disse-lhe que queria que começassem a consertar o telhado mal eu me mudasse para Baltimore, o que, esperava, lhe daria tempo suficiente para pôr as coisas em marcha. O oleado, ao fim e ao cabo, só duraria algum tempo.

Pensei nas mentiras que Callie me tinha contado, especialmente na última. Devia haver alguém na vida dela. Suspeitava que um ou ambos os pais estavam vivos, mas, mesmo que ela não quisesse falar com eles, não haveria outra pessoa qualquer? Irmãos ou irmãs, tias ou tios, avós? Até mesmo um professor preferido ou uma amiga? *Alguém?* Quando as pessoas estavam internadas, quase sempre queriam o apoio daqueles de quem gostavam; quando se defrontavam com algo potencialmente fatal, esse desejo tornava-se quase universal. Parecia quase instintivo na natureza humana, o que me fez pensar que devia ter acontecido algo horrível a Callie para ela renegar toda a gente.

Era possível, claro, que tivessem uma relação terrível, até mesmo de maus-tratos. Nesse caso, supunha que compreendia a relutância dela em vê-los ou falar com eles, mas, dependendo do que eu viesse a saber pela oncologista, Callie poderia estar a arriscar a vida ao não querer trazê-los para cá, independentemente do que tivesse acontecido.

As horas passaram lentamente ao longo do resto do dia, mas por fim chegou o momento de voltar ao hospital. Passei pelo Trading Post para tomar um café e conversei um pouco com Claude. Tal como eu, não fazia ideia do que se passava com Callie ou do motivo pelo qual ela se recusava a responder às perguntas. Não mencionou nada sobre o número de segurança social falso que Callie andara a usar, e perguntei-me se o teriam posto a par, supondo que talvez não.

Mais tarde, quando empurrei as portas do hospital, apercebi-me de outra coisa: desde que Callie caíra do escadote, as mãos não me tinham tremido nem me sentira nervoso. Não tivera dificuldade em dormir e até estava novamente a sentir-me mais como dantes. Parecia que, ao tentar salvar Callie, de algum modo acabara por me salvar a mim mesmo.



Cheguei cedo para a ronda dos médicos e instalei-me para esperar. A maior parte dos médicos tinha consultório na cidade e só viria para o hospital depois de o seu último paciente ter ido embora. As enfermeiras que estavam de serviço descreveram a doutora Mollie Nobles, a oncologista de Callie, como tendo cabelo loiro curto cortado à pajem e olhos azuis, o que tornava quase impossível não reparar nela. O neurologista, disseram-me, podia vir ou não, visto que já tinha feito a ronda nessa manhã.

Sentei-me no átrio perto do elevador no andar de Callie, a ver as pessoas passarem por mim em ambas as direções, reparando ao mesmo tempo na eficiência calma das enfermeiras a entrarem e saírem dos quartos. Sempre achara que as enfermeiras eram subvalorizadas. Passou meia hora, depois uma, mas, ao fim de alguns anos sem fazer grande coisa, tornara-me especialista em esperar. Um a um, começaram a sair médicos do elevador, mas os primeiros quatro não eram quem eu queria ver. Sendo eu um excelente detetive, reparei que eram todos do sexo masculino.

A loira de cabelo à pajem e olhos azuis chegou daí a uns minutos, com um ar esfalfado ao sair do elevador, cheia de dossiês nas mãos.

– Doutora Nobles? – perguntei, levantando-me do assento.

Ela virou-se. – Sim?

– Esperava poder falar consigo sobre a Callie. – Apresentei-me, mencionando que havia uma autorização no dossiê. – Sei que está ocupada e que provavelmente tem muitos pacientes a visitar, mas gostaria realmente de lhe pedir alguns minutos do seu tempo.

– Está com a Callie?

– De certa forma – disse, a evadir a pergunta. – Por agora, de qualquer modo.

– Conhece-a bem?

– Nem por isso, Passei algum tempo com ela esta tarde, mas não sou da família. Nem tenho a certeza se ela me consideraria um amigo. Mas é importante que fale consigo sobre o estado dela.

– Quem é o senhor?

Expliquei a minha relação com ela, acrescentando que também era médico, e repetiu-se a cena de antes com o doutor Manville.

Quando acabei de falar, ela olhou para o corredor na direção do quarto de Callie e depois de novo para mim. – Sim – disse por fim. – Está bem. Disse que o impresso está no dossiê?

Assenti com a cabeça e ela prosseguiu. – Vou precisar de verificar isso, mas quer encontrar-se comigo no quarto dela daqui a uns minutos?

– Seria possível conversarmos noutro sítio mais privado?

Ela lançou um olhar ao seu relógio de pulso e fez um rápido cálculo mental. – Está bem. Mas não pode demorar muito tempo. Tenho casa cheia esta noite – disse. – Vamos para a sala de espera.

Depois de verificar o computador no balcão de enfermagem, fomos de elevador para a sala e encontrámos lugar a uma pequena mesa.

– O que posso fazer por si? – perguntou ela.

– Gostaria de saber se já tem os resultados da biópsia da medula óssea.

– Se não a conhece lá muito bem, como sabe que ela fez uma biópsia da medula óssea? E porque é que ela lhe deu autorização para falar comigo?

– Chantageei-a.

– Desculpe?

– Ameacei chamar a polícia. É uma longa história, mas esperemos que ela

fique por cá até melhorar. E, por agora, a doutora é livre de falar comigo.

– Chantageá-la pode ter invalidado a autorização.

– Ou não. Eu não sou advogado. No entanto, o impresso consta do dossiê, portanto a doutora está tecnicamente ilibada.

Ela continuava a não parecer convencida, mas acabou por abanar a cabeça. – Francamente, é capaz de tornar as coisas mais fáceis poder falar consigo. Ela tem sido uma paciente difícil até ao momento, e não sei bem o que pensar disto tudo.

– Em que sentido?

– Tenho a sensação de que nada do que ela me disse é verdade.

Como eu, pensei. – Nisso não a posso ajudar. Eu estava mais interessado no estado de saúde dela.

– O que quer saber?

– Pode fazer-me um breve resumo do caso dela? Só os pontos principais.

– Em relação a alguns dos problemas, talvez seja preferível que fale com o neurologista ou o ortopedista.

– Fá-lo-ei se precisar – disse eu.

Ela acenou com a cabeça. – Como sabe, ela deu entrada no hospital com um ferimento na cabeça e múltiplas fraturas no braço. A TAC craniana indicou um hematoma subdural. Estava sempre a perder os sentidos, e mantivemo-la sob observação enquanto esperávamos que passasse a tempestade. Como este hospital normalmente não faz cirurgias à cabeça, transferimos esses casos para outros hospitais. Mas o serviço de helicópteros não estava em funcionamento, as estradas continuavam inundadas e havia a preocupação de que o transporte aumentasse o risco que ela corria. Entretanto, o fluido continuava a acumular-se e o estado dela era cada vez pior. Finalmente, tomámos a decisão de realizar a craniotomia no nosso hospital e, felizmente, um cirurgião de Vidant pôde fazê-la aqui, apesar da tempestade. A operação correu bem. A confusão e as tonturas da Callie diminuíram quase imediatamente e ela tem estado consciente desde então. Já não fala numa voz arrastada e tem plenas funções motoras também.

– Pareceu-me estar bem quando falei com ela.

– Pensei o mesmo ontem. Mas o doutor devia falar com o neurologista se necessitar de mais informação sobre essas questões. A minha impressão é que ele se sente bastante confiante na recuperação dela.

– E o braço?

– O ortopedista pôde finalmente tratar disso no domingo e acabou por ser bastante complexo e demorar mais tempo do que ele tinha previsto. Mais uma vez, no entanto, ele disse que correu bem e que se sente confiante. Teria de lhe perguntar a ele mais pormenores sobre isso.

Como ela não acrescentou mais nada, perguntei: – E?

– Como pode imaginar, houve muitos médicos e especialidades envolvidos no tratamento dela. Emergência, neurologia, ortopedia e agora oncologia.

– Quando é que a chamaram?

– No domingo à noite – respondeu ela. – Antes de lhe tratarem os ferimentos, fez os exames habituais, e revelaram-se alguns problemas nos resultados das análises ao sangue. Tinha poucos glóbulos vermelhos, poucos glóbulos brancos e uma contagem baixa de plaquetas, e precisava de uma transfusão de sangue. Como não conseguimos encontrar nenhuma hemorragia interna, preocupava-nos que pudesse ter leucemia, portanto aqui estou eu.

– O que explica a biópsia da medula óssea.

– Têm sido uns dias muito agitados, com todos os médicos e as intervenções, e todos nós temos passado algum tempo com ela. E esse é o outro problema.

– Porquê?

– Porque ela contou-nos histórias diferentes – disse a médica. – E ninguém sabe a verdade. Para começar, disse que tinha dezanove anos, mas não acredito nisso nem por um segundo. Parece ter uns quinze ou dezasseis. Também me disse que os pais morreram num acidente de automóvel no ano passado, que não tem mais família nenhuma e que está sozinha desde então. Por outro lado, disse ao ortopedista que eles tinham morrido num incêndio. Não batia certo.

– Talvez estivesse confusa.

– Talvez no início, mas não no domingo. Estava bem, era capaz de fazer contas de cabeça, sabia quem era o presidente, sabia em que dia da semana estávamos e tudo o mais. Durante essa sessão de perguntas, também mencionou que era de Tallahassee.

– Ela também me disse que era da Flórida.

– *Eu sou* de Tallahassee – disse a médica com ênfase. – Cresci lá,

frequentei a universidade estatal da Flórida e vivi a maior parte da minha vida lá. Quando lhe perguntei em que escola secundária andou... só para fazer conversa, sabe... ela disse que tinha andado na George Washington. Como eu nunca tinha ouvido falar dessa escola, pesquisei no meu telemóvel e fiquei a saber que não existe. Perguntei-lhe por mais alguns sítios, o parque Alfred Maclay ou o refúgio de animais de St. Marks, e, embora ela tivesse reagido como se os conhecesse, vi que não era o caso. Por isso, perguntei-lhe se era realmente de Tallahassee e depois disso ela deixou de responder às minhas perguntas. No entanto, preciso de saber se ela tem família, mas ela recusa-se a dizer-me. Vai precisar de um transplante de medula o quanto antes ou não haverá nada que possamos fazer por ela. Necessitamos de encontrar a família dela.

– Qual é a gravidade da leucemia?

– Desculpe – disse ela, abanando rapidamente a cabeça. – Não fui clara. A Callie não tem leucemia. A biópsia revelou que tem anemia aplásica.

– Isso é melhor ou pior do que leucemia?

– Entre uma e outra, venha o diabo e escolha. Basicamente, a anemia aplásica significa que ela não está a produzir uma quantidade suficiente de células sanguíneas e, no caso dela, a doença encontra-se numa fase muito avançada, portanto é uma situação de crise. Mas voltemos atrás por um segundo. O que sabe sobre transplantes de medula?

– Não tanto como a doutora, com certeza.

Sorriu. – Pode ser um processo árduo encontrar um dador apropriado, mas, basicamente, o primeiro passo é tentarmos encontrar dadores com antígenos leucocitários humanos, os HLA, compatíveis. Há seis antígenos principais, e nos melhores dadores os seis são compatíveis. Cinco é menos bom, quatro é uma possibilidade, mas mais arriscado, etc. Seja como for, quando recebi os resultados da biópsia, procurei o HLA da Callie no registo de dadores de medula e as melhores correspondências que temos agora são de três antígenos. Ela precisa de uma compatibilidade maior, o que geralmente significa alguém da família.

– A Callie já sabe isso?

– Ainda não – respondeu ela. – Os resultados chegaram hoje de tarde. Mas sabe que um transplante é uma possibilidade. Depois de sair daqui, vou transmitir-lhe os resultados e esperamos que ela me diga alguma coisa sobre a família. Quero dizer... como é que pode não ter família? É demasiado

nova para não ter ninguém, certo?

Embora concordasse com ela, recordei a minha experiência anterior com Callie. – E se ela não lhe disser nada sobre eles? Ou voltar a negar a sua existência?

– Então, a única coisa que podemos fazer é rezar por que apareça outro dador.

– Quanto tempo é que ela tem?

– É difícil saber ao certo. Há medicação, e podemos mantê-la viva com as transfusões, mas vai ter de se manter em tratamento e ser consistente. Não tem seguro de saúde para esse tipo de tratamento de longa duração. Precisa de um transplante. Precisa de ser honesta, também, para poder ser transferida para o Vidant, em Greenville. Eles não aceitam se ela continuar a fazer estes joguinhos.

– Porque é que precisa de ser transferida?

– Não fazemos radioterapia neste hospital – respondeu ela –, mas isso não vai ser um problema. Já estou em contacto com a Felicia Watkins, que é oncologista no Vidant, e ela está a passar em revista o caso da Callie. Já trabalhei com ela, e é fantástica. Se encontrarmos um dador, a Callie vai ficar em excelentes mãos.

– Folgo em saber. Informe-me por favor do que a Callie disser.

– Vai estar por aqui?

– Sim – respondi. – Vou estar aqui.



A médica tomou nota do meu número de telemóvel e disse que entraria em contacto comigo em breve. Decidi aguardar na cafetaria, onde pedi um café, preocupado com Callie.

Que idade teria? De onde seria? Qual fora exatamente a sua relação com o meu avô, e porque é que ele a acolhera? Mais importante ainda, os pais dela ainda estariam vivos e ela teria irmãos? E porque é que alternava entre mentir e fechar-se em copas, quando a sua família talvez fosse a única maneira de possivelmente lhe salvar a vida?

É claro, ela ainda não sabia os resultados da biópsia, nem que não havia dadores compatíveis. Até este momento, talvez tivesse sido teimosa porque

acreditava que recuperaria, mas, se mantivesse o silêncio, o que aconteceria?

O que podia ser pior do que morrer?

Como não consegui encontrar uma resposta, reformulei a pergunta da perspetiva da Callie, com uma ligeira variação. *Eu preferia morrer do que viver com...*

Havia mais possibilidades com essa opção. *Com o meu pai* ou *com os meus pais*. *Com o meu tio abusador*, e a lista podia continuar a partir daí, com qualquer uma das hipóteses a explicar a reticência dela.

Mas... explicaria realmente?

Mesmo que ela não tivesse dezanove anos e ainda fosse uma menor numa situação de maus-tratos, compreenderia que podia dirigir-se a um juiz e pedir a emancipação? Já vivia sozinha há quase um ano, tinha um emprego, tinha onde viver, pagava as contas. Era mais funcional do que muitos adultos. Não tinha de viver com ninguém, pensei.

Sem conseguir encontrar uma resposta convincente, acabei de tomar o café e depois voltei ao balcão para comprar uma maçã. Enquanto a comia, fiz uma pausa nos meus pensamentos e pus-me a ver as pessoas a ir e vir na cafetaria. Por fim, recebi uma mensagem da doutora Nobles a perguntar se eu ainda estava no hospital. Respondi que estava na cafetaria e ela disse-me que esperasse por ela, que viria ter comigo daí a uns minutos.

No silêncio, compreendi subitamente que sabia uma parte da resposta à minha pergunta anterior, reformulada. No entanto, não a sabia toda – ou o porquê – e deixou-me a sentir que estava apanhado numa corrente forte, que me levava para um destino desconhecido.



A doutora Nobles veio ter comigo daí a uns minutos.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Expliquei-lhe os resultados e a realidade da situação e todas as opções de tratamento – disse ela, parecendo fatigada. – Tudo, os riscos, aquilo que o procedimento requer, os resultados. Tudo. Também lhe perguntei onde e quando os pais dela tinham morrido, para eu poder procurar outros familiares, e, mais uma vez, ela ficou muito agitada, como se soubesse que

fora apanhada numa mentira. Insistiu de novo que já tinha idade para tomar as suas próprias decisões, e quanto mais eu insisti mais ela fez finca-pé em esperar por um dador melhor. Espero que o doutor tenha mais sorte do que eu.

– Se não lhe disse a si, doutora, porque acha que me diria a mim?

– Não sei – respondeu a doutora Nobles, a massajar as têmporas. – Talvez possa chantageá-la outra vez.



A hora da visita estava quase no fim quando cheguei ao quarto de Callie. Desta vez, a porta estava aberta, a televisão ainda aos berros e Callie manteve os olhos pregados no ecrã. Era bastante previsível.

Sentei-me outra vez na cadeira e inclinei-me para a frente, unindo as mãos. Decidi entrar a matar, sem poupar munições, com um tiro no escuro.

– Então – disse –, tu és uma mentirosa. Os teus pais *estão* vivos.

Ela estremeceu antes de se virar para mim, e eu soube que tinha acertado.

– Vá-se embora.

– Eu devia ter adivinhado – disse, ignorando-a. – Quem viola a lei como tu geralmente não é uma pessoa honesta. Mas porquê mentir e dizer que os teus pais estão mortos? Porquê mentir quando me disseste que não havia ninguém que eu pudesse contactar?

Sabendo que ela não responderia, prossegui. – Pus-me a pensar nas razões possíveis para teres dito à médica que eles estavam mortos, nenhuma das quais fazia muito sentido para mim. Mesmo que o meu pai tivesse sido o homem mais horrível do mundo, eu ia querer que lhe fizessem testes se ele pudesse salvar-me a vida. Só para eu me assegurar de que estaria vivo e bem para poder cuspir-lhe na cara depois. Mas se ele não era um tipo horrível, como é que achas que se vai sentir se tu morreres e ele descobrir que podia ter-te ajudado?

Ela não disse nada.

– E a tua mãe? Também é um monstro? Nesse caso, porquê sacrificares-te? Para quê dar-lhe exatamente o que ela quer? Mas, se não é assim tão má como isso, então não te parece que ela quer saber se tu vives ou morres?

A rapariga pestanejou, e eu avancei mais um passo no meu palpite.

– E falemos dos teus irmãos e das tuas irmãs. E eles? Não achas que poderão vir a sentir-se culpados? Se um deles tivesse podido salvar-te?

– Não vão querer saber – insistiu ela, numa voz que era um rosnado rouco.

Acertei! Ela tinha irmãos, o que tornava a sua reação muito mais interessante. – E tu? Importa-te se vives ou morres?

– Não vou morrer.

– Precisas de um transplante de medula óssea.

– Eu sei. A doutora Nobles disse-me.

– Tens algumas perguntas sobre isso?

– Não.

– Então, compreendes que, a não ser que encontrem um dador compatível rapidamente, é possível que não haja nada que eles sejam capazes de fazer para te salvar?

– Vão encontrar um dador.

– E se não encontrarem? E depois?

Desta vez, não respondeu.

– Eu sei que estás assustada – disse eu, suavizando o tom de voz. – Mas seja o que for que tenha acontecido com a tua família, não vale a pena morrer por isso. Mas é o que se está a passar, não é? Preferias morrer a viver... *contigo mesma*. Por alguma coisa que *tu* fizeste.

Reparei que inspirou profundamente e prossegui. – O que quer que tenha sido, não pode ser tão mau como isso. Tenho a certeza de que eles não querem que tu morras.

Os olhos dela começaram a brilhar.

– Ou o que me dizes a isto? Se não queres vê-los, tenho a certeza de que o hospital pode arranjar maneira de o evitar. Só precisamos de lhes fazer os testes, e eles não têm de vir cá para isso. Basta que tu me digas como os contactar.

Callie manteve-se em silêncio, com os joelhos fletidos contra o corpo, e nesse momento vi o desamparo solitário em que o meu avô deve ter reparado quando a encontrou no celeiro.

– Não te vou deixar morrer – disse eu.

Estranhamente, apercebi-me de que falava a sério. Mas Callie limitou-se a virar-me as costas.



Tanto quanto sabia, só tinha duas opções para ajudar Callie: podia envolver a polícia ou tentar encontrar a sua família. Mas a polícia poderia fazer alguma coisa se ela se recusasse a responder às perguntas deles? A não ser que as impressões digitais dela constassem de algum registo, ela não apareceria necessariamente em nenhuma das bases de dados; se insistisse com eles que era adulta, eles poderiam não se interessar pelo caso. Qual era afinal o crime que ela estava a cometer? Supunha que podia falar-lhes sobre o número de segurança social e o arrombamento, mas não queria metê-la em trabalhos se não fosse absolutamente necessário. Tal como os médicos dela, só queria que ela melhorasse. Se chegasse a esse ponto, eu faria o telefonema, mas quando acordei na manhã seguinte decidi que queria tentar outra abordagem primeiro.

Pouco depois do nascer do sol, meti-me no carro. Não havia ninguém na estrada e por sorte o céu estava finalmente desanuviado. Ao passar pelo parque de caravanas, observei as caravanas. Seis estavam em condições habitáveis e quatro delas tinham veículos estacionados em frente. Como Callie ia a pé para toda a parte, deduzi que vivia numa das outras duas. Por sorte, o cão mau e raivoso com dentes enormes não se via em lado nenhum.

Voltei para casa, esperei até meio da manhã e depois passei de novo pelo parque de caravanas. Dos quatro veículos que estavam lá antes, três tinham saído, um sinal de que talvez pudesse dar uma vista de olhos por ali sem ninguém reparar em mim. Se alguém que lá vivesse me interpelasse, diria que Callie me tinha pedido que lhe levasse algumas das suas coisas ao hospital.

Avancei lentamente de carro até um velho caminho florestal no cimo da estrada e voltei a pé para o parque de caravanas. Já estava a ficar calor, com o tempo louco do fim da primavera a comportar-se como se fosse verão. A humidade era opressiva e eu sentia o suor a começar a colar-me a camisa às costas. No parque de caravanas, dirigi-me para a primeira das duas em que reparara antes, tentando evitar a ocasional galinha. Estava mais recuada, perto dos restos carbonizados da anterior residência de Callie, e vi que não havia luzes acesas lá dentro. Quando me aproximei, avistei um grelhador cá fora à frente, um par de patins no alpendre e um carro de criança cheio de

brinquedos de plástico. A não ser que Callie tivesse filhos – algo que duvidava – esta caravana não era a dela.

Mudei de direção, dirigindo-me à outra. Ao inverter a marcha, vi uma pessoa sair de uma das outras caravanas, a que tinha o carro estacionado em frente. Era um homem de certa idade com um fato-macaco, e senti o seu olhar em mim ao passar por ele. Ergui a mão em saudação, a tentar dar a impressão de que era dali. Em vez de me retribuir o aceno, fez-me má cara.

Quando me aproximei daquela que pensava ser a caravana de Callie, comecei a ter um bom pressentimento. Não havia cortinas nas janelas, brinquedos cá fora, vasos de plantas, espanta-espíritos ou partes de motores, o que era típico das outras. Parecia o tipo de lugar onde viveria uma rapariga que mal tinha dinheiro para pagar as contas e não acumulara grande coisa.

Espreitei por cima do ombro e reparei que o homem que tinha saído da caravana não estava à vista, provavelmente voltara a entrar. Esperava que não estivesse a observar-me quando me aproximei de uma das janelas e espreitei para dentro, vendo uma cozinha pequena, funcional e extraordinariamente limpa. Não havia loiça nem talheres no lava-loiça ou nas bancadas, nem nada derramado no chão. A um dos cantos, vi frascos de manteiga de amendoim e de geleia perfilados ordenadamente ao lado de um pão de forma.

Aproximei-me de outra janela e espreitei lá para dentro, vendo um sofá cambalhota e um par de pequenas mesas desirmanadas, talvez as que Claude lhe tinha dado. Também havia um candeeiro, mas de resto o espaço era o mais espartano possível.

Andei à volta da caravana, à procura de mais janelas, mas não havia mais nenhumas. Num impulso, pus a mão no puxador e fiquei surpreendido quando ele desandou. Ao partir para o trabalho, Callie não tinha trancado a porta. Por outro lado, não parecia haver nada que valesse a pena roubar.

Hesitei. Uma coisa era espreitar pelas janelas; outra era entrar em casa dela. Recordei a mim mesmo que Callie tinha arrombado a porta da casa do meu avô e entrado, e que eu ainda continuava a precisar de respostas, portanto empurrei a porta e entrei.

Não demorei muito tempo a revistar a caravana. Não havia uma cómoda; em vez disso, ela tinha empilhado as suas peças de roupa dobradas contra uma parede. No armário, encontrei algumas blusas e calças em cabides, e

dois pares de sapatos. Na prateleira de cima estava uma *sweatshirt* com University of Georgia Bulldogs estampado, mas o resto parecia ter sido comprado em lojas de segunda mão.

Não havia fotografias, agendas ou diários, embora eu tenha reparado, na parede da cozinha, num calendário com imagens pitorescas da Geórgia, incluindo o desfiladeiro de Tallulah e as cataratas de Raven Cliff, em que estavam cuidadosamente anotados o seu horário de trabalho e algumas datas assinaladas ao longo do ano a marcador vermelho. O dia de anos de M era em junho, o de R em agosto, o de T e H em outubro e o de D em dezembro. A inicial do nome de pessoas que ela conhecia, mas nada que me dissesse algo mais.

No entanto, fez-me pensar...

Porque é que teria comprado este calendário, a não ser que tivesse uma predileção ou uma atração pela Geórgia? Porque é que teria uma *sweatshirt* dos Bulldogs da Geórgia separada do resto da sua roupa?

Vasculhei as gavetas e os armários na cozinha e depois fiz o mesmo na casa de banho. Mais uma vez, a ausência notória de pertences dava poucas pistas. Procurei um telefone, na esperança de encontrar um atendedor de chamadas, mas não havia nenhum.

Não faço ideia de quanto tempo estive na casa da Callie, e olhei cautelosamente para fora pela janela da cozinha na direção de onde avistara o homem de idade. Não queria que ele me visse sair, mas, por sorte, ele não voltara a aparecer.

Saí rapidamente, na esperança de passar despercebido, mas vi imediatamente o carro castanho com a palavra xerife nas portas. Senti o coração cair-me aos pés.

Daí a um momento, caiu-me ainda mais quando vi Natalie a sair do carro, e, durante muito tempo, a única coisa que consegui fazer foi fitá-la.

CAPÍTULO 16



Se eu fiquei espantado por a ver, ela parecia igualmente surpreendida. Quando avançou por fim de trás da porta aberta do carro, recordou-me o seu aspeto na primeira vez que a vi. Ali parado diante dela, parecia ter sido há uma vida.

– Trevor? – disse ela, fechando a porta.

– Natalie – disse eu, recuperando a voz.

– O que é que estás a fazer aqui? Telefonaram a avisar de um possível assalto.

O velho. – Referes-te a isto? – Apontei para a caravana de Callie. – Não tirei nada.

– Acabaste de entrar em casa de outra pessoa? Eu vi-te a sair.

– A porta estava destrancada.

– E tu entraste?

– Prazer em ver-te, já agora.

– Isto não é uma visita social.

– Eu sei. – Suspirei. – Suponho que te devia explicar o que estava a fazer.

Por cima do ombro dela, avistei o homem de idade a sair para o seu alpendre. Em parte, queria agradecer-lhe por ter sido tão consciencioso.

– Bem? – perguntou ela.

– A rapariga que vive aqui chama-se Callie. Está no hospital neste momento. Por isso, passei por cá para verificar como estavam as coisas.

– Ela sabe que tu estás aqui?

– Não exatamente.

– Não exatamente? – Franziu a testa. – Que tipo de coisas estavas a verificar?

– Ando a tentar ajudá-la, e foi a única coisa que me ocorreu.

– Estás a ser propositadamente evasivo?

Por trás dela, o velho tinha descido do seu alpendre e aproximava-se, sem dúvida tão curioso quanto Natalie.

– Há algum sítio onde possamos falar em privado?

Pela primeira vez, o seu olhar vacilou.

– Não me parece que seja boa ideia. Primeiro, preciso de compreender o que está a passar-se aqui.

Claramente previa que, para além de lhe explicar a questão de Callie, eu tentaria falar com ela sobre a maneira como nos tínhamos despedido. O que era exatamente o que eu tencionava fazer, se tivesse uma oportunidade.

– Já te disse o que estou a fazer. Há uma rapariga no hospital e precisa da minha ajuda. Vim aqui fazer precisamente isso.

– Como é que a podes ajudar se ela não sabe que estás aqui?

– Por favor – disse eu. – Não quero falar em frente a uma assistência. – Acenei com a cabeça na direção do vizinho, que estava agora a uns passos de nós.

– Tiraste alguma coisa do local?

– Não.

– Causaste algum dano?

– Não – insisti. – Estás à vontade para entrares e verificares. A porta está destrancada.

– Não deixa de ser invasão de propriedade – lembrou ela.

– Duvido muito que ela apresente queixa.

– Ai sim?

Aproximei-me dela, mantendo a voz baixa. – Foi ela quem entrou em casa do meu avô. Também roubou o número de segurança social da minha avó. E está muito doente. Ter de lidar com um xerife é, muito provavelmente, a última coisa que ela quer.

– Sabes que vou ter de falar com ela sobre isto, não sabes?

– Boa sorte – disse eu. – Ela é bem capaz de nem sequer falar contigo.

– E porquê?

Nessa altura, o velho estava tão perto que quase podia ouvir-nos. Tinha aparecido também outro vizinho, que se dirigia para nós. Quando vi abrir-se uma terceira porta e sair dela outra mulher, inclinei-me para Natalie.

– Por favor – implorei. – Não é da conta de ninguém. Digo isto pela Callie, não por mim.

– Não posso simplesmente deixar-te ir embora. As pessoas viram-te a invadir uma propriedade privada.

– Então mete-me no teu carro. Podes dar-me boleia para o meu.

– Onde é que ele está?

– Ao cimo da estrada. Não há como não o ver. Penso que as pessoas daqui iam ficar mais contentes se eu entrasse no teu carro. Como se estivesse metido em trabalhos.

– Tu estás metido em trabalhos.

– Não me parece. – Como ela não reagiu, virei-me na direção do seu carro, reparando que os três vizinhos se tinham juntado a curta distância e estavam a lançar-me olhares desconfiados. – Se quiseres, podemos falar na esquadra.

Passei por Natalie e entrei para o banco de trás antes de ela me poder impedir. Durante alguns segundos, ela continuou de pé junto ao carro antes de se aproximar do grupo de vizinhos. Vi o velho começar a gesticular na minha direção, claramente exaltado. Natalie assentiu com a cabeça, dizendo pouco enquanto o homem prosseguia, e, ao fim de uns minutos voltou para junto do carro e entrou.

Quando ligou o motor e saiu para a estrada, os seus olhos fulminaram-me pelo espelho retrovisor. Eu via a sua irritação por ter sido posta numa situação que claramente desejava poder ter evitado. – Para que lado está o teu carro?

– Para a esquerda – disse eu. – A uns duzentos metros.

– Eu devia era levar-te para a esquadra.

– Nesse caso como é que eu ia buscar o meu carro depois?

Ouvi-a suspirar. Demorou menos de um minuto a chegar ao lugar onde eu estacionara. Quando tentei sair, apercebi-me de que a porta estava travada. Natalie saiu para me abrir a porta.

– Obrigado – disse eu.

– O que é que se está a passar? – perguntou ela, cruzando os braços. – Quero a história completa.

– Estou com sede – disse eu. – Vamos até minha casa.

– Nem pensar.

– Está a ficar calor aqui, e a história vai demorar um bocado.

– Como é que se chama a rapariga?

– Callie.

– Isso já eu sabia – disse ela. – Qual é o apelido dela?

– Era o que eu estava a tentar descobrir.



Natalie seguiu-me até minha casa e subiu o caminho até parar ao meu lado. Saí primeiro do carro, mas esperei por ela e aproximámo-nos da casa juntos. Recordava-me de termos feito a mesma coisa depois de termos visitado as colmeias e experimentei uma súbita sensação de perda. Sentíramo-nos atraídos um pelo outro e apaixonáramo-nos, só para ela acabar com tudo logo de seguida. O que é que eu tinha feito de errado? Porque é que ela não nos tinha dado uma hipótese?

Fui à frente até à cozinha, tirei dois copos do armário e virei-me para ela. – Chá ou água?

O olhar dela desviou-se para o alpendre, que parecia diferente de como estava na noite do nosso jantar. – Chá caseiro com açúcar?

– Que mais poderia ser?

– Então sim, por favor.

Enchi os copos e acrescentei gelo. Passei-lhe um para as mãos e apontei para o alpendre.

– Não podes simplesmente dizer-me o que se está a passar sem fazer disso um acontecimento? – perguntou ela, claramente exasperada.

– Só quero sentar-me – respondi. – Não faças disto algo que não é.

No alpendre das traseiras e grato pela sombra, esperei que viesse juntar-se a mim. Ao fim de um momento, ela sentou-se com relutância na outra cadeira de baloiço. – Bem? – disse ela. – É bom que valha a pena.

Relatei tudo desde o início, terminando com o hospital e a tentativa de localizar a família de Callie, procurando pistas na caravana. Durante a minha explicação, Natalie manteve-se calada mas atenta.

– Achas realmente que ela pode morrer?

– Ela *vai* morrer – disse eu. – Os medicamentos e as transfusões de sangue podem ajudar a curto prazo, mas, no caso dela, acabará por ser fatal. É de facto a mesma doença que matou a Eleanor Roosevelt.

– Porque é que não chamaste a polícia?

– Não queria metê-la em trabalhos e, por agora, ela tem de continuar no

hospital, aconteça o que acontecer. Além disso, se ela se recusa a falar com os médicos, provavelmente também não falará com a polícia.

Natalie refletiu sobre as minhas palavras. – Encontraste algumas pistas?

– Pouca coisa – respondi. – Provavelmente por causa do incêndio, não havia grande coisa. Mas encontrei uma *sweatshirt* dos Bulldogs da Geórgia e um calendário com paisagens do mesmo local.

– Achas que ela será daí?

– Não sei. Talvez.

– Não é grande coisa.

– Não – concordei. – Não é. E a Geórgia é um estado grande. Nem sequer saberia por onde começar.

Fitou-me com os olhos semicerrados. – Porque é que é tão importante para ti?

– Não sou só bonito e rico, também sou bom tipo.

Pela primeira vez, Natalie fez um sorriso irónico. Lembrava-me daquele sorriso e fiquei espantado com a falta que tinha sentido dele, com o quanto ainda desejava que ele fizesse parte da minha vida. Penso que adivinhou o que eu estava a pensar, porque desviou o olhar. Por fim, prosseguiu.

– Queres que eu tente falar com ela?

– Penso que a faria fechar-se ainda mais.

– Podia tentar através das impressões digitais.

– Parece-te que ajudaria? Se ela nunca tiver sido presa?

– Provavelmente não.

– O que é que hei de fazer, então?

– Não sei. Talvez ela fale quando começar a sentir-se pior.

– Talvez. – Hesitei antes de prosseguir. – Posso fazer-te uma pergunta?

Natalie pareceu pressentir o que estava para vir. – Trevor... por favor, não.

– Só quero saber o que aconteceu entre nós. O que fiz de errado?

– Não fizeste nada de errado.

– Então o que é que foi?

– Não teve nada a ver contigo, teve tudo a ver comigo.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que eu fiquei com medo – disse ela em voz baixa.

– De mim?

– De ti. De mim. De nós.

– O que é que te metia tanto medo?

– Tudo – respondeu. Fitou o ribeiro, com a angústia estampada no rosto. – Adorei todos os momentos contigo – admitiu. – No parque, a tratar das colmeias, o nosso jantar em Beaufort. O passeio de barco e o jantar aqui. Tudo era... tal e qual como eu tinha a esperança que fosse. Era perfeito. Mas...

Parou de falar.

– Mas o quê?

– Tu vais-te embora – disse ela. – Em breve, certo?

– Eu disse-te que não tinha de me mudar para Baltimore. Teria ficado. Posso fazer outros planos. Não é nada de muito importante.

– Mas *é* muito importante. É a tua próxima carreira. É o hospital Johns Hopkins, e tu não podes pôr isso em pausa por mim.

– Tens consciência de que eu já tenho idade para tomar as minhas próprias decisões, certo?

Com um ar fatigado, Natalie levantou-se da cadeira e dirigiu-se à balaustrada. Ao fim de um momento, levantei-me e fui ter com ela. Do outro lado do rio, os ciprestes estendiam os seus troncos embranquecidos das águas antigas. O perfil dela era tão adorável como sempre. Esperei que dissesse alguma coisa, fosse o que fosse, mas ela continuava a evitar o meu olhar.

– Sei que isto é difícil para ti – disse eu –, mas, se te puseres no meu lugar, consegues compreender como me faz sentir perplexo?

– Eu compreendo. E sei que não estou realmente a responder às tuas perguntas, mas quero que saibas que isso me parte o coração.

Quando ela respondeu, tive a sensação de que não só estávamos a falar línguas completamente diferentes, mas também que uma tradução era impossível.

– Chegaste sequer a amar-me, Natalie?

– Sim – disse ela, virando-se para olhar para mim pela primeira vez. Falava numa voz embargada. – Amei-te. E ainda te amo. Dizer-te adeus foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer.

– Se eu era assim tão importante para ti, porque é que teve de acabar?

– Porque, por vezes, é mesmo assim que as coisas têm de ser.

Ia responder quando ouvi o som de um veículo a entrar na propriedade e a fazer estalar o cascalho do caminho. Ouvi bater uma porta, seguida por uma

pancada na porta de casa. Não fazia ideia de quem poderia ser; a não ser Natalie, as visitas eram praticamente inexistentes. Queria desesperadamente continuar a conversa com Natalie – ou começar uma conversa que eu compreendesse – mas ela acenou na direção da casa.

– Está alguém à porta – disse.

– Eu sei. Mas...

– Devias ir ver quem é. E eu tenho de voltar para o trabalho.

Embora eu pudesse ter perguntado se podíamos continuar a conversa, já sabia qual seria a resposta dela. Levantei-me da cadeira e entrei em casa.

À porta, reconheci o uniforme castanho de um condutor da UPS. Era mais ou menos da minha idade, magro e robusto, e entregou-me uma caixa de tamanho médio. Por um momento, tentei recordar se tinha encomendado alguma coisa, mas não me ocorria nada. Estendeu-me um *tablet* juntamente com uma caneta.

– Pode assinar aqui, por favor?

Pousei a caixa, escrevi o meu nome e depois fechei a porta atrás de mim. No remetente, vi o endereço de uma firma de advogados na Carolina do Sul e veio-me tudo à memória.

As coisas do meu avô.

Levei a caixa para a cozinha. Natalie veio do alpendre quando a pousei em cima da mesa. Hesitei, dividido. Queria abrir a caixa imediatamente; também ansiava por manter Natalie ali, por continuar a tentar chegar até ela e persuadi-la de que estava a cometer um erro que afetaria os dois.

– Novos tachos e panelas?

– Não – respondi. Pegando num canivete, comecei a cortar a fita-cola. – É do advogado do tipo do reboque. Ele tinha as coisas do meu avô.

– Ao fim deste tempo todo?

– Foi uma sorte – disse eu.

– Deixo-te a tratares disso.

– Se não te importas, podes esperar? Talvez haja aqui alguma coisa que eu precise de ajuda para compreender.

Ergui a tampa e tirei algum papel de jornal amarrotado. Em cima estava um boné de basebol, que reconheci de muitos verões do passado. Estava gasto e manchado, mas foi como se visse um velho amigo querido. Perguntei-me se o meu avô estaria a usá-lo quando teve o AVC e lhe tinha caído, ou se estaria no lugar do passageiro ao seu lado. Não sabia; só sabia

que iria comigo para onde quer que eu viesse a acabar na vida.

A seguir dei com a carteira dele, dobrada e com mofo, a pele enrugada. O dinheiro que lá pudesse ter estado tinha sido tirado, mas interessavam-me muito mais as fotografias. Havia duas de Rose, uma de mim em pequeno e um retrato de família que a minha mãe deve ter-lhe enviado de quando eu andava no secundário. Havia também uma fotografia da minha mãe e do meu pai. Num saco de plástico com fecho hermético, encontrei o livrete do carro, juntamente com algumas esferográficas e um lápis com marcas de dentes, tudo aquilo provavelmente retirado do porta-luvas. Por baixo havia um pequeno saco de viagem, que tirei para fora. Dentro estavam meias e roupa interior, cuecas e duas camisas, juntamente com uma escova dos dentes, pasta dos dentes e desodorizante. Aonde quer que ele estivesse a ir, não tencionava ficar muito tempo, mas nada do que eu tinha encontrado me ajudava a saber onde seria.

A resposta encontrei-a no fundo da caixa, na forma de dois velhos mapas das estradas que tinham sido presos um ao outro com um clipe. Tinham pelo menos trinta anos, estavam amarelecidos e finos, e quando os desdobrei reparei que havia rotas traçadas a marcador amarelo. Uma levava para norte em direção a Alexandria, onde ele fora ao funeral dos meus pais, mas a rota que ele tinha traçado evitava a estrada interestadual, seguindo outras mais pequenas e mais rurais.

Sentia Natalie ao meu lado e vi-a traçar com o dedo a outra rota, indo para oeste por outras estradas secundárias em direção a Charlotte e atravessando depois a fronteira para a Carolina do Sul. *Easley?* Embora fosse impossível saber ao certo, a tinta do marcador parecia fresca, mais nítida do que a outra rota assinalada no mapa.

O segundo mapa mostrava os estados da Carolina do Sul e da Geórgia. Por um instante, receei que o meu avô não tivesse assinalado nada nele. Mas apercebi-me rapidamente de que o fizera. Retomava a rota onde o outro mapa parara. Ele tinha contornado Greenville – o desvio mantivera-o a norte da cidade – mas depois entrara na estrada que conduzia diretamente a Easley.

E prosseguira.

Atravessara a Carolina do Sul para a Geórgia, onde a rota terminava numa pequena cidade a nordeste de Atlanta, mesmo junto à floresta nacional de Chattahoochee. Não era muito longe de Easley – calculei que

menos de duas horas, mesmo à velocidade a que o meu avô conduzia – e, ao ver o nome da cidade, senti que umas peças cruciais do *puzzle* começavam a encaixar.

O nome da cidade era Helen.

CAPÍTULO 17



Enquanto fitava o mapa, em choque, senti a minha mente voltar à conversa com os homens idosos no alpendre do Trading Post, e pensei no passeio de barco, quando soube no meu íntimo que o meu avô não teria ido visitar uma mulher chamada Helen. Não fizera sentido para mim, porque o meu avô ainda estava apaixonado pela mulher que sempre amara, embora ela já tivesse morrido há muito tempo.

Também Natalie fitava aquele nome. Estava perto de mim, tão perto que poderia tocar-lhe, e lembrei-me da noite em que a tinha tomado nos braços. Ela transmitira-me uma sensação tão perfeita e pensei que éramos perfeitos juntos, mas não estava disposta a contar-me o que realmente estava a passar-se com ela. Agora, ao ouvir os sons ténues da sua respiração, reparei que estava a olhar atentamente para o mapa como eu. Pressenti que também para ela as peças estavam a começar a encaixar-se, embora eu continuasse longe de compreender o que ela sentia por mim.

Em vez de falar, voltei a examinar os mapas, a certificar-me de que não havia outras pistas, nenhuns outros possíveis destinos. Passei mentalmente em revista a cronologia dos acontecimentos – tal como fizera antes – e senti de novo que o meu avô devia ter tido consciência de que a viagem poderia ser arriscada para ele por causa da distância e também da sua idade. Fosse qual fosse a razão, era importante, e só me ocorria uma única razão possível.

Quando lancei um olhar a Natalie, percebi que estava mais adiantado na minha suspeita do que ela. O que fazia sentido, porque o mistério era meu, não dela. Ela continuava a refletir, com a testa ligeiramente enrugada, e, como sempre, pensei que era linda.

– Helen, na Geórgia? – perguntou finalmente Natalie.

– É o que parece.

– Ele conhecia lá alguém?

Essa era a questão, não era? Tentei lembrar-me se alguma vez o ouvira mencionar a cidade ou até se ele mencionara um amigo de alguma parte da Geórgia. Alguém do tempo da guerra ou um colega de trabalho que se tivesse mudado para lá, talvez, ou até mesmo um colega apicultor. Mas não demorei muito tempo a aperceber-me de que a vida do meu avô sempre fora em New Bern, ao passo que Callie tinha uma *sweatshirt* e um calendário da Geórgia.

– Duvido – respondi por fim. – Mas penso que ele conhecia alguém que era de lá.

Demorou um momento a intuir o que eu estava a pensar. – Referes-te à Callie?

Assenti com a cabeça. – Penso que ele ia lá procurar a família dela.

– Porquê? Ela só adoeceu na semana passada.

– Não sei. Mas se supusermos que a Callie era da Geórgia e que ele ia a Helen, na Geórgia, faz sentido.

– É pouco substancial, não te parece? E se ela é tão reservada, como é que ele saberia sequer que ela era de Helen?

– Ainda não sei as respostas todas. Mas eles conheciam-se. Ele gostava dela o suficiente para a ajudar a arranjar emprego. Ia a Helen por uma razão. Tal como eu, talvez pensasse que ela andava fugida de casa e quisesse ajudá-la.

– Vais perguntar à Callie sobre isto?

Não respondi de imediato, com outra recordação a saltar-me subitamente à mente. Quando abordara Callie durante o seu intervalo para o almoço, ela só ficou perturbada quando eu lhe perguntara especificamente se o meu avô alguma vez mencionara Helen. Nesse momento, ela entrou em pânico.

Contei-o a Natalie, embora ela tenha continuado na dúvida.

– Sei que tenho razão – acrescentei. – Não vês como tudo se encaixa?

Natalie respirou fundo. – Dá-me uns minutos, OK? Preciso de fazer um telefonema. Volto já.

Sem mais explicações, Natalie saiu pela porta da frente. Fiquei a vê-la pela janela digitar uns números no telemóvel e depois mais uns dois. Demorou mais de uns minutos – mais perto de dez – até finalmente voltar para dentro.

– Telefonei ao departamento da polícia em Helen.

– E?

– Pedi-lhes que verificassem se havia alguma pessoa fugida chamada Callie. Ninguém com esse nome está dada como desaparecida.

– Têm a certeza?

– É uma cidade pequena – explicou ela. – Superpequena. Tipo, com seiscentos habitantes. Ele saberia. Só há algumas pessoas fugidas de casas nos últimos cinco anos nos registos deles.

Apesar do que ela descobrira, eu continuava a acreditar que tinha razão. Sentia-o, e sabia que tinha de o confirmar. Embora pudesse ir de carro, seria mais fácil apanhar um avião. Sentei-me à mesa da cozinha e liguei o portátil.

– O que é que estás a fazer? – perguntou ela.

– Estou a procurar voos para Atlanta.

– Vais a Helen depois do que acabei de te dizer? Fazer o quê? Bater às portas? Perguntar às pessoas nas esquinas?

– Se tiver de ser – respondi.

– E se ela vivia algures no campo? Ou na cidade ao lado?

– Não importa – disse eu.

– Estás a fazer isto tudo por uma rapariga que mal conheces?

– Disse-lhe que não a ia deixar morrer.

– E falas a sério? – O tom de voz dela roçava a incredulidade.

– Sim.

Natalie ficou em silêncio por um momento e quando voltou a falar a sua voz estava mais suave.

– Supondo que tens razão e que ela fugiu de casa... porque é que preferiria morrer a contactá-los?

– É o que eu estou a tentar descobrir, e é a razão pela qual vou lá. Mas gostava de te pedir um favor.

– O quê?

– Volta a telefonar ao departamento da polícia. Talvez também ao xerife, já agora, para os informares de que vou lá. Tenho a certeza de que vou precisar de falar com eles. Talvez tu possas ajudar a facilitar um pouco essa parte.

– Quando é que achas que chegas?

– Amanhã – respondi. – Há um voo que parte por volta das onze. Se alugar um carro, devo chegar a Helen ao princípio da tarde.

– Quanto tempo estás a planear ficar?

– Um dia ou dois. Se não conseguir encontrar as respostas lá, vou ter de tentar convencer a Callie a falar comigo outra vez.

Ela ponderou o meu pedido. – Posso fazer esses telefonemas, mas não sei se servirão de alguma coisa. Tu não és da polícia nem da família dela.

– Tens alguma recomendação a fazer-me?

– E se eu fosse contigo? – disse ela.

Por um momento, não tive a certeza se a ouvira bem. – Gostavas de vir?

– Se ela é uma pessoa desaparecida, a lei tem alguma responsabilidade.

Tentei não sorrir. – Vou precisar da tua data de nascimento para reservar os bilhetes.

– Eu posso encarregar-me disso.

– É mais fácil fazer as duas reservas ao mesmo tempo.

Deu-me a informação e, quando eu estava a começar a escrever, interrompeu-me de súbito.

– Espera. – Estava com uma expressão séria. – Antes de ir, tenho uma condição.

Já sabia que ia dizer-me para reservar quartos de hotel separados e que só ia acompanhar-me na qualidade de representante da lei. Por outras palavras, eu não deveria tentar reacender as coisas entre nós.

– Quero que faças uma coisa esta noite. Posso vir buscar-te depois do trabalho.

– Sim?

O seu suspiro foi de rendição.

– Quero que conheças o meu marido.

CAPÍTULO 18



Sentia-me demasiado atordoado para reagir. De súbito, tudo parecia encaixar; o porquê de ela ter parecido tão pouco à vontade no mercado quando a dentista nos viu juntos; o motivo pelo qual preferia encontrar-se comigo em locais distantes. O porquê de ter posto subitamente um fim à nossa relação...

Mas nem tudo batia certo...

Antes de conseguir recompor-me o suficiente para dizer alguma coisa, ela dirigiu-se a toda a pressa para a porta da frente e abriu-a, detendo-se na soleira.

– Sei que tens perguntas – disse, sem se virar para me olhar de frente –, mas vais compreender tudo mais tarde. Eu venho buscar-te às seis.

Acabei de comprar os bilhetes de avião, reservei os quartos de hotel, li as críticas a alguns restaurantes de Helen e depois passei o resto do dia a tentar imaginar a natureza do casamento de Natalie. Estariam separados mas a tentar resolver as coisas entre eles? Teriam um casamento aberto? Cheguei a acalentar a ideia de que o marido tinha morrido e nós iríamos fazer uma visita ao cemitério, mas nenhuma dessas respostas parecia adequar-se à mulher que eu acabara por conhecer. E porque é que ela queria apresentar-mo?

Era isso o que faziam as pessoas casadas atualmente quando outra pessoa estava interessada no seu cônjuge? *Olha, vamo-nos encontrar para podermos falar disto?*

O que era suposto que eu dissesse ao marido? Devia confessar a minha ignorância do facto de ela ser casada? Admitir que implorara que a mulher dele começasse uma nova vida comigo, mas que ela mesmo assim o escolhera a ele?

Passei o resto da tarde às voltas com estas perguntas e as possíveis

respostas. Entretanto, preparei um saco de viagem para a minha ida a Helen e voltei a examinar o conteúdo da caixa com os pertences do meu avô, à procura de mais pistas, mas não tive sorte.

Quando Natalie chegou ao acesso à minha casa, saí antes de ela ter tempo de desligar o motor. Ao entrar no carro, ela lançou-me um olhar misterioso e indecifrável antes de voltar a sair para a estrada. Como se manteve em silêncio, eu fiz o mesmo.

A minha primeira surpresa foi que em vez de nos dirigirmos à casa dela, fomos para leste, pela estrada que levava à costa. Já sem a farda, ela estava de calças de ganga e com uma blusa branca, mais informal do que chique. Ao pescoço trazia o fio de ouro com que andava sempre. – Tu e o teu marido vivem juntos? – perguntei por fim.

Reposicionou as mãos no volante. – Já não – respondeu, sem explicar mais nada.

Passou-me pela ideia que ele tinha morrido e, mais uma vez, instalou-se o silêncio. Ao fim de uns dez ou quinze minutos, Natalie abrandou a velocidade e virou para uma rua comercial por onde eu passara um número incontável de vezes, mas que nunca vira realmente. Havia um centro comercial à direita; à esquerda, com um parque de estacionamento agradável à sombra de árvores, havia um edifício de tijolos de um só andar que parecia ter sido construído nos últimos cinco anos. Mal vi o nome daquele sítio, o coração caiu-me aos pés.

Não era o cemitério.

Era pior.

Estacionámos perto da entrada, no espaço quase vazio para os visitantes. Depois de sair do carro, Natalie tirou um pequeno saco do assento traseiro e encaminhámo-nos para a porta dupla de vidro da entrada. No balcão da receção, uma funcionária de uniforme sorriu quando nos aproximámos.

– Olá, Mrs. Masterson. Como está?

– Estou ótima, Sophia – disse Natalie. Assinou o nome no livro de registo, a conversar com a rececionista como se ela fosse uma velha amiga. – Como está? E como está o Brian?

– Como sempre. Está a dar comigo em louca. Pela maneira como reage, dir-se-ia que limpar o quarto dele é pior do que esfregar fossas.

– Ainda é adolescente. Que tal vai na escola?

– Nisso não há queixas, graças a Deus. É só a mim que ele odeia.

– Ele não a odeia, tenho a certeza – disse Natalie, com um sorriso de compreensão.

– É fácil para a senhora dizê-lo.

Natalie virou-se para mim. – Este é o Trevor Benson. É um amigo meu e também vem de visita.

Sophia dirigiu a sua atenção para mim. – Prazer em conhecê-lo, Mr. Benson. Não se importa de assinar também o registo?

– É claro que não.

Enquanto eu assinava, Sophia perguntou: – Querem que os acompanhe?

– Não – respondeu Natalie. – Eu sei o caminho.

Saímos da receção e avançámos pelo corredor. Estava bem iluminado e limpo, com chão de laminado de madeira e bancos de ferro forjado entre as portas. Aqui e ali havia umas figueiras artificiais em vasos grandes, sem dúvida destinadas a proporcionar um ambiente relaxante para as visitas.

Por fim, chegámos ao nosso destino, e Natalie fez uma pausa antes de empurrar a porta para a abrir. Senti um aperto no peito ao vê-la preparar-se antes de entrar no quarto.

– Olá, Mark – disse ela. – Sou eu outra vez. Surpresa!

Mark estava deitado na cama com os olhos fechados e ligado a tubos que eu sabia serem de alimentação. Era magro, o rosto um pouco encovado, mas ainda era possível vislumbrar o homem bem-parecido que fora em tempos. Calculei que era alguns anos mais novo do que eu, o que tornava tudo ainda pior. Natalie prosseguiu, num tom quase de conversa. – Trevor, este é o Mark, o meu marido. Mark, quero apresentar-te o Trevor.

Quando ela fez um gesto na minha direção, pigarreei. – Olá, Mark – disse.

Mark não podia responder. Enquanto eu o fitava, a voz de Natalie pareceu flutuar na minha direção vinda de longe. – Encontra-se num estado vegetativo persistente há quase catorze meses – explicou. – Teve uma estirpe resistente de meningite bacteriana.

Acenei com a cabeça, sentindo um aperto no estômago quando Natalie se aproximou da cama. Depois de pousar a mala ao lado dele, afastou-lhe o cabelo com os dedos e falou-lhe como se eu não estivesse ali no quarto. – Como te estás a sentir? – perguntou. – Sei que já não te visitava há uns dias, mas tenho andado muito atarefada no trabalho. Vi no livro de visitas que a tua mãe passou por cá hoje. Tenho a certeza de que ficou contente por te

ver. Sabes o quanto ela se preocupa contigo.

Mantive-me imóvel, a sentir-me como um intruso. Quando ela se apercebeu de que eu não me mexera, apontou para a cadeira. – Põe-te à vontade – disse, e virou a sua atenção de novo para Mark.

– Não há dados claros sobre aquilo de que se dão conta os pacientes em estado vegetativo. – Embora continuasse focada em Mark, eu sabia que aquelas palavras eram para mim. – Alguns pacientes quando acordam recordam-se de certas coisas, outros não se lembram de nada, por isso eu tento visitá-lo algumas vezes por semana, pelo sim, pelo não.

Quase tombei sobre a cadeira, debrucei-me para a frente, apoiando os antebraços nas coxas, e pus-me a olhar para eles.

– O Trevor é ortopedista – disse ela a Mark – portanto pode não saber exatamente o que é um estado vegetativo persistente ou no que difere de um coma. – Continuou a falar, num tom delicado mas prosaico. – Eu sei que já falámos de tudo isto, mas tem paciência mais uma vez, está bem, querido? Sabes que como o teu tronco cerebral inferior ainda está a funcionar, consegues respirar sozinho e, por vezes, até abres os olhos e pestanejas. Os teus reflexos também ainda funcionam. É claro que continuas a não conseguir alimentar-te, mas para isso tens o hospital, certo, querido? Também tens fisioterapia para os teus músculos não atrofiarem. Assim, quando acordares, vais poder andar ou usar um garfo ou ir pescar como dantes.

Não havia na atitude dela nenhuma da tristeza atroz que eu sentia ao testemunhar a cena que estava a desenrolar-se perante mim. Talvez estivesse habituada à experiência, tão anestesiada com aquilo tudo quanto eu me sentia confrangido. Natalie continuou a falar.

– Sei que te fazem a barba aqui no hospital, mas tu sabes o quanto continuo a gostar de ta fazer quando venho visitar-te. E parece que também precisas de cortar um bocadinho o cabelo. Lembras-te de quando eu te cortava o cabelo na cozinha? Não sei como é que conseguiste convencer-me a fazer isso. Eu não fazia propriamente um bom trabalho, mas tu insistias sempre. Acho que gostavas de me ter assim muito perto de ti.

Pegou numa toalha pequena, numa lata de espuma de barbear e numa lâmina. A mim, pediu-me: – Importas-te de humedecer a toalha com água quente? Há um lavatório na casa de banho.

Fiz o que ela me pediu, assegurando-me de que a toalha estava na

temperatura certa antes de lha trazer. Natalie sorriu com uma expressão de gratidão e depois passou delicadamente a toalha pelas faces dele.

– O Trevor vai mudar-se para Baltimore em breve – disse ela, começando a ensaboar-lhe o rosto. – Vai tornar-se psiquiatra. Não tenho a certeza se já to tinha mencionado. Disse-me que se debateu com PSPT depois de ser ferido, e tem esperança de poder vir a ajudar veteranos de guerra com esse mesmo problema. É o que tem as colmeias, lembras-te? E o que me levou a ver os jacarés. Eu falei-te sobre isso. Como já disse, tem sido um bom amigo para mim. Tenho a certeza de que vocês os dois se dariam bem.

Quando acabou de lhe ensaboar as faces, começou a barbeá-lo, com movimentos graciosos. – Oh, esqueci-me de te dizer. Vi o teu pai a semana passada no *stand* de automóveis. Parece estar bem. Pelo menos, parou de perder peso. Sei que não te visita tanto quanto a tua mãe, mas é difícil para ele, porque vocês os dois também trabalhavam juntos. Espero que sempre tenhas sabido o quanto ele gosta de ti. Sei que não era lá muito bom a dizê-lo quando eras pequeno, mas gosta. Já te disse que os teus pais me convidaram para andar no barco deles no feriado do Quatro de Julho? O problema é que a minha família vai para a praia e querem que eu vá também. Detesto quando isso acontece... suponho que podia repartir o tempo, mas ainda não decidi. E tudo isso é na suposição de eu ter o dia livre, que muito provavelmente nem vai ser o caso. Não é nada divertido estar na base da pirâmide.

Quando acabou de o barbear, limpou-lhe novamente o rosto com a toalha e depois passou um dedo pelas faces dele.

– Sentes-te melhor, aposto. Nunca foste do género de deixar a barba por fazer. Mas deixa-me aparar-te também o cabelo enquanto aqui estou.

Pegou numa tesoura e meteu mãos ao trabalho; como Mark estava deitado, ela teve o cuidado de ir metendo o cabelo que cortava num saco. – Costumava fazer uma trapalhada tão grande quando te cortava o cabelo, portanto tem paciência comigo, está bem? Não quero que fiques cheio de comichão. Oh, falei com a tua irmã Isabelle esta semana. Vai ter o primeiro filho em agosto. Dá para acreditar? Ela dantes jurava que nunca ia querer filhos, e agora a cantiga é outra. Não sei se vou conseguir estar lá para o nascimento, mas tenho a certeza de que irei antes do fim do ano. Quero dar-lhe tempo para se habituar primeiro.

Continuou a tagarelar enquanto acabava de lhe cortar o cabelo. Depois,

ergueu delicadamente a cabeça dele e puxou a almofada. Tirou a fronha, sacudiu-a algumas vezes e examinou-a para se assegurar de que estava limpa antes de inverter o processo e voltar a pôr a almofada no seu lugar. Endireitou os lençóis e beijou os lábios dele com uma ternura que quase me fez vir lágrimas aos olhos.

– Sinto a tua falta, meu querido – segredou. – Por favor tenta ficar melhor depressa, está bem? Amo-te.

Pegou na mala e depois afastou-se da cama e fez um gesto na direção da porta. Eu saí primeiro para o corredor e voltámos para o carro. Quando chegámos, ela pegou nas chaves. – Estou a precisar de um copo de vinho – disse. – Vens daí?

– Sem dúvida.



Fomos a um bar em Havelock chamado Everly's. Não ficava muito longe do hospital e tive a sensação quando entrámos que não era a primeira visita de Natalie. Depois de pedirmos as nossas bebidas, encontrámos um recanto sossegado, parcialmente protegido do ruído.

– Agora já sabes – disse ela.

– Lamento muito aquilo por que estás a passar. Deve ser horrível.

– É – admitiu ela. – Não é como nada que eu alguma vez tenha imaginado.

– O que é que dizem os médicos?

– Ao fim de três meses, as hipóteses de recuperação são mínimas.

– O que é que aconteceu? Se não quiseres falar sobre o assunto, eu compreendo.

– Não tem mal. Não és o primeiro a perguntar. Fez um ano em abril passado, no nosso terceiro aniversário de casamento, passámos um fim de semana prolongado em Charleston. Por estranho que pareça, nenhum de nós lá tinha estado, mas ouvíramos falar muito da cidade. Partimos na quinta-feira à noite. Ele disse-me que se sentia cansado e tinha uma dor de cabeça, mas quem não se sente assim ao fim de uma semana de trabalho? Seja como for, passámos um dia agradável na sexta-feira, apesar da dor de cabeça dele, e no sábado ele ficou com febre. Como piorou ao longo do dia,

fomos às Urgências e diagnosticaram-lhe uma gripe. Íamos voltar para casa no domingo, de qualquer maneira, portanto não ficámos muito preocupados. Mas no carro, no dia seguinte, a febre dele continuou a subir cada vez mais. Eu queria parar em Wilmington, mas ele disse-me que seguisse viagem. Quando chegámos a New Bern, estava com quarenta graus. Fomos diretos ao hospital, mas lá só descobriram o que se passava no dia seguinte. Nessa altura, já estava com quarenta e um de febre e nem mesmo com os antibióticos a febre baixava. Era uma estirpe virulenta das piores. Ao fim de sete dias de febre altíssima, entrou em coma. Depois disso e de lhe passar a febre, conseguiu abrir os olhos. Pensei que isso significava que o pior já tinha passado, mas ele não parecia saber quem eu era e...

Bebeu um gole de vinho antes de prosseguir. – Ficou internado mais um mês, mas depois disso tornou-se bastante claro que se encontrava num estado vegetativo. Acabámos por encontrar um sítio realmente bom para ele, onde estivemos agora mesmo, e ele está lá internado desde essa altura.

– Isso é terrível – disse eu, à procura das palavras certas. – Não consigo imaginar como deve ter sido duro... como deve ser duro ainda.

– Foi pior no ano passado – disse ela. – Porque eu ainda tinha esperança. Mas agora já não tenho muita.

Com um nó no estômago, não conseguia imaginar a ideia de beber fosse o que fosse. – Foi ele que tu conheceste na faculdade?

Natalie assentiu com a cabeça. – Era um rapaz tão doce. Era tímido e bonito, mas nada arrogante, o que me surpreendeu, especialmente tendo em conta que a família dele é muito rica. São proprietários de um *stand* de automóveis aqui na cidade e mais dois ou três noutras partes do estado. Bom, ele pertencia à equipa de *lacrosse*, e eu costumava vê-lo jogar. Não era suficientemente bom para ter recebido uma bolsa de estudos desportiva, mas tinham-no recrutado para a equipa e participou em quase todos os jogos nos dois últimos anos. Corria como uma gazela e marcava golos de quase qualquer parte do campo.

– Foi amor à primeira vista?

– Não exatamente. Na verdade, conhecemo-nos num baile formal. Eu estava lá com outro tipo e ele vinha acompanhado, mas, depois de o par dele o deixar e o meu ir dar uma volta, começámos a conversar. Devo ter-lhe dado o meu número de telefone, porque ele começou a enviar-me

mensagens. Nada de esquisito, nada tipo perseguidor... ao fim de um mês, mais ou menos, encontrámo-nos para comer *pizza*. Namorámos nos últimos dois anos e meio da faculdade, ficámos noivos um ano depois de tirarmos o curso e casámos um ano depois disso.

– E eram felizes juntos?

– Éramos muito felizes – disse ela. – Tu terias gostado dele. Era uma pessoa tão genuína, tão afetuosa e cheia de energia. – Apercebeu-se do que dissera. – Perdão. *É* uma pessoa genuína. – Bebeu mais um gole de vinho antes de olhar para o meu copo. – Não bebes?

– Daqui a pouco – respondi. – Ainda estou a processar o que me contaste.

– Acho que te devo um pedido de desculpas. Por não te ter contado logo.

– Mesmo que o tivesses feito, não tenho a certeza que fosse deixar de ir ao mercado ou de te convidar para veres as abelhas.

– Tomo isso como um elogio, suponho. Mas... tens de ter a noção de que não é segredo. Muitas pessoas na cidade estão a par da situação. O Mark cresceu em New Bern; a família dele é conhecida aqui. Se tivesses perguntado por aí, não terias demorado muito tempo a descobrir.

– Nunca me passou pela cabeça fazer perguntas sobre ti a ninguém. Sinceramente, não conheço ninguém aqui suficientemente bem para poder fazer esse tipo de pergunta. Mas sinto curiosidade em saber porque não usas aliança.

– Uso – disse ela. – Uso-a ao pescoço.

Quando tirou para fora o fio de ouro, vi uma linda aliança de casamento de ouro rosa que parecia ser da *Cartier*.

– Porque não no dedo?

– Nunca usei anéis quando era mais nova, e quando andava na faculdade comecei a treinar no ginásio. Nada de mais, mas tento fazer exercício em algumas das máquinas. Depois de ficar noiva, o anel apertava-me, e tinha medo de o riscar. Adquiri o hábito de o usar pendurado ao pescoço. Depois de começar a trabalhar como delegada do xerife, não quis que as pessoas soubessem nada sobre mim.

– Isso não incomodava o Mark?

– Nada. Ele não era do tipo ciumento. Eu costumava dizer-lhe que assim o anel estava mais perto do meu coração. Estava a ser sincera, e ele sabia-o.

Bebi um pequeno gole de água para humedecer a garganta, que sentia apertada. Para fazer a vontade a Natalie, bebi também um pouco de vinho, que tinha um sabor muito azedo. – O que é que a tua mãe e o teu pai pensam?

– Eles adoravam o Mark. Mas são meus pais. Disse-te que se preocupam comigo.

Por causa do trabalho dela como agente da lei, lembro-me de ter pensado na altura. Não podia estar mais enganado.

– Dá a ideia de que aqui cuidam bem dele.

– É uma clínica de primeira para quem tenha posses. O seguro só cobre uma parte, mas os pais dele pagam a diferença. É importante para eles. Também é importante para mim.

– O que acontece...

Como eu não terminei a frase, ela acenou com a cabeça. – O que acontece se decidirmos desligar a máquina? Não me parece que isso vá acontecer.

– Nunca?

– A decisão não é minha. É dos pais dele.

– Mas tu és a mulher dele.

– Eles têm a procuração para efeitos médicos. São eles quem toma essas decisões, não eu. Quando o Mark fez dezoito anos, teve acesso a um fundo. Teve de assinar todo o tipo de documentos, entre eles um que dava aos pais o direito de tomar decisões de fim de vida por ele. Duvido que tenha pensado sequer nisso depois e, quando casámos, o assunto nunca veio à baila. Antes do casamento, o Mark ficou muito mais aborrecido por os pais insistirem num acordo pré-nupcial. Ele não tinha opção e eu realmente não queria saber. Pensei que íamos ficar casados para sempre e ter filhos e envelhecer juntos.

– Já falaste com os pais do Mark sobre o futuro dele?

– Uma ou duas vezes, mas não correu lá muito bem. A mãe dele é muito religiosa e para ela desligar o tubo da alimentação é o mesmo que cometer homicídio. Da última vez que tentei falar com ela sobre isso, disse-me que umas semanas antes o Mark tinha aberto os olhos e olhara para ela, e ela interpretou isso como um sinal de que ele está a melhorar. Está convencida de que se rezar bastante o Mark vai subitamente pestanejar e voltar ao normal um dia. Quanto ao pai dele, penso que só quer manter a paz em casa.

– Então, isso deixa-te numa espécie de limbo.

– Por agora – concordou.

– Podias pedir o divórcio.

– Não posso fazer isso.

– Porque não?

– Porque mesmo que haja menos de um por cento de hipóteses de o Mark melhorar, é uma hipótese que estou disposta a aceitar. Fiz um voto de que ficaria casada na saúde e na doença. A saúde é a parte fácil; é permanecendo fiel na doença que se revela o verdadeiro amor.

Talvez tivesse razão, mas perguntei-me se não seria uma atitude de mártir. Por outro lado, quem era eu para a julgar?

– Compreendo – disse.

– Também quero pedir-te desculpa pela noite em tua casa. Depois do passeio de barco e do jantar...

Ergui a mão para a calar.

– Natalie...

– Por favor – disse ela. – Preciso de explicar. Enquanto estávamos a jantar, pressenti que íamos dormir juntos, e depois, quando nos beijámos, tive a certeza. E queria. Porque me tinha apaixonado realmente por ti e, naquele momento, dava a sensação de que éramos só nós os dois no mundo. Foi-me fácil fingir que não era casada ou que o meu marido não estava a receber cuidados vinte e quatro horas por dia de enfermeiras, ou até mesmo que eu não podia ter o melhor de dois mundos. Podia continuar casada e ter-te a ti também. Podia mudar-me para Baltimore e arranjar emprego lá enquanto tu estivesses a fazer o internato, e começaríamos uma nova vida juntos. Estava a fantasiar sobre essas coisas todas mesmo quando passámos para o quarto...

Quando fez uma pausa, as recordações inundaram-me os sentidos. Recordei-me de a puxar para mim e da firmeza do seu corpo contra o meu. O aroma a flores silvestres do seu perfume, ligeiro e exótico, quando enterrei o rosto no seu pescoço. Sentia os seios dela comprimidos contra o meu peito e os seus dedos cravados nas minhas costas. Quando os nossos lábios se juntaram, o movimento rápido da sua língua desencadeou uma vaga de prazer.

Ajudei-a a soltar a minha camisa e vi-a desabotoar a dela; daí a um momento, ambos estávamos despidos da cintura para cima e as nossas peles

quentes juntaram-se. E no entanto, quando comecei a beijar o peito dela, ouvi aquilo que me pareceu um soluço abafado. Ela recuou e pareceu paralisar, à exceção de uma lágrima que lhe escorria pela face. Alarmado, recuei.

– Não posso – segredou ela. – Desculpa, mas não posso. Por favor perdoa-me.



Agora, sentado em frente a ela no bar, vi-a engolir em seco, com o olhar fixo no tampo da mesa.

– Nessa noite... beijaste-me mesmo abaixo da clavícula. Era uma coisa que o Mark costumava sempre fazer, e de súbito vi-o mentalmente, deitado na cama, rodeado por tubos naquele quarto estéril. E não consegui afastar a imagem dele da cabeça e detestei-me por isso. Por te fazer aquilo. Desejava-te, e queria fazer amor contigo, mas não podia. Parecia... errado, de algum modo. Como se eu estivesse prestes a fazer alguma coisa de que me arrependeria, embora o quisesse mais do que tudo no mundo. – Inspirou fundo. – Só queria dizer-te outra vez que lamento.

– Eu disse-te naquela noite que não tinhas de pedir desculpa.

– Sei que disseste, e, de algum modo, isso fez-me sentir ainda pior. Porque foste tão compreensivo em relação àquilo tudo.

Delicadamente, pousei a mão em cima da dela. – Quero que saibas que voltaria a fazer tudo outra vez.

– Apaixonaste-te por uma mulher desonesta.

– Tu não foste desonesta – disse eu. – Só... omitiste algumas coisas. Todos fazemos isso. Por exemplo, eu não te disse que, para além de ser rico e bem-parecido, também tenho muito jeito para pôr oleados em telhados.

Pela primeira vez desde que tínhamos chegado, ela sorriu. Apertou brevemente a minha mão antes de afastar a dela.

Pegando no seu copo de vinho, ergueu-o num brinde. – Tu és um bom homem, Trevor Benson.

Sabia que era mais um fim para nós, mas estendi a mão para o copo, de qualquer modo. Chocando-o no dela, forcei-me a sorrir.

– Penso – respondi – que tu também és fantástica.

CAPÍTULO 19



Natalie deixou-me em casa e, embora eu não tenha dormido bem, senti-me em forma de manhã. As mãos não me tremiam e estava suficientemente calmo para me sentir confiante em beber uma terceira chávena de café depois da minha corrida. Embora me tivesse oferecido para ir buscar Natalie a caminho do aeroporto, ela achou que seria melhor encontrar-se comigo lá.

Sem dúvida porque não queria que nos vissem chegar juntos ou partir de avião como um casal.

Cheguei ao aeroporto antes dela e fiz o *check-in*. Natalie chegou daí a dez minutos, quando eu estava na fila para o controlo de segurança. Quando cheguei à porta de embarque, sentei-me e, embora houvesse um lugar vago ao meu lado, ela escolheu outro a três filas de distância. Só quando já estávamos dentro do avião é que finalmente pudemos falar um com o outro.

– Olá – disse eu quando ela passou por mim para se sentar no lugar à janela. – Chamo-me Trevor Benson.

– Oh, cala-te.

Pensei que conversaríamos um pouco, mas ela fechou os olhos, encolheu as pernas e adormeceu de imediato. Perguntei-me quantas pessoas teria reconhecido no avião.

O voo demorou ligeiramente mais do que uma hora e, depois de sairmos do avião, dirigimo-nos para o balcão da agência de aluguer de automóveis. Eu tinha solicitado o meu habitual SUV, que estava à nossa espera quando chegámos. Pouco depois, íamos a caminho de Helen.

– Parece que fizeste uma bela sesta no avião – observei.

– Estava cansada – disse ela. – Não dormi bem ontem à noite. No entanto, tive oportunidade de falar outra vez com a polícia, assim como com o

xerife. Antes de te ter ido buscar, quero dizer.

– E?

– Tal como a polícia, o xerife não tinha nenhuma informação sobre uma pessoa fugida chamada Callie. Não sei até que ponto poderão ajudar-nos.

– Continuo a sentir-me confiante de que vamos descobrir o que se passa – disse eu.

– Também queria explicar-te o meu comportamento de antes – disse ela. – No aeroporto.

– Não te preocupes com isso. Eu consegui adivinhar as tuas razões para me evitares.

– Sem ressentimentos?

– Nenhuns – respondi. – Continuas a ter de viver em New Bern.

– E tu vais-te embora em breve.

– A minha nova vida aguarda-me.

Senti os olhos dela pousados em mim ao dizer aquilo, e perguntei-me se ela me diria que ia sentir saudades minhas. Mas não o fez. Eu também não lhe disse que ia ter saudades dela. Ambos já o sabíamos. Não dissemos grande coisa durante o resto do caminho, ambos contentes por irmos em silêncio, a sós com os nossos pensamentos, aonde quer que eles nos levassem.



Natalie tinha razão; Helen era uma cidade muito pequena, mas notavelmente pitoresca e bonita de uma maneira com que eu não estava a contar. Parecia ter-se inspirado em vilas alpinas da Baviera; as casas, todas juntas, tinham telhados de telhas vermelhas e estavam pintadas numa variedade de cores, algumas com frisos decorativos e até o ocasional torreão. Devia ser popular para os turistas em busca de caminhadas ou aventuras radicais no rio Chattahoochee antes de se recolherem à noite num cenário que, para o nordeste da Geórgia, parecia exótico.

Como nem um nem o outro tínhamos comido, almoçámos num pequeno bar de sanduíches no centro da cidade. Discutimos o nosso plano, que não consistia em muito mais do que passar pela esquadra da polícia e pelo gabinete do xerife. Eu tinha a esperança de que me ocorresse uma ideia

melhor do que aquela sobre a qual Natalie me tinha interrogado – bater a portas ou falar com pessoas nas esquinas – mas até agora não tinha nada. Gostaria de me ter lembrado de tirar uma fotografia a Callie no hospital para ver se o seu rosto avivaria a memória de alguém, mas duvidava que ela tivesse consentido se eu tentasse.

A nossa primeira paragem foi na esquadra da polícia, alojada num edifício que mais parecia uma casa de habitação do que um complexo de instalações municipais que se integrava muito bem na comunidade. O chefe da polícia, Harvey Robertson, que estava à nossa espera, veio ter connosco à entrada. Era um homem alto, magro, com cabelo grisalho a rarear e falava com uma pronúncia cerrada da Geórgia. Convidou-nos a segui-lo e a sentarmo-nos no seu gabinete. Depois das apresentações, entregou-nos um envelope de papel grosso.

– Como mencionei ao telefone, estas são as únicas três pessoas fugidas de que tenho conhecimento com alguma certeza – explicou. – Uma no ano passado e duas há dois anos.

Abri o envelope e tirei três cartazes com a palavra desapareceu impressa no topo, com retratos das raparigas, descrições e informações sobre os seus últimos paradeiros conhecidos. Pareciam cartazes feitos à mão – como algo que as próprias famílias tivessem produzido –, não boletins oficiais da polícia. Bastou um breve olhar aos retratos para confirmar que nenhum deles era de Callie.

– E quanto a pessoas desaparecidas, em geral?

– Mais uma vez, não há ninguém chamada Callie. Ora bem, se a família ou outras pessoas conhecidas não tiverem comunicado o desaparecimento dela, fosse por que razão fosse, não teríamos maneira de saber. Mas, como somos uma comunidade pequena, penso que faço uma ideia bastante boa de quem está por cá e quem não está.

– Sei que não é da minha conta, mas faz alguma ideia do que aconteceu a estas outras raparigas?

– Duas delas tinham namorados que também não conseguimos encontrar, portanto o meu palpite é que fugiram juntos. Quanto à terceira jovem, não fazemos ideia do que lhe aconteceu. Não era menor, e foi o senhorio dela quem comunicou o desaparecimento, mas, tanto quanto sabemos, pode ter-se mudado.

– Lamento saber isso.

– Disse ao telefone que essa tal Callie de que andam à procura... está doente? E que precisam de encontrar a família dela?

– Se pudermos.

– Porque é que pensaram que poderiam encontrá-la aqui?

Contei-lhe a história toda, vendo-o assimilar cada palavra. Tinha a sensação de que era o tipo de pessoa que poderia surpreender-nos com a sua intuição.

– Não é muito como ponto de partida – comentou quando acabei de falar.

– Foi também o que a Natalie disse.

Ele olhou para ela e depois de novo para mim. – É uma mulher esperta. Não a deixe escapar.

Quem dera, pensei.

Se ao menos eu pudesse.



O departamento do xerife ficava em Cleveland, na Geórgia, a cerca de vinte minutos de Helen. Era um edifício muito mais imponente do que a esquadra da polícia em Helen, o que fazia sentido, visto que era responsável por uma área geográfica mais vasta. Fomos conduzidos ao gabinete de um delegado do xerife que, tal como o chefe da polícia de Helen, tinha compilado a informação que solicitáramos.

No total, estavam desaparecidas nove pessoas, incluindo as três de Helen. Das restantes seis, duas eram do sexo masculino. Das outras quatro, só três eram brancas e apenas uma delas era uma adolescente, embora não fosse Callie.

À saída, Natalie virou-se para mim. – E agora?

– Estou a processar tudo.

– O que é que isso quer dizer?

– Falta qualquer coisa. Não sei bem o quê, mas falta.

– Continuas a achar que ela é daqui da zona?

– Não sei – admiti. – Mas a resposta está aqui, de algum modo.

Já tínhamos entrado para o carro alugado quando Natalie falou outra vez. – Tenho uma ideia – disse por fim.

– O quê?

– Se a Callie é daqui, provavelmente andou na escola, certo? E achas que talvez tenha dezasseis anos? Ou dezassete?

– É o que suponho.

– As escolas secundárias têm livros de curso. Algumas do terceiro ciclo também. Não faço ideia de quantas escolas secundárias haverá no condado, mas não podem ser assim tantas como isso, e aposto que nenhuma delas é muito grande. Supondo que há livros de curso na biblioteca, talvez pudéssemos descobrir um nome.

Perguntei-me porque não tinha pensado nisso. – É uma ideia brilhante.

– Veremos – disse ela. – Já vai passar das cinco quando voltarmos para Helen, portanto provavelmente é demasiado tarde para começarmos hoje. Começamos amanhã logo de manhã?

– Parece-me um bom plano. Como é que te ocorreu essa ideia?

– Não sei. Surgiu-me.

– Impressionante.

– Não estás contente por eu estar aqui?

Sim, pensei, *sem dúvida. Mas talvez não pela razão que tu julgas*.



De regresso a Helen, fomos fazer o *check-in* no hotel. Enquanto falava com a rececionista, pressenti o alívio de Natalie ao constatar que eu reservara dois quartos, mesmo que fossem um ao lado do outro. A rececionista entregou-nos as chaves magnéticas e dirigimo-nos aos elevadores.

Embora o pôr do sol fosse só daí a mais de uma hora, eu sentia-me cansado. Por muito que me tivesse agradado passar tempo com Natalie, era um esforço manter as coisas a um nível inteiramente profissional e fingir que não estava apaixonado por ela. Dizia a mim mesmo para simplesmente aceitar o que ela estava a oferecer, sem expectativas – mas algumas coisas são mais fáceis em teoria do que na realidade.

No elevador, pressionei o botão do terceiro andar.

– Como é que queres fazer isto? – perguntou ela. – Queres procurar tu as escolas ou procuro-as eu?

– Posso fazer isso. Como disseste, não deve haver muitas.

– A que horas amanhã?

– Pequeno-almoço às sete no hotel e talvez fazermo-nos à estrada às oito?

– Parece-me um bom plano.

Nessa altura, tínhamos chegado ao terceiro andar e saímos para o corredor. Os nossos quartos eram à esquerda, não muito longe.

– O que vais fazer ao jantar esta noite? – perguntou ela quando eu estava a abrir a porta do meu quarto.

– Estava a pensar no Bodensee. «Gastronomia alemã autêntica». Li uma crítica quando andava à procura de hotel. Parece bastante bom.

– Acho que nunca provei gastronomia alemã autêntica.

Seria uma deixa?

– E se eu fizesse uma reserva para as oito para nós os dois? Tenho a certeza de que podemos ir a pé, por isso encontramo-nos lá em baixo às oito menos um quarto?

– Perfeito. – Sorriu. – Até logo, então.



No meu quarto, depois de fazer a reserva, fiz uma sesta breve, tomei um duche e passei algum tempo a procurar escolas da zona no Google no meu telemóvel. Durante todo esse tempo, tentei não pensar em Natalie.

Mas não consegui. O coração tem razões que a razão desconhece.

Às oito menos um quarto, ela estava à minha espera no átrio, tão ofuscante como sempre na sua blusa vermelha, calças de ganga e sapatos de salto. Quando me aproximei, perguntei-me se ela teria estado a pensar obsessivamente em mim como eu estivera nela, mas, como de costume, não consegui adivinhar.

– Estás pronta? – perguntei.

– Estava à tua espera.

O Bodensee ficava a curta distância a pé, e a noite estava agradável, com uma brisa suave que trazia o aroma de coníferas. Éramos os únicos no passeio, e eu ouvia os sapatos dela matraquearem o cimento e os meus passos em uníssono com os dela.

– Tenho uma pergunta – disse ela por fim.

– Força.

– O que é que vais fazer se encontrarmos de facto a família da Callie? O que tencionas dizer-lhes?

– Não tenho a certeza – respondi. – Suponho que depende do que fiquemos a saber.

– Se ela é menor, eu tenho o dever de informar as autoridades.

– Mesmo que ela tenha sido vítima de abusos?

– Sim, mas é aí que as coisas podem tornar-se complicadas – disse ela. – Também é problemático se ela fugiu aos dezassete anos ou coisa do género, mas agora é oficialmente uma adulta. Francamente, não sei bem quais seriam os meus deveres nessa situação.

– E se deixarmos essa decisão para quando tiver de ser tomada?



O Bodensee, tal como a esquadra da polícia, parecia mais uma casa de habitação do que um edifício comercial, e senti-me em casa mal chegámos. As empregadas de mesa estavam vestidas à moda da Baviera, com roupas cintadas, blusas de manga curta e aventais coloridos; um bar animado servia uma variedade de cervejas alemãs. Fomos conduzidos a uma mesa a um canto que parecia prometer alguma privacidade numa sala bastante cheia. Quando nos sentámos, ouvi fragmentos ténues de conversas.

Natalie olhou à sua volta, a apreender o ambiente, com um sorriso no rosto.

– Não acredito que estamos na Geórgia – disse, voltando a olhar para mim. – Este sítio é incrível.

– Tem os seus encantos, de facto.

Pegámos nas ementas. As opções eram mais extensas do que eu imaginara, mas, dada a minha falta de familiaridade com a gastronomia alemã, não tinha a certeza de como seria o sabor dos pratos, apesar das descrições.

– Vais escolher o *Wiener schnitzel*?

– Provavelmente – respondi. – E tu?

– Não sou muito de experimentar coisas novas – confessou ela. – Acho que vou optar pelo salmão grelhado.

– Tenho a certeza de que vai ser bom.

Quando a empregada veio à nossa mesa, pedi uma cerveja; Natalie optou por um copo de vinho, e dissemos-lhe o que tínhamos escolhido para comer. Metendo conversa com ela, Natalie perguntou-lhe há quanto tempo vivia em Helen.

– Só há dois anos – disse a empregada. – O meu marido trabalha para o departamento de parques e foi transferido para cá.

– Isso acontece muito, na sua opinião? Ou a maior parte dos habitantes cresceu aqui na zona?

– Diria que é um pouco de ambos. Porquê?

– Só por curiosidade.

Quando ela se afastou, debrucei-me sobre a mesa. – A que se deveu aquilo?

– Só estava a recolher informação. Quem sabe? Pode acabar por ser útil.

Estendi o guardanapo no regaço. – Quero que saibas que te estou grato por teres vindo aqui comigo e preparado o terreno para falarmos com a polícia e o xerife.

– Foi um prazer.

– Surpreende-me que não tivesses de trabalhar.

– Tirei uns dias de férias. – Encolheu os ombros. – Não preciso propriamente deles. É-me difícil ir a outro sítio para além da casa de praia dos meus pais. Por muito que goste de passar algum tempo com eles, só consigo ficar uns dias sem começar a dar em doida. – Abanou a cabeça. – Desculpa. Provavelmente, soou um pouco egoísta.

– De modo nenhum.

– É, comparado contigo. Tu perdeste os teus pais, quero dizer.

– Todos temos os nossos problemas, não é?

A empregada voltou a aparecer com as bebidas e pousou-as na mesa. Bebi um gole da cerveja e achei-a deliciosa.

Natalie pôs-se a mexer no copo de vinho, aparentemente perdida nos seus pensamentos, mas finalmente apercebeu-se de que tinha ficado em silêncio. – Desculpa – disse ela. – Estava muito longe daqui.

– Queres falar disso?

– Estava a pensar na vida. Não é importante.

– Adorava ouvir. – Como ela ainda parecia hesitante, acrescentei: – A sério.

Ela bebeu um gole de vinho. – Durante o nosso primeiro ano de casados, o Mark e eu visitámos Blowing Rock. Passámos um fim de semana numa pousada encantadora, a fazer caminhadas e a visitar lojas de antiguidades. Lembro-me de pensar durante todo esse fim de semana que a minha vida era exatamente o que eu queria que ela fosse.

Olhei-a atentamente. – O que é que vais fazer?

– Quanto a quê? Ao Mark? – Eu assenti com a cabeça e ela continuou. – Vou prosseguir, um dia de cada vez.

– Isso é justo para ti?

Natalie soltou uma risada pouco convincente, mas apercebi-me da tristeza nela. – Diz-me, Trevor. Quando é que a vida alguma vez é justa?



A nossa conversa passou para tópicos mais fáceis enquanto atacávamos o jantar. Pensámos em Callie, perguntando-nos de novo porque parecia tão decidida a manter o segredo sobre a sua família, e eu pus Natalie a par de quase tudo o que andara a fazer desde a última vez que a vira. Falei-lhe sobre a minha decisão de não vender a casa do meu avô e sobre as obras que queria fazer; mostrei-lhe algumas fotografias que tinha tirado do meu novo apartamento em Baltimore. Descrevi o meu programa de internato psiquiátrico, mas não mencionei a angústia que tinha sentido depois de ela romper comigo. Sentia que trazer esse assunto à baila só lançaria uma sensação inútil de culpa para cima dela.

Depois de acabarmos a refeição e como não nos apeteceu comer uma sobremesa, paguei a conta e voltámos para o ar da noite. Tinha arrefecido ligeiramente, mas as estrelas brilhavam no céu de ébano. As ruas estavam silenciosas e vazias; ouvia o restolhar abafado das folhas nas árvores e trouxe-me à mente o som de uma mãe a tentar adormecer um bebé.

– Não respondi realmente à tua pergunta – disse Natalie no silêncio.

– Que pergunta?

– Quando perguntaste se pôr a minha vida em pausa era justo para mim. Não te dei uma resposta a sério.

– Penso que compreendi o que querias dizer.

Sorriu, parecendo quase triste. – Devia ter dito que há momentos em que

não é assim tão mau como isso. Quando estou com a minha família, há ocasiões em que consigo esquecer-me mesmo da realidade da minha situação. Tipo, quando um deles conta uma história superengraçada e nos pomos todos a rir é fácil fingir que levo uma vida normal. Depois, no minuto seguinte, volta tudo de enxurrada. A verdade é que a realidade está sempre lá, mesmo que esteja temporariamente encoberta... mas depois volta a surgir e eu sinto de repente que não devia estar a rir-me ou a sorrir, porque parece errado, de alguma maneira. Porque parece que não quero saber dele. Passo demasiado tempo a pensar que não tenho direito a ser feliz e que nem sequer devia tentar ser feliz. Sei que soa a loucura, mas não consigo evitar.

– Achas que o Mark ia querer que tu te sentisses assim?

– Não – respondeu. – Sei que não ia querê-lo. Até chegámos a falar sobre coisas desse género. Bem, não exatamente sobre esta situação, mas sobre aquilo que queríamos se um de nós morresse num acidente de automóvel ou o que fosse. Conversinhas, sabes? Jogávamos esses jogos hipotéticos tontos... tipo, e se um de nós morresse... e ele dizia-me sempre que quereria que eu seguisse em frente, que encontrasse outra pessoa e constituísse família. É claro que, logo a seguir, acrescentava que me livrasse de amar o novo tipo tanto como o amava a ele.

– Pelo menos era sincero – disse eu com um sorriso.

– Sim – disse ela. – Era. Mas já não sei o que tudo significa realmente. Há uma parte de mim que diz que devia passar tanto tempo com o Mark quanto possa, que devia despedir-me do emprego e visitá-lo todos os dias. Porque é isso que supostamente se deve fazer quando alguém está doente, certo? Mas a verdade é que é a última coisa que quero fazer. Porque de cada vez que vou lá, é como se uma pequena parte de mim morresse. Mas depois sinto-me culpada por me sentir assim e controlo-me e faço o que supostamente devo fazer. Embora saiba que ele não ia querer isso para mim.

Parecia estar a examinar o passeio à nossa frente.

– É tão difícil não saber quando ou até mesmo se isto alguma vez acabará. As pessoas em estado vegetativo chegam a viver dezenas de anos. O que é que eu faço, sabendo isso? Sei que ainda vou a tempo de ter filhos, mas tenho de desistir disso? E as outras pequenas coisas que fazem com que a vida valha a pena? Como estar nos braços de alguém que nos ama ou até mesmo ser beijada. Desisto dessas coisas para sempre, também? Tenho de

viver em New Bern até ele ou eu morrermos? Não me interpretes mal, eu adoro New Bern. Mas há uma parte de mim que por vezes imagina uma vida diferente, viver em Nova Iorque, em Miami, em Chicago ou em Los Angeles. Tenho vivido em pequenas cidades da Carolina do Norte toda a minha vida. Não mereço a oportunidade de fazer eu própria essa escolha?

Nessa altura, já tínhamos chegado ao hotel, mas ela parou junto à entrada.

– Queres saber qual é a pior parte? Não há ninguém com quem eu possa falar sobre isto. Ninguém compreende realmente. Os meus pais sentem-se desolados com tudo o que se passou, por isso quando estou com eles ando sempre a sossegá-los, a dizer que estou bem. Os pais dele e eu estamos em comprimentos de onda diferentes. Os meus amigos falam sobre o trabalho ou os parceiros ou os filhos, e eu nem sei o que fazer. É simplesmente... uma solidão. Sei que as pessoas lamentam e se preocupam comigo, mas não me parece que consigam realmente empatizar, porque isto é totalmente diferente do que qualquer pessoa imagina que a sua vida virá a ser. E...

Aguardei.

– Sabes quando as pessoas te perguntam quais são os teus sonhos ou objetivos? Tipo, daqui a um ano ou três ou cinco? Eu penso nisso por vezes, e dou-me conta de que não só não sei, mas também nem sequer sei como tentar encontrar a resposta. Porque há tantas coisas que estão fora do meu controlo e não há nada que eu possa fazer.

Estendi a mão e peguei na dela. – Quem me dera que houvesse alguma coisa que eu pudesse dizer para tornar as coisas mais fáceis para ti.

– Sei que sim – disse ela, apertando-me a mão. – Tal como eu sei que amanhã será só mais um dia.



Daí a uns minutos, estávamos cada um em seu quarto. A confissão de Natalie deixara-me a sentir ao mesmo tempo triste por ela e dececionado comigo mesmo. Por mais empatia que eu imaginasse que sentia, era-me difícil – como ela tinha dito – pôr-me no lugar dela ou imaginar plenamente o que a sua vida era dia após dia. Compreendia, tinha pena, sentia-me terrível por ela, mas, para ser sincero comigo mesmo, sabia que não era

capaz de sentir uma empatia absoluta. Todas as pessoas têm vidas interiores a que mais ninguém tem acesso.

Liguei a televisão e parei no canal ESPN, não porque me interessasse quem ganhara o jogo de basebol ou o torneio de golfe mais recente, mas porque me sentia demasiado fatigado para me concentrar em alguma coisa que tivesse alguma espécie de história ou enredo. Descalcei-me, despi a camisa e recostei-me na cama, ora a ouvir os locutores ora a matutar sobre Callie, enquanto que ao mesmo tempo recordava os últimos dias que passara com Natalie.

Perguntava-me se alguma vez voltaria a conhecer alguém como ela. Mesmo que me apaixonasse outra vez, não compararia consciente e inconscientemente a nova mulher com a mulher que amava agora?

Agora, neste momento, estávamos juntos, só que não estávamos. Ela estava no quarto ao lado, com uma parede e um mundo inteiro entre nós. Estaria ela, como eu, a matutar no impossível e a desejar que houvesse um mundo feito só para nós os dois?

Eu não sabia. A única coisa que sabia ao certo era que, mesmo exausto como me sentia, não teria trocado os últimos dois dias por nada.



Acordei com o som de alguém a bater à minha porta.

Olhei para o relógio e vi que era quase meia-noite; tanto o candeeiro como a televisão ainda estavam ligados, e tateei à procura do comando, ainda não totalmente consciente do que me rodeava.

Desliguei a televisão, perguntando-me se imaginara aquilo, e nesse momento ouvi de novo baterem levemente à porta. Vinha acompanhado por uma voz que reconheci.

– Trevor? Estás acordado?

Arrastei-me para fora da cama e atravessei o quarto a cambalear sonolento, aliviado por ainda estar de calças. Abri a porta e vi Natalie, ainda vestida como no jantar, com uma expressão de desespero receoso e os olhos vermelhos.

– O que é que se passa? Estás bem?

– Não – disse ela. – Não estou bem. Posso entrar?

– Sim, claro – disse eu, afastando-me para a deixar passar. Parou no meio do quarto, como se estivesse à procura de um sítio para se sentar. Puxei a cadeira da secretária para ela se sentar e instalei-me na cama em frente a ela.

– Como ouvi a televisão, calculei que ainda estivesses acordado – disse ela, apercebendo-se do meu estado sonolento pela primeira vez.

– Agora estou – disse eu. – Ainda bem que vieste.

Por um momento, torceu as mãos no regaço com os olhos cheios de angústia. – Não quero ficar sozinha neste momento.

– Queres ver se há algum sítio aberto em Helen? – perguntei. – Talvez beber um copo ou tomar um descafeinado?

– Não quero sair. – Depois, a olhar hesitante para mim: – Posso dormir aqui? Contigo? Não quero fazer amor... – Fechou os olhos, com a voz embargada. – Mas, para além de ti, não durmo na cama com ninguém desde que o Mark adoeceu, e só quero alguém ao meu lado esta noite. Sei que é errado e que eu devia voltar para o meu quarto...

– É claro que podes dormir aqui – interrompi.

– Trevor...

– Vem cá. – Levantei-me da cama e, erguendo-se lentamente, ela abrigou-se nos meus braços. Abracei-a durante muito tempo e depois metemo-nos os dois na cama. Quando estendi a mão para desligar o candeeiro, hesitei.

– Posso apagar a luz ou queres falar um pouco mais?

– Podes apagá-la – murmurou ela.

Apaguei a luz e o quarto ficou às escuras. Virei-me para ela e vi só uma vaga sombra, mas senti o ténue aroma do seu perfume.

– Ainda bem que estamos às escuras – segredou ela. – Estou com um aspeto horrível.

– Tu estás sempre linda.

Senti a mão dela no meu peito e depois a acariciar-me a face. – Eu amo-te mesmo, Trevor Benson. Quero que saibas isso.

– Eu sei – disse eu. – Eu também te amo.

– Abraças-me?

Ao ouvir as suas palavras, pus os braços à volta dela, deixando-a pousar a cabeça no meu ombro e sentindo o calor do seu hálito na minha pele. Embora ansiasse por a beijar, não o fiz. Mais do que tudo, queria atenuar um pouco a tristeza e a confusão dela, nem que fosse só por umas horas.

Ela começou a descontrair-se, o seu corpo a moldar-se ao meu, uma posição ao mesmo tempo nova e familiar. Por fim, ouvi o ritmo da sua respiração abrandar e compreendi que tinha adormecido.

Mas mantive-me acordado, sabendo que esta era a última vez que a teria assim nos meus braços. Queria saborear a sensação, fazer com que durasse para sempre. Doía-me pensar que talvez nunca mais voltasse a sentir esta felicidade.

CAPÍTULO 20



Acordei quando a luz do amanhecer começava a infiltrar-se por baixo das cortinas. Natalie ainda estava a dormir e eu levantei-me devagarinho, a tentar não a acordar.

Depois de vestir uma camisa limpa que tirei do saco de viagem, calcei-me, peguei na carteira e saí do quarto em bicos de pés. A luz do corredor iluminou momentaneamente o quarto quando abri a porta, mas Natalie não se mexeu. Dormir era exatamente aquilo de que ela precisava; eu, por outro lado, precisava de café.

O pequeno-almoço seria servido numa sala que dava para o átrio. Ainda era demasiado cedo para haver comida, mas, por sorte, havia bastante café à minha disposição. Enchi um copo de cartão e fui-me sentar a uma das mesas vazias, a mente cheia de pensamentos agridoces sobre Natalie.

Pus-me a tomar o café, a regressar lentamente à vida, e, num impulso, peguei na carteira e desdobrei o papel em que tomara nota das últimas palavras do meu avô. Lendo-o mais uma vez, não consegui afastar a sensação insistente de que me estava a falhar algo importante, algo que tinha a ver com Callie.

Trevor... ajuda... caro em... e... se tu puderes... desmaiou... doente... como Rose... encontra família... vai para o além... em fuga... amo-te... tu vieste... agora vai... por favor

Levantei-me da mesa, aproximei-me da receção e pedi emprestados uma esferográfica e um bloco de apontamentos. Voltei a sentar-me e recordei as longas pausas entre as palavras, partindo da suposição de que ele tentara dizer-me alguma coisa sobre Callie.

A palavra *fuga*, pensando bem, era claramente destinada a descrever

Callie, que estava *em fuga*. *Encontrar a família* também fazia sentido. Como ele passara algum tempo com Callie *doente como Rose* e *desmaiou* eram também relativamente fáceis de compreender, especialmente se tivesse visto algo preocupante.

Mas *vai para o além* continuava a não fazer sentido. Nem a palavra *em* antes de *fuga*. Mas, e se as pausas estivessem fora do seu lugar? Murmurei as frases, a tentar interpretá-las. Em vez de *vai para o além... em fuga*, se fosse antes:

Vai para Helen? Em fuga?

O coração começou a bater-me com força ao reescrever a última metade do apontamento.

Desmaiou. Doente como Rose. Encontra família... Vai para Helen. Em fuga. Amo-te. Tu vieste. Agora vai. Por favor

Embora fosse impossível saber se estava correto, dava *a sensação* de estar certo. Apesar do que a polícia e o xerife me tinham dito sobre pessoas em fuga – ou pessoas desaparecidas em geral da zona – sabia que o meu avô estava a referir-se a Callie.

Então, porque é que não mencionara o nome dela?

Continuei a beber café, virando a minha atenção para a primeira parte do apontamento, a tentar novas interpretações. Acabei uma chávena e servi-me de outra, a passar em revista as palavras, a alterar as pausas nas frases, mas não consegui chegar a Callie ou algo que se assemelhasse. Pensava naquilo, e a seguir os meus pensamentos divagavam para Natalie, depois voltava a concentrar-me na tarefa que tinha entre mãos.

A meio da terceira chávena de café, senti surgir uma nova ideia, e, se estava no bom caminho, então tudo no apontamento era claro como água.

Embora admitisse que talvez estivesse errado, senti-me subitamente confiante de que teria a resposta antes do fim da manhã.



– Olá – disse Natalie.

Embrenhado nos meus pensamentos, não a vira entrar na sala dos

pequenos-almoços. Ao contrário de mim, ela já tinha tomado um duche e tinha as pontas do cabelo ainda molhadas. Estava com um brilho nos olhos, sem nenhuma da fadiga que eu esperara.

– Bom dia.

– Acordaste cedo. Não te ouvi sair do quarto.

– Sou como um rato quando tento escapulir-me.

– Vou buscar um iogurte. Queres alguma coisa?

– Posso ir contigo.

Cumprindo a sua palavra, escolheu um iogurte e preparou uma chávena de chá. Eu optei por ovos e *bacon* com torradas, a tirar uma folga da dieta saudável.

De volta à mesa, sentámo-nos um em frente ao outro.

– Dormiste bem? – perguntei.

– Como um bebé – respondeu, com um ar envergonhado. – Foi bom, ontem à noite. Obrigada.

– Por favor não me agradeças. Poderia dar cabo da coisa.

– Combinado – disse ela. – Encontraste as escolas da zona?

– Encontrei – respondi. – Antes do jantar.

– Eu também – disse ela. – Não há muitas, mas estão espalhadas pelo condado. Vamos fazer muitos quilómetros hoje.

– Quero ir à esquadra primeiro. A que horas achas que o chefe da polícia estará lá?

– É difícil dizer. Provavelmente, por volta das oito. Porquê?

– Prefiro não dizer até ter a certeza. Mas poderá significar menos quilómetros se eu tiver razão.



Depois de acabar o pequeno-almoço, voltei para o quarto, tomei um duche e fiz a mala. Encontrámo-nos no átrio e já estávamos no carro antes das oito.

Na esquadra, fomos novamente conduzidos ao gabinete de Robertson. Como eu não tinha partilhado o meu raciocínio com Natalie, ela estava tão curiosa em relação à visita quanto ele.

– Tenho a certeza de que não vieram só para me fazer uma visitinha –

disse ele –, portanto, em que posso ajudá-los?

– Gostava de saber como as pessoas desaparecidas são categorizadas na Geórgia – disse eu. – Há uma base de dados a nível do estado?

– Há e não há. Os casos de pessoas desaparecidas geralmente são tratados a nível local, portanto cada departamento da polícia tem a sua própria lista. Por vezes, o GBI pode envolver-se também, e eles operam a nível estadual.

– O GBI?

– O Georgia Bureau of Investigation, o gabinete de investigação da Geórgia – explicou ele. – As pequenas comunidades nem sempre têm posses para ter detetives ou investigadores a tempo inteiro, portanto quando são cometidos crimes ou desaparecem pessoas fora das principais cidades, o GBI entra em ação. Eles têm a sua própria lista de pessoas desaparecidas.

– Então, se tivesse um nome poderia verificar se essa pessoa está desaparecida?

– É claro que sim – disse ele. – As pessoas desaparecidas usualmente constam na lista por ordem alfabética, mas alguns departamentos organizam a lista cronologicamente. Dependendo do departamento, algumas dessas listas são públicas.

– E se só se tiver um nome próprio?

– Será obviamente um processo mais lento, mas continua a ser possível. Teria de ser o senhor a passar em revista as várias listas. Tenha em mente que há pessoas nos registos que desapareceram há mais de dez anos.

– Estaria disposto a verificar por nós?

– Quer que procure o nome da Callie? Nem um nem o outro têm sequer a certeza de que ela desapareceu na Geórgia.

– É uma miúda, e está a morrer.

Demorou um segundo, mas por fim assentiu com a cabeça. – Está bem. Mas não faço ideia de quanto tempo isto pode demorar.

– Há ainda uma outra coisa.

– Sim?

– Para além da Callie, pode também procurar o nome Karen?

– Karen?

Assenti com a cabeça. – Uma adolescente branca que está desaparecida desde a primavera ou o verão do ano passado.

Enquanto dizia aquilo, sentia o olhar interrogador de Natalie pousado em mim.



O chefe Robertson mandou-nos esperar num café ao fundo da rua. Embora já tivéssemos tomado o pequeno-almoço, pedi um café e Natalie mais um chá. Pus uma gorjeta de 500 por cento bem à vista na mesa, para o caso de lá termos de ficar sentados durante algum tempo.

– Karen? – perguntou Natalie.

Passei-lhe para a mão o apontamento original. Natalie leu-o de uma ponta à outra. Quando acabou, retomei a parte final.

Trevor... ajuda... caro em... e... se tu puderes... desmaiou... doente... como Rose... encontra família... vai para o além.... em fuga... amo-te... tu vieste... agora vai... por favor

– Parece claro que estava a falar sobre ela.

– Não menciona o nome Callie.

– Pois não. Mas se combinares as palavras *caro* e *em* e mudares algumas das pausas, ficas com o seguinte. – Passei-lhe para as mãos a interpretação que anotara antes.

Trevor... ajuda a Karen se tu puderes. Desmaiou. Doente como Rose. Encontra família. Vai para Helen. Em fuga. Amo-te. Tu vieste. Agora vai. Por favor.

Natalie leu-a e depois olhou para mim. – Como é que chegaste a isto?

– Acho que devia estar inspirado.



Demorou menos tempo do que eu ou Natalie previámos. Daí a quarenta e cinco minutos, o chefe Robertson entrou no café com um dossiê na mão. Havia mais lugares à mesa e ele sentou-se. Sem que lhe fosse pedido, a empregada voltou à mesa com um café para ele. Supus que era cliente habitual. Entretanto, empurrou o dossiê na minha direção.

– Penso que talvez a tenha encontrado.

– Já?

– Karen Anne-Marie Johnson – disse ele. – De Decatur. Com dezasseis anos. Fugiu aos quinze em maio passado, o que quer dizer que desapareceu há pouco mais de um ano. Parece ser a vossa rapariga, não parece? Queria que confirmassem antes de avançar.

Abri o dossiê fino e os meus olhos pousaram numa cópia de uma fotografia de Callie. Por um momento, não consegui acreditar. Embora estivesse esperançado, a sensação de alívio que me invadiu foi avassaladora.

– É ela.

– Tem a certeza?

– Não há dúvida – disse eu. Natalie inclinou-se na minha direção, a examinar também a fotografia. Tive de recordar a mim mesmo que, para além da noite atribulada do incêndio na caravana, e talvez nem mesmo então, Natalie nunca a tinha visto.

– Custa a crer a rapidez com que a encontrou – disse eu.

– Não foi muito difícil. Ela estava na lista de pessoas desaparecidas do GBI, que foi a primeira que verifiquei. Demorei menos de dez minutos. Está no *site* deles, com fotografias e tudo, por isso vocês não precisavam realmente da minha ajuda. Podiam ter ficado na Carolina do Norte e investigado vocês mesmos.

Só que eu não sabia que o GBI tinha um *site*. Até àquela manhã, nunca tinha ouvido falar do GBI.

– Agradeço a sua ajuda.

– É o que fazemos. Tenho a esperança de que tudo isto tenha um final feliz.

– Há mais alguma coisa que possa dizer-nos?

O chefe Robertson acenou com a cabeça. – Falei com o pessoal de Decatur e eles foram ver a ficha dela. Tem a cópia aí nesse dossiê, mas é uma história típica. Tinha dito aos pais que ia passar a noite à casa de uma amiga. Quando na noite seguinte continuavam sem saber nada dela, os pais contactaram a amiga e ficaram a saber que a Karen não estivera com ela. Tanto quanto os pais sabiam, ela não tinha um namorado, portanto não tinha a ver com isso. Vai reparar aí no dossiê que ela tem duas irmãs mais novas.

O que significava que era possível que houvesse medula óssea compatível.

– Se ela é de Decatur, como é que Helen entrou na equação? – perguntou Natalie.

– Não sei – respondi. – Mas tenho um palpite de que vou descobrir.

– Pela minha parte – disse o chefe Robertson –, vou ter de contactar o GBI e informá-los do paradeiro da Karen. A polícia de Decatur também. Tenho a certeza de que os pais vão ficar aliviados.

Pensei naquilo. – Seria possível adiar até amanhã?

– Porque é que eu faria isso? – O chefe Robertson franziu a testa.

– Porque quero falar com ela primeiro.

– Não é assim que fazemos as coisas na Geórgia.

– Eu sei. Mas gostaria de saber porque é que ela fugiu. Se foi porque estava a ser vítima de abuso, quero que esteja preparada.

– Palpita-me que a fuga dela não teve nada a ver com abuso.

– Por que diz isso?

– Dê uma espreitadela à última página – disse ele. – Depois de falar com o pessoal de Decatur, imprimi um artigo de jornal que consegui encontrar. Vale a pena lê-lo.



Originalmente publicado no *Atlanta Journal-Constitution*, o artigo era breve, só com um par de parágrafos, e, ao lê-lo, dei comigo a concordar com o palpite do chefe Robertson.

Para mim, explicava praticamente tudo.

Com um pouco de insistência minha e de Natalie, o chefe Robertson acedeu a dar-me vinte e quatro horas antes de contactar o GBI e a polícia de Decatur. Jurou também considerar-me pessoalmente responsável se qualquer aspeto do meu plano desse para o torto.

O meu primeiro telefonema foi para a doutora Nobles. Depois de me fazer esperar bastante, disse-me que Callie ainda estava no hospital e que o seu estado se deteriorara ligeiramente durante a noite. Eu contei-lhe que tinha encontrado a família de Callie e planeava falar com ela nessa tarde. Depois disso, mudei a reserva do nosso voo para poder chegar ao hospital a meio da tarde. Natalie e eu debatemos a melhor maneira de lidar com a situação na viagem de regresso a Atlanta. Deixámos o carro de aluguer,

fizemos o *check-in* e por fim dirigimo-nos à porta de embarque.

A bordo, Natalie ficou em silêncio, e eu também. Ambos sabíamos que o nosso tempo juntos estava quase a terminar, mas nem um nem o outro queria falar sobre isso. Reparei que Natalie observava subrepticiamente os outros passageiros à medida que iam chegando à porta de embarque, sem dúvida preocupada de novo que alguém pudesse reconhecê-la. Compreendia o seu raciocínio, mas não deixava de me fazer sentir um vazio interior.

No terminal em New Bern, quando íamos a atravessá-lo, ambos ouvimos alguém chamar o nome dela. Estava a aproximar-se outra mulher, mais ou menos da idade dela, e claramente queria conversar. Senti-me dividido entre esperar por ela e continuar simplesmente a andar, mas vi a súplica nos olhos de Natalie, a implorar-me que fosse embora.

Avancei sozinho para o parque de estacionamento, a combater o impulso de lançar um olhar por cima do ombro e a perguntar-me se seria a recordação final com que ficaria dela.



Daí a um quarto de hora, estava no hospital a dirigir-me ao quarto de Callie.

A porta estava aberta e entrei, reparando que a ligadura à volta da sua cabeça tinha sido removida, deixando-lhe o cabelo todo despenteado. Como de costume, a televisão estava ligada e Callie, depois de reparar na minha presença, voltou a virar a atenção para ela. Aproximei a cadeira da cama e sentei-me.

– Como te estás a sentir?

– Quero ir para casa.

– Falei com a doutora Nobles.

– Ela esteve cá hoje de manhã – disse Callie. – Disse que continuam à procura de dadores.

Observei-a, tentando imaginar como o último ano devia ter sido duro para ela. – Estive na Geórgia hoje de manhã – disse eu por fim.

Ela virou-se para mim, desconfiada. – E depois?

– Sei quem tu és.

– Não, não sabe.

– Chamas-te Karen Johnson e tens dezasseis anos. Fugiste da tua casa em Decatur, na Geórgia, em maio do ano passado, quando tinhas quinze anos. Os teus pais chamam-se Curtis e Louise e tens duas irmãs gémeas, a Heather e a Tammy.

Depois de passar o choque, a rapariga semicerrou os olhos. – Suponho que já telefonou aos meus pais? E eles vêm a caminho?

– Não – respondi. – Não o fiz. Ainda não, de qualquer modo.

– Porque não? Porque tenciona mandar-me prender?

– Não. Porque gostava que tu contactasses os teus pais antes de a polícia falar com eles.

– Eu não quero falar com eles – disse ela, erguendo a voz. – Já lhe disse isso.

– Tu disseste-me muitas coisas – prossegui, mantendo-me calmo. Mas és menor e oficialmente uma pessoa desaparecida. A polícia vai contactar os teus pais o mais tardar amanhã, portanto tudo isto vai acabar, decidas tu o que decidires. Eles vão descobrir onde tu estás e tenho a certeza de que virão cá ver-te. Só penso que seria melhor se ouvissem tudo da tua boca primeiro. Tenho a certeza de que têm estado realmente preocupados contigo e têm saudades tuas.

– Você não sabe nada!

– O que é que eu não sei?

– Eles odeiam-me. – A sua voz era meio soluço, meio grito de raiva.

Fitei-a, pensando na notícia de jornal que lera. – Por causa do que aconteceu ao Roger?

Ela estremeceu ao ouvir o nome e eu soube que tinha desencadeado uma vaga de emoções dolorosas. Em vez de responder, encolheu as pernas, com os joelhos contra o peito, e começou a baloiçar-se. Eu queria poder ajudá-la de alguma maneira, mas sabia por experiência própria que a sensação de culpa é uma batalha pessoal, sempre travada a sós. Vi-a começar a chorar e depois limpar as lágrimas, furiosa, com as costas da mão.

– Queres falar sobre isso? – perguntei.

– Para quê? Não vai alterar o que aconteceu.

– Tens razão – concordei. – Mas falar sobre a tristeza ou a culpa pode ajudar a libertar alguma da dor e por vezes isso deixa mais espaço no coração para recordar aquilo de que gostavas numa pessoa.

Ao fim de um longo silêncio, ela falou finalmente, com a voz embargada. – A culpa de ele ter morrido é minha. Eu devia estar a olhar por ele.

– O que aconteceu ao Roger foi um acidente terrível, terrível. Tenho a certeza de que gostavas muito do teu irmãozinho.

Callie pousou o queixo nos joelhos, parecendo absolutamente esgotada. Aguardei em silêncio, a deixá-la tomar a sua própria decisão. Aprendera nas minhas sessões de psicoterapia como o silêncio pode ser importante; dá tempo às pessoas para decidirem como querem contar a história ou até mesmo se a querem contar. Quando finalmente ela começou a falar, quase soava como se estivesse a falar consigo mesma.

– Todos adorávamos o Roger. Os meus pais sempre tinham querido um filho, mas, depois de a Heather e a Tammy nascerem, a minha mãe teve dificuldade em voltar a engravidar. Por isso, quando o Roger finalmente chegou, foi como um milagre. Quando ele era bebé, eu a Tammy e a Heather tratávamo-lo como um boneco. Trocávamos-lhe as roupinhas e tirávamos fotografias a cada uma. Foi sempre tão alegre, um daqueles bebés sempre sorridentes, e mal começou a andar seguia-nos para toda a parte. Nunca me importava quando tinha de tomar conta dele. Os meus pais não saíam muito, mas naquela noite era o aniversário de casamento deles. A Tammy e a Heather iam passar a noite em casa de uma amiga, por isso éramos só eu e o Rog. Estivemos a brincar com o conjunto do *Thomas e os Seus Amigos* e quando ele ficou com fome levei-o para a cozinha para lhe fazer um cachorro-quente. Era a comida preferida dele. Andava sempre a comê-los, e cortei-lhos em pedacinhos pequenos e por isso quando a minha amiga Maddie telefonou pensei que não tinha mal falar com ela lá fora no alpendre. Ela estava péssima porque o namorado tinha acabado de romper com ela. Não pensei que tivéssemos falado durante muito tempo, mas quando voltei para dentro o Roger estava no chão e tinha os lábios roxos e eu não sabia o que fazer... – Parou de falar, como que novamente aprisionada naquele momento paralisante. Quando continuou, estava com uma expressão atordoada. – Ele só tinha quatro anos... Comecei a gritar e por fim uma das vizinhas ouviu-me e veio lá a casa. Telefonou para o serviço de emergências e depois chegaram os meus pais e a ambulância, mas nessa altura...

Inspirou longamente, aos soluços.

– No funeral, ele estava com um fatinho azul que os meus pais tiveram de

comprar para ele. Cada um de nós pôs um brinquedo no caixão com ele e eu escolhi o Thomas. Mas... era como um pesadelo horrível. Ele nem sequer parecia o Rog. Estava com a risca do cabelo do lado errado e lembro-me de ter pensado que se a risca do cabelo estivesse do lado certo eu ia acordar e tudo estaria de volta ao normal. Mas é claro que tudo passou a ser diferente depois daquilo. Era como se se tivesse abatido um negrume sobre nós. A minha mãe chorava e o meu pai passava o tempo todo na garagem e a Heather e a Tammy andavam sempre a discutir. Ninguém tinha licença para entrar no quarto do Roger, que ficou exatamente como estava quando eu brinquei ao *Thomas e os Seus Amigos* com ele. Tinha de passar por aquele quarto sempre que ia para o meu, ou à casa de banho, e a única coisa que conseguia pensar era que se tivéssemos ficado mais uns minutos no quarto, a Maddie não teria telefonado enquanto ele estava a comer e não teria acontecido nada de mal. E a minha mãe e o meu pai... mal conseguiam olhar para mim, porque me culpavam pelo que tinha acontecido. E aconteceu no aniversário de casamento deles, portanto também dei cabo disso.

Hesitei, a perguntar-me como dar um sentido a uma tragédia tão terrível como aquela. Por fim, disse: – Callie, tenho a certeza de que eles sabem que a culpa não foi tua.

– Está enganado – disse ela, com a voz a subir de repente de tom. – Não estava lá. Ouvi-os falar uma noite, e estavam a dizer que se eu não tivesse estado ao telefone o Roger estaria vivo. Ou que se eu tivesse telefonado para o serviço de emergências imediatamente eles talvez conseguissem tê-lo salvado.

Tentei imaginar como devia ter sido devastador ouvir aquelas palavras.

– Isso não significa que tenham deixado de gostar de ti – disse eu.

– Mas a culpa foi minha! – gritou ela. – Fui eu que fui lá para fora para falar ao telefone e o deixei sozinho, e de cada vez que eles olhavam para mim, eu sabia no que estavam realmente a pensar. E depois... começou tudo a correr mal. O meu pai foi despedido, a minha mãe teve cancro da pele, e, embora o tenham apanhado a tempo, foi mais uma coisa. Por fim, o meu pai arranjou outro emprego, mas tivemos de vender a casa, e a Tammy e a Heather ficaram mesmo tristes porque tiveram de deixar as amigas todas. Eu só conseguia pensar que dera origem àquilo tudo e de repente soube que tinha de me ir embora. Se saísse dali, as coisas acabariam por voltar ao

normal.

Queria dizer-lhe que os despedimentos acontecem e que qualquer pessoa pode ter cancro; queria explicar-lhe que em situações de grande *stress* é muito mais provável que haja discussões. Mas Callie não estava ainda preparada para ouvir nenhuma destas coisas, porque culpar-se a si mesma permitia-lhe sentir algum controlo sobre tudo aquilo.

– Então decidiste fugir.

– Teve de ser. Fui à estação das camionetas e apanhei a primeira que ia partir. Fui primeiro para Charlotte, depois para Raleigh e depois disso apanhei boleia com um homem que ia em direção à costa. Acabei em New Bern.

– Onde dormiste no celeiro do meu avô e ele te encontrou.

– Não tinha dinheiro e estava muito cansada e suja nessa altura – disse ela, a soar impossivelmente adulta para a sua idade. – Já não tomava banho há dias. Ele encontrou-me na manhã seguinte.

– Imagino que te convidou para tomares o pequeno-almoço.

Pela primeira vez desde que eu tinha entrado no quarto, ela dirigiu-me um sorriso fatigado. – Convidou. Não parecia nada zangado. Só me perguntou quem eu era e sem querer disse-lhe o meu nome verdadeiro, mas depois pensei em Callie, por isso disse-lhe que era o meu segundo nome e pedi-lhe que me chamasse antes assim. Então, ele disse: «Está bem, Callie, aposto que estás com fome. Vamos lá arranjar-te comida e limpar-te as roupas.» Não me fez muitas perguntas. Falou principalmente sobre abelhas.

– Isso é típico dele.

– Quando acabei de comer, perguntou-me aonde é que eu ia. Não sabia, por isso ele disse-me que ia pôr lençóis limpos na cama no quarto de hóspedes e que eu podia ficar até saber o que ia fazer. Era quase como se ele estivesse à espera que eu aparecesse. Lembro-me que uma manhã, depois de me ter dado o pequeno-almoço, me perguntou se o queria ajudar com as abelhas. Mandou-me vestir um fato protetor, mas ele não usou um. Disse-me que as abelhas eram amigas dele e confiavam nele. Achei que ele devia ter dito o contrário – que *ele* confiava *nelas*, mas não foi o que disse. Continuo a achar que é um bocado esquisito, não lhe parece?

Sorri. – Parece. Mas ele costumava dizer-me a mesma coisa.

Ela assentiu com a cabeça. – Seja como for, ao fim de duas semanas, falou-me do Trading Post. Quando eu disse que nunca tinha trabalhado

numa loja, ele disse que não fazia mal. Então, metemo-nos na carrinha dele e ele entrou na loja comigo e praticamente convenceu o Claude a dar-me emprego. A seguir, depois de eu ter poupado algum dinheiro, ele deu-me mais algum para eu poder mudar-me para a caravana. Também me ajudou na mudança, não que eu tivesse muita coisa para levar. Mas ele tinha alguma mobília extra, como o Claude, mais tarde, depois de a caravana arder.

Callie tinha-me contado muitas coisas que eu não sabia, embora nenhuma delas me surpreendesse.

– Ele deu-te realmente o número de segurança social da minha avó?

Ao fim de um momento, ela abanou a cabeça. – Não. Encontrei o cartão numa caixa debaixo da cama na primeira noite que lá fiquei. Arrependo-me de o ter tirado, mas não sabia que mais fazer. Sabia que os meus pais poderiam encontrar-me se eu usasse o meu.

– Como é que sabias isso?

– Pela televisão – disse ela, encolhendo os ombros. – Pelos filmes. Também foi a razão pela qual não trouxe o meu telemóvel e vim de autocarro e mudei de nome.

– Muito esperta – disse eu, com uma ponta de admiração.

– Resultou – disse ela. – Até o Trevor descobrir.

– Posso fazer-te mais umas perguntas?

– Porque não? – Parecia resignada. – Provavelmente vai descobrir tudo, de qualquer maneira.

– Porque é que escolheste o nome Callie?

– Porque sou da Califórnia.

– A sério?

– Nasci em San Diego. O meu pai era da Marinha.

Outro pormenor que eu não sabia, mas que, provavelmente, não era importante.

– Como é que o meu avô soube que estavas doente?

– Oh, sim. Nem tenho a certeza se estava doente nessa altura. Ou talvez estivesse. Não sei. De qualquer maneira, desmaiei quando estava a ajudá-lo a colher o mel. Quando recobrei os sentidos, ele disse-me que lhe tinha pregado um susto de morte. Tentou obrigar-me ir a um médico, mas eu recusei. Achei que me iam fazer demasiadas perguntas. O que acabou por ser verdade, sabe?

Ergui uma sobrancelha, a pensar que ela era mais madura do que eu imaginara. Duvidava que tivesse sido capaz de fazer tudo o que ela fizera quando tinha a idade dela. Com tudo isso, porém, só faltavam algumas perguntas óbvias.

– Suponho que depois de a tua família vender a casa, o teu pai arranjou emprego em Helen, certo?

– Fugi antes de eles mudarem de casa, mas o plano era esse. O meu pai arranjou emprego como gerente de um hotel lá.

Perguntei-me se seria o hotel onde eu tinha ficado; perguntei-me se seria o homem que me emprestara a esferográfica nessa manhã. – Como é que o meu avô soube que a tua família estava em Helen?

– Uma noite, eu estava com muitas saudades de casa. A Heather e a Tammy são gémeas, e era o dia de anos delas e eu estava a chorar porque sentia saudades delas. Não sei como, acho que mencionei que só queria estar com elas em Helen. Não pensei que ele me tivesse ouvido ou soubesse o que é que eu estava a dizer, mas suponho que ouviu. – Desviou o olhar, e adivinhei que tinha mais alguma coisa a acrescentar. Uni as mãos e ouvi-a suspirar.

– Eu gostava mesmo do seu avô – disse ela. – Ele queria o meu bem, sabe? Como se se preocupasse mesmo comigo, embora não tivesse razão para isso. Quando morreu, fiquei muito triste. Deu-me a sensação de que tinha perdido a única pessoa nesta cidade em quem confiava realmente. Fui ao funeral dele, sabe?

– Foste? Não me lembro de te ver.

– Fiquei lá atrás – disse ela. – Mas, depois de toda a gente ter ido embora, deixei-me ficar por ali. Agradeci-lhe e prometi que tomava conta das abelhas.

Sorri. – Sei que ele também gostava de ti.

Ela manteve-se em silêncio e por fim levei a mão ao bolso, tirei o telemóvel e pousei-o na cama ao lado dela. Callie fitou-o sem estender a mão para ele.

– O que é que achas de telefonares aos teus pais? – disse eu.

– Tem de ser? – perguntou ela em voz baixa.

– Não. Não vou obrigar-te a fazer isso. Mas ou falas com eles ao telefone ou a polícia aparece-lhes à porta de casa, o que poderia ser assustador para eles.

– E a polícia vai dizer-lhes, de certeza? Mesmo que eu não queira?

– Sim.

– Por outras palavras, não tenho opção.

– É claro que tens opção. Mas mesmo que não lhes telefones eles vão aparecer aqui. Vais vê-los, quer queiras quer não.

Ela pôs-se a roer uma unha. – E se eles ainda me odeiam?

– Não me parece que alguma vez te tenham odiado. Penso que estavam só a debater-se com a dor do luto, como tu. As pessoas fazem-no de maneiras diferentes.

– Fica aqui comigo? Para eles poderem falar consigo se precisarem? Ou se eu precisar que fale com eles por eles começarem a berrar ou a desatinar? E talvez pudesse estar aqui amanhã também?

– É claro que sim – respondi.

Ela mordeu o lábio. – Acha que podia fazer-me outro favor também? – Tocou automaticamente no seu cabelo desgrenhado. – Podia ir comprar-me umas coisas à drogaria? Estou com um aspeto horrível.

– Do que precisas?

– Sabe... maquilhagem. Uma escova do cabelo, um desmaquilhante e creme para as mãos. – Fitou as cutículas irregulares com repulsa.

Assenti com a cabeça e anotei a lista de produtos no meu telemóvel enquanto ela a recitava. – Mais alguma coisa?

– Não – disse ela. – Acho que devia telefonar-lhes, não é?

– Provavelmente. Mas quero que saibas uma coisa primeiro.

– O quê?

– Estou orgulhoso de ti.

CAPÍTULO 21



Fiquei com Callie enquanto ela fez a chamada. Naturalmente, os seus pais ficaram simultaneamente chocados e encantados ao ouvirem a filha. Depois de arquejos de incredulidade e soluços de júbilo, tinham uma série de perguntas, a muitas das quais Callie prometeu responder mais pormenorizadamente quando eles chegassem. Mas quando Callie me passou o telemóvel para as mãos, o alívio inicial deles foi substituído pelo temor quando expliquei quem era e os informei sobre o diagnóstico e o prognóstico da sua filha. Prometi-lhes que os médicos de Callie os poriam a par de todas as opções de tratamento quando chegassem a New Bern, e que era essencial que viessem mal fosse possível para se explorarem todos os recursos terapêuticos de Callie.

Também pus o chefe Robertson ao corrente da situação e disse-lhe que podia contactar o GBI e a polícia de Decatur e dar-lhes a notícia de que Callie tinha sido localizada e já contactara os pais. No fim do telefonema, ele perguntou-me se podia mantê-lo informado sobre o estado de Callie e – com a autorização dela – prometi fazê-lo.

Durante o resto da tarde continuei a fazer-lhe companhia, ouvindo-a recordar espontaneamente a sua vida antes de Roger morrer, a partilhar os pormenores da vida normal de uma adolescente. Era como se o dique imposto pelo isolamento e secretismo do último ano tivesse subitamente rebentado, libertando um caudal de nostalgia pela vida que ela tinha perdido durante todo este tempo. Dos torneios regionais de voleibol aos hábitos do labrador dela, passando pelos nomes dos seus professores preferidos no secundário e o rapaz com quem andara durante pouco tempo, os dados da sua vida pessoal foram jorrando ao acaso ao longo das várias horas seguintes, pintando um quadro quase surpreendente na sua normalidade. Dei comigo a maravilhar-me com a coragem e a independência que ela

desenvolvera desde a sua fuga, já que nada na existência plácida e relativamente monótona que ela descrevia poderia tê-la preparado para as provações com que se deparou como fugitiva.

Estava com ela quando a doutora Nobles passou no quarto durante a sua ronda e observei em silêncio enquanto Callie finalmente relatava a verdade sobre si mesma. Evitando o olhar da médica e a torcer uma parte do lençol num rolo apertado, pediu desculpa por ter mentido. Quando acabou de falar, a doutora Nobles apertou-lhe a mão.

– Vamos só tentar pôr-te melhor, está bem? – disse.

Eu sabia que a família de Callie planeava fazer a viagem de carro durante a noite e chegaria ao hospital de manhã cedo. Callie obrigou-me a prometer mais uma vez que estaria lá, e garanti-lhe que ficaria o tempo que ela precisasse. Quando a escuridão da noite se abateu sobre o parque de estacionamento que se via da janela do quarto, perguntei-lhe se queria que ficasse até acabar o período de visita. Ela abanou a cabeça.

– Estou cansada – disse, recostando-se nas almofadas. – Eu fico bem agora. – De algum modo, acreditava nela.

Quando cheguei a casa, sentia-me absolutamente esgotado. Telefonei a Natalie, mas a chamada foi para o correio de voz. Deixei uma mensagem breve, a informá-la de que a família de Callie chegaria de manhã, para o caso de ela os querer conhecer, e de que já tinha falado com o chefe Robertson. Depois disso, atirei-me para cima da cama e só acordei na manhã seguinte.



A caminho do hospital no dia seguinte, parei na drogaria. Com a ajuda de uma das funcionárias, gastei uma pequena fortuna em produtos de beleza, uma escova do cabelo e um espelho de mão. Ao entregar o saco a Callie, vi a expressão tensa do seu rosto e que beliscava nervosamente o cabelo, a pele dos braços, os lençóis.

– Que tal dormiste? – perguntei, sentando-me ao lado da cama dela.

– Não dormi – disse ela. – Dá-me a sensação de ter estado a olhar para o teto a noite toda.

– É um grande dia. Para todos.

– O que é que faço se eles estiverem furiosos e começarem a berrar?

– Se tiver de ser, eu farei de mediador, está bem? Se as coisas se descontrolarem, quero dizer. Mas eles ficaram contentes quando falaram contigo ontem, certo? Não me parece que vão berrar contigo.

– Mesmo que se sintam felizes por eu estar viva... – Fez uma pausa para engolir em seco, com uma expressão rígida. – Lá no fundo, ainda me culpam pela morte do Roger.

Como não tinha a certeza do que responder, mantive-me calado. No silêncio, Callie remexeu no saco com a mão livre, a inspecionar o que eu tinha comprado.

– Precisas que segure o espelho?

– Não se importa?

– Nada – disse eu, pegando nele. Quando Callie viu o seu reflexo, estremeceu.

– Estou com um ar horrível.

– Não estás nada – disse eu. – És uma rapariga muito bonita, Callie.

Ela fez um esgar enquanto passava a escova pelo cabelo e depois começou a aplicar a maquilhagem. Embora eu duvidasse que o seu aspeto fizesse alguma diferença para a família, parecia fazer com que Callie se sentisse melhor em relação a si mesma, e isso era o que importava.

Ela parecia saber o que estava a fazer, e no final fiquei surpreendido com a sua transformação. Quando ficou satisfeita com o resultado, voltou a meter os produtos no saco e pousou-o em cima da mesa de cabeceira.

– Que tal estou? – perguntou, cética.

– Linda. E agora pareces de facto ter dezanove anos.

Franziu a testa. – Estou tão pálida...

– És demasiado crítica.

Olhou na direção da janela. – Não estou preocupada com a minha mãe ou as minhas irmãs – disse. – Mas tenho um bocadinho de medo de como o meu pai vai reagir.

– Porquê?

– Eu não lhe contei isto, mas já antes de o Roger morrer não estávamos a dar-nos lá muito bem. Ele é uma pessoa bastante calada e não costuma mostrar muita emoção, até ficar zangado. E zangava-se muitas vezes, mesmo antes de o Roger morrer. Não gostava das pessoas com quem me dava, achava que eu podia ter melhores notas, não lhe agradava o que eu

vestia. Metade do tempo, eu estava de castigo. Detestava aquilo.

– Acontece à maior parte dos adolescentes.

– Não tenho a certeza se quero voltar – confessou, o receio a tingir-lhe a voz. – E se as coisas estiveram tão más como antes?

– Penso – disse eu – que o melhor é encarares as coisas um passo de cada vez. Não tens de tomar uma decisão neste momento.

– Acha que eles vão estar furiosos comigo? Por fugir de casa e não lhes telefonar?

Como não queria mentir-lhe, assenti com a cabeça. – Sim. Em parte vão estar furiosos. Mas também se vão sentir empolgados por te ver. E vão estar preocupados por tu estares doente. Penso que vão sentir uma série de coisas diferentes ao mesmo tempo. Palpita-me que se vão sentir dominados pela emoção, o que é algo a ter em mente quando falares com eles. Mas a questão mais importante neste momento é: Como é que tu te estás a sentir?

Callie refletiu sobre a resposta. – Sinto-me empolgada por vê-los, mas ao mesmo tempo estou com medo.

– Eu também sentiria medo – disse eu. – Isso é normal.

– Só quero...

Parou de falar, mas não precisava de terminar a frase. Eu via na sua expressão o que queria, porque era a mesma coisa que todos os filhos querem. Queria ser amada pelos pais. Aceite. Perdoada.

– Há mais uma coisa que poderias ter em consideração – acrescentei ao fim de um momento.

– O quê?

– Se queres que os teus pais te perdoem, então também vais ter de perdoar a ti mesma.

– Como? – quis saber. – Depois do que eu fiz?

– Perdoar não significa esquecer ou deixar de desejar que se pudesse alterar o passado. Significa principalmente aceitar a ideia de que não se é perfeito, porque ninguém é perfeito. E podem acontecer coisas terríveis a qualquer pessoa.

Ela baixou os olhos e no silêncio que se seguiu vi que estava a debater-se com aquela ideia. Seria necessário tempo – e, provavelmente, bastante aconselhamento psicológico – para ela chegar lá, mas era um percurso que teria de fazer para sarar e prosseguir com a sua vida. Contudo, não continuei a insistir no assunto; nesse momento, ela tinha desafios mais

imediatos a enfrentar.

Para evitar que ela continuasse a pensar no óbvio, desviei a conversa para terreno mais fácil. Partilhei as minhas impressões de Helen e mostrei-lhe algumas fotografias no meu telemóvel para ela poder visualizar a cidade mais facilmente; sugeri que, se tivesse oportunidade, devia ir comer o *Wiener schnitzel* no Bodensee. E, pela primeira vez, falei-lhe sobre Natalie, sem lhe contar tudo, mas apenas o suficiente para que ela soubesse o quanto significava para mim.

Durante uma pausa na conversa, ouvi vozes a erguerem-se no corredor; ouvi o nome Karen Johnson e o som de passos a aproximarem-se. Pus-me de pé, voltei a pôr a cadeira do outro lado do quarto e olhei para Callie. Estava com uma expressão desesperada.

– Estou com medo – disse, com um tom de pânico na voz. – Eles vão odiar-me.

– Eles nunca te odiaram – disse, a acalmá-la. – Tenho a certeza disso.

– Nem sei o que dizer...

– Vai ocorrer-te no momento. Mas queres um conselho? Conta-lhes a verdade sobre tudo.

– Eles não querem a verdade.

– Talvez não – disse eu. – Mas é o melhor que podes fazer.

Eu estava de pé quando uma das enfermeiras conduziu a família de Callie para dentro do quarto, onde estacaram de repente, como que incapazes de processarem o que estavam a ver. Louise vinha à frente, ladeada por Tammy e Heather. Senti quatro pares de olhos a mirarem-me de relance antes de se fixarem na rapariga que fugira de casa mais de um ano antes. Enquanto se debatiam com a vaga de emoções, reparei como Callie se parecia com Louise, a mãe. Tinham a mesma cor de cabelo e de olhos, a mesma estatura franzina e pele pálida. Duvidava que ela fosse muito mais velha do que eu. Curtis parecia também andar pelos trinta e tal, mas era mais alto e mais entroncado do que eu esperava, com uma barba áspera e olhos encovados. Olhou-me com perplexidade, como que a perguntar-se se eu seria alguém oficial a quem devesse dirigir-se, mas abanei a cabeça.

Callie falou em voz baixa. – Olá, mãezinha.

As palavras bastaram para quebrar o feitiço, e Louise correu de repente na direção da cama, com as lágrimas já a inundarem-lhe os olhos. Heather e Tammy seguiram-na, a soltar um grito coletivo de excitação. Não eram

gémeas idênticas, nem eram nada parecidas uma com a outra. Como cachorrinhos delirantes de alegria, praticamente treparam para cima da cama de Callie quando se debruçaram para a abraçar e lhe fazer festas. De onde eu estava, ouvia Louise repetir *Não posso crer* e *Temos estado tão preocupados* uma e outra vez enquanto acariciava o cabelo da filha e lhe agarrava as mãos, as lágrimas a correrem-lhe livremente pelas faces. Curtis, entretanto, continuava imóvel, como que paralisado.

Por fim, ouvi de novo a voz de Callie. – Olá, paizinho – disse, por baixo de um enxame de braços. Curtis acenou ligeiramente com a cabeça e aproximou-se da cama. As gémeas afastaram-se, a dar espaço ao pai, e viraram-se para ele na expetativa. Hesitando, ele inclinou-se para a frente.

Callie sentou-se mais direita e pôs o braço livre à volta do pescoço dele.

– Desculpa ter fugido e não ter telefonado – disse num murmúrio entrecortado. – Senti tantas saudades de todos. Gosto tanto de vocês.

– Eu também senti muitas saudades tuas, minha doçura – disse ele, com a voz embargada de emoção. – E também gosto muito de ti.



Fiquei com Callie, mantendo-me em silêncio enquanto ela contava a sua história e respondia à série interminável de perguntas deles. Algumas eram importantes (*Porque é que fugiste?*) e outras triviais (*O que é que almoçavas todos os dias?*). Curtis perguntou mais do que uma vez porque é que ela nunca tentara contactá-los, nem que fosse para que eles soubessem que ela ainda estava viva. Embora Callie fosse franca, nem sempre foi uma conversa fácil. A dor deles, assim como a de Callie, era tangível e ainda fresca, mesmo apesar do júbilo do reencontro. Eu via que ainda tinham pela frente o verdadeiro trabalho de sararem como família, isto supondo que Callie recuperaria completamente da sua doença. Embora já não fosse a rapariga que era quando fugiu de casa um ano antes, as vidas deles continuariam ligadas numa tragédia com que nenhum deles se conformara ainda – sobretudo a própria Callie.

Quando saí do quarto para poderem continuar a sua conversa com alguma privacidade, rezei interiormente para que lhes fosse concedida a coragem de enfrentar os meses e os anos futuros. Ao atravessar o corredor deste hospital

que me era agora familiar, não pude deixar de pensar como era estranho que eu me tivesse envolvido tão profundamente na vida de uma rapariga de quem nunca ouvira falar até há dois meses.

No entanto, a parte mais estranha de toda a experiência era ouvir a família dela usar o nome Karen uma e outra vez, um nome que não parecia adequar-se à rapariga que eu acabara por conhecer.

Para mim, afinal, ela seria sempre a Callie.



No dia seguinte, a doutora Nobles disse-me que tinha passado quase uma hora com a família depois de eu ter saído, a tentar explicar-lhes o problema de saúde de Callie de uma maneira que eles conseguissem compreender facilmente. O pai e a mãe, bem como as irmãs de Callie, aceitaram submeter-se a testes de medula óssea. Devido à gravidade do estado dela, o laboratório já prometera enviar os resultados com urgência; provavelmente, saberiam dentro de um ou dois dias se algum deles tinha um HLA suficientemente compatível, o que prepararia o terreno para mais testes. Se houvesse compatibilidade, Callie teria de ser transferida para Greenville para fazer o resto do tratamento. A doutora Nobles também os pôs em contacto com a doutora Felicia Watkins, a oncologista do Vidant, e assegurou-lhes que o hospital estaria pronto para receber Callie. Para esse fim, depois de falar com a doutora Nobles, reservei e paguei os quartos de hotel para a família ficar em New Bern durante essa semana, bem como mais duas semanas num hotel em Greenville. Era o mínimo que podia fazer, tendo em conta a imensa preocupação deles com Callie e os problemas por estarem tão longe de casa.

Como Curtis e Louise tinham ouvido mencionar o meu nome com frequência no decurso da conversa com Callie, sentiam-se naturalmente curiosos por saber mais sobre mim. Quando passei pelo quarto de Callie depois do meu encontro com a doutora Nobles, tive todo o prazer em fazer-lhes um breve resumo de como acabara por viver em New Bern nos últimos meses, omitindo no entanto os aspetos mais complicados da minha carreira militar e da minha recuperação. Pude também contar-lhes o que ficara a saber sobre a amizade de Callie com o meu avô e descrever-lhes o tipo de

homem que ele era. Sentia-me triste por ele não estar ali para conhecer finalmente os pais de Callie, mas, de certo modo, sentia que estava a ver esta reunião lá do Céu, contente por eu ter levado a cabo a sua missão.

Natalie tinha respondido à minha mensagem da noite anterior e quando passou pelo hospital mais tarde apresentei-a a Callie e a família dela. Conferenciou em privado com eles durante uns vinte minutos, a assegurar-se de que tinha todos os pormenores exatos para o relatório que teria de apresentar. À saída, procurou-me na sala de espera e perguntou-me se tinha tempo para tomar um café.

Na cafetaria, sentou-se em frente a mim, com um ar todo oficial no seu uniforme e tão linda como sempre. Com as nossas chávenas de café fraco entre as mãos, descrevi as longas horas que passara com Callie, a encaixar as peças da história dela e a presenciar o reencontro difícil com a família.

– Bem vistas as coisas, acho que foi um final feliz – disse ela.

– Até ao momento. Agora, depende das análises.

– Seria trágico para os pais encontrarem-na só para a perderem de novo.

– Sim – disse eu. – Mas tenho fé que resultará.

Natalie sorriu. – Consigo compreender porque estavas tão decidido a ajudá-la. Ela é... fascinante. Custa a crer que só tenha dezasseis anos. É mais madura do que muitos dos adultos que conheço. Pergunto-me como se adaptará a viver de novo com a família e a ir para a escola e fazer as coisas normais que os adolescentes fazem.

– Vai ser uma adaptação, com certeza. Talvez precise de se acostumar, mas tenho a sensação de que vai ficar bem.

– Também acho. Oh, já agora, o teu avô era um homem muito esperto.

– Em que sentido?

– Se tivesse dito o nome Callie no hospital, poderíamos nunca ter descoberto quem ela era realmente. Nunca teríamos tentado encontrar uma Karen.

Pensei naquilo, apercebendo-me de que ela tinha razão. O meu avô não parava de me espantar.

– O Robertson também tinha razão – prosseguiu ela. – Quando nos disse que podíamos ter encontrado a informação. Visitei o *site* do GBI e demorei menos de cinco minutos a encontrá-la, com o primeiro nome dela e sabendo o aspeto que tinha. Não precisávamos de ter ido à Geórgia.

– Mas sinto-me contente que tenhamos ido – disse eu. – De outro modo,

talvez não voltasse a ver-te.

Ela fitou a sua chávena de café. – Vou sentir a tua falta.

Eu também. Mais do que alguma vez saberás. – Penso que vou colher algum do mel antes de partir. Queres vir ajudar-me? Mostro-te como girar e filtrar os favos e, se tiveres sorte, até te deixo levar uns frascos para casa.

Natalie hesitou e depois disse: – Não acho que seja lá muito boa ideia. Saber que vais partir já é suficientemente duro.

– Então é assim? O nosso último adeus?

– Não quero pensar nisso dessa forma.

– Como queres pensar então?

Ela fez uma pausa, a refletir. – Quero recordar o nosso tempo juntos como um sonho lindo – disse por fim. – No momento, foi forte e real e completamente absorvente.

Mas depois tens de acordar, pensei. – Provavelmente, vou ter de voltar a New Bern de vez em quando para verificar a casa e as colmeias. Gostavas que te contactasse quando estiver cá? Talvez pudéssemos encontrar-nos para almoçar ou jantar ocasionalmente.

– Talvez... – Mas tive a sensação de que preferiria que eu não o fizesse. De qualquer modo, alinhei no jogo.

– Eu digo-te, então.

– Obrigada. Quando achas que vais partir?

– Daqui a duas semanas, provavelmente. Quero ter tempo para me instalar antes de começar o meu programa.

– É claro – disse ela.

– E tu? Tens planos para o verão?

– O costume – respondeu. – Provavelmente, vou passar alguns fins de semana aqui e outros com os meus pais na praia.

Custava-me ouvir como a nossa conversa era artificial e perguntei-me por que motivo falarmos um com o outro parecera tão mais fácil alguns dias antes. Não era assim que imaginara a nossa despedida, mas, tal como ela, não sabia como alterar as coisas.

– Se alguma vez fores a Baltimore ou a Washington, diz-me. Teria todo o prazer em mostrar-te as vistas. Podíamos ir ao Smithsonian.

– Assim farei – prometeu, embora ambos soubéssemos que não o faria. Ao dizer aquilo, os lábios tremiam-lhe.

– Natalie...

– Devia ir indo – disse ela, pondo-se de pé de repente. – Tenho de voltar para o trabalho.

– Eu sei.

– Vou passar pela casa do teu avô de vez em quando na tua ausência. Para me assegurar de que não é ocupada por vagabundos.

– Agradeço-te.

Saímos da cafetaria e acompanhei-a até à entrada principal, embora não tivesse a certeza de que ela o quisesse.

Ao chegarmos às portas, segui-a até lá fora, a pensar que tudo isto estava a acontecer demasiado depressa. Sem conseguir conter-me, peguei subitamente na mão de Natalie. Ela parou, virou-se para mim e ao ver as lágrimas começarem a gotejar-lhe das pestanas senti um nó apertado na garganta. Embora soubesse que não devia, inclinei-me, os meus lábios tocaram delicadamente nos dela e depois pus os braços à volta do seu corpo. Beijei a cabeça dela e puxei-a para mim.

– Eu compreendo, Natalie – murmurei, com os lábios encostados ao seu cabelo. – Compreendo mesmo.

– Lamento tanto – segredou-me em resposta, com o corpo a tremer contra o meu.

– Amo-te, e nunca te esquecerei.

– Eu também te amo.

O sol estava alto e brilhante, o ar abafado com a humidade e o calor. Tive a vaga consciência de que passou um homem por nós com um ramo de flores; uma senhora idosa numa cadeira de rodas foi empurrada cá para fora daí a uns segundos. Dentro do hospital, havia mulheres a dar à luz crianças que teriam toda a vida à sua frente, enquanto que outros pacientes estavam a chegar ao fim da deles. Era um dia comum, mas nada era comum para mim, e, com as lágrimas a fazerem-me arder os olhos, só queria que este momento durasse para sempre.



Daí a dois dias, a doutora Nobles informou-me de que a medula óssea de Heather tinha seis antígenos compatíveis; a de Tammy cinco dos seis. Já estavam em curso outros exames e análises, mas a doutora Nobles sentia-se

confiante de que a compatibilidade estava assegurada.

Mais tarde nessa mesma semana, a doutora Nobles confirmou a compatibilidade e também que tanto a transferência para o outro hospital quanto o transplante estavam marcados para uma data na semana seguinte, quando eu já estaria em Baltimore. Embora se previssem sem dúvida alguns riscos e Callie tivesse de continuar a tomar medicação durante vários anos, a doutora Nobles sentia-se otimista de que a longo prazo ela poderia vir a ter uma vida normal.

Continuei a passar algum tempo com Callie e a sua família no hospital até à minha partida; quando não estava lá, estava a fazer as malas e a preparar a casa para ficar vazia. No meu último dia completo em New Bern, uma equipa de limpeza esfregou a casa de alto a baixo e os lençóis e as toalhas foram guardados em sacos de plástico para evitar o bolor e o pó. Voltei a encontrar-me com a administradora da propriedade e o construtor civil, supervisionando a entrega dos materiais do telhado e do chão e o seu armazenamento no celeiro.

Também colhi o mel. Guardei vários frascos para mim, vendi grande parte a Claude e deixei também alguns na soleira da porta de Natalie. Contudo, não bati à porta nem lhe telefonei.

Pensava nela constantemente; acordava com a recordação do seu perfume e do seu sorriso; ela era a última imagem que eu via antes de fechar os olhos à noite. Ao longo dos dias que me restavam em New Bern, perguntava-me o que ela estaria a fazer e onde estaria. Já não me sentia completo, como se parte de mim tivesse ficado oca, deixando apenas um vazio doloroso. Antes de Natalie, acreditava que com amor tudo era possível. Agora compreendo que, por vezes, o amor não é suficiente.



Só quando já estava a viver em Baltimore há três dias é que encontrei a carta que Natalie tinha deixado para mim, metida numa das caixas com livros que estavam na parte de trás do meu carro. A princípio, não consegui identificar o envelope e pensei em deitá-lo fora. Contudo, quando vi que estava fechado, a minha curiosidade levou a melhor. Reconhecer a assinatura dela no fundo da carta cortou-me subitamente a respiração.

Dirigi-me como um *zombie* para a sala de estar e sentei-me no meu novo sofá. Ainda era de dia, a luz jorrava pelas portas envidraçadas e, no silêncio do meu novo apartamento, comecei finalmente a ler.

Querido Trevor,

Estou a escrever esta carta porque não sei bem que mais fazer. Não sei quando a encontrarás, já que tive de a meter à socapa numa das caixas que tinhas embalado. Por outro lado, como já deixaste frascos de mel na soleira da minha porta por duas vezes sem me avisares que estiveste junto a minha casa, calculei que talvez te agradasse a ideia de teres tido uma visita secreta.

Queria dizer-te que, pela primeira vez na minha vida, compreendo verdadeiramente o que as pessoas querem dizer quando dizem «apaixonei-me perdidamente». Porque, quando me apaixonei por ti, não aconteceu de forma tranquila, ao longo de um certo tempo, não era sequer nada que eu quisesse. Olhando para trás, é como se tivesse passado os últimos catorze meses no parapeito de um edifício. Estava em equilíbrio precário e a fazer tudo o que podia para me manter ali bem firme. Se não me mexesse, se conseguisse de alguma maneira manter-me perfeitamente concentrada, ficaria bem. Mas depois, do nada, tu apareceste. Chamaste-me lá de baixo e eu dei um passo para fora do parapeito... e depois estava a despenhar-me, até ao momento em que tu me apanhaste nos braços.

Trevor, apaixonar-me por ti foi uma das experiências mais extraordinárias da minha vida. Por muito duro que seja agora para mim – e atormento-me constantemente com a dúvida de ter tomado ou não a decisão certa – não a trocaria por nada. Fizeste-me sentir mais plenamente viva, algo que não experimentava há uma eternidade. Até tu apareceres, eu não tinha a certeza se alguma vez voltaria a sentir-me assim – e mais – ainda.

O meu desejo por ti dá-me a sensação de ser inextinguível, desmesurado. Mas a verdade é que o desejo tem um preço terrível. Não posso permitir-me querer que o meu marido morra, nem seria capaz de viver comigo própria se me divorciasse dele, quanto mais não fosse por ele não ter sequer a capacidade de me tentar demover.

Se fizesse uma dessas duas coisas, não seria a mesma mulher por quem te apaixonaste; fazer uma ou a outra mudar-me-ia para sempre. Transformar-me-ia numa vilã, numa pessoa que eu não conseguiria reconhecer e não tenho o mínimo desejo de ser. E, claro, não poderia fazer-te isso a ti também.

Esta foi a razão pela qual não pude ver-te de novo depois de nos despedirmos no hospital; esta é a razão pela qual seria melhor se não voltássemos a encontrar-nos quando regressares à cidade. Sei o quanto me amas, e, se voltasses a pedir-me para ir contigo, penso que não seria capaz de resistir. Se voltares a pedir, eu vou ter contigo; se deres o mínimo sinal desse desejo, apareço-te à porta de casa. Mas por favor – por favor, por favor, por favor – não deixes nunca que me torne a vilã da minha própria história. Suplico-te que nunca me ponhas nessa posição. Em vez disso, deixa que continue a ser a mulher que conheceste e amaste, a mesma mulher que se apaixonou perdidamente por ti.

Embora não faça ideia do que o futuro reserva a cada um de nós, quero que saibas que o tempo que passámos juntos, por mais breve que tenha sido, será sempre precioso para mim. De certo modo, quero que saibas que sempre acreditarei que tu me salvaste. Se não tivesses aparecido, penso que uma parte vital e preciosa de mim simplesmente teria secado e murchado; agora, com as nossas recordações a sustentarem-me – com as minhas recordações de ti – sinto finalmente que sou capaz de continuar. Obrigada por isso. Obrigada por tudo.

Já sinto a tua falta. Sinto falta das tuas provocações e das tuas piadas terríveis e do teu sorriso ligeiramente torto, até mesmo das tuas tentativas tontas de me fazer revirar os olhos. Acima de tudo, sinto falta da nossa amizade e da maneira como me fizeste sempre sentir que era a mulher mais desejável do mundo. Amo-te, e, se estivesse a viver uma vida diferente, seguir-te-ia para qualquer parte.

Amo-te,
Natalie

Quando acabei de ler a carta, levantei-me do sofá e fui até à cozinha em passos incertos. Abri o frigorífico, encontrei uma cerveja e bebi um longo

gole. Depois, voltando para a sala, pus-me a olhar lá para fora pela porta envidraçada, a imaginar onde Natalie poderia estar naquele preciso momento – talvez a visitar os pais na casa de praia e a dar um passeio longo e tranquilo à beira-mar. De vez em quando, pararia para olhar para uma concha ou talvez para seguir o voo de uns pelicanos a rasarem as ondas. Talvez, queria acreditar, estivesse a recordar-me naquele mesmo instante, a acalentar o nosso amor como um segredo reconfortante no seu mundo a outros respeitos desapiedado.

Sentia-me contente por ela me ter escrito a carta e perguntava-me se quereria uma carta em resposta. Talvez lhe escrevesse; ou, porque poderia tornar as coisas ainda mais difíceis para ela, talvez não o fizesse. Não tinha a energia necessária para tomar essa decisão.

Voltei para o sofá e pousei a cerveja na mesa. E, com um suspiro, comecei a ler a carta de novo.

EPÍLOGO



Embora tenha começado muitas cartas para Natalie, acabei por nunca enviar nenhuma. Durante as minhas visitas regulares mas pouco frequentes a New Bern, também não a procurava nem lhe telefonava. Ocasionalmente, ouvia certas coisas, geralmente pessoas a falarem em voz baixa sobre como devia ser duro para ela ou se de alguma maneira ela conseguiria seguir em frente. Sempre que ouvia esses comentários, sentia uma dor profunda ao pensar que a vida dela se mantinha num estado de suspensão permanente.

Para mim, seguir em frente significou cinco anos de internato hospitalar, longas horas de trabalho e completar a prática clínica suficiente para terminar o programa. Embora originalmente pensasse que o meu interesse residiria quase em exclusivo no tratamento da PSPT, descobri rapidamente que a PSPT era acompanhada com frequência por outros problemas. Os pacientes poderiam estar a debater-se ao mesmo tempo com dependência de drogas ou álcool ou a sofrer de depressão; outros ainda sofriam de distúrbio bipolar ou de vários outros distúrbios de personalidade. Aprendi que o tratamento de cada paciente é único e que, por mais que eu tentasse, não seria capaz de ajudar todas as pessoas. Durante o meu tempo em Baltimore, dois pacientes suicidaram-se e um outro foi preso depois de uma discussão num bar levar a uma acusação de homicídio em segundo grau. Esse paciente está atualmente atrás das grades, onde ficará um mínimo de nove anos. De vez em quando, envia-me uma carta a queixar-se de que não está a receber o tratamento de que necessita, e não duvido que tem razão.

Tenho achado o trabalho profundamente interessante, talvez mais do que esperava. À sua maneira, é um desafio intelectual maior do que a cirurgia ortopédica alguma vez foi, e posso afirmar com sinceridade que parto cheio de vontade para o trabalho todos os dias. Ao contrário de alguns dos outros

médicos residentes, tenho pouca dificuldade em distanciar-me dos pacientes ao fim do dia; levar consigo os fardos psicológicos acumulados dos outros é um peso insuportável para qualquer pessoa. De qualquer modo, há ocasiões em que não é possível alhear-me pura e simplesmente; mesmo quando alguns pacientes não podem pagar o tratamento, muitas vezes coloco-me à disposição deles.

Continuei a ter as minhas sessões com o doutor Bowen, embora ao longo do tempo se tenham tornado menos frequentes. Agora, falo com ele mais ou menos uma vez por mês e só raramente sinto algum dos sintomas físicos associados à PSPT. Durmo bem e as mãos já não me tremem desde o tempo que passei em New Bern, mas de vez em quando ainda sinto uma dor de tristeza por Natalie e pela vida que imaginei que teríamos construído juntos.

Quanto a Callie, houve telefonemas regulares a princípio, mas acabaram por se reduzir à ocasional mensagem, geralmente por volta do Natal. O transplante foi bem-sucedido e a saúde dela mantinha-se tão estável quanto possível, tendo em conta o seu estado, e voltara a viver com a família. Acabou o secundário e tornou-se higienista no consultório de um dentista. Não faço ideia de como ou quando conheceu Jeff McCorkle – deu a entender que era toda uma história por si só – e, enquanto espero na igreja que Callie se dirija para o altar, o meu lado cínico pergunta-se se não serão os dois demasiado jovens para se casarem. Um e outro têm só vinte e um anos e as estatísticas não pintam um quadro risonho a longo prazo para o seu casamento. Por outro lado, Callie sempre foi uma pessoa de extraordinária maturidade e determinação.

O que é mais importante é que ela – como eu – compreende perfeitamente que as voltas e reviravoltas da vida são impossíveis de prever.



Quando atravessei Helen de carro a caminho da igreja, dominou-me uma sensação de *déjà vu*. A cidade estava exatamente como da última vez que estivera aqui. Passei pela esquadra da polícia e pelo restaurante Bodensee e, apesar de já ir atrasado, parei em frente ao hotel onde Natalie me pedira que a abraçasse na nossa última noite juntos.

Agrada-me pensar que segui em frente desde então, e, de muitas maneiras, sei que sim. Com o internato e o programa completados, recebi múltiplas propostas em três estados diferentes. Tenho uma favorita, mas optar por ela depende até certo ponto do que acontecer hoje, mais tarde.

Do meu lugar, ouço murmúrios e vozes baixas das pessoas nos bancos a toda a volta; não resisto a virar a cabeça para ver cada pessoa que chega. Quando Natalie chega por fim, sinto que o meu coração para de bater por um instante. Está com um vestido lindo cor de pêssego e, embora tenha deixado crescer o cabelo, não parece ter envelhecido nos cinco anos em que não a vi. Observo-a a olhar em volta, à procura de um lugar vazio, e acaba por ser acompanhada a um lugar três filas à frente do meu. Enquanto fito a parte de trás da sua cabeça, agradeço em silêncio a Callie, que acedeu a estender o convite a Natalie a meu pedido.

Jeff ocupa o seu lugar junto ao altar, perto do padre, com três acompanhantes e um padrinho ao seu lado. A música começa, é *Lohengrin*, de Wagner, e Callie aparece à entrada da igreja. Ao seu lado está o pai, Curtis, bem barbeado e com um fato azul-escuro. Ambos sorriem, e todos nos levantamos a vê-los avançar em direção ao altar. Curtis beija a filha na face e senta-se ao lado de Louise, que já está a limpar os olhos. Tammy e Heather são damas-de-honor, ambas com vestidos cor-de-rosa iguais.

A cerimónia é tão tradicional como eu esperava, e Callie e Jeff são declarados marido e mulher. Os convidados aplaudem e sorrio ao ouvir também alguns assobios.

No banquete numa grande tenda branca, fico sentado a uma mesa com alguns dos primos de Callie, mais os respetivos cônjuges, e sorrio de cada vez que os convidados batem delicadamente com a colher no seu copo, a pedir mais um beijo de Callie e Jeff.

Callie dança com o marido e depois com o pai antes de as outras pessoas se juntarem a eles na pista. Consigo até arrancar uma dança a Callie, depois da qual ela me apresenta ao seu marido. Parece-me um jovem sério, e estão ambos apaixonados de uma maneira que é óbvia e faz inveja. Quando me afasto deles, ouço Jeff perguntar a Callie num murmúrio, intrigado: – Porque é que ele te chama Callie?

Pergunto-me o que ela lhe terá contado sobre o tempo que passou em New Bern ou se simplesmente terá omitido os pormenores. A longo prazo, suponho que não tem importância. Jeff, suspeitei, viria a saber de tudo,

porque os segredos são quase sempre impossíveis de guardar.



Pouco depois de começar o baile, vejo Natalie sair da tenda. Sigo-a e avisto-a perto de uma magnólia antiga. Quando me aproximo, a música do casamento torna-se quase inaudível, deixando-nos a sós na tarde calma de verão. Maravilha-me de novo o facto de não ter envelhecido, e continuar linda.

Lembro a mim mesmo que não devo esperar grande coisa. Cinco anos é muito tempo, e não tenho a mínima dúvida de que nos modificou aos dois. Parte de mim pergunta-se se ela me reconhecerá imediatamente ou se repararei numa fração de segundo de hesitação enquanto tenta recordar-se de quem sou. Também não sei exatamente o que lhe dizer, mas, quando me aproximo, Natalie vira-se para me olhar com um sorriso de reconhecimento.

– Olá, Trevor – diz. – Estava a pensar quanto tempo ias demorar a vir à minha procura.

– Sabias que eu estava aqui?

– Vi-te na igreja – diz ela. – Pensei em sentar-me ao teu lado, mas não queria tornar as coisas demasiado fáceis para ti.

Com essas palavras, aproxima-se mais de mim e, como se o tempo que passámos afastados se desvanecesse num abrir e fechar de olhos, abriga-se nos meus braços. Aperto-a contra mim, a absorver a sensação do seu corpo com reverência. Sinto o seu perfume familiar, sem me ter apercebido da falta que me fazia.

– É bom ver-te – segreda-me ao ouvido.

– A ti também. Estás linda.

Afastamo-nos e, pela primeira vez, consigo observá-la de perto. A não ser umas rugas muito ténues ao canto dos olhos e o seu cabelo maravilhosamente comprido, é a mesma mulher que me tem visitado nos meus sonhos ao longo dos últimos cinco anos. Embora tenha andado com algumas outras mulheres, cada uma dessas relações terminou ainda antes de ter hipótese de começar. Na altura, disse a mim mesmo que simplesmente não tinha a energia necessária para uma nova relação; ali com Natalie,

soube que na realidade estivera à espera dela.

– Então? Já és psiquiatra?

– Passei no exame da ordem o mês passado – respondo. – É oficial. E tu? Ainda trabalhas para o departamento do xerife?

– Já não – diz ela. – Podes não acreditar, mas agora sou dona de uma florista.

– Estás a brincar.

– Não estou. Fica no centro de New Bern.

– Como é que isso aconteceu?

– Vi que a loja estava à venda. Como o proprietário se ia reformar, não pediu muito dinheiro pelo trespasse e nessa altura eu já sabia que não queria continuar a ser delegada de xerife. Por isso, o proprietário e eu chegámos a um acordo.

– Quando é que foi isso?

– Há cerca de um ano e meio.

Sorrio. – Fico muito contente por ti.

– Eu também.

– Como é que está a tua família?

– Para além de os meus pais se terem reformado e terem ido viver para a beira-mar, não mudou grande coisa.

– Ainda os visitas regularmente?

– Vou à costa aos fins de semana de quinze em quinze dias. Eles passam o tempo todo lá agora. Venderam a farmácia e a casa em La Grange. E tu? Ainda vives em Baltimore?

– Para já. Estou a tentar decidir onde quero instalar-me.

– Estás a pensar em algum sítio em particular?

– Talvez – digo. – Ainda estou a avaliar as minhas opções.

– Ouvi dizer que há falta de psiquiatras na zona leste da Carolina do Norte.

– Ai sim? – digo. – Onde é que ouviste uma coisa dessas?

– Não me lembro bem. Oh, a propósito, mantive a casa do teu avô debaixo de olho. Quando era ajudante de xerife, quero dizer. Mas mesmo agora continuo a ir lá dar uma espreitadela de vez em quando.

– Foste ver as colmeias?

– Não – diz ela, com uma ponta de arrependimento. – E tu?

– Vou uma ou duas vezes por ano. Não precisam de grandes cuidados.

– Eu devia ter adivinhado. Têm tido o mel à venda no Trading Post nos últimos anos. É o único sítio na cidade onde se pode comprar.

– Ainda bem que te lembraste.

Com ambas as mãos, prende o cabelo num rabo de cavalo e depois solta-o. – A Callie estava mesmo bonita. Adorei o vestido dela. E parece que também se está a dar bem com a família.

– Foi uma cerimónia encantadora. Fico feliz por ela. Mas, e tu? Quanto tempo vais ficar em Helen?

– Só esta noite. Vim de avião esta manhã e aluguei um carro.

– E depois voltas para New Bern?

– Claro – diz ela. – A minha mãe está a substituir-me na loja, mas tenho a certeza de que está mortinha por voltar para a costa.

Pela primeira vez, reparo que não está a usar o fio ao pescoço, aquele em que trazia a aliança de casamento. Também não traz a aliança no dedo. – Onde é que tens a aliança?

– Já não a uso.

– Porquê?

– O Mark morreu – diz ela, olhando-me nos olhos. – Há dez meses. Pensam que foi uma embolia pulmonar.

– Lamento.

– Era um homem bom – diz ela. – O meu primeiro amor. – Faz um sorriso melancólico. – E suponho que voltas para Baltimore depois disto, não é?

– A seu tempo – digo. – Vou ter de preparar a mudança. Mas na verdade também vou para New Bern. É a época de colher o mel e acho que vou ficar lá por uns tempinhos. Vou ter entrevistas numa ou duas clínicas na zona.

– Em New Bern?

– Uma em New Bern e a outra em Greenville. Recebi propostas das duas, mas quero assegurar-me de que faço a escolha certa.

Ela fita-me e depois começa a sorrir.

– Talvez venhas a acabar por viver em New Bern?

– Talvez – respondo. – Olha, a propósito, andas com alguém neste momento?

– Não – diz ela com um sorriso tímido. – Quero dizer, ainda saí com alguns homens, mas a coisa não pegou. E tu?

– O mesmo – digo. – Tenho andado bastante ocupado nos últimos anos.

– Imagino – diz ela, com um sorriso mais rasgado.

Ao vê-lo, o meu coração estremece e aponto na direção da tenda. – Queres dançar?

– Adorava. – Surpreendendo-me só um pouco, dá-me o braço e começamos a dirigir-nos para a festa.

– Oh, e mais uma coisa – digo. – Se quiseres ajudar-me a colher o mel quando eu estiver em New Bern, adorava mostrar-te o processo. Talvez o momento seja mais propício desta vez.

– Quanto é que pagas?

Rio-me. – Quanto queres?

Finge pensar no assunto e a seguir vira de novo o olhar para mim. – Que me dizes a um jantar no alpendre das traseiras a seguir?

– Um jantar?

– Tenho a certeza de que me vai abrir o apetite.

– Parece-me uma troca justa. – Faço uma pausa, subitamente sério. – Senti a tua falta, Natalie.

À entrada da tenda, ela puxa-me para eu parar. Depois, sem hesitação, inclina-se para mim e beija-me, e a sensação é tão familiar como um regresso a casa.

– Também senti a tua falta – segreda ao entrarmos na tenda juntos.



AGRADECIMENTOS

Custa a crer que já passaram vinte e quatro anos desde a publicação do meu primeiro romance, O *Diário da Nossa Paixão*... e é ainda mais incrível pensar que muitos dos meus colaboradores, conselheiros e amigos dessa altura continuam a ser os mesmos ao fim de todo este tempo. É impossível exprimir adequadamente a gratidão que sinto pela equipa multifacetada que tem apoiado a minha longa carreira, mas tentarei mais uma vez:

Em primeiro lugar, à minha agente literária, Theresa Park, da Park & Fine Literary and Media: éramos uns miúdos quando encetámos esta viagem e aqui estamos agora, na meia-idade, vinte e dois livros depois. Dizer que partilhamos um cérebro, um coração e a mesma fonte de determinação é dizer pouco. Obrigado por seres a minha parceira criativa e apoiante inabalável ao longo de todos os estádios das nossas vidas aventureiras.

A equipa da Park & Fine é a representante literária mais sofisticada, pró-ativa e eficaz do setor. A Abigail Koons, Emily Sweet, Andrea Mai, Alex Greene, Ema Barnes e Marie Michels: são o pessoal mais perspicaz no mundo da edição e é um encanto trabalhar convosco. Aos novos membros da Park & Fine, Celeste Fine, John Maas, Sarah Passick, Anna Petkovich, Jaidree Braddix e Amanda Orozco – bem-vindos! Sinto-me encantado por ver a agência expandir-se e por poder aproveitar os vossos conhecimentos alargados.

Na Grand Central Publishing (anteriormente Warner Books, quando entrei para este negócio), o presidente Michael Pietsch continuou a apoiar a minha carreira literária, e tem-me demonstrado um apoio incansável. Trabalhar com o editor Ben Sevier e com a editora-chefe Karen Kosztolnyik

tem sido um verdadeiro prazer – são firmes, perspicazes e, acima de tudo, bondosos. Brian McLendon continua a ser uma força criativa do *marketing* para os meus livros, e Matthew Ballast e Staci Burt conseguem orquestrar as minhas campanhas de publicidade com um cuidado e uma competência de primeira. Ao diretor criativo Albert Tang, obrigado por apresentar capas tão singulares para os meus livros, cada uma mais notável do que a anterior. Amanda Pritzker é fantástica a manter sincronizadas todas as peças das minhas campanhas e a trabalhar a par e passo com a minha equipa na PFLM.

Catherine Olim, na PMK-BNC, continua a ser a minha agente publicitária externa hiperreativa e superexperiente, em quem me tenho apoiado tanto ao longo dos anos – Catherine, como poderia ter sobrevivido no mundo infestado de tubarões da publicidade sem si? Mollie Smith e LaQuishe Wright estão sempre, sempre na vanguarda no que diz respeito à divulgação nas redes sociais; conhecem-me melhor do que eu me conheço a mim mesmo e nunca vacilaram nos vossos esforços para fazer sobressair o melhor em mim.

A minha representação em Hollywood é justificadamente a inveja de todos os criadores: Howie Sanders, da Anonymous Content, um ardente defensor e inquestionavelmente leal como amigo; Keya Khayatian, negociadora astuta e apoiante de longa data; e, claro, Scott Schwimer, o advogado mais tenaz, consciencioso e incansável que qualquer pessoa em Hollywood poderia querer. Scottie, partiram o molde depois de tu nasceres!

Contudo, é na minha casa que está verdadeiramente o meu coração, e seria indesculpável não mencionar as pessoas que me salvaguardam e aquecem o lugar do qual retiro o maior reconforto: os meus filhos, Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah, que trazem alegria à minha vida; Jeannie Armentrout e Tia Scott, que ajudam a manter a minha vida diária a funcionar na perfeição; Pam Pope & Oscara Stevick, as minhas maravilhosas contabilistas; Victoria Vodar, Michael Smith, Christie Bonacci, Britt & Missy Blackerby, Pat & Bill Mills, Todd & Gretchen Lanman, Lee & Sandy Minshull, Kim & Eric Belcher, Peter & Tonye-Marie, David & Morgan Shara, o Dr. Dwight Carlblom e David Wang, todos eles amigos fantásticos. E, é claro, gostaria de agradecer também à minha família alargada: Mike & Parnell, Matt & Christie, Dan & Kira, Amanda & Nick, Chuck & Dianne, Todd, Elizabeth, Monty & Gail, Sean,

Adam, Sandy, Nathan, Josh e, finalmente, Cody e Cole – que mantém sempre a porta e a linha telefónica abertas.